

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Anna Gomes Carneiro Leão

O papel do grande texto jornalístico na *Internet*: a narrativa de Eliane Brum no El País

Juiz de Fora

2019

Anna Gomes Carneiro Leão

O papel do grande texto jornalístico na *Internet*: a narrativa de Eliane Brum no El País.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Prof. Dr. Carlos Pernisa Júnior – Orientador

Juiz de Fora

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Leão, Anna Gomes Carneiro.

O papel do grande texto jornalístico na Internet : a narrativa de Eliane Brum no El País / Anna Gomes Carneiro Leão. -- 2019. 245 p.

Orientador: Carlos Pernisa Júnior

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós Graduação em Comunicação, 2019.

1. Texto web . 2. Eliane Brum. 3. Narrativas digitais . 4. Ciberjornalismo . 5. Comunicação Digital. I. Pernisa Júnior, Carlos , orient. II. Título.

Anna Gomes Carneiro Leão

**O papel do grande texto jornalístico na *Internet*:
a narrativa de Eliane Brum no El País.**

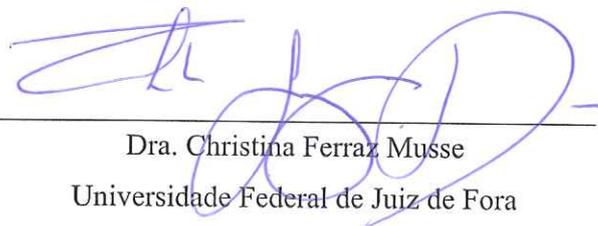
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Aprovada em 30 de abril de 2019

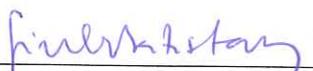
BANCA EXAMINADORA



Dr. Carlos Pernisa Júnior - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora



Dra. Christina Ferraz Musse
Universidade Federal de Juiz de Fora



Dra. Gisele Batista da Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Às minhas ancestrais,
que não tiveram acesso às mesmas oportunidades.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Agradeço à Deus, fonte de todo amor e vida, por me guiar e permitir a realização de mais um sonho. Obrigada, Luz, por mais essa oportunidade de aprendizado!

Aos meus pais, autores desta autora que lhes escreve, “obrigada”, apesar de ser uma palavra de significados tão profundos, se faz insuficiente. Obrigada por investirem no meu conhecimento com tamanho esforço e afinho. Por estarem sempre disponíveis para me auxiliar na construção dos meus sonhos. Obrigada, mamãe, pelo exemplo de profissional que sempre valorizou o conhecimento, correndo atrás do seu espaço e da sua realização. Obrigada, papai, pelo exemplo vivo de garra, de força e dedicação ao trabalho e ao que podemos criar através dele. Obrigada, obrigada, obrigada! (Quando as palavras são insuficientes, tenho a sensação de que, ao repeti-las várias vezes, elas se tornam maiores).

À UFJF, fonte inesgotável de conhecimento. Gratidão por este lugar físico e simbólico, que me acolhe desde 2011. Obrigada, Facom, por mais essa oportunidade.

Agradeço à minha tia Lenirte, minha segunda mãe, pelo amor que ultrapassa o alfabeto, incentivo e apoio incondicional!

Aos meus irmãos, Matheus e Julia, e à minha prima Fabiana, que sonham meus sonhos junto comigo, agradeço o apoio e carinho de vocês, tão fundamentais nesse processo.

À toda a família que torce por mim e me auxilia em orações e presença, agradeço principalmente meus avós, Anna Josephina, Ana Almeida, Odilon e Cezário.

Agradeço à minha prima Mariana, por ser minha companheira de chorar as pitangas acadêmicas, arrancar os cabelos, dar risadas e suspirar aliviada nesse processo de pós-graduação.

Ao Guilherme, meu amor, parte fundamental deste trabalho. Obrigada, por acreditar em mim e estimular a minha melhor versão. Só a sua presença já deixava a produção desta dissertação mais leve. Você é poesia viva, amor - e eu sou a leitora mais assídua!

À Rita e ao Léo, obrigada por todo o apoio, carinho e amor e por terem participação ativa nesse processo, tornando-o possível.

Agradeço à Cissa e Suely, que sem saber, disponibilizaram um dos livros essenciais para este trabalho. Muito obrigada!

Às meninas do TUSA, Sérgia, Natália e Pamella, minhas amigas de alma, agradeço o apoio incondicional e cumplicidade nessa trajetória. Amo vocês!

Ao meu orientador Junito: obrigada pela jornada! Admiro o professor que você é e agradeço imensamente por ter sido orientada por você!

Às professoras Cláudia e Christina, obrigada por participarem de toda a pesquisa, desde o início, contribuindo tanto com pontuações, livros, comentários e sugestões de leitura aplicadas na dissertação. Vocês me inspiram.

À professora Gisele e Sônia, por dizerem “sim” ao convite de contribuírem para este trabalho. Muito obrigada!

Agradeço ao Filipe di Filippo, pelos conhecimentos e livros que compartilhou comigo sobre a Internet e o texto na *web*, sendo muitos deles fundamentais para a elaboração desta dissertação.

Agradeço à professora Charlene Martins Miotti, que foi instrumento de Luz para este trabalho. Obrigada por estar no lugar certo, no momento certo, com os livros certos e por me emprestá-los! Agradeço à minha intuição por me guiar até você.

À Anelise, por topar essa aventura aos quarenta e cinco do segundo tempo.

À Eliane Brum, pela genialidade, humanidade e maestria com as palavras, que tanto despertou minha curiosidade.

Agradeço, de forma especial, aos Sumérios, por inventarem a escrita e mudarem o mundo.

"O pensamento é ainda a melhor forma de resistência"
Eliane Brum, 2017.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a refletir sobre o papel do grande texto jornalístico na *web*, tendo como objeto de pesquisa as colunas da jornalista Eliane Brum no El País Brasil, sob a perspectiva das narratologia. Neste trabalho, analisamos a amostra de um ano (25 colunas) nos planos da expressão, conteúdo e metanarrativa. Concluimos que o trabalho de Brum se destaca principalmente no plano do conteúdo, através de elementos diversos (abordados em detalhes na dissertação), como a análise dos fatos articulando-os com aspectos subjetivos da cultura e sociedade, olhar para os “mais frágeis” na composição da estrutura social, elementos persuasivos e provocantes no que diz respeito à responsabilidade do leitor no cenários apresentados.

Palavras-chave: Texto *web*. Eliane Brum. Narrativas digitais. Ciberjornalismo. Comunicação digital.

ABSTRACT

This paper proposes to make a survey about the role of the journalistic text on web, having as research object the texts of Eliane Brum in El País Brazil, from a narratology perspective. In this work, a sample of one year (25 texts) is analyzed in the plans of expression, content and metanarrativa. Her work is important in the plan of contents, (such as working at dissertation), such as analysis of articulate facts the composition of the social structure, persuasive and provocative elements with respect to the responsibility of the reader.

Keywords: Web text. Eliane Brum Digital narratives. Cyberjournalism. Digital communication.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagem do primeiro registro escrito da história, com dados relativos à colheita.....	28
Figura 2 – Papiro egípcio.....	30
Figura 3 – <i>Scriptorium</i> medieval.....	32
Figura 4 – Página do Gênesis da Bíblia 42 linhas de Gutenberg, 1455	33
Figura 5 – Cenário da população e suas condições sociais em 1808	35
Figura 6 – Técnica da pirâmide invertida	45
Figura 7 – Modelo e pirâmide deitada.....	61
Figura 8 – Percorso adotado por leitores	62
Figura 9 – Modelo de leitura da pirâmide deitada	64
Figura 10 – Print El País – <i>hiperlinks</i> em “A Veneza de Belo Monte”	226
Figura 11 – Print El País – <i>hiperlinks</i> : palavra-chave “Veneza”	227
Figura 12 – Forma de agrupamento das perguntas respondidas por Brum	230

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>Cotidiano de Exceção</i> ”	105
Quadro 2 –	Plano da expressão “ <i>Cotidiano de Exceção</i> ”	105
Quadro 3 –	Plano do conteúdo “ <i>Cotidiano de exceção</i> ”	106
Quadro 4 –	Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>Por que diretas já</i> ”	108
Quadro 5 –	Plano da expressão “ <i>Por que diretas já</i> ”	109
Quadro 6 –	Plano do conteúdo “ <i>Por que Diretas Já</i> ”	110
Quadro 7 –	Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>A Lava Jato como purgação e maldição</i> ”	113
Quadro 8 –	Plano da expressão “ <i>A Lava Jato como purgação e maldição</i> ”	114
Quadro 9 –	Plano do conteúdo “ <i>A Lava Jato como purgação e maldição</i> ”	115
Quadro 10 –	Informações Gerais e Plano da Metanarrativa “ <i>O Brasil desassombrado pelas palavras-fantasmas</i> ”	119
Quadro 8 –	Plano da expressão “ <i>O Brasil desassombrado pelas palavras-fantasmas</i> ”	119
Quadro 9 –	Plano do conteúdo “ <i>O Brasil desassombrado pelas palavras-fantasmas</i> ”	120
Quadro 13 –	Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>E se a classe média de Pinheiros tivesse se omitido?</i> ”	125
Quadro 14 –	Plano da expressão “ <i>E se a classe média de Pinheiros tivesse se omitido?</i> ”	125
Quadro 15 –	Plano do conteúdo “ <i>E se a classe média de Pinheiros tivesse se omitido?</i> ”	126
Quadro 16 –	Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>O Supremo e a farsa do amianto</i> ”	129
Quadro 14 –	Plano da expressão “ <i>O Supremo e a farsa do amianto</i> ”	129

Quadro 15 – Plano do conteúdo “ <i>O supremo e a farsa do amianto</i> ”	130
Quadro 19 – Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>Democracia sem povo</i> ”	134
Quadro 20 – Plano da expressão “ <i>Democracia sem povo</i> ”	135
Quadro 21 – Plano do conteúdo “ <i>Democracia sem povo</i> ”	136
Quadro 22 – Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>A lei não é para todos</i> ”	139
Quadro 23 – Plano da expressão “ <i>A lei não é para todos</i> ”	140
Quadro 24 – Plano do conteúdo “ <i>A lei não é para todos</i> ”	140
Quadro 25 – Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>Gays e crianças como moeda eleitoral</i> ”	143
Quadro 26 – Plano da expressão “ <i>Gays e crianças como moeda eleitoral</i> ”	143
Quadro 27 – Plano do conteúdo “ <i>Gays e crianças como moeda eleitoral</i> ”	144
Quadro 28 – Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>A Amazônia não é nossa</i> ” 146	
Quadro 29 – Plano da expressão “ <i>A Amazônia não é nossa</i> ”	146
Quadro 30 – Plano do conteúdo “ <i>A Amazônia não é nossa</i> ”	148
Quadro 31 – Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>Mataram meu filho. Mas não quero polícia mais armada, eu quero políticas públicas</i> ”	151
Quadro 32 – Plano da expressão “ <i>Mataram meu filho. Mas não quero polícia mais armada, eu quero políticas públicas</i> ”	151
Quadro 33 – Plano do conteúdo “ <i>Mataram meu filho. Mas não quero polícia mais armada, eu quero políticas públicas</i> ”	153
Quadro 34 – Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>Como fabricar monstros para garantir o poder em 2018</i> ”	156
Quadro 35 – Plano da expressão “ <i>Como fabricar monstros para garantir o poder em 2018</i> ”	156
Quadro 36 – Plano do conteúdo “ <i>Como fabricar monstros para garantir o poder em 2018</i> ”	158

Quadro 37 –	Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>Os 18 vendilhões</i> ”.....	161
Quadro 38 –	Plano da expressão “ <i>Os 18 vendilhões</i> ”	162
Quadro 39 –	Plano do conteúdo “ <i>Os 18 vendilhões</i> ”	163
Quadro 40 –	Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>A Globo, do outro lado do paraíso</i> ”	164
Quadro 41 –	Plano da expressão “ <i>A Globo, do outro lado do paraíso</i> ”	165
Quadro 42 –	Plano do conteúdo “ <i>A Globo, do outro lado do paraíso</i> ”	166
Quadro 43 –	Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>Senador José Porfírio, Pará, Amazônia: altíssimo risco</i> ”	170
Quadro 44 –	Plano da expressão “ <i>Senador José Porfírio, Pará, Amazônia: altíssimo risco</i> ”	170
Quadro 45 –	Plano do conteúdo “ <i>Senador José Porfírio, Pará, Amazônia: altíssimo risco</i> ”	171
Quadro 46 –	Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>As mulheres que dizem não</i> ”	173
Quadro 47 –	Plano da expressão “ <i>As mulheres que dizem não</i> ”	173
Quadro 48 –	Plano do conteúdo “ <i>As mulheres que dizem não</i> ”	174
Quadro 49 –	Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>Fui morto na internet como se fosse um zumbi da série The Walking Dead</i> ”	178
Quadro 50 –	Plano da expressão “ <i>Fui morto na internet como se fosse um zumbi da série The Walking Dead</i> ”	178
Quadro 51 –	Plano do conteúdo “ <i>Fui morto na internet como se fosse um zumbi da série The Walking Dead</i> ”	179
Quadro 52 –	Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>Esquerda, direita e o embargo da memória</i> ”	183
Quadro 53 –	Informações gerais e plano da metanarrativa Plano da expressão “ <i>Esquerda, direita e o embargo da memória</i> ”	184
Quadro 54 –	Plano do conteúdo “ <i>Esquerda, direita e o embargo da memória</i> ”	185

Quadro 55 – Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>A invenção da infância sem corpo</i> ”	188
Quadro 56 – Plano da expressão “ <i>A invenção da infância sem corpo</i> ”	188
Quadro 57 – Plano do conteúdo “ <i>A invenção da infância sem corpo</i> ”	189
Quadro 58 – Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>Como enfrentar o sangue dos dias</i> ”	192
Quadro 59 – Plano da expressão “ <i>Como enfrentar o sangue dos dias</i> ”	192
Quadro 60 – Plano do conteúdo “ <i>Como enfrentar o sangue dos dias</i> ”	193
Quadro 60 – Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>Lula, o humano</i> ”	196
Quadro 62 – Plano da expressão “ <i>Lula, o humano</i> ”	196
Quadro 62 – Plano do conteúdo “ <i>Lula, o humano</i> ”	197
Quadro 64 – Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>Lula, o inconciliável</i> ”	202
Quadro 65 – Plano da expressão “ <i>Lula, o inconciliável</i> ”	202
Quadro 66 – Plano do conteúdo “ <i>Lula, o inconciliável</i> ”	203
Quadro 67 – Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>A Academia do Oscar fez justiça ao expulsar Polanski e Cosby por crimes contra as mulheres?</i> ”	207
Quadro 68 – Plano da expressão “ <i>A Academia do Oscar fez justiça ao expulsar Polanski e Cosby por crimes contra as mulheres?</i> ”	208
Quadro 69 – Plano do conteúdo “ <i>A Academia do Oscar fez justiça ao expulsar Polanski e Cosby por crimes contra as mulheres?</i> ”	209
Quadro 70 – Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>A Veneza de Belo Monte</i> ” 211	
Quadro 71 – Plano da expressão “ <i>A Veneza de Belo Monte</i> ”	211
Quadro 71 – Plano do conteúdo “ <i>A Veneza de Belo Monte</i> ”	212
Quadro 73 – Informações gerais e plano da metanarrativa “ <i>O mundo precisa de adultos responsáveis, não de otimismo infantilizados</i> ”	214

Quadro 74 – Plano da expressão “ <i>O mundo precisa de adultos responsáveis, não de otimismo infantilizados</i> ”	214
Quadro 75 – Plano do conteúdo “ <i>O mundo precisa de adultos responsáveis, não de otimismo infantilizados</i> ”	215

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	NARRATIVAS	19
2.1	INTRODUÇÃO ÀS NARRATIVAS	19
2.2	NARRATIVAS E NARRADORES	23
2.3	NARRATIVAS ESCRITAS, LEITURA E SOCIEDADE	27
2.4	BREVE HISTÓRIA DA LEITURA JORNALÍSTICA BRASILEIRA	34
2.5	BREVE INTRODUÇÃO às NARRATIVAS DIGITAIS	46
3	JORNALISMO DIGITAL	51
3.1	BREVE HISTÓRIA DA INTERNET	51
3.2	BREVE HISTÓRIA DO JORNALISMO DIGITAL	54
3.3	A LEITURA NA <i>WEB</i> E O LEITOR DIGITAL	55
3.4	O CONTEXTO DO JORNALISMO DIGITAL ATUAL	65
3.5	CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DO JORNALISMO DIGITAL	71
4	ELIANE BRUM: A JORNALISTA DE “CORPO-LETRA”	74
4.1	BRUM JORNALISTA	77
4.2	BRUM E O CINEMA	81
4.3	AS COLUNAS DE BRUM	81
4.4	“SOU UMA REPÓRTER DE DESACONTECIMENTOS”: O JORNALISMO DE BRUM	82
4.5	O PROCESSO JORNALÍSTICO DE ELIANE BRUM	86
4.6	A ATUAÇÃO DE ELIANE BRUM NO EL PAÍS	94
5	ANÁLISE	99
5.1	ANÁLISE DAS COLUNAS DE BRUM NO EL PAÍS BRASIL	102
5.1.1	Análise da coluna 1: “ <i>Cotidiano de exceção</i> ”	102
5.1.2	Análise da coluna 2: “ <i>Por que diretas já?</i> ”	107

5.1.3	Análise da coluna 3: “A Lava Jato como purgação e maldição”	112
5.1.4	Coluna 4: “O Brasil desassombrado pelas palavras fantasmas”	118
5.1.5	Coluna 5: “E se a classe média de Pinheiros tivesse se omitido?”	123
5.1.6	Coluna 6 – “O Supremo e a farsa do amianto”	128
5.1.7	Coluna 7 – “Democracia sem povo”	132
5.1.8	“A lei não é para todos”	138
5.1.9	Texto 9: “Gays e moedas como moeda eleitoral”	142
5.1.10	Texto 10 – “A Amazônia não é nossa”	145
5.1.11	Texto 11: “Mataram meu filho. Mas não quero polícia mais armada, eu quero políticas públicas”	150
5.1.12	Texto 12: “Como fabricar monstros para garantir o poder em 2018”	154
5.1.13	Texto 13: “Os 18 vendilhões”	160
5.1.14	Texto 14: “A Globo, do outro lado do paraíso”	164
5.1.15	Texto 15: “Senador José Porfírio, Pará, Amazônia: altíssimo risco”	169
5.1.16	Texto 16: “As mulheres que dizem não”	172
5.1.17	Texto 17: “Fui morto na internet como se fosse um zumbi da série The Walking Dead”	177
5.1.18	Texto 18: “Esquerda, direita e o embargo da memória”	182
5.1.19	Texto 19: “A invenção da infância sem corpo”	187
5.1.20	Texto 20: “Como enfrentar o sangue dos dias”	191
5.1.21	Texto: “Lula, o humano”	195
5.1.22	Texto: “Lula, o inconciliável”	200
5.1.23	“A Academia do Oscar fez justiça ao expulsar Polanski e Cosby por crimes contra as mulheres?”	206
5.1.24	Texto 24: “A Veneza de Belo Monte”	210
5.1.25	Texto 25: “O mundo precisa de adultos responsáveis, não de otimismo infantilizado”	213
5.2	ANÁLISE GERAL	217

6	CONSIDERAÇÃO FINAIS	233
	REFERÊNCIAS.....	236

1 INTRODUÇÃO

Falar sobre o texto na Internet, principalmente o grande texto, em um momento em que as pesquisas de mercado apontam para um cenário futuro composto basicamente por vídeos, mostra-se uma tarefa necessária.

A escrita tem papel fundamental na humanidade. Através dela, o homem primitivo superou as limitações do cérebro para armazenar informações e as limitações da morte, que levavam consigo os conhecimentos armazenados na mente do sujeito. Através da escrita, principalmente do alfabeto fonético, foi possível organizar informações sobre as sociedades, eternizar pensamentos e ciências, expressar sentimentos, desenvolver filosofias escritas, poesias.

As narrativas escritas, oriundas das narrativas orais, permitiram a inscrição na história das experiências dos sujeitos. Permitiram até mesmo a documentação narrativa da própria história. É por causa dela, que é possível termos uma pequena noção das subjetividades e cultura dos habitantes de sociedades antigas. A narrativa escrita escreve a história.

O papel da escrita no jornalismo é inquestionável. Por muito tempo, a narrativa escrita foi o principal material de trabalho do jornalista. No século passado, com as evoluções tecnológicas e sistemas multimidiáticos, como o cinema, rádio e TV, a escrita começa a compartilhar este lugar de centralidade, ainda que a maioria dos conteúdos disseminados por outras mídias tenham sido escritos em um primeiro momento, com roteiros e scripts.

O Brasil é um país com alfabetização tardia, devido à sua história. Enquanto outros países se alfabetizavam no contexto em que os principais meios de comunicação eram os jornais, revistas e cartas, ou seja, propícios para a leitura, no Brasil esse movimento aconteceu em um momento em que essa centralidade da escrita já não estava mais em vigor. O rádio e o cinema estavam em voga e, grande parte da população não falava português. Além disso, parte da sociedade era composta por ex-escravos e imigrantes que, geralmente, eram analfabetos e viviam em condições de extremo trabalho e pouco incentivo à leitura. Essa realidade incluía crianças em idade escolar, que realizavam jornadas de trabalho desumanas e não tinham perspectiva de leitura, muito menos a cultura herdada para leitura de conteúdos da imprensa.

Na era digital, as possibilidades multimidiáticas diminuíram ainda mais esta centralidade da narrativa escrita jornalística. Se, por um lado, a presença de pequenos textos é enorme na Internet, por outro, os textos informativos, jornalísticos, complexos, compõem uma parte diminuta do que é oferecido na rede. E, esse processo faz sentido, uma vez que a rede

oferece possibilidades até então inéditas de transmissão da informação, inclusive democratizando o lugar de receptor. A Internet é recente e o jornalismo, inevitavelmente, está assumindo novos contornos nesse cenário, já que a rede interfere em grande parte da dinâmica do ofício, desde a definição de emissores e receptores à lógica mercadológica da profissão.

Nesse contexto, as colunas da jornalista Eliane Brum no jornal *El País* se destacam. Recusando a tendência do predomínio de elementos multimidiáticos, Brum embasa suas colunas na palavra escrita, que podem chegar a mais de dez laudas extensivas de texto, por coluna. Compreender este texto através das características narrativas que permitem seu destaque no ambiente fluido da web faz-se necessário, tanto para o estudo das narrativas, como para a compreensão de um recorte do cenário jornalístico escrito na Internet.

Para tanto, estruturamos o trabalho em três capítulos e análise. No primeiro capítulo abordaremos o conceito de narrativas, os narradores possíveis, assim como o aprofundamento das narrativas escritas, principalmente jornalísticas, seu papel e breve contextualização histórica no cenário brasileiro.

No segundo capítulo, abordaremos as narrativas jornalísticas no ambiente digital e as características deste jornalismo, assim como as particularidades da leitura na web.

No capítulo três, falaremos sobre a jornalista Eliane Brum, seu jornalismo tão particular e sua trajetória. Introduzimos suas colunas no *El País* e abrimos espaço para a análise, que será realizada no próximo capítulo.

No capítulo quatro, realizamos a análise das colunas de Brum sob a perspectiva da narratologia, nos planos da expressão, conteúdo e metanarrativa. O objetivo é identificar os elementos narrativos que compõem as colunas de Brum, colocando-as em local de destaque na rede. Por fim, deixamos nossa contribuição com as considerações finais.

Esta pesquisa unifica reflexões teóricas com desafios e aspectos práticos do ofício do jornalista no cenário digital. Em muitos momentos, buscamos articular as particularidades do meio com as necessidades da profissão. Meu objetivo profissional e pessoal com esta pesquisa é colaborar com a compreensão do papel do grande texto jornalístico de qualidade na Internet, ilustrado pelas colunas de Brum, que acredito ser de extrema importância para a sociedade.

2 NARRATIVAS

No senso comum, narrar é a arte de contar histórias. De acordo com o dicionário de português *Aurélio*, narrar significa “contar (descrevendo); referir, relatar”. No “Dicionário Houaiss de comunicação e multimídia”, a definição do verbo é: “expor, contar (fato real ou imaginário) por meio de escrita, oralmente ou por imagens”. Para além da definição na língua, a relação entre o homem e a narrativa mostra-se profunda. O homem conta o que vive e vive para contar. Contando, eterniza-se. Através da narrativa é possível ultrapassar o corpo humano. Vemos isso através do expressivo número de biografias e documentários sobre as vidas de pessoas que fizeram tanto em vida, que viraram narrativa.

A narrativa está entranhada em nós, em nosso cotidiano. Ela está presente em nossas conversas íntimas, no jornalismo, no cinema, na literatura. A narrativa tem seu próprio peso em processos judiciais, em análise de crimes e na nossa visão subjetiva dos acontecimentos. Ao narrar, quem conta expõe seus olhares e percepções, invariavelmente. A narrativa é mediada pelos homens, e, de acordo com Motta (2013), ela nunca é ingênua, apresentando sempre marcas de suas intencionalidades. Narrar é essencial para que o homem coexista em sociedade, e analisar as narrativas é essencial para que compreendamos o outro, o mundo e as inúmeras tessituras que os compõem.

2.1 INTRODUÇÃO ÀS NARRATIVAS

A narrativa e a experiência humana se perpassam. Narrar faz parte do raciocínio humano e da forma como experimentamos o mundo. Motta (2013) afirma que narrar é uma prática humana e um metacódigo universal. Independente da língua do sujeito, a narrativa perpassa as mensagens propagadas pelo homem de forma universal. “O homem narra: narrar é uma experiência enraizada na existência humana” (MOTTA, 2013, p. 17).

Vivemos mediante narrações. Todos os povos, culturas, nações e civilizações se constituíram narrando. Construimos nossa biografia e nossa identidade pessoal narrando. Nossas vidas são acontecimentos narrativos. O acontecer humano é uma sucessão temporal e causal. Vivemos nossas relações conosco mesmos e com os outros narrando. Nossa vida é uma teia de narrativas na qual estamos enredados. (MOTTA, 2013, p. 17).

Barthes (2011) afirma que a narrativa está inserida em todos os tempos e sociedades humanas, difundidas em todas as linguagens, seja oral, gestual, escrita ou visual.

[...] a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de cultura diferente, e mesmo oposta: a narrativa ridiculariza a boa e a má literatura: internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está aí, como a vida. (BARTHES, 2011, p. 19).

E a narrativa, enquanto parte da própria vida, é facilmente percebida em nossas histórias pessoais. Percebemos nossa vida sob a ótica de acontecimentos sucessivos e causais, repletos de personagens e atores que participam da construção das nossas narrativas pessoais. “Somos seres narrativos, narradores natos, atores, personagens e ouvintes de nossas próprias narrativas” (MOTTA, 2013, p. 17).

Se alguém nos indaga quem somos, arrolamos uma série cronológica de eventos que intencionalmente escolhemos para construir a imagem desejada de quem pretendemos ser. O julgamento já está implícito. Construimos um autossignificado singular: nosso eu se transforma em um conto, um relato valorativo. Podemos estudar as narrativas, portanto, para compreender este conto. (MOTTA, 2013, p. 27).

Segundo Motta, nós empalavramos seguidamente o mundo porque essa é a forma humana de conhecer as coisas, inclusive nossa vida individual. O autor afirma que:

Nossa vida individual, nossa identidade, é uma narrativa pessoal. Estamos sempre contando estórias sobre nós mesmos, fazendo pequenos relatos de nossas experiências e testemunhos de nossos sonhos. Estamos sempre enviando mensagens diversas, contando histórias, escrevendo diários, cartas, e-mails, postando tuítes (*twits*), mensagens no Orkut, etc. (MOTTA, 2013, p. 27).

Nessa perspectiva, Motta afirma que nossas vidas são tecidas pelas narrativas que criamos. Conectamo-nos e relacionamo-nos com os outros através da narrativa que construimos de nossas experiências e interações. A própria percepção da nossa vida é possível de ser compartilhada porque existe a narrativa. Essa construção da narrativa, inclusive a nossa narrativa pessoal, tem como premissa a seleção de acontecimentos que geram determinados efeitos pretendidos pelo enunciador. Tudo o que é selecionado e excluído no momento de contar uma história possui um fim pretendido.

Quando narramos algo, estamos nos produzindo e nos constituindo, construindo nossa moral, nossas leis, nossos costumes, nossos valores morais e políticos, nossas crenças e religiões, nossos mitos pessoais e coletivos, nossas instituições. Estamos dando sentido à vida. Aquilo que incluimos e excluimos de nossas narrações depende da

imagem moral que queremos constituir e repassar. Através das narrativas recobrimos nossa vida de significação. (MOTTA, 2013, p. 18).

Motta define a narratologia como “a teoria das narrativas e os métodos e procedimentos empregados na análise das narrativas humanas. É, portanto, um campo de estudo e um método de análise das práticas culturais”. (MOTTA, 2013, p. 15). O autor afirma que embora a análise da narrativa seja uma técnica de pesquisa relativamente nova, ela tem suas raízes na Grécia antiga, com a Poética de Aristóteles, escrita por volta do ano 335 A.C., constituindo-se como a reflexão mais antiga sobre a configuração de uma narrativa.

De acordo com o “Dicionário Houaiss de comunicação e multimídia” (2013), narratologia significa: “Estudo, sob a óptica teórica semiótica, da estrutura das narrativas. A narratologia é um produto do estruturalismo. Seu propósito era criar uma ciência na narração”. Segundo Neiva (2013), a inspiração dominante no projeto da narratologia é o estudo dos relatos mitológicos ameríndios, realizado pelo antropólogo francês Claude Lévi-Strauss no século XX, na série “Mitológicas”. Neiva (2013) afirma que os estudos realizados por Lévi-Strauss, na verdade, são releituras dos estudos do estruturalista russo Vladimir Propp. Segundo o autor, ambos os estudiosos acreditavam que

a narrativa poderia ser decomposta em elementos básicos, que se recombinariam e assim adquiririam sentido. Haveria, portanto, uma gramática da narrativa, presente em todas as formas de narração, na ficção literária, nos sonhos, nos mitos, nos produtos da cultura de massa, etc. A narratologia identificaria a sintaxe narrativa das ações que conduzem um relato. A suposição é a de que cada relato produzido deriva de um sistema narrativo comum utilizado, muitas vezes, inconscientemente, pelos vários narradores concretos. Nada disso deveria causar espanto, pois os falantes de uma língua veem-se de um sistema de regras que, para eles, não se apresenta necessariamente de modo consciente. O relato segue leis narrativas da mesma maneira que a fala é determinada por um sistema abstrato de regras que compõem a língua. O projeto estrutural da narratologia é um exemplo de metalinguagem. (NEIVA, 2013, p. 389).

Motta (2013, p. 76) afirma que o livro de Propp “Morfologia do conto maravilhoso” (1984) “permaneceu ignorado na União Soviética pelo stalinismo” e só foi descoberto mais tarde pelo antropólogo francês Lévi-Strauss para suas análises dos mitos indígenas ameríndios, quase 30 anos depois da tradução da obra em inglês, em 1958 (a versão em português chegou em 1984). Motta classifica estas obras, assim como a Poética de Aristóteles, como a “pré-história da narratologia moderna”.

Para o linguista francês A. J. Greimas (apud NEIVA, 2013, p. 390), a narratividade é uma propriedade básica do discurso que se mistura a outros traços discursivos, presumindo um diálogo entre quem narra e quem ouve o que foi narrado.

De acordo com Motta (2012), a narrativa ordena acontecimentos em determinada lógica, que pode ser ou não cronológica, mas se apresenta, essencialmente, causal. A narrativa põe de forma natural “os acontecimentos em perspectiva, une pontos, ordena antecedentes e consequentes, relaciona coisas, cria o passado, o presente e o futuro, encaixa significados parciais em sucessões temporais, explicações e significações estáveis”. (MOTTA, 2013, p. 71)

Ao ordenar suas ideias em pensamentos coerentes em busca de significados, os sujeitos encadeiam relações possíveis na forma cronológica ou causal, estabelecendo provisoriamente um antes e um depois, um antecedente e um consequente, uma causa e uma consequência, até chegar ao senso comum partilhado. (MOTTA, 2013, p. 31).

Para Motta, narrar é “relatar eventos de interesse humano enunciados em um suceder temporal encaminhado a um desfecho” (MOTTA, 2013, p. 71). Para este autor, a palavra chave da narrativa é sucessão: uma sucessão de estados de transformação que geram o sentido. “A sucessão encadeia unidades narrativas de complicações e resoluções” (2013, p. 71). Segundo o autor: “narrar é, portanto, relatar processos de mudança, processos de alteração e de sucessão interrelacionados” (2013, p. 71).

Essa relação sucessiva e causal é intrínseca à nossa forma ocidental de ver o mundo. Até quando fazemos operações matemáticas raciocinamos de forma causal, estruturando narrativas. Ao fazer uma conta, normalmente pensamos: um mais dois é igual a três, ou seja, se eu somar dois números a este primeiro, teremos como consequência o número três.

McLuhan atribui essa estrutura causal do pensamento ocidental ao alfabeto e sua estrutura linear. Segundo o autor, “a consciência não é um processo verbal. Todavia, durante os séculos de cultura fonética, temos considerado a cadeia de inferências como a marca da lógica e da razão” (MCLUHAN, 2005, p. 104).

Na sociedade letrada ocidental, ainda é plausível e aceitável dizer-se que ‘algo se segue’, de alguma coisa, como se houvesse alguma causa operativa responsável por tal sequência. Foi David Hume, no século XVIII, quem indicou que não há causalidade assinalada em qualquer sequência, natural ou lógica. A sequência é meramente aditiva e não causativa. A argumentação de Hume ‘acordou-me de um sono dogmático’, disse Immanuel Kant. somente as culturas letradas dominaram as sequências lineares concatenadas como formas de organização psíquica e social. A fragmentação da experiência em unidades uniformes aptas ações e mudanças formais mais rápidas (conhecimento aplicado) tem sido o segredo do domínio ocidental tanto sobre o homem quanto sobre a natureza. (MCLUHAN, 2005, p. 104-105).

Existem autores que afirmam que o senso comum e a construção de significados pelos sujeitos seguem modelos narrativos conceituais inspirados pelos “estados sutis de dramatismo” (MOTTA, 2013), que são a base para a organização de toda ação humana. De

acordo com Motta, vem daí nossa “herança ancestral de contar estórias e lendas, de jogar e imitar, de cantar canções e representar peças, simulacros de nossas experiências. Contar estórias é estar nas estórias” (MOTTA, 2013, p. 31).

Em essência, o objetivo de compreender as narrativas é o de:

Compreender um pouco mais o ser humano na sua complexidade, entender o mundo humano, demarcar nossas identidades, o que somos, como nos constituímos é o trabalho simbólico das análises das narrativas. Compreender, enfim, a experiência constitutiva do sujeito. (MOTTA, 2013, p. 30).

O autor afirma ter seis razões principais para estudar narrativas: 1) compreender quem somos, como construímos nossas autonarrações; 2) entender como representamos o mundo; 3) compreender por que às vezes tentamos representar fielmente o mundo e em outras imaginativamente; 4) entender como representamos o tempo, tornando-o um tempo humano; 5) verificar como as narrativas estabelecem consensos a partir de dissensos; 6) estudá-las, para melhor contá-las (MOTTA, 2013, p. 27). Estes aspectos servem como guia e justificativa para o presente trabalho.

2.2 NARRATIVAS E NARRADORES

O conceito de narrativa, segundo Benjamin (1987), é atrelado à nossa capacidade de intercambiar experiências e “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (BENJAMIN, 1987, p. 198). Sobre a experiência intercambiada pelos narradores, Motta (2013) afirma:

A experiência é a atividade experimental da mente em busca do sentido ontológico, da essência das coisas e de si mesmo. É algo que nos acontece rotineiramente, podendo ser mais ou menos intensa, dependendo das circunstâncias. É alimentada pela tradição, pelo desejo, pelas emoções, mas também pela razão e pela reflexão. É simultaneamente objetivadora e subjetivadora, empírica e abstrata, ingênua e experimental. Nossas experiências objetivas, subjetivas e intersubjetivas são responsáveis pela formação do nosso caráter, identidade e pensamento, assim como constitutivas dos significados que formulamos e retemos no imaginário e na memória. (MOTTA, 2013, p. 30).

Alguns autores, como Motta, acreditam que narrar é uma necessidade humana e estará sempre presente. Porém, Benjamin acredita que a narrativa está em vias de extinção. A

narrativa e a experiência são duas coisas conectadas e, se uma sociedade possui baixas ações de experiência, por consequência, a arte de narrar vai ser afetada.

A arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. E como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 1987, p. 198).

Benjamin afirma que as causas para isso são as baixas ações da experiência. Ele usa como exemplo o retorno dos soldados após a Primeira Guerra Mundial, que voltavam empobrecidos em experiência comunicável: retornavam mudos aos seus lares e, anos mais tarde, surgiram centenas de livros sobre a guerra que em nada se pareciam com a experiência transmitida boca a boca pelos atores sociais daquele contexto. Segundo o autor,

Não havia nada de anormal nisso. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra de material e a experiência ética pelos governantes. (BENJAMIN, 1987, p. 198).

O autor afirma que a verdadeira natureza da narrativa é necessariamente utilitária e tem como objetivo uma espécie de aconselhamento. Benjamin afirma:

Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida - de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se "dar conselhos" parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. [...] O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definhando porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção. (BENJAMIN, 1987, p. 200).

Segundo Benjamin, o primeiro indício da “evolução que vai culminar na morte da narrativa” é o surgimento do romance, que nasce no início do século XVII, com Dom Quixote de La Mancha.

O que distingue o romance de todas as outras formas de prosa - contos de fada, lendas e mesmo novelas - é que ele nem procede da tradição oral nem a alimenta. Ele se distingue, especialmente, da narrativa. O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. O romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los. Escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites. (BENJAMIN, 1987, p. 201).

Além da percepção de Benjamin sobre a narrativa que envolve essencialmente que o narrador retire da experiência o que conta, o autor chama a atenção ainda para a legitimidade da presença deste narrador. Ele afirma que em uma narrativa, quem escuta uma história desfruta da companhia do narrador, que através das palavras conta sobre o que viu ou viveu, aconselhando e criando trocas. Porém, o leitor de um romance está solitário, já que este narrador não é a personagem e nem viveu aquilo que a personagem do livro relata.

Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia. Mas o leitor de um romance é solitário. Mais solitário que qualquer outro leitor (pois mesmo quem lê um poema está disposto a declamá-lo em voz alta para um ouvinte ocasional). Nessa solidão, o leitor do romance se apodera ciosamente da matéria de sua leitura. Quer transformá-la em coisa sua, devorá-la, de certo modo. Sim, ele destrói, devora a substância lida, como o fogo devora lenha na lareira. A tensão que atravessa o romance se assemelha muito à corrente de ar que alimenta e reanima a chama. (BENJAMIN, 1987, p. 201).

Segundo Benjamin, a figura do narrador no imaginário social se divide em dois arquétipos: o marinheiro comerciante e o camponês sedentário. De acordo com o autor:

‘Quem viaja tem muito que contar’, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário e outro pelo marinheiro comerciante. Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. (BENJAMIN, 1987, p. 199).

Além disso, Benjamin afirma que o narrador possui como característica imprescindível: a habilidade de passar adiante seus conhecimentos, aconselhando, assumindo a figura do mestre e do sábio.

[...] o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la *inteira*. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. Daí a atmosfera incomparável que circunda o narrador, em Leskov como em Hauff, em Poe como em Stenvenson. O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo. (BENJAMIN, 1987, p. 221).

Motta afirma que a narrativa possui algumas características que devem ser levadas em consideração ao serem analisadas, sendo elas: a narrativa nunca é ingênua; não é fechada em si mesma; é um sentido em construção; é mais heterogênea do que homogênea; é um objeto

linguístico em constante elaboração e reelaboração pelos coatores e coautores envolvidos (MOTTA, 2013).

De acordo com Motta (2013), para compreender o processo comunicacional da narrativa é necessário levar em conta três camadas da narrativa: o plano da expressão (discurso, linguagem); o plano da estória (conteúdo, enredo) e o plano da metanarrativa (tema, modelo de mundo). Segundo o autor, o plano da expressão é importante porque

[...] a retórica escrita, visual e sonora é fartamente utilizada como recurso estratégico para imprimir tonalidades, ênfases, destacar certos aspectos, imprimir efeitos dramáticos de sentido. Cada uma dessas linguagens enfatiza certas formas expressivas de acordo com as intenções comunicativas e os efeitos pretendidos. (MOTTA, 2013, p. 136).

Em relação ao plano da estória, Motta afirma que este é “o plano virtual da estória projetada em nossa mente pelos recursos de linguagem utilizados pelo narrador” (MOTTA, 2013, p. 137). É neste plano que podem ser observadas as intencionalidades do narrador, a sequência lógica utilizada por ele para compor o enredo, o ritmo imprimido pelo narrador, a caracterização das personagens, etc. Motta afirma que é neste plano que são encontradas “as micro e macroestruturas ou princípios de organização que configuram a narrativa de uma certa maneira no ato de contar”. O autor complementa: “[É] o plano da *diegese*, representação, universo dos significados imaginados ou mundo imaginários possíveis. Embora não possa existir sem o plano do discurso, o plano da estória pode constituir uma sintaxe e lógica próprias” (MOTTA, 2013, p. 137).

De acordo com Motta (2013, p. 138), o plano da metanarrativa é “o plano da estrutura profunda, sendo relativamente mais abstrato e evasivo e que evoca imaginários culturais”. É considerado o “pano de fundo” da história e é nele que está contida a “moral da história” da narrativa. É neste plano que os motivos de fundo para aquela narrativa são identificados.

São situações éticas fundamentais plasmadas por um narrador no momento em que ele se põe a narrar, por exemplo os temas da fidelidade, fé, confiança no futuro, felicidade, revolução, conspiração, corrupção, exploração, traição, temor à morte, temor a deus, o crime não compensa, o herói, o duplo, erro e castigo, triunfo e recompensa, e tantos outros temas, mitos e motivos. (MOTTA, 2013, p. 138).

Este plano da metanarrativa é onde observamos a raiz utilitária intrínseca à narrativa de Benjamin, onde valores e situações éticas são repassadas em forma de ensinamento. Segundo Benjamin, as boas narrativas são aquelas “vivas”, ou seja, as narrativas que podem ser repassadas de uma pessoa para outra, objetivando conservar e difundir a “moral da história”.

De acordo com Benjamin, entre as narrativas escritas, “as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1987, p. 198). Como o objeto de estudo do presente trabalho se constitui em narrativas escritas na Internet, de cunho jornalístico, nos aprofundaremos nas narrativas escritas, revisitando a história da escrita, sua relação com as tecnologias e a instituição do hábito da leitura de conteúdos da imprensa no Brasil. Dessa forma, estaremos preparados para olhar para o objeto com a devida contextualização.

2.3 NARRATIVAS ESCRITAS, LEITURA E SOCIEDADE

A invenção da escrita revolucionou a humanidade. No contexto pós revolução neolítica, ou revolução agrícola, as sociedades aumentavam de número (principalmente em regiões de terras férteis, atraindo novos habitantes) e se complexificavam. Com isso, o cérebro humano, embora eficiente, se viu limitado em relação à necessidade de armazenamento de todas as informações necessárias para aquela sociedade que se expandia. Era preciso saber quantidades de colheitas e de meses, trocas de alimentos entre as pessoas e outras questões sociais importantes. A escrita nasceu dessa necessidade, no sul da Mesopotâmia, criada pelos sumérios.

Entre os anos 3500 e 3000 a.C., alguns gênios sumérios desconhecidos inventaram um sistema para armazenar e processar informações fora do cérebro [...]. Com isso, os sumérios libertaram sua ordem social das limitações do cérebro humano, abrindo caminho para o surgimento de cidades, reinos e impérios. O sistema de processamento de dados inventado pelos sumérios é chamado escrita. A escrita é um método para armazenar informações por meio de símbolos materiais. (HARARI, 2017, p. 130).

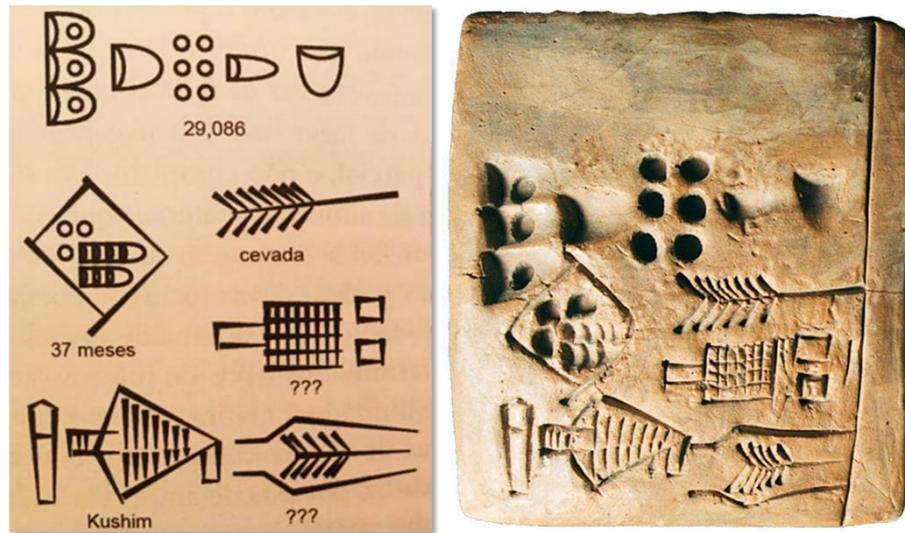
O sistema sumério de escrita era composto por combinações com dois tipos de símbolos gravados em tábuas de argila. Nesse estágio primitivo tanto de desenvolvimento da escrita quanto da tecnologia usada para que ela ocorresse, a tábua de argila, a escrita era limitada principalmente a números e burocracias. “A escrita consumia tempo, e o público leitor era diminuto, de modo que ninguém via razão alguma para usá-la para outro propósito senão o registro de informações essenciais” (HARARI, 2017, p. 132). Os primeiros documentos escritos da história a que temos acesso são, segundo o autor:

[...] econômicos monótonos, registrando o pagamento de impostos, a acumulação de dívidas e títulos de propriedades. Apenas um outro tipo de texto sobreviveu desses

dias antigos, e é ainda menos empolgante: listas de palavras, copiadas repetidas vezes por escribas aprendizes como exercício. Mesmo que um estudante entediado quisesse escrever alguns de seus poemas em vez de uma cópia de um recibo de compra e venda, ele não poderia fazer isso. Em seus primórdios, o sistema de escrita sumério era parcial e não completo. (HARARI, 2017, p. 132).

Ou seja, a escrita, em seus primórdios, não contava histórias ou compartilhava experiências dos sujeitos – ela não era usada para narrar (Figura 1).

Figura 1 – Imagem do primeiro registro escrito da história, com dados relativos à colheita



Fonte: A autora, 2019¹

Mas, com o tempo, os habitantes da Mesopotâmia passaram a desejar registrar outras coisas além dos dados matemáticos (HARARI, 2017, p.135). Expandiu-se, então, o sistema primitivo de escrita pouco a pouco, ao sistema chamado “*cuneiforme*”, permitindo registros de oráculos, decretos e cartas pessoais. Ainda na tecnologia da tábua de argila, o homem começou a usar a escrita para narrar. Por volta de 1.200 a.C. na China e entre 1000 a.C e 500 a.C, na América Central, outros sistemas de escrita completos foram desenvolvidos. As narrativas orais passaram, então, a ser registradas em narrativas escritas.

A Bíblia hebraica, a Ilíada Grega, o Mahabharata hindu e o Tipitaka budista, todos começaram como obras orais. Por muitas gerações, foram transmitidas oralmente, e teriam continuado assim se a escrita jamais tivesse sido inventada. Mas os registros

¹ Adaptação com imagem pesquisadas na internet disponíveis em:

<https://pt.quora.com/A-linguagem-escrita-e-a-linguagem-falada-mudam-juntas-ou-separadamente>
<https://suficienciacontabil.com.br/2017/07/27/contador-o-primeiro-profissional-ser-citado-na-historia/>

de impostos e burocracias complexas nasceram junto com o sistema de escrita parcial e permanecem inexoravelmente unidos. (HARARI, 2017, p. 135).

Com a possibilidade de registrar suas experiências através do sistema de escrita desenvolvido, o homem pôs-se a fazê-lo desde o seu início, dando corpo à visão de Motta de que a narrativa é uma necessidade humana. Um exercício de escrita de uma escola da antiga Mesopotâmia mostra o registro de uma narrativa, intercambiando, até hoje, a experiência de um estudante de mais de 4 mil anos atrás. A essência do texto, adaptada, era assim:

Eu entrei e me sentei, e meu professor leu minha tábua./Ele falou: ‘Tem algo faltando!’/E me castigou com a vara./Uma das pessoas responsáveis falou: ‘Por que você abriu a boca sem minha permissão?’/E me castigou com a vara./O responsável pelas regras falou: ‘Porque você está saindo sem minha permissão?’/ E me castigou com a vara./ O guardião do caneco de cerveja falou: ‘Por que você se serviu sem minha permissão?’/ E me castigou com a vara./ O professor sumério falou: ‘Por que você falou em acadiano?’/ E me castigou com a vara./ Meu professor falou: ‘Sua caligrafia não é boa!’/E me castigou com a vara. (HARARI, 2017, p. 137).

A narrativa escrita permite que a experiência dos sujeitos se mantenha registrada, compondo a história, nos dando pistas sobre aquela sociedade. No caso do texto do aluno mesopotâmico supracitado, podemos perceber, por exemplo, a opressão da sociedade experimentada pelo sujeito, que o “castiga com a vara” por motivos diversos.

À medida que mais narrativas eram escritas (não apenas narrativas, também dados numéricos e administrativos), emergiu um obstáculo: o armazenamento das informações. Encontrar, acessar e armazenar informações em tábuas de argilas começou a ficar inviável. O rei Zimri-Lim, de Mari, por exemplo, acumulou milhares de tábuas de argilas em seu reino. Como encontrar os arquivos necessários? Criar um meio de catalogar e organizar os arquivos tornara-se uma necessidade. Segundo Harari (2017, p. 136), “inventar tais métodos se mostrou muito mais difícil do que inventar a escrita”. Nesse sentido, a Suméria se destacou:

A cada década os arqueólogos descobrem mais alguns sistemas de escrita esquecidos. Alguns deles podem se revelar ainda mais antigos do que os arranhões sumérios na argila. Mas a maioria [dos sistemas de escrita descobertos] não passa de curiosidades, porque quem os inventou não conseguiu inventar maneiras como o Egito faraônico, a China antiga e o Império Inca, é que essas culturas desenvolveram boas técnicas de arquivamento, catalogação e consulta de registros escritos. Elas também investiram em escolas para escribas, bibliotecários e contadores. (HARARI, 2017, p. 136).

Além das tábuas de argila na Suméria, outros suportes eram usados para a escrita: “os indianos, folhas de palmeira; os maias e astecas valiam-se de uma matéria-prima encontrada entre a casca e a madeira das árvores, os tonalamati, enquanto os romanos faziam uso de tábuas de madeira cobertas com cera.” (BRAGA, 2012, p. 3).

No Egito, por volta de 2.500 a.C., os egípcios inventaram o papiro (Figura 2). Essa tecnologia mudou a relação das pessoas com a informação escrita. Ela consistia em utilizar a medula da planta Papiro para escrever, e no Egito era usada principalmente para documentos religiosos (QUEIROZ, 2005, p. 5). É interessante mencionar que os egípcios também tinham sua própria escrita, a hieroglífica, que segundo Queiroz (2005), foi “juntamente com a cuneiforme, uma das mais importantes do Oriente Próximo antigo”.

Figura 2 – Papiro egípcio



Fonte: MUSEU NACIONAL DE ANTIGUIDADES DE LEIDEN²

O papiro se expandiu, pois tornava consideravelmente mais fácil o armazenamento e transporte dos escritos. Ele era flexível e leve, apesar de resistir pouco à umidade e se queimar facilmente, em oposição às tábuas de argila. “Embora tenha sido usado pelos egípcios como suporte da escrita, foram os gregos que deram ao papiro um uso dirigido à literatura” (BRAGA, 2012, p. 2).

Em 2.000 a.C., o alfabeto grego foi inventado. Segundo Queiroz (2005, p. 6), fala-se de alfabeto “como um sistema de sinais que exprimem os sons elementares da linguagem”. A autora afirma que a “palavra alfabeto vem do latim *alphabetum*, que por sua vez é composta

² Papiro egípcio antigo mantido no Museu Nacional de Antiquidades de Leiden, nos Países Baixos. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/biblioteca-central-recebe-mudas-de-papiro>

pelo nome das duas primeiras letras do alfabeto grego: alpha e beta, já emprestadas das línguas semíticas”. (QUEIROZ, 2005 p. 6). Segundo a autora, o alfabeto foi revolucionário, por ser uma forma precisa de registrar as palavras faladas aproximando ainda mais a oralidade da escrita.

Após sua invenção pelos gregos, o alfabeto usado no suporte papiro, na Grécia “floresceu uma arte livresca bem organizada” (BRAGA, 2012, p. 3)

A partir do século V AC, comerciantes, sob o nome de “bibliopoli”, formavam um grêmio independente com trabalhos abertos ao público. Além de serem pontos de venda, os locais eram pontos de encontro de eruditos que se reuniam para ouvir leituras em voz alta de livros. A distribuição de bens culturais em Roma, por meio de livrarias, não diferia muito da Grécia. Mais do que tendas de manuscritos, as livrarias eram lugares de reunião e tertúlia dos escritores e intelectuais. (BRAGA, 2012, p. 4).

Com isso, o número de produções escritas em papiro só crescia assim como a necessidade de mecanismos mais modernos para catalogação e organização. Além disso, a possibilidade de réplicas era muito limitada.

Os romanos inventaram os códices como forma de registro dos manuscritos. De todo modo, a maneira mais popular de comunicação era a oral cujo primeiro passo sensível rumo à escritura se deu em meados do ano 1000, quando se instaurou a prática da leitura individual nas sinagogas do Ocidente medieval. Entretanto, até a invenção de Gutenberg, a leitura era algo restrito a poucos e a produção de livros, uma arte cara e custosa. (BRAGA, 2012, p. 4).

Devido a desvantagens do papiro, como o fato de ser caro, difícil de manejar e frágil, surge um novo suporte, o pergaminho.

O pergaminho era feito, em geral, de peles de cordeiro, vitela, cabra e, às vezes, gazela, antílope ou avestruz. O termo pergaminho deriva do grego *pergamene*, que significa “pele de Pérgamo”. A utilização do pergaminho fez-se devido à praticidade de se poder dobrá-lo e costurá-lo, o que levou à generalização dos códex, ancestrais dos livros atuais. (QUEIROZ, 2005, p. 10).

Os livros escritos à mão pelos copistas nos mosteiros, os códex, eram decorados, copiados e encadernados um a um, à mão, em seu *Scriptorium* (Figura 3) Acredita-se que “os copistas trabalhavam pelo método do ditado e que faziam várias cópias ao mesmo tempo de uma mesma obra” (QUEIROZ, 2005, p. 11). Segundo Queiroz, devido às restrições impostas pela própria tecnologia necessária para a produção dos “livros”, que era feita manualmente e em trabalho intenso pelos monges, havia muitos erros nos conteúdos. Além disso, “quando se desejava obter várias cópias simultâneas, um monge ditava a vários copistas o texto original”. (QUEIROZ, 2005, p. 11) Segundo Burke (2000), a ordem alfabética como forma de

organização só apareceu pela primeira vez no século XI, numa enciclopédia bizantina conhecida como “*Suidas*”.

Figura 3 – *Scriptorium* medieval



Fonte: LEGA, 2016³

Porém, ambos os suportes, papiro e pergaminho, tinham abrangência muito pequena, eram caros e, com isso, e o acesso à leitura e aos escritos era extremamente limitada e elitista. Segundo Queiroz, até finais do século XII a edição de livros era feita por iniciativa de nobres e clérigos:

“Editavam-se missais e manuais de teologia para estes e obras de luxo para aqueles. A partir desse período, os copistas laicos que colaboravam com os monges se organizaram em escritórios e associações e passaram a redigir, além de livros, os documentos oficiais da nova classe: a burguesia comercial” (QUEIROZ, 2005, p. 11).

Uma maior expansão só seria possível no suporte papel.

O pergaminho é difícil de manusear, muito caro e de suprimento sobremodo limitado. [...] O papiro é duro, quebradiço e inconveniente para a impressão. [...] Os livros teriam permanecido artigo de luxo se o pergaminho tivesse sido o único meio existente para publicações. [...] A imprensa não teria podido progredir e expandir-se

³ Disponível em: <http://www.pravoslavie.ru/sas/image/102350/235057.p.jpg?0.24394747097249092>

amplamente se não pudesse dispor do recurso básico que seria o papel (USHER apud McLuhan, 1972, p. 211).

De fato, no século XV, a prensa de Gutemberg revolucionou completamente a forma como as pessoas consumiam informações (Figura 4). Até 1450 só era possível reproduzir um texto se ele fosse copiado à mão. Ou seja, se antes, a escrita e a leitura estavam limitadas a formas rudimentares e limitadas de réplica através do papiro e do pergaminho, com a invenção da prensa de dispositivos móveis os escritos tomaram proporções muito maiores através do aumento dessa possibilidade de replicar conteúdo.

Figura 4 – Página do Gênesis da Bíblia 42 linhas de Gutenberg, 1455



Fonte: DOMINGUES, c2015⁴

⁴ Disponível em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/linha-do-tempo/gutenberg-lega-a-imprensa-a-humanidade/>

Segundo Chartier (apud QUEIROZ, 2005, p. 12), principalmente no seu início, a imprensa era um prolongamento da escrita manual:

[...] um livro manuscrito (sobretudo nos seus últimos séculos, XIV e XV) e um livro pós-Gutenberg baseiam-se nas mesmas estruturas fundamentais – as do códex. Tanto um como o outro são objetos compostos de folhas dobradas um certo número de vezes, o que determina o formato do livro e a sucessão dos cadernos. Estes cadernos são montados, costurados uns aos outros e protegidos por uma encadernação. A distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações (paginação, numerações), os índices e os sumários: tudo isto já existe desde a época do manuscrito. Isso é herdado por Gutenberg e, depois dele, pelo livro moderno. (CHARTIER apud QUEIROZ, 2005, p. 12)

Com a criação da imprensa, o tempo de reprodução do texto diminui, o que faz cair também o seu custo. Segundo Queiroz, “a composição do texto se fazia, desde Gutenberg, letra a letra. Assim, a composição de um texto se fazia a uma velocidade de 1200 a 1500 signos. Em 1872, com o surgimento da linotipia, passou-se a 6000 – 9000 signos por hora”. Essa velocidade só aumentaria no século XX, através da fotocomposição. Segundo Barbosa (2010), nas publicações diárias do século XX, a história que o antecede, ou seja, o passado do Brasil, é frequentemente deixada de lado. A autora afirma que no contexto dos jornais

Têm-se olhos apenas para um futuro inaugurado com a inclusão do país num novo tempo: a República. Apaga-se quotidianamente o passado filiado obrigatoriamente à origem colonial, a um momento histórico que se quer esquecido. Paralelamente, cada diário do Rio de Janeiro não cansa de repetir a sua própria história nas edições comemorativas que evocam a missão primordial do jornalismo: ser os olhos e ouvidos da sociedade. (BARBOSA, 2010, p. 24).

Nos aprofundaremos, a seguir, nesta história que os jornais do início do século XX insistiam em esquecer relacionada à cultura da leitura de narrativas jornalísticas no Brasil, tão cara para este trabalho.

2.4 BREVE HISTÓRIA DA LEITURA JORNALÍSTICA BRASILEIRA

Para compreendermos a influência dos textos de Brum hoje, faz-se necessária contextualização de como a sociedade brasileira consolidou sua relação com a leitura de conteúdos da imprensa. Segundo Molina (2015), fatores como a composição social da população desde a era colonial, a baixa densidade demográfica, o baixo índice de urbanização,

desigual distribuição de renda e alto índice de analfabetismo foram obstáculos significativos para o desenvolvimento de uma imprensa escrita forte no Brasil.

Nos séculos XVI e XVII, o número de habitantes no Brasil era extremamente baixo (MOLINA, 2015). O cenário era o seguinte: a coroa portuguesa não oferecia mão de obra necessária para o desenvolvimento da produção agrícola e mineral. Portugal tinha colônias em outras partes do mundo para povoar, e proibiu a entrada de estrangeiros temendo perder parte das terras do Brasil. Os colonizadores recorriam ao trabalho escravo, primeiro de índios nativos e depois de negros africanos. Com a descoberta do ouro e diamantes de Minas Gerais, no século XVIII, o Brasil vivenciou um intenso fluxo migratório. Segundo Molina (2015), a população que contabilizava 300 mil habitantes no fim do século XVII cresceu dez vezes, passando para quase 3,2 milhões, no intervalo de um século. Molina fornece os dados: “De Portugal chegaram de 500 mil a 800 mil pessoas; da África foram trazidos quase 2 milhões de escravos. Em 1819 havia no país 3,6 milhões de pessoas, das quais 1,1 milhão escravas e 800 mil indígenas” (MOLINA, 2015, p. 345). Ou seja, a população do Brasil neste momento pré-independência do país era composta de uma elite portuguesa, escravos e índios (também escravos). Botelho (2005) nos mostra como era o cenário da população e suas condições sociais em 1808.

Figura 5 – Cenário da população e suas condições sociais em 1808

Tabela 1. Estimativas da população por sexo e condição social segundo as províncias, 1808.

	LIVRES					ESCRAVOS					POPULAÇÃO TOTAL				
	Homens		Mulheres		Razão de sexos	Homens		Mulheres		Razão de sexos	Total de livres		Total de escravos		TOTAL
	N	%	N	%		N	%	N	%		N	%	N	%	
Corte	13.762	51,06	13.192	48,94	1,04	14.666	59,06	10.165	40,94	1,44	26.954	52,05	24.831	47,95	51.785
Rio de Janeiro	42.886	50,73	41.648	49,27	1,03	61.961	62,74	36.799	37,26	1,68	84.534	46,12	98.760	53,88	183.294
Minas Gerais	116.524	49,58	118.517	50,42	0,98	69.391	60,36	45.568	39,64	1,52	235.041	67,15	114.959	32,85	350.000
São Paulo	62.412	47,71	68.400	52,29	0,91	23.508	55,43	18.905	44,57	1,24	130.813	75,52	42.412	24,48	173.225
Paraná	10.567	47,57	11.648	52,43	0,91	2.497	50,27	2.470	49,73	1,01	22.215	81,73	4.967	18,27	27.183
S. Catarina	14.325	48,11	15.449	51,89	0,93	5.716	64,13	3.197	35,87	1,79	29.774	76,96	8.913	23,04	38.687
Rio G. do Sul	31.269	51,52	29.419	48,48	1,06	16.956	64,04	9.523	35,96	1,78	60.689	69,62	26.478	30,38	87.167
Espírito Santo	22.411	49,86	22.538	50,14	0,99	13.536	53,57	11.733	46,43	1,15	44.950	64,01	25.269	35,99	70.219
Bahia	113.073	49,51	115.315	50,49	0,98	64.219	59,70	43.354	40,30	1,48	228.388	67,98	107.573	32,02	335.961
Sergipe	30.764	50,24	30.471	49,76	1,01	7.498	54,23	6.328	45,77	1,18	61.235	81,58	13.826	18,42	75.061
Alagoas	45.592	50,41	44.846	49,59	1,02	15.050	58,88	10.512	41,12	1,43	90.438	77,96	25.562	22,04	116.000
Pernambuco	85.668	49,51	87.367	50,49	0,98	42.530	59,70	28.712	40,30	1,48	173.035	70,84	71.242	29,16	244.277
Paraíba	37.218	49,77	37.557	50,23	0,99	10.549	51,69	9.858	48,31	1,07	74.776	78,56	20.406	21,44	95.182
Rio G. Norte	20.880	50,05	20.839	49,95	1,00	4.317	52,14	3.963	47,86	1,09	41.719	83,44	8.281	16,56	50.000
Ceará	66.133	48,96	68.929	51,04	0,96	13.075	52,43	11.863	47,57	1,10	135.062	84,41	24.938	15,59	160.000
Piauí	25.170	52,56	22.714	47,44	1,11	12.056	54,51	10.060	45,49	1,20	47.884	68,41	22.116	31,59	70.000
Maranhão	35.376	51,96	32.706	48,04	1,08	28.732	55,34	23.186	44,66	1,24	68.082	56,73	51.918	43,27	120.000
Pará	25.644	46,80	29.148	53,20	0,88	11.752	51,16	11.220	48,84	1,05	54.792	70,46	22.972	29,54	77.764
Amazonas	5.437	50,17	5.400	49,83	1,01	3.627	49,01	3.773	50,99	0,96	10.836	59,42	7.400	40,58	18.236
Mato Grosso	6.695	47,50	7.400	52,50	0,90	7.147	52,50	3.759	34,47	1,90	14.095	56,38	10.905	43,62	25.000
Goiás	16.145	45,89	19.035	54,11	0,85	11.946	59,02	8.295	40,98	1,44	35.181	63,48	20.241	36,52	55.422
Brasil	827.951	49,56	842.540	50,44	0,98	440.729	58,45	313.242	41,55	1,41	1.670.492	68,90	753.971	31,10	2.424.463

Na primeira metade do século XIX, apesar de já ter sido proibido, o tráfico negreiro seguia intenso, permanecendo assim até 1850. Entre 1841 e 1850, 335 mil africanos vieram para o Brasil através do tráfico. O crescimento demográfico se acentuou: a população passou de 3 milhões em 1808 a 7,7 milhões em 1854. Porém, o alto nível demográfico e o cenário da época revelavam uma estrutura social com pouca mobilidade social e que não favorecia a leitura, muito menos a leitura da imprensa:

O primeiro censo do Império, em 1872, revelou uma população de apenas 9,9 milhões de habitantes, 8,4 milhões de pessoas livres e 1,5 milhão de escravos. Pouco menos da metade da população, 4,2 milhões, não tinha profissão definida. 1 milhão se dedicava a serviços domésticos, meio milhão eram costureiras, um quarto de milhão eram operários e 120 mil se dedicavam à indústria e ao comércio. A classe média foi estimada em 3%. Essa estrutura não favorecia a leitura da imprensa. (MOLINA, 2015, p;346).

O baixo investimento na educação é apontado por Molina como a principal barreira à cultura da leitura da imprensa. Segundo o autor, o Brasil já entrou no século XIX com a maioria da população analfabeta e sem um plano de instrução pública nesse sentido. Para se ter uma ideia, em São Paulo - a cidade que se alfabetizou mais rápido - em 1808 apenas 2,5% da sua população sabiam ler e escrever. Ao comparar com a realidade estadunidense até mesmo anterior à esta época, o autor nos permite vislumbrar o contraste: na Nova Inglaterra de 1760 85% dos homens sabiam ler e escrever e, entre as mulheres, 60%. Em Nova York de 1825, 60% das crianças frequentavam as escolas (MOLINA, 2015, p. 352). Neste ano, de 1808, apesar do cenário apontar um baixíssimo nível de alfabetização, foi o ano da mudança da Corte de Lisboa para o Brasil, e com isso, houve algumas iniciativas ao ensino. Foram instalados cursos de medicina, agricultura, direito, mineração e engenharia civil. Porém, consistiam em iniciativas tímidas, a primeira universidade brasileira de fato só surgiu pouco mais de um século depois. Em 1824, havia poucas escolas no Brasil. “A baixa remuneração do pessoal docente seria uma constante na história do país”, explica Molina (2015, p. 354). Houve uma tentativa alternativa para a falta de professores, onde houvesse muitos alunos e poucos recursos, chamada “ensino mútuo”, que consistia no treinamento de “alunos bem dotados, que, ao chegar a determinado nível de instrução, passavam a ensinar, cada um deles, a um grupo de dez alunos, sob a supervisão de um orientador” (2015, p. 354). O método não deu certo e foi deixado de lado.

Com a supressão do tráfico de escravos em 1850, a imigração passa a ser vista como uma alternativa ao trabalho escravo para uma produção essencialmente agrícola. A legislação colonial que proibia a entrada de estrangeiros no país tinha chegado ao fim e, com isso, houve um movimento de tentativas para atrair imigrantes europeus nos primeiros anos de

Independência. Chegaram no Brasil principalmente portugueses, suíços e alemães. A cidade do Rio de Janeiro foi a principal receptora: em 1870 metade da população masculina da cidade era composta por estrangeiros.

Molina (2015) afirma que a imigração poderia ter sido um poderoso fator de estímulo à imprensa. Segundo a autora:

Os imigrantes eram, em sua maioria, adultos, etapa da vida em que as pessoas são mais propensas a ler para informar-se e defender seus direitos e interesses, e a entrada massiva no país foi acompanhada de um aumento da circulação dos jornais e do lançamento de uma ampla variedade de publicações em língua estrangeira. Porém, o impacto na leitura de jornais foi muito inferior do que poderia esperar. Bem menor, por exemplo, que nos Estados Unidos, onde a imigração deu lugar ao lançamento de novos jornais de grande circulação em língua inglesa e à renovação dos existentes. (MOLINA, 2015, p. 347).

A autora faz um paralelo entre os Estados Unidos e o Brasil sobre a influência do movimento imigratório na leitura de textos da imprensa. Molina afirma que nos Estados Unidos, a maioria dos imigrantes procedia de países com alto índice de alfabetização, enquanto no Brasil a grande massa de imigrantes vinha de países com índice de analfabetismo em torno dos 70% a 80%. “Poucos liam jornais em sua nação de origem e poucos liam no Brasil”, afirma Molina (2015, p. 347).

Estes imigrantes, no Brasil, foram direcionados majoritariamente para as lavouras. Lá, encontraram condições de trabalho precárias: os donos das fazendas mantinham a mentalidade escravocrata e, frequentemente, não tratavam os imigrantes como homens livres. Exigiam muitas arbitrárias, faziam cálculos duvidosos de compras e dívidas e tinham regras como a de só ser permitido fazer compras na própria fazenda. Com isso, o imigrante ficava reduzido ao trabalho e à retroalimentação do mesmo no fluxo das lavouras. Segundo Molina (2015, p. 348), “o governo da Itália e Espanha chegaram a proibir a emigração para o Brasil”. Essas circunstâncias impediam o desenvolvimento do hábito da leitura em nosso país.

Ainda nos casos em que o colono era alfabetizado, o pequeno excedente que conseguia reunir não dava muita margem para comprar jornais. Deve-se também considerar a escassa monetização nas relações de trabalho no campo, onde quase todos os pagamentos eram feitos em espécie. O isolamento e a quase autossuficiência das fazendas, as grandes distâncias dos centros urbanos e as dificuldades dos transportes pela falta de estradas eram obstáculos adicionais para a leitura dos jornais pela população rural – que era a grande maioria do país. Na verdade, era pouco provável que os donos de fazendas fossem leitores de jornais ou tivessem interesse neles. (MOLINA, 2015, p. 348).

Além disso, configurando o cenário social daquele momento, o autor chama atenção para o contexto pós libertação dos escravos em 1888, que

colocara no mercado de trabalho livre um grande contingente de mão de obra que não fora preparado para as novas circunstâncias. Criou-se uma numerosa população marginal, uma massa amorfa, em sua maioria analfabeta, sem emprego fixo e carecendo de habilidades ou treinamento para integrar-se na economia produtiva. Surgiu assim um proletariado industrial brasileiro. (MOLINA, 2015, p. 348).

Segundo Molina, outro fator que dificultou o desenvolvimento do hábito de leitura no Brasil foi nosso processo de urbanização. O autor afirma que os habitantes da cidade são mais propensos à leitura do que os do campo e a população do Brasil foi essencialmente rural até o século XX (MOLINA, 2015, p. 348). Segundo o autor, o crescimento das cidades brasileiras durante a primeira década do império ocorreu lentamente (exceto o Rio de Janeiro, que era a sede da corte).

O Brasil só se tornaria um país urbano a partir da segunda metade do século XX. Em 1940, menos de um terço da população estava nas cidades. Nas três décadas seguintes, porém, a população urbana quase quadruplicou em números absolutos. Chegou a 55,9% em 1970. Em 2005, segundo a ONU, apenas um sexto da população brasileira era rural. (MOLINA, 2015, p. 349).

Os imigrantes tiveram participação importante no movimento de urbanização do Brasil. Muitos dos imigrantes das lavouras as deixaram, devido às condições precárias, buscando novos sonhos na cidade. Outros já haviam vindo direto para as cidades. O governo da recém instaurada república, em 1889, tomou medidas para integrar a grande massa de imigrantes legalmente: “decretou que os estrangeiros radicados no Brasil em 15 de novembro de 1889 adquiriam automaticamente a cidadania brasileira, a menos que manifestassem expressamente, no prazo de seis meses, sua decisão de manter a cidadania de seu país de origem” (MOLINA, 2015, p. 349)

No final do século XIX e começo do século XX, houve uma tênue melhora no ensino que refletiu no aumento da circulação dos jornais, mas de forma muito tímida. O intervalo entre a década de 1893 e 1903 foi considerada a idade de ouro da educação de São Paulo. Alguns anos mais tarde, o diretor-geral de Instrução Pública, Antonio de Sampaio Dória, tomou medidas para “democratizar” o ensino secundário, tendo em vista que os recursos destinados à educação eram insuficientes para todas as crianças do Estado (MOLINA, 2015, p. 359). Sampaio Dória, assim, optou por baixar a qualidade do ensino e aumentar o número de vagas.

Com o aumento da urbanização e a industrialização nas cidades, houve um crescimento tanto em número quanto em circulação dos jornais (em português e outras línguas). Segundo o autor, foi um “surto de leitura”, porém inferior aos que estavam ocorrendo nos outros

países. Aqui no Brasil, além do elevado índice de analfabetismo, a pouca familiaridade dos habitantes com a língua portuguesa compunha um conjunto de obstáculos à leitura de jornais em português. Segundo o autor:

Em 1909, ao comemorar seu 25º aniversário, O Estado de S. Paulo lamentava, não sem certo exagero, que uma grande parte da população não tivesse condições de ler o jornal: “A capital tem talvez mais de 200 mil habitantes, desses mais de metade não falam nem leem a língua portuguesa”. (MOLINA, 2015, p. 350).

As indústrias das cidades tinham números significativos de mulheres e crianças, que recebiam remuneração inferior às dos homens. Segundo Molina (2015, p. 350), em 1901 saiu uma pesquisa que constatou que 19% dos trabalhadores das empresas participantes eram mulheres e 12% crianças. As crianças de nove a onze anos de idade constituíam uma parte significativa.

Os meninos, muitas vezes, trabalhavam por onze horas seguidas com intervalo de vinte minutos para o descanso. Eventualmente não lhes era concedido o descanso semanal. (MOLINA, 2015, p. 350). Essas crianças não frequentavam a escola, não aprendiam a ler e refletiam o cenário brasileiro daquele momento de baixo nível instrucional da população. Além do analfabetismo e baixa renda, as dificuldades à leitura eram atreladas às circunstâncias: era exigida de grande parte da população dedicação intensa em sua jornada laboral, sobrando pouco tempo, estímulo e acesso para aprender a ler e escrever.

Na década de 1930, houve um crescimento na complexidade da produção industrial, aumentando a necessidade de operários especializados, resultando em consequente melhora na remuneração e condições de trabalho. Ao invés de investir na formação e aperfeiçoamento dos operários brasileiros, as empresas optaram por trazer estrangeiros. Assim, chegaram no Brasil imigrantes trabalhadores especializados: médicos, escritores, jornalistas, advogados, etc. A presença destes grupos foi decisiva para a proliferação dos jornais para imigrantes no Brasil, no fim do século XIX e começo do XX (MOLINA, 2015, p. 351). Na época, chegaram a circular jornais em alemão, italiano, espanhol, árabe e outras línguas. “Os descendentes desses imigrantes, mais integrados ao país, começaram a ler publicações em português, mas em número ainda reduzido” (MOLINA, 2015, p. 351) Segundo Olavo Bilac, no começo do século XX, citado por Molina:

O jornal é um problema complexo. Nós adquirimos a possibilidade de poder falar a um certo número de pessoas que nos desconheciam se não fosse a folha diária; os proprietários do jornal veem limitada, pela falta de instrução, a tiragem das suas empresas. Todos os jornais do Rio não vendem, reunidos, 150 mil exemplares, tiragem insignificante para qualquer diário de segunda ordem na Europa. São oito os

nossos! Isso demonstra que o público não lê [...] E Por que não lê? Porque não sabe! (BILAC apud MOLINA, 2015, p. 351).

Segundo Braga (2012, p. 4), a revolução industrial foi um marco de transformação nas tecnologias e, conseqüentemente, na leitura.

Ela [a revolução industrial] trouxe o vapor, os trens, o telégrafo, a popularização dos correios, o surgimento dos cartões postais, a eletricidade, a fotografia, a gravação sonora, o telefone e a cinematografia. No final do século XIX, a alfabetização já começava a ser obrigatória em alguns países e o público feminino emergia como público leitor. O diário surgiu como um novo gênero literário educativo das jovens burguesas e aristocráticas, meio para prolongar e aperfeiçoar a prática da escritura. (BRAGA, 2012, p. 4).

Nesse mesmo período, uma ‘revolução da leitura’ teve lugar na Alemanha “no sentido de mudança da leitura intensiva para a leitura extensiva. [...] uma passagem gradativa e mais geral ‘da leitura intensiva e irreverente para um estilo de leitura mais extensivo e independente’” (BURKE, 2000, p. 161). Segundo o autor, a leitura extensiva é aquela de consulta, passar os olhos, folhear. A leitura intensiva é a leitura linear e realizada do início ao fim. Segundo o autor: “leitura extensiva, em outras palavras, [significa] folhear, passar os olhos, consultar.” (BURKE, 2000, p.161)

Ainda no século XIX, os jornais estavam se popularizando e isso afetou os romances: começaram a ser publicados em forma de folhetins nos periódicos para se adaptarem aos novos hábitos de leitura que estavam em evidência naquele momento ao redor do globo.

Os progressos e as variações dos periódicos não podem ser observados de forma independente da história social e econômica que os enquadra. Sua condição de instrumento cultural está condicionada em cada caso às situações particulares do momento e do espaço em que ocorreram. Deste modo, o jornal surgiu e adquiriu importância, não apenas pelas circunstâncias políticas, mas pela notabilidade como instrumento de veiculação da literatura, alcançando um público mais amplo, que não ficaria restrito apenas à leitura de livros para o conhecimento de uma produção literária. (SALES, 2007, p. 45).

Com isso, a leitura, que estava sofrendo estas modificações em função da nova forma de consumir informações que estava em voga no século XIX, começou a ganhar novos sentidos. Sales afirma: “Graças ao seu baixo custo, o jornal possibilitou uma maior interação entre o leitor e o texto impresso, convertendo-se num meio de divulgação literária, alcançando dimensão e proporção significativas para o estreitamento das relações entre leitor e leitura” (SALES, 2007, p. 45).

Essas modificações trouxeram alterações na própria construção do romance, que agora passava a ser dividido em capítulos seguindo a lógica da leitura dos folhetins (mesmo posteriormente, quando publicado em livro). Figueiredo afirma:

Em função da nova economia instalada com a multiplicação e transformação dos jornais, os romances passaram por mutações, em decorrência, inclusive, do fato de serem publicados em capítulos, sob a forma de folhetins, nos jornais. Dentre outras alterações, foram divididos em capítulos menores, instituindo-se o gancho entre eles, com o objetivo de estimular a curiosidade do leitor. Tais marcas de composição tendiam a se manter, mesmo quando, posteriormente, as narrativas ficcionais eram publicadas em livro, ganhando outro sentido, uma vez que tinham sido determinadas pela modalidade de leitura instituída pela veiculação, em fragmentos, no suporte do jornal. (FIGUEIREDO, 2010, p. 12).

Desta forma, não foi apenas o modo como as pessoas se informavam que estava se modificando com o advento dos jornais: os hábitos de leitura em geral começaram a mudar oriundos desta nova forma de publicações dos periódicos, que incluía as narrativas ficcionais presentes nos folhetins. Com isso, estava surgindo um novo tipo de leitor: o leitor moderno.

Com os jornais, teria surgido um novo tipo de leitor – o leitor moderno – e com ele, um novo tipo de escrita, decorrente da circulação acelerada dos textos e da propagação da leitura extensiva. Os autores [de livros] procurariam atender à demanda desse tipo de leitor extensivo que consome diversos e numerosos textos impressos, o que alteraria o estilo, a maneira de escrever: os textos tenderiam a se aproximar da escrita comum, propiciando a superação das esferas compartimentalizadas de competência, ou seja, a diluição das fronteiras entre autor e público. (FIGUEIREDO, 2010, p. 13).

No final do século XIX, foi criado o telégrafo. Com a chegada desta tecnologia, a velocidade de transmissão da informação aumentou consideravelmente: a mensagem chegava rapidamente ao seu destinatário. Isso acelerou o fluxo da comunicação. Sua aplicação na imprensa brasileira foi facilmente percebida: “Graças à sua implantação [do telégrafo] nos periódicos mais importantes da cidade do Rio de Janeiro, a partir de 1874, é possível noticiar fatos do mundo ocorridos ontem e transportar até províncias longínquas” (BARBOSA, 2010, p. 21). Segundo Barbosa, com a invenção do telégrafo a atualização da notícia ficou mais rápida e constante. Dessa forma, “não é mais possível apenas anunciar o que se passa no mundo, mas é preciso informar com rapidez. Os jornais constroem um tempo cada vez mais comprimido” (BARBOSA, 2010, p. 23).

Apesar da importância inigualável do telégrafo, Barbosa (2010) afirma que este consistia em apenas uma das tecnologias que se disseminavam naquele momento no Brasil, deslumbrando as pessoas.

O cinematógrafo, o fonógrafo, o gramofone, os daguerreotipo, a linotipo, as Marinosis são algumas das tecnologias que invadem a cena urbana e o imaginário social na virada do século XIX para o XX, introduzindo amplas transformações no cenário urbano e nos periódicos que circulam na cidade. (BARBOSA, 2010, p. 21).

A autora afirma que a chegada destes modernos aparelhos tecnológicos alterou significativamente o comportamento e a percepção dos que interagem com eles todos os dias. Periódicos cariocas importantes implantam outros artefatos tecnológicos que modificam a maneira de produzir jornais:

Máquinas linotipos capazes de substituir o trabalho de até 12 das antigas composições manuais; máquinas de imprimir capazes de ‘vomitar’ de 10 a 20 mil exemplares por hora; máquinas de fotografar capazes de reproduzir em imagens o que antes apenas podia ser descrito; métodos fotoquímicos que permite a publicação de clichês em cores. Os periódicos transformam gradativamente seus modos de produção e o discurso com que se auto referenciam. Passam a ser cada vez mais ícones de modernidade numa cidade que quer ser símbolo de um novo tempo. (BARBOSA, 2010, p. 22).

Dessa forma, tecnologias, leitura e sociedade são elementos conectados. Para Barbosa (2010), as tecnologias e a modernização pautaram o ritmo da entrada do Brasil no século XX.

O Rio de Janeiro abre o século XX modernizando seu centro urbano. No caos da cidade, a iluminação elétrica, adoção da tração elétrica nos bondes e a circulação dos primeiros automóveis nas ruas causam sensação e dão o tom da modernização símbolo do novo século. (BARBOSA, 2010, p. 22).

Segundo Barbosa (2010, p. 23), “as tecnologias capazes de fornecer uma dimensão à concepção temporal e espacial são decisivas na conformação do novo mundo simbólico que emerge daquele final de século.” Para a autora, naquele momento o mundo se tornava mais próximo e visível através das tecnologias emergentes.

As descrições e a possibilidade de ver em imagens lugares longínquos e figuras exóticas mudam gradativamente a percepção de um outro, agora visível, e antes apenas imaginado. A possibilidade de saber o que se passa no mundo em poucas horas constrói gradativamente nova espacialização. O mundo se torna mais compacto. (BARBOSA, 2010, p. 23).

Para a autora, os periódicos que desejassem se consolidar sua força junto ao público (e conseqüente força política), deveriam implantar “de maneira compulsória” novos artefatos tecnológicos, aumentando a tiragem, qualidade e velocidade da impressão. O olhar das pessoas estava fixo no “futuro”, na modernidade. Segundo ela, as tecnologias tiveram lugar inclusive na construção do jornalismo como lugar da informação neutra e atual.

Se o telégrafo torna os acontecimentos visíveis, há que informar fatos que ocorrem próximos ao público. A opinião é, assim, gradativamente separada de uma ideia de informação isenta e, neste processo, os novos artefatos tecnológicos desempenham papel fundamental. (BARBOSA, 2010, p. 24).

Enquanto isso, a realidade sobre a alfabetização no país era ainda preocupante: 80% da população era analfabeta em 1915. Em 1922, só 29% das pessoas em idade escolar estavam nas escolas. Molina afirma que, em 1930, com o Estado Novo de Getúlio Vargas, a rede primária foi expandida e houve mais atenção com o ensino secundário, refletindo nos índices escolares. Mas, nenhuma atenção foi dada ao ensino superior: pelo contrário, houve um bloqueio enorme com a intervenção do governo nas universidades demitindo “grande número de professores suspeitos de serem ‘progressistas’” (MOLINA, 2015, p. 360)

Segundo Molina, é possível afirmar que o ensino não era uma prioridade dos governantes do Brasil desde sempre. Isso contrasta com a realidade europeia: no fim do século XIX, buscando mão de obra mais qualificada para atender às demandas da Revolução Industrial, os países europeus fizeram investimento considerável na erradicação do analfabetismo e aumento do grau de instrução dos seus habitantes e isso reverberou em um crescimento explosivo dos leitores de jornais.

Foram criadas leis introduzindo o ensino primário universal, obrigatório, gratuito e laico para ambos os sexos. Em alguns anos, o ensino mudou o panorama social desses países: milhões de pessoas passaram a frequentar as escolas, os índices de analfabetismo desabaram e a leitura de jornais disparou. (MOLINA, 2015, p. 355).

Movimento semelhante ocorreu em países vizinhos, como Argentina, que introduziu, em 1884, o ensino laico, universal e gratuito com o presidente Júlio Roca, ou, no Chile e Uruguai, que ainda no século XIX, tiveram o ensino estendido a toda a população.

No começo do século XX, a maior parte da população desses países sabia escrever e ler e gostava de ler e aprender. Em 1918, a proporção de analfabetos no exterior era de 7,7% nos Estados Unidos, 16% na Grã-Bretanha, 29,5% na Argentina, 8,7% no Uruguai. Não é surpreendente que o índice de leitura de jornais na Argentina, Uruguai e Chile seja tradicionalmente muito superior ao do Brasil. (MOLINA, 2015, p. 355).

Na verdade, somente hoje, pouco mais de um século depois, que o índice de analfabetismo do Brasil se equipara ao destes países, em 1918: no Brasil consta o índice de 7% de analfabetismo em 2017, segundo o IBGE. A alfabetização não significa uma alfabetização funcional. As pessoas estão se informando, de forma ingênua. Muitas vezes, são as primeiras de suas famílias a aprender a ler, a se empoderar da informação escrita e se informar através dela com autonomia.

Em relação à escrita jornalística atrelada às tecnologias, destacamos a influência do telégrafo. Com a invenção do telégrafo durante a Guerra de Secessão nos Estados Unidos, os jornalistas podiam enviar diariamente as suas crônicas de guerra, já que esta tecnologia acelerou o transporte do texto de um lugar para outro. Canavilhas (2006) afirma:

O telégrafo, a grande inovação técnica daquela época, possibilitava aos jornalistas o envio diário das suas crônicas de guerra. Porém, esta tecnologia ainda não tinha uma grande fiabilidade técnica e, pior do que isso, os postes que suportavam os fios do telégrafo eram um alvo muito apetecido para as tropas, pelo que o sistema estava muitas vezes inoperante. Para assegurar iguais condições de envio, jornalistas e operadores de telégrafo estabeleceram uma regra de funcionamento que não prejudicasse o trabalho dos profissionais da informação: cada jornalista enviaria o primeiro parágrafo do seu texto e, após uma primeira ronda, iniciava-se uma outra volta para que todos enviassem o segundo parágrafo do texto. (CANAVILHAS, 2006, p. 5).

Dessa forma, aconteceu uma intensa transformação na forma de escrever as narrativas jornalísticas e, conseqüentemente, lê-las, criando o primeiro modelo da técnica da “Pirâmide Invertida”, que revolucionou o jornalismo escrito. Segundo Canavilhas,

em lugar do habitual relato cronológico dos acontecimentos, os jornalistas passaram a organizar os factos por valor noticioso, colocando os dados mais importantes no início do texto e garantindo assim a chegada dos dados essenciais aos seus jornais. A técnica viria a ser baptizada como Pirâmide Invertida por Edwin L. Shuman no seu livro *Practical Journalism*, tornando-se numa das regras mais conhecidas no meio jornalístico. (CANAVILHAS, 2006, p. 5).

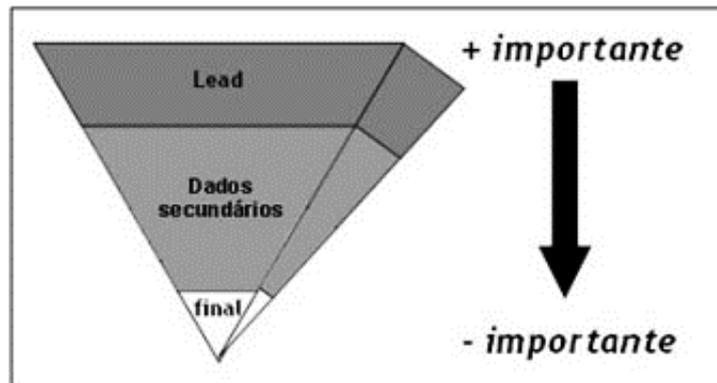
A técnica da Pirâmide Invertida ganhou ainda mais fôlego devido ao processo de produção do jornalismo nas redações impressas. Era de grande ajuda que os aspectos mais importantes da notícia estivessem no começo do texto, caso o editor precisasse eliminar partes do texto devido ao espaço disponível. Dessa forma, o editor poderia “cortar” a matéria a partir do fim do texto, preservando no início da publicação os aspectos mais importantes, que estavam presentes no *lead* jornalístico, no primeiro parágrafo. Canavilhas define a Pirâmide Invertida da seguinte forma:

A técnica da pirâmide invertida pode resumir-se em poucas palavras: a redacção de uma notícia começa pelos dados mais importantes – a resposta às perguntas O quê, quem, onde, como, quando e por que – seguido de informações complementares organizadas em blocos decrescentes de interesse. (CANAVILHAS, 2006, p. 5).

Assim, o leitor de jornais impresso fazia a leitura de forma linear, seguindo a pirâmide invertida (Figura 5), sendo introduzido pelos pontos mais importantes da matéria. Canavilhas (2006) aponta que, apesar de a técnica da Pirâmide Invertida ser eficiente na

transmissão rápida da notícia, “a aplicação desta técnica tende a transformar o trabalho jornalístico numa rotina, deixando pouco campo à criatividade e tornando a leitura das notícias pouco atractiva”.

Figura 6 – Técnica da pirâmide invertida



Fonte: CANAVILHAS, 2006, p. 5

Este modelo narrativo guiou o jornalismo do século XX e começo do século XXI, em que, com Internet sofreu modificações, que abordaremos em profundidade posteriormente.

Devemos levar em consideração a proximidade histórica de um momento brasileiro pré-leitura com o atual. Um século separa o presente de um passado de palavras escritas elitistas. Não que não o sejam hoje: a interpretação, repertório de leitura e incentivo à mesma ainda são elitistas. Grande parte das pessoas hoje podem saber ler e escrever, mas são, também analfabetas funcionais. Segundo Molina:

[Hoje] a maioria da população sabe identificar os caracteres e rabiscar o nome, mas uma grande parte das pessoas consideradas alfabetizadas tem dificuldade em compreender o sentido de um texto escrito, o que a impede de ler um jornal, e boa parte das pessoas que avançaram nos graus de ensino até o nível superior não levou da escola o gosto pela leitura e o hábito de ler. E a baixa escolaridade não apenas limitou a leitura dos jornais, mas afetou também a qualidade das redações. Até poucas décadas, os diários [brasileiros] empregavam repórteres de duvidosa alfabetização, que apuravam as informações e as relatavam a um redator que as transformava numa narrativa com princípio, meio e fim. O problema vem de longe. (MOLINA, 2015, p. 252).

O autor afirma que, já há algumas décadas, o número de pessoas que conseguem ler no Brasil, em termos absolutos, é significativamente elevado. Porém, poucas possuem o hábito da leitura.

A Unesco estabeleceu um índice mínimo de venda de cem jornais por mil habitantes maiores de quinze anos para determinar se um país possui um nível cultural adequado. Mesmo antes da expansão da Internet, que afetou toda a imprensa escrita, o nível de leitura do Brasil não chegava a um terço desse índice. (MOLINA, 2015, p. 362).

Molina lança a provocação: por que no Brasil as pessoas simplesmente não leem, mesmo que muitas pessoas possuam nível educacional para isso e que o poder aquisitivo se assemelhe ao de países em que se leem mais jornais? Segundo o autor,

Uma tentativa de explicação é que nesses países a alfabetização das massas e a melhora do poder aquisitivo aconteceram ainda no fim do século XIX e começo do XX, quando o principal meio de informação era o jornal, visto também como veículo de difusão cultural e indispensável para a instrução. A leitura da imprensa tornou-se um hábito que foi passando de pai para filho na maioria dos lares. Já no Brasil, a disseminação do ensino e a melhora da renda só aconteceram depois da metade do século XX. Nessa época, o rádio e depois a televisão se tornavam o meio de comunicação de massas. Os brasileiros aderiram a esses meios sem passar pelo impresso e, para a maioria, sua leitura tornou-se dispensável, por falta de hábito. A baixa qualidade do ensino também não incentiva os jovens a iniciar-se no hábito da leitura de jornais ou de livros. Como escreveu Hallewell, o Brasil é, em todos os níveis, uma sociedade essencialmente oral. (MOLINA, 2015, p. 362).

De forma breve, são estas as heranças históricas do hábito de leitura de conteúdos da imprensa por parte da população brasileira, do Brasil colônia ao século XX. São frutos dessa cultura os leitores do presente, os leitores que leem hoje na *web*, e que consomem os textos jornalísticos de Brum, nosso objeto de pesquisa. Feita esta contextualização, nos faremos uma breve introdução às narrativas digitais.

2.5 BREVE INTRODUÇÃO ÀS NARRATIVAS DIGITAIS

Na era digital, em que nos vemos cada vez mais inseridos em uma enorme inteligência coletiva (LÉVY, 1999), a narrativa assume papel central na nossa construção do mundo. Na Internet, temos acesso a milhões de narrativas todos os dias disponíveis para todos os interessados em absorver aquelas experiências mediadas. Motta afirma que estamos vivendo um momento em que as pessoas são cada vez menos testemunhas diretas e oculares dos fatos. De acordo com o autor:

As experiências de vida das pessoas são cada vez mais mediadas, elas tomam cada vez mais contato com o mundo exterior através de representações virtuais e discursivas da realidade. Empalavrando sem parar a realidade, os homens vão construindo significados sobre significados para que os fenômenos se tornem mais familiares e mais compreensíveis. (DUCH, 1998, apud MOTTA, 2013, p. 32).

Nesse sentido, trazemos um outro ponto de vista a se pensar: será que as pessoas estão realmente sendo cada vez menos testemunhas oculares dos fatos ou será que hoje, as pessoas têm mais acesso aos fatos que não presenciaram por conta da Internet e da globalização, ampliando significativamente o leque de experiências intercambiadas pelos sujeitos? Afinal, na década de 30 do século XX, quando Benjamin escreveu “*O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Lcskov*”, a transição entre os espaços físicos e simbólicos era consideravelmente limitada se comparada aos dias atuais, assim como a variedade de experiências daqueles atores sociais. Se antes o número de viajantes que conheciam terras distantes e voltavam para contar era reduzido, limitado aos comerciantes e às elites, hoje a realidade é outra: o sistema de transportes se desenvolveu, o número de aviões aumentou, assim como sua qualidade e disponibilidade de linhas e conexões, paralelamente à democratização das passagens aéreas e da Internet, que permite que estejamos em qualquer lugar do mundo em termos simbólicos, ainda que nosso corpo físico esteja sentado na cadeira de casa. Por exemplo, o indivíduo que assume o papel do narrador marinheiro comerciante em 2018 poderia viajar pelo mundo e contar suas experiências em um blog pessoal, com vídeos, textos e imagens, sendo capaz de intercambiar essa experiência pessoal com um número indefinido de pessoas interessadas em escutá-lo e aprender dicas sobre o lugar visitado para poder visitá-lo posteriormente, ampliando o alcance dessa narrativa anteriormente limitada a pequenos grupos. Entretanto, existe o outro lado em que muitas pessoas vão conhecer o mundo apenas através da mediação da tela, nunca tocando com os pés os solos apresentados em vídeos no *YouTube*. E todo esse processo contribui para a construção de mundo do indivíduo e do mundo coletivo.

[...] o ambiente físico e social é subjetivamente interpretado e dotado de sentidos construídos pelo homem a fim de tornar o mundo mais coerente para ele. O homem não apenas representa o mundo, mas o constitui na medida em que o nomeia e o classifica. Consolidou-se nas ciências sociais e cognitivas a ideia de que conhecer não é apenas refletir nem representar as coisas, mas construir ou fabricar o mundo. (MOTTA, 2013, p. 33).

Ou seja, a realidade pauta as narrativas, e as narrativas pautam a realidade. As narrativas ficcionais ou factuais nos ajudam a entender e construir a realidade e a entender e construir nossas próprias narrativas pessoais, nossa visão de mundo e de nós mesmos. Motta (2013) afirma que “as narrativas forjam indivíduos e nações”.

O papel das narrativas na construção e compreensão do mundo e dos sujeitos não se limita às factuais: as narrativas ficcionais também cumprem esse papel. Motta (2013, p. 34) afirma que “o ficcional não é tomado como um conhecimento falso, ilusório, fantasioso apenas.

A narrativa, seja fática ou fictícia, estabelece por si mesma a naturalização do mundo”. O autor complementa:

O ficcional, na forma de narrativas, seria então o instrumento fundamental de constituição e de instituição do mundo para o sujeito e a sociedade humana, e desempenharia essa função antes mesmo de sua divisão em narrativa de realidade e narrativa imaginada. (MOTTA, 2013, p. 35).

Motta ainda afirma que as fronteiras entre uma narrativa realista e uma imaginária não são claras e definitivas: “ora uma narrativa que se pretende fática remete a outros efeitos de sentido, ora a narrativa que se pretende fictícia tem um forte grau de verossimilhança remetendo o receptor ao mundo fático da vida” (MOTTA, 2013, p. 40). Isso é facilmente percebido no chamado New Journalism (novo jornalismo ou jornalismo literário) e, no contexto *web*, no jornalismo *Longform*, que permite a utilização de recursos literários para a narração do fato, preenchendo-o de subjetividade e técnicas da literatura, como o uso de um narrador onipresente ou participante dos acontecimentos. Outros exemplos dessas fronteiras não definidas entre a narrativa fictícia e a narrativa fática são autores que se baseiam em técnicas jornalísticas para compor suas narrativas ficcionais, agregando efeitos de real e aproximando a ficção da realidade para o leitor. Técnicas da ficção ajudam a tornar o texto jornalístico mais ritmado, agradável e literário, e técnicas do jornalismo alimentam a verossimilhança de uma obra ficcional, contribuindo para os efeitos de sentido daquela narrativa. Na Internet, encontramos exemplos de jornais propositalmente fictícios, objetivando o humor, que contêm características que mimetizam o jornalismo tradicional, mesclando essas fronteiras, como o portal “Sensacionalista”.

Ainda dentro da narrativa jornalística vista como essencialmente fática, é importante nos lembrarmos de que nenhuma narrativa é ingênua (MOTTA, 2013) e, portanto, possui uma finalidade comunicacional pretendida através do recorte que é mostrado na notícia ou reportagem. É importante refletirmos sobre “até que ponto a narrativa jornalística traduz fielmente o real, ou até onde o seu relato é apenas uma versão (uma estória) entre tantas outras possíveis a respeito dos fatos que conta?” (MOTTA, 2013, p. 43). Principalmente na Internet, onde o ambiente é fluido e repleto de informações que podem ser produzidas e difundidas por qualquer pessoa — não necessariamente um jornalista —, refletir sobre as narrativas jornalísticas no meio, suas características e estratégias mostra-se fundamental.

Algumas das principais características do ciberespaço, que se refletem nas narrativas, são a maleabilidade, a velocidade, a instantaneidade, a não-linearidade, a hipertextualidade e o fluxo intenso de informações. A tendência de leitura e, conseqüentemente,

das narrativas em texto na *web* é o consumo de conteúdos curtos e segmentados, em que o leitor vai construindo seu caminho de leitura, aprofundando-se no que mais lhe interessa através de *hiperlinks*. Em meio à baixa retenção do usuário na página, devido à maleabilidade da *web* e as plurais formas de leitura de um conteúdo na Internet, existe um movimento paradoxal acontecendo chamado *Longform*.

O jornalismo online, habituado aos formatos de notícia fragmentados, facilitado pelas possibilidades do uso de *links* da linguagem hipertextual e hipermediática, há alguns anos vem sendo ocupado por textos jornalísticos mais longos e aprofundados. O chamado *longform* tomou seu lugar na *web* tanto em artigos, como em formatos noticiosos hipermediáticos, tais como a grande reportagem multimídia, seja em sites específicos, seja no jornalismo de referência. (LONGHI; WINQUES, 2015, p. 111).

O termo *Longform* é oriundo do inglês e é utilizado para o aprofundamento de determinado tema ou assunto. Longhi e Winques (2015) afirmam que:

Numa definição mais apurada, *longform* diz respeito a: 1) um nível mais aprofundado de relato, que vai além do padrão cotidiano da produção (jornalística) e 2) narrativas atraentes, frequentemente com elementos multimídia, que realçam o artigo. (LONGHI; WINQUES, 2015, p. 112).

O jornalismo *Longform* consiste em textos longos e aprofundados difundidos na *web*, em que o leitor precisa estar concentrado para realizar a leitura. Existem ferramentas, que facilitam o consumo deste tipo de texto, que se propõem a evitar as distrações da *web*, como ferramentas que possibilitam que o usuário salve o conteúdo para ler mais tarde ou quando estiver offline. “*Longform* exige leitura atenta, e leitura atenta requer um ambiente livre de distrações. Você deve colocar as pessoas longe do computador” (ARMENT apud LONGHI; WINQUES, 2015). Armstrong complementa: “A lógica é simples: dê aos usuários a oportunidade de salvar algo, e eles terão acesso a isso por um longo período, aumentando as probabilidades de que ao longo do tempo irão eventualmente consumir. Isso irá ocorrer no momento e local de sua escolha” (ARMSTRONG apud LONGHI; WINQUES, 2015, p. 119).

O consumo de conteúdo *longform* na *web* não está atrelado ao boom da Internet. Pelo contrário, é um movimento relativamente recente, consolidado na segunda década do século XXI (LONGHI; WINQUES, 2015), e a principal forma de consumo desses conteúdos é em tablet ou smartphone (LONGHI; WINQUES, 2015).

Segundo Chartier,

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro

manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler. (CHARTIER, 1999, p. 12-13).

Quando classificamos um texto jornalístico na *web* como “longo”, significa um sentido mais amplo do que a extensão de parágrafos e palavras. Os autores afirmam que “o texto longo se destaca não apenas pelo formato, mas também pela apuração, contextualização e aprofundamento. Textos com essa característica propõem uma leitura mais lenta e um leitor disposto a dedicar tempo para a mesma” (LONGHI; WINQUES, 2015, p. 113).

O jornalismo *longform* vai muito além do texto longo. A abundância do texto verbal sinaliza um resgate da qualidade, apuração e contextualização já conhecidos do jornalismo impresso, especialmente consagrados pela reportagem. [...] A grande reportagem multimídia, neste sentido, tem sido marcada, dentre outras características, pelo jornalismo *longform* (LONGHI; WINQUES, 2015, p. 118).

As narrativas na *web*, é importante dizer, não são necessariamente apenas textuais. Pelo contrário, é observado um aumento gigantesco no consumo de narrativas audiovisuais na rede, assim como narrativas multimidiáticas. As narrativas no formato *Longform*, por exemplo podem conter inúmeros recursos midiáticos, enriquecendo a narrativa e oferecendo diversos caminhos possíveis para determinado texto, através dos *hiperlinks* e da interatividade, ampliando as possibilidades das narrativas jornalísticas.

3 JORNALISMO DIGITAL

A globalização e o desenvolvimento das tecnologias convergem para uma sociedade cada vez mais conectada. Se os sumérios tinham problemas em armazenar informações devido a tantas tábuas de argila, hoje acessamos informações sobre qualquer assunto que desejarmos dentro do nosso aparelho de celular. Essa possibilidade tornou a busca por informações em livros, revistas, enciclopédias e jornais impressos em uma atividade cada vez mais escassa. A informação agora está ao alcance de um clique: nunca foi tão fácil encontrá-la como nos dias atuais.

A informação, cada vez mais instantânea, está sempre à mão, atualizada e disponível. Ela chega até você o tempo todo em notificações nas telas. E, chega personalizada: tudo escolhido e direcionado para o consumidor.

Essa enorme oferta de conteúdo personalizados, múltiplos e ao alcance de um clique é parte da nossa sociedade atual em que os consumidores são também produtores, classificados por alguns autores, como Toffler, como “prosumidores”. Hoje, mais do que nunca, há uma oferta inigualável de informações disponíveis na *web* (e pouca curadoria sobre o que é de qualidade ou mesmo informação checada).

A comunicação, que é totalmente atrelada às evoluções tecnológicas, tem se transformado à medida que essas tecnologias vêm se popularizando e criando novas possibilidades de fazer jornalismo. O jornalismo feito para a *web*, chamado de ciberjornalismo por alguns autores e de jornalismo digital por outros já possui algumas características bem delineadas por pesquisadores da comunicação (BARDOEL; DEUZE, 2001; CANAVILHAS 2008; DÍAZ NOCI, 2001; FERRARI 2014; HALL, 2001; MACHADO; PALÁCIOS, 2003; SALAVERRIA, 2005). Neste capítulo apresentaremos uma contextualização do jornalismo na *web*, as características fundamentais do jornalismo digital bem como aspectos do leitor digital que acessa as notícias pela *web*.

3.1 BREVE HISTÓRIA DA INTERNET

A Internet foi criada em 1969 pela agência Advanced Reserch Projects Agency (Arpa – Agência de Pesquisa e Projetos Avançados), que consiste em uma organização do

Departamento de Defesa norte-americano focada em pesquisas para o desenvolvimento do serviço militar. A Arpa criou a Arpanet, uma rede nacional de computadores, que tinha como objetivo principal proporcionar uma comunicação emergencial caso os Estados Unidos fossem atacados por outro país, principalmente a União Soviética, em um contexto de Guerra Fria (FERRARI, 2014). Após alguns testes de conexão entre alguns estados, em 1975 a Agência de Comunicações e Defesas dos Estados Unidos assumiu o controle da Arpanet. Ferrari (2014) afirma que a principal missão da agência era a de facilitar a comunicação com o Departamento de Defesa dos Estados Unidos.

Com o crescimento do tráfego de dados dessa rede, cresceu também o número de novos usuários, dentre eles, pesquisadores universitários que faziam pesquisas principalmente na área da segurança e defesa nacional. Posteriormente, novas redes surgiram, como a Bitnet (Because It's Time Network) e a CSNET (Computer Science Network – Rede de Ciência da Computação), que forneceram acesso aos dados digitais para outras universidades dos Estados Unidos, expandindo a rede de usuários (FERRARI, 2014).

A National Science Foundation (NSF) desenvolveu uma rede que conectou pesquisadores dos Estados Unidos através de grandes centros de informática e computadores. Essa ação foi chamada de NSFNET e ocorreu em 1986. Ela é considerada uma significativa contribuição para a expansão da Internet (FERRARI, 2014).

Essas redes iniciais trafegavam dados, voz (telefonia), fibras ópticas, micro-ondas e *links* de satélites (FERRARI, 2014). Essas redes eram chamadas de *superhighways*, e dialogavam entre si, atuando principalmente na comunidade acadêmica e em serviço ao governo.

A expansão da NSFNET foi contínua e nos anos 90 do século XX já contabilizavam mais de oitenta países conectados à rede. Paralelo a estes movimentos, Tim Burners-Lee estava trabalhando na invenção da *World Wide Web* (WWW), que é a base para a Internet como a conhecemos hoje. Em 1980, Tim Bruners-Lee criou o *Enquire*, um programa que tinha como objetivo organizar as informações na rede. Este sistema incluía informações que continham *links*. Em 1989, propôs a WWW.

O cenário no final dos anos 80 era este: muitos computadores conectados, mas principalmente computadores acadêmicos instalados em laboratórios e centros de pesquisa. A internet não tinha a cara amigável que todos conhecem hoje. Era uma interface simples e muito parecida com os menus do BBS. Mas, enquanto o número de universidades e investimentos aumentava em progressão geométrica, tanto na capacidade dos hardwares, como dos softwares usados nas grandes redes de computadores, outro núcleo de pesquisadores, até bem modesto, criava

silenciosamente a *World Wide Web* (Rede de Abrangência Mundial), baseada em hipertexto e sistemas de recursos para a internet. (FERRARI, 2014, p. 16).

Em 1990, Robert Calliau propôs o sistema do *Hipertexto Cern*, colaborando com o desenvolvimento gráfico da WWW (FERRARI, 2014). Dois anos depois, o pesquisador Jean François Groff em conjunto com Tim Burners Lee no projeto InfoDesign desenvolveram inovações de design e arquitetura para a rede, tendo importância fundamental na versão original da WWW (FERRARI 2014). Paralelo a este movimento, em 1992, o Software Development Group (Grupo de Desenvolvimento de Softwares) do National Center for Supercomputer Applications (NCSA – Centro Nacional de Aplicações para Supercomputadores) inaugurou o College, que consistia em um grupo de pesquisadores objetivando estudar e explorar a WWW.

O pesquisador Marc Andreessen criou o Mosaic, que em 1993 era a interface ideal para o ambiente gráfico. “Estável, fácil de instalar e trabalhar com imagens simples em formato gráfico bitmap. Os *sites* tinham quase sempre fundo cinza, imagens pequenas e poucos *links*, mas, para os visionários, como Lee e Andreessen, vivíamos o início da internet que conhecemos hoje.” (FERRARI, 2014, p. 17).

O desenvolvimento gráfico estava apenas começando. O termo “portal” foi criado em 1997, e fazia alusão a uma “porta de entrada”. No ano seguinte diversos *sites* de busca começaram a colocar conteúdo na página de entrada para reter o leitor, como o Yahoo!. A adição de recursos para manter o usuário na página por mais tempo, tem sido, desde então, uma tendência dos *sites* e mecanismos de buscas, para prender a atenção do usuário. Chats e outros serviços disponíveis nos *sites* foram algumas dessas iniciativas iniciais.

O crescimento da WWW foi tão rápido e não parou desde então. Em 1996, já existiam 56 milhões de usuários no mundo. Naquele mesmo ano, 95 bilhões de mensagens eletrônicas foram enviadas nos Estados Unidos em comparação às 83 bilhões de cartas convencionais postadas nos correios, segundo dados da Computes Industry Almanac. (FERRARI, 2014, p. 17).

Ferrari (2014) demonstra este crescimento rápido da internet comparando o número de computadores conectados ao redor do mundo: em 1993, havia 1,7 milhão. Em 1997, 20 milhões. A realidade hoje, no Brasil, mostra dados ainda mais surpreendentes: de acordo com estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas (2018)⁵, o Brasil já possui mais de um dispositivo ativo por habitante. Segundo a pesquisa, no Brasil, em 2018, existiam 394 milhões de dispositivos ativos, entre eles, computador, *notebook*, *tablet* e *smartphone*, somando 1,9 dispositivo por habitante.

⁵ Disponível em: www.fgv.br/cia/pesquisa

3.2 BREVE HISTÓRIA DO JORNALISMO DIGITAL

Atualmente, existem diversos modelos e características peculiares do jornalismo feito para a *web*, mas não foi assim desde o início da popularização da Internet. A maioria dos *sites* e portais jornalísticos começaram simplesmente reproduzindo os conteúdos dos jornais impressos para a Internet. Canavilhas (2006) afirma que:

No momento em que ocorre o grande boom da Internet, os jornais já tinham as suas notícias digitalizadas pelo que, quase sem custos adicionais, avançaram para edições online disponibilizando as mesmas notícias da versão impressa. (CANAVILHAS, 2006, p. 4).

Canavilhas associa tal prática ao contexto mercadológico da *web* naquele momento, que apresentava inúmeras dificuldades de viabilização econômica dos portais, de forma que reproduzir as notícias do meio impresso para a Internet e continuar utilizando técnicas do jornalismo escrito tradicional se configurava em uma opção natural.

No sector da emissão, as dificuldades inerentes à viabilização económica dos meios online levou as empresas a recorrerem aos conteúdos já existentes e o elemento comum aos vários meios – imprensa escrita, rádio e televisão – é o texto que serve de base às notícias. Desta forma, foi com alguma naturalidade que o jornalismo na *web* se desenvolveu num modelo muito semelhante ao do jornalismo escrito, adoptando as mesmas técnicas de redação usadas na imprensa escrita. (CANAVILHAS, 2006, p. 4).

Conforme supracitado, nos Estados Unidos, a criação de portais de conteúdo jornalísticos surgiu como forma de reter o leitor na página, como o Yahoo!. Já no Brasil, a maioria dos portais começou dentro de empresas jornalísticas consolidadas. (FERRARI, 2014) O primeiro portal jornalístico em território nacional foi o “Jornal do Brasil”, em 1995. Em seguida, o jornal “O Globo” também fez sua versão *web*, paralelo ao ingresso da “Agência Estado” na Internet, uma agência de notícias pertencente ao Grupo Estado (FERRARI, 2014).

[...] a imprensa brasileira [é] composta por grandes conglomerados de mídia, na maioria oriundos de empresas familiares. Esses mesmos detêm, também, a liderança entre os portais – e por isso são informalmente chamados de 'barões da internet brasileira'. (FERRARI, 2014, p. 24).

Foram os grandes grupos da imprensa tradicional brasileira que iniciaram o jornalismo na Internet no Brasil, como a Editora Abril, o Grupo Estado e as Organizações

Globo. Na virada do século XX, grupos internacionais investiram em portais brasileiros, como o “iG” e a StarMedia.

“De 1997 até o final de 2000, os grandes *sites* de conteúdo brasileiros, assim como os norte-americanos, miraram sua pontaria na oferta abundante de conteúdo, mais voltado ao volume de notícias do que ao aprofundamento da matéria”. (FERRARI, 2014, p. 28). No entanto, essa tendência começou a assumir novos contornos a partir de 2001. Ferrari afirma que “o mercado passou a preocupar-se mais seriamente com a integração entre conteúdo de qualidade, design acessível e viabilidade financeira” (FERRARI, 2014, p. 28).

De acordo com Ferrari: “apenas numa etapa posterior é que começaram a surgir veículos realmente interativos e personalizados.” (FERRARI, 2014, p. 23).

O primeiro jornal a produzir conteúdo personalizados na Internet foi o jornal The Wall Street Journal, nos Estados Unidos, que lançou em 1995 o “primeiro jornal com tiragem de um exemplar” (FERRARI, 2014, p. 23). Este jornal online tinha como premissa a personalização do conteúdo, escolhido pelo próprio assinante de acordo com suas preferências. Funcionava assim: o assinante escolhia suas áreas de interesse e recebia um portfólio pessoal com notícias dos assuntos escolhidos por ele.

Hoje, o jornalismo na *web* possui características próprias que se adaptam ao meio e à cultura digital. Canavilhas (2006) aponta que os principais desafios do jornalismo digital hoje são: o acesso, já que é necessário possuir Internet e dispositivos para acessar o conteúdo; e as competências midiáticas necessárias para a compreensão do conteúdo multimídia. Segundo o autor, “a introdução de uma nova linguagem implica o domínio de novas competências narrativas, linguísticas, iconográficas e estéticas o que, provavelmente, vai levar algum tempo.”

Para desbravarmos o jornalismo digital em texto, precisamos primeiro compreender como tem sido feita a leitura destes consumidores de informação na *web*.

3.3 A LEITURA NA WEB E O LEITOR DIGITAL

O objeto de estudo deste trabalho envolve o jornalismo em texto na *web*, fazendo-se essencial a compreensão da leitura de conteúdo na *web*, assim como o entendimento de como se comporta o leitor digital, já que a informação será inevitavelmente transformada e adaptada para os novos hábitos de leitura. A tecnologia, a disseminação de conteúdos e os hábitos de

leitura são elementos intrinsecamente conectados. De acordo com Chartier (1998), a revolução tecnológica atual, afeta diretamente o texto, a forma como as pessoas leem e escrevem.

Os gestos mudam segundo tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 1998, p. 7).

Se no século passado a escrita de textos jornalísticos tinha como premissa o Lead no início do texto, na *web*, a tendência é outra. Não existe mais a limitação física do espaço disponível para o texto e tampouco dificuldades tecnológicas que induzem o jornalista a segmentar seus textos para que sejam lidos na íntegra. As modificações na leitura passam por diversos fatores tecnológicos, sociais e do próprio fazer jornalístico. E, as mudanças tecnológicas que estamos experimentando neste momento atual modificam nossa relação com o texto.

Segundo Machado e Palácios (2003), a internet deve ser compreendida como uma rede híbrida, com sua própria dinâmica de funcionamento, e não apenas como um suporte tecnológico. Na internet, os espaços são fluidos, os usuários são fontes cada vez mais presentes e móveis, a informação é atualizada e editada mesmo depois de sua publicação e isso gera modificações no que diz respeito à produção e distribuição da informação principalmente de conteúdos jornalísticos (WINQUES, 2016).

Se no século passado a mídia tradicional ainda se baseava em um receptor essencialmente passivo, hoje, a realidade na *web* é outra: todos são potenciais produtores e receptores. Como consequência, a própria forma de leitura e escrita sofre transformações: o leitor comum, hoje, pode compartilhar o texto disponível na *web* de seu jornalista ou escritor favorito acrescentando sua opinião e comentários, criando novos sentidos à publicação original.

De acordo com Barthes (2004), o texto é uma produção composta pelo tecido de significantes que a compõem, em que o leitor e produtor interagem em um jogo de palavras intertextual. “[...] o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro.” (BARTHES, 2004, p. 17).

Barthes fala sobre um texto ideal, liberto das amarras que a submissão à obra literária impõe, consolidando a independência do texto de instituições que buscam controlá-lo, como, inclusive, a literatura (FIGUEIREDO, 2010).

Ao falar de um texto ideal [Barthes], em que as redes seriam múltiplas e se entrelaçariam, sem que nenhuma pudesse encobrir as outras, de um texto que não tem início, sendo reversível, no qual penetramos por diversas entradas, sem que nenhuma possa ser considerada a principal, mobilizando códigos que se perfilam a perder de vista, remete o leitor do início do século XXI, inevitavelmente, para os novos modelos de textos da internet. (FIGUEIREDO, 2010, p. 14).

Dessa forma, podemos observar que a vanguarda teórica já havia previsto o fenômeno que ocorre hoje na internet: Um texto produzido e disseminado na *web* tem inúmeras aberturas. Um texto, hoje, pode conter *hiperlinks* que trazem informações complementares àquele conteúdo, gerando a oportunidade de navegar por inúmeros outros textos através deste primeiro (não necessariamente do mesmo autor ou instituição). Além disso, um texto escrito pode conter recursos imagéticos e multimidiáticos abertos, agregando valor àquele conteúdo.

Atualmente, o texto pode ser visto como intertexto que pode assumir diferentes sentidos, em contraste com a ideia do texto como uma obra fechada, com sentido finito após sua conclusão. Na *web*, os textos são editáveis depois de publicados, podem ser compartilhados e difundidos por qualquer pessoa (que têm o poder de acrescentar comentários e opiniões no momento do compartilhamento, criando novos sentidos para estes textos). “Cada vez mais o texto vai deixando de ser considerado uma obra fechada em si, para ser visto a partir de suas conexões no interior de uma ampla rede formada por inúmeros outros textos”. (FIGUEIREDO, 2010, p. 15).

Com a Internet, a velocidade da informação aumentou consideravelmente. O fato acontece agora e em segundos está na rede, ultrapassando os veículos de comunicação estendendo-se para o usuário comum. Essa velocidade torna o texto cada vez mais descartável (já que a definição de “atual” está cada vez mais instantânea). O Twitter é uma das demonstrações desta velocidade e fragmentação: sua mensagem é publicada instantaneamente e pode ter até 280 caracteres. A rede social tem sido usada, inclusive, como um canal em que grandes autoridades se comunicam com seu público.

A presença do texto escrito é amplamente permeada entre os produtos comunicacionais da *web*. O texto se encontra desde o momento em que você abre a página da busca de pesquisas da *web* e é necessário digitar (escrever) o que deseja encontrar. As empresas de tecnologia estão buscando facilitar e democratizar ainda mais o acesso à informação na *web* com a aplicação de recursos como o uso de um microfone de voz para a pesquisa em *sites* de

buscas, por exemplo. Porém, se levarmos em consideração as redes sociais, até para se cadastrar no *site* o indivíduo precisa ser minimamente alfabetizado para preencher seus dados pessoais, compreender o que está sendo solicitado e interagir com a máquina.

Vivemos numa sociedade que se alimenta da circulação da informação, nomeadamente da informação escrita, e que distingue os seus membros pelos seus níveis de acesso a esta, bem como de capacidade de uso dessa mesma informação. É, pois, natural que se atribua às capacidades de compreensão e de produção da escrita um interesse cada vez mais proeminente. (MARTINS, 2008, p. 235).

O processo de leitura na *web* deve ser compreendido levando em conta o leitor, o produtor e o próprio texto (leitor e produtor estes que podem assumir os dois papéis em uma circularidade única proporcionada pela *web* e as possibilidades de intervenção, disseminação e produção do conteúdo escrito).

No que se refere ao processo de leitura, deve-se compreender de que maneira o leitor, o escritor e o texto contribuem para ele, uma vez que a leitura implica uma “transação” entre o leitor e o texto. Assim, as características do leitor são tão importantes para a leitura como as características do texto, sendo que a capacidade de um leitor em particular é obviamente importante para o sucesso do processo. Todavia, também é importante o propósito do leitor, a cultura social, o conhecimento prévio, o controle linguístico, as atitudes e os esquemas conceituais que possui e as habilidades e competências em geral. (CUNHA, 2006, p. 298).

Machado e Palácios (2003) chamam a atenção para a necessidade de designar o conjunto de processos que envolvem o leitor de um jornal na Internet.

Diante de um computador conectado à Internet e ao acessar um produto jornalístico, o Usuário estabelece relações: a) com a máquina; b) com a própria publicação, através do hipertexto; e c) com outras pessoas – autor(es) ou outro(s) leitor(es) – através da máquina (LEMOS, 1997; MIELNICZUK, 1998 apud MACHADO; PALÁCIOS, 2003, p. 4).

A leitura e escrita na *web* ocorre de forma distinta da leitura de meios impressos. Na Cultura Digital, o consumo de conteúdos textuais possui algumas características. Uma delas, apontada por Lévy (1999), é a leitura não linear dos conteúdos. Cada leitura é única: o leitor faz o seu próprio caminho textual, transitando livremente entre páginas, abas e *hiperlinks*, sem um começo e um fim pré-determinados. Inúmeras características do meio e da cultura digital influenciam no consumo e escrita dos textos jornalísticos: a cultura do consumo de informações gratuitas na Internet e a própria lógica de mercado onde se situa o ciberjornalismo também interfere na produção da informação em texto, demarcando um território fértil para compreensão das relações entre os prosumidores e a informação textual na internet.

Ferrari (2014) faz uma analogia entre o ciberespaço e grandes shoppings centers: em ambos são oferecidos “diversão, lazer e uma infinidade de serviços” (FERRARI, 2014). A analogia consiste na organização dos portais e dos corredores do shopping, apontando que os portais também são divididos em “grandes âncoras e canais, como nos grandes centros comerciais onde existem as praças de alimentação, as redes varejistas, as alamedas de serviços com sapataria, chaveiro, lavanderia e as lojas genéricas” (FERRARI, 2014, p. 18) Dessa forma, o consumidor do shopping center vai se divertir no cinema, por exemplo e passando pelos corredores pode consumir mais alguma coisa, comprar uma roupa, fazer um lanche e contratar serviços que está precisando. Os leitores digitais se comportam de forma parecida na rede. Ferrari afirma: “Os leitores digitais se comportam de maneira parecida: dão uma olhada nas manchetes, leem o horóscopo, entram em alguma área que chamou a atenção na *home page* e assim sucessivamente. A informação é absorvida sem grande comprometimento com a realidade.” (FERRARI, 2014, p. 19).

Castells afirma que existem dois tipos principais de navegantes no ciberespaço: os que buscam determinada informação específica e vão direto a ela e o grupo dos que navegam na rede buscando vagamente um assunto e, nessa busca, podem desviar para outros *links* e *sites* mais interessantes, dispersando da busca inicial. Castells chama esse segundo grupo de “navegantes de pilhagem”, e Ferrari (2014) afirma que esses navegantes são os típicos leitores de portais jornalísticos.

Neste contexto, ganha destaque o recurso do hipertexto. Através dele, o leitor pode escolher quais são os caminhos que irá percorrer na leitura, de acordo com o que ele considerar como interessante e relevante para se aprofundar. De acordo com Ferrari (2010) através da hipertextualidade o leitor pode fazer as chamadas leituras não lineares, podendo escolher o que e como deseja ler determinado conteúdo. “Na internet não nos comportamos como se estivéssemos lendo um livro, com começo, meio e fim. Saltamos de um lugar para outro – seja na mesma página, em páginas diferentes, línguas distintas, países distantes etc.” (FERRARI, 2010, p. 44).

A leitura não linear aumenta a maleabilidade da leitura, diminuindo o tempo de atenção do leitor, ocasionando em textos cada vez mais curtos, diretos, atraentes e segmentados. Alguns autores acreditam que este fato só modifica a forma de leitura, mas as pessoas podem acabar lendo ainda mais nas redes.

[...] os jovens nunca leram tanto quanto atualmente, pois se recorre muito a mensagens de texto, *sites* de fofoca e notícias, fóruns de discussão, e-mails e “chats”, mas essa leitura é curta, simples e divide a atenção com outros recursos midiáticos. Ao mesmo

tempo, acredita-se que uma leitura no digital mais longa e exigente, em nível de profundidade de raciocínio, pode se tornar demorada, tediosa e desinteressante. Por isso, inúmeros estudiosos tendem a caracterizá-la como: fragmentada e não-linear. (ALTIERI, 2013, p. 8).

Esse tipo de informação em texto, também disponível nos portais jornalísticos, de acordo com Ferrari, é uma informação “leve”, tranquila, “sem riscos”.

Criamos uma sociedade que absorve uma informação sem dor, sem riscos. Uma informação “limpinha”, ou seja, que não tem “cheiro”, pistas ou histórico – dificilmente nos portais encontramos aspás ou entrevistados defendendo uma opinião na internet. Quando 'sobe' para a *web*, a reportagem já veio escrita, reescrita e 'consertada' para aquele padrão de veículo; tudo apresentado em fragmentos, como em um videoclipe da MTV, bonito, jovem, bem-nascido e sem compromisso. (FERRARI, 2014, p. 23).

O leitor digital é alimentado de informações “leves” inclusive por portais jornalísticos que adaptaram a informação dos antigos cadernos jornalísticos, contribuindo para a formação deste novo leitor, que Ferrari chama de “leitor passivo”. A autora afirma:

Mesmo sendo 'usáveis', ou seja, leves no tempo de download e razoavelmente organizados a partir de uma navegação (que não foi projetada para a *web*, mas adaptada dos cadernos dos jornais como Cultura, Economia, Política, Classificados, Esportes, etc.), os portais são os maiores contribuintes para a formação desse leitor passivo e acostumado a dar uma olhada em diferentes janelas, mesmo sem se aprofundar em nada. (FERRARI, 2014, p. 23).

Ferrari (2014) afirma que os portais jornalísticos fazem um movimento estratégico para manter a atenção do leitor digital e formar comunidades desses mesmos leitores, fomentando o engajamento e possível aprofundamento no assunto em questão.

Os portais tentam atrair e manter a atenção do internauta ao apresentar, na página inicial, chamadas para conteúdos díspares, de várias áreas e de várias origens. A solução ajuda a formar 'comunidades' de leitores digitais, reunidas em torno de um determinado tema e interessadas no detalhamento da categoria de conteúdo em questão e seus respectivos *hiperlinks* que surgem em novas janelas de browser. (FERRARI, 2014, p. 28).

Em relação à estrutura narrativa do jornalismo *Longform*, que tem como premissa a leitura de textos mais longos e não tão “leves”, Longhi e Winkes afirmam ter dois padrões principais de leitura: verticais e horizontais. Segundo os autores:

Tanto na forma de artigos como em grandes reportagens multimídia, o jornalismo *longform* institui uma narrativa que tem variado em dois padrões de leitura. No caso específico das grandes reportagens multimídia, tais narrativas podem ser de dimensões verticais ou horizontais. Considera-se narrativa verticalizada, aquela em que a leitura se dá pela barra de rolagem ou *scrolling*. Entende-se como narrativa

horizontal, aquela feita a partir de capítulos ou seções. Tais direções de leitura, entretanto, em alguns casos, aparecem simultaneamente em grandes reportagens multimídia mais recentes, produzidos a partir de 2012. (LONGHI; WINQUES, 2015, p. 121).

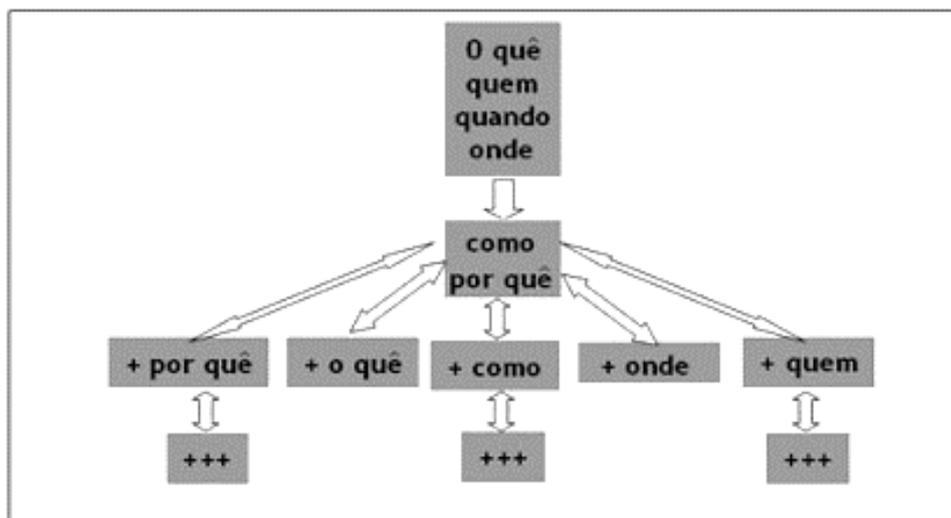
A possibilidade de aprofundamento na leitura através dos *hiperlinks* enche os olhos de estudiosos como Canavilhas (2006), que propôs o modelo de “Pirâmide Deitada” para o jornalismo em texto na *web*, em contrapartida à Pirâmide Invertida, usada nos meios impressos.

O autor afirma:

Nas edições online o espaço é tendencialmente infinito. Podem fazer-se cortes por razões estilísticas, mas não por questões espaciais. Em lugar de uma notícia fechada entre as quatro margens de uma página, o jornalista pode oferecer novos horizontes imediatos de leitura através de ligações entre pequenos textos e outros elementos multimídia organizados em camadas de informação. (CANAVILHAS, 2006, p. 7).

A proposta da Pirâmide Deitada bebe na fonte de pesquisas do teórico Darnton (apud CANAVILHAS, 2006), que estudava a importância do hipertexto em publicações acadêmicas, e Canavilhas observou que tal arquitetura fazia perfeito sentido ao tratarmos do webjornalismo. A arquitetura proposta por Canavilhas é baseada em uma pesquisa realizada pelo autor em que foram disponibilizados diferentes *hiperlinks* de aprofundamento para o *lead* tradicional, da seguinte forma (Figura 7):

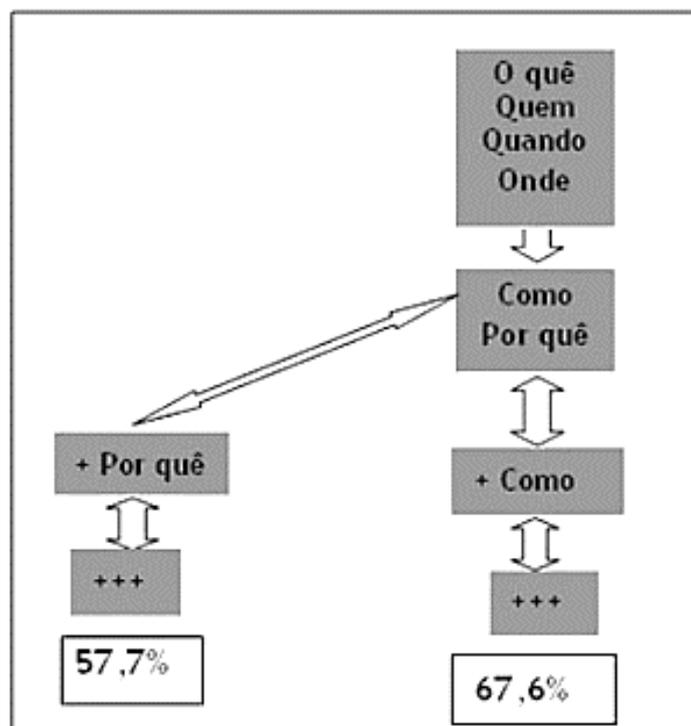
Figura 7 – Modelo e pirâmide deitada



Fonte: CANAVILHAS, 2006 p. 9

Dessa forma, o leitor poderia fazer o caminho que desejasse para se aprofundar nas perguntas do *lead*, sendo instruído para os participantes da pesquisa que “deveriam ler a notícia da forma como o fazem habitualmente, não havendo limite de tempo para a leitura” (CANAVILHAS, 2006, p. 9). Como um dos resultados da pesquisa, foi observado que o percurso de leitura variava consideravelmente de leitor para leitor (77% dos participantes seguiam o seu próprio percurso de leitura, e foram observados 22 percursos de leitura diferentes). De acordo com Canavilhas (2006, p. 11) “apesar da notícia ter sido construída numa lógica de camadas de informação, os leitores optaram por seguir determinados assuntos até ao limite da informação disponível, seguindo os *links* embutidos e saltando de nível de informação”, conforme demonstrado na Figura 8, a seguir.

Figura 8 – Percurso adotado por leitores



Fonte: CANAVILHAS, 2006, p. 12

Porém, ainda que o percurso de leitura na *web* seja livre entre um *site* e outro, dentro de um mesmo conteúdo, este percurso só será não-linear se houver mais de um eixo, ou seja, se houver a presença de *hiperlinks* e uma estrutura hipertextual. Canavilhas afirma que existem três variações dessas estruturas hipertextuais: lineares, reticulares ou mistas (DIAS NOCI; SALAVERRIA apud CANAVILHAS, 2006).

O grau de liberdade de navegação é condicionado, uma vez que o leitor não pode saltar de um eixo para outro. Se existir apenas um eixo, teremos uma estrutura unilinear. Se existirem vários eixos, a estrutura passa a ser multilinear, com várias histórias contadas em diferentes eixos sem ligação entre si. Como o próprio nome indica, uma estrutura reticular não tem eixos de desenvolvimento predefinidos: trata-se de uma rede de textos de navegação livre que deixa em aberto todas as possibilidades de leitura. Por fim, as estruturas mistas apresentam níveis do tipo linear e outras de tipo reticular. A leitura perde algum grau de liberdade quando comparada com o modelo anterior, mas tem a vantagem de oferecer “pistas de leitura” bem definidas. (CANAVILHAS, 2006, p. 11).

De acordo com o autor, o comportamento observado na pesquisa aponta para mudanças nos paradigmas em relação à leitura e à construção da notícia da imprensa escrita.

Se no papel, a organização dos dados evolui de forma decrescente em relação à importância que o jornalista atribui aos dados, na *web* é o leitor quem define o seu próprio percurso de leitura. A técnica da pirâmide invertida, preciosa na curta informação de última hora, perde a sua eficácia em webnotícias mais desenvolvidas, por condicionar o leitor a rotinas de leitura semelhantes às da imprensa escrita. (CANAVILHAS, 2006, p. 12).

Dessa forma, o autor propôs o modelo de “Pirâmide Deitada”, que consiste em:

Se o eixo vertical que vai do vértice superior à base da pirâmide invertida significa que o topo é mais importante que a base, então [na *web*] a pirâmide deve mudar de posição, procurando-se desta forma fugir à hierarquização da notícia em função da importância dos factos relatados. Como se viu, os dados recolhidos indiciam que a organização escolhida pelo jornalista não coincide com o interesse do leitor, pelo que a técnica da pirâmide invertida pode significar a perda de leitores, uma das razões que justificam a sua utilização no papel. No *webjornalismo*, a quantidade (e variedade) de informação disponibilizada é a variável de referência, com a notícia a desenvolver-se de um nível com menos informação para sucessivos níveis de informação mais aprofundados e variados sobre o tema em análise. (CANAVILHAS, 2006, p. 13).

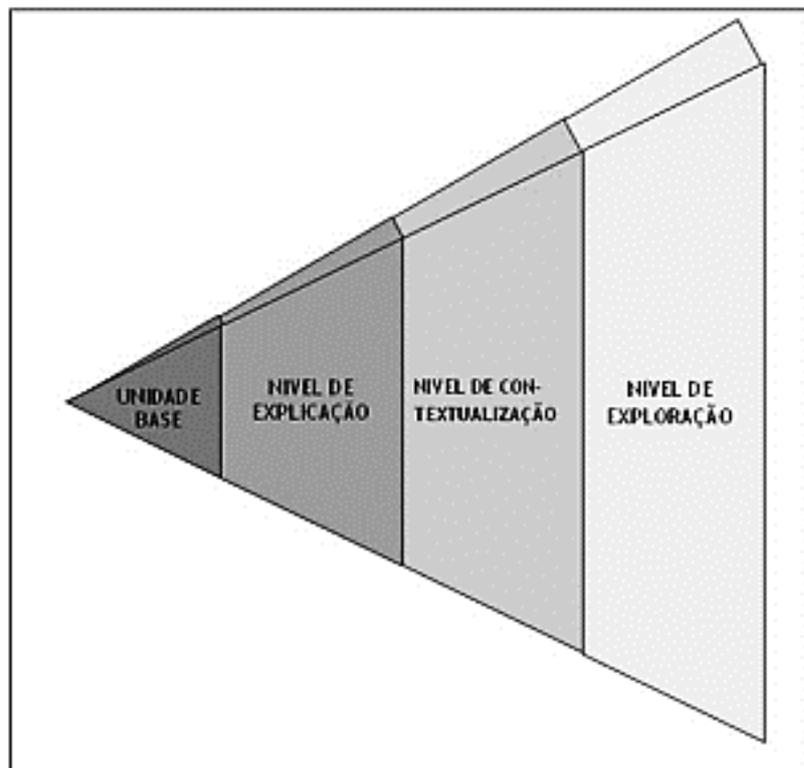
O autor afirma que a organização do texto na *web* não prevê “uma organização dos textos em função da sua importância informativa, mas uma tentativa de assinalar pistas de leitura” (CANAVILHAS, 2006, p. 14).

Por aproximação à representação gráfica da técnica da pirâmide invertida, verificamos que esta arquitectura sugere uma pirâmide deitada. Tal como acontece na pirâmide invertida, o leitor pode abandonar a leitura a qualquer momento sem perder o fio da história. Porém, neste modelo é-lhe oferecida a possibilidade de seguir apenas um dos eixos de leitura ou navegar livremente dentro da notícia. (CANAVILHAS, 2006, p. 14).

A proposta da Pirâmide Deitada de Canavilhas pressupõe quatro níveis de leitura, sendo eles: O primeiro é chamado de “Unidade Base”, que responderá quatro das cinco perguntas do *lead* (O quê, Quando, Quem e Onde). O autor afirma que “este texto inicial pode ser uma notícia de última hora que, dependendo dos desenvolvimentos, pode evoluir ou não

para um formato mais elaborado” (CANAVILHAS, 2006, p. 15); O segundo nível de leitura é o “Nível de Explicação”, que responderá às perguntas Por Quê e Como da notícia, completando a informação essencial sobre a notícia. No terceiro nível de leitura, chamado “Nível de Contextualização” será oferecido mais informações, que podem ser em formato multimidiático, sobre cada uma das perguntas anteriores. O último nível de leitura é chamado de “Nível de Exploração” e liga a notícia em questão ao arquivo da publicação ou a arquivos externos. (CANAVILHAS, 2006, p. 15). O modelo de leitura da Pirâmide Deitada pode ser visualizado conforme a Figura 9, a seguir:

Figura 9 – Modelo de leitura da pirâmide deitada



Fonte: CANAVILHAS, 2006, p. 15

Segundo Canavilhas, essa arquitetura exige um novo tipo de jornalista. O autor afirma que este deve ser:

um profissional que tem neste tipo de trabalho uma alta percentagem de documentalista, que seja capaz de expor com eficácia o relato dos acontecimentos e os comentários produzidos nos distintos suportes possibilitados pelo ecrã do computador. Em suma, a pirâmide deitada é uma técnica libertadora para utilizadores, mas também para os jornalistas. Se o utilizador tem a possibilidade de navegar dentro da notícia, fazendo uma leitura pessoal, o jornalista tem ao seu dispor um conjunto de

recursos estilísticos que, em conjunto com novos conteúdos multimídia, permitem reinventar o *webjornalismo* em cada nova notícia. (CANAVILHAS, 2006, p. 16).

Neste sentido, Ferrari (2014) ilustra:

Você percebe que está imerso no mundo virtual quando, ao dirigir seu carro em direção ao supermercado, ouve pelo rádio a notícia de um acidente com um avião na pista do aeroporto e, imediatamente, estaciona para ligar do celular para o plantonista da redação. Dita a notícia que anotou naquele bloquinho sempre à mão e indica uma visita aos *sites* de trânsito para verificar se a área foi isolada. Em seguida, pede para pôr a nota no alto da tela, olhar a concorrência e também preparar uns hipertextos sobre acidentes aéreos com o resumo dos mais graves nos últimos anos. Aproveita e solicita ao designer, que domina tecnologia Flash, para criar um infográfico animado explicando o que aconteceu. E ainda avisa que, se o assunto crescer é só ligar que você vai correndo para a redação. Imaginem esse tipo de situação todos os dias. Na verdade, você jamais se desliga do trabalho, mesmo quando está andando no parque em pleno domingo. É um estado de alerta permanente. É viver “antenado” com tudo, seja dentro do ônibus voltando para casa ou mesmo no chope com os amigos no sábado à noite. Isso é ser repórter *web*. (FERRARI, 2014, p. 14).

Canavilhas (2006) associa a importância da compreensão do ciberjornalismo em texto à forma mais acessível de informação na *web*, que independe de conexões rápidas, sendo de fácil download e, com isso, amplo acesso a diferentes públicos.

Naturalmente, as publicações apostaram nas notícias baseadas em texto verbal escrito, já que o download das páginas é relativamente rápido mesmo para acessos de baixa velocidade. É por isso que o texto continua a ser o elemento mais usado no jornalismo que se faz na *web*, mas este não é o único motivo para que tal se verifique. (CANAVILHAS, 2006, p. 3).

Dessa forma, o leitor possui inúmeras possibilidades de leitura e interação com outros leitores nos portais realizando uma experiência inédita até então de leitura, interação e disseminação de conteúdo jornalístico.

3.4 O CONTEXTO DO JORNALISMO DIGITAL ATUAL

O avanço tecnológico influencia diretamente na comunicação, principalmente quando tal avanço é fruto de uma revolução tecnológica que afeta diretamente a forma como as pessoas consomem e disseminam informação. E, na Internet, ambiente repleto de informações produzidas pelos seus usuários, o papel do jornalismo de qualidade nunca foi tão importante. Ferrari afirma que “a mídia é nova e está em mutação, por isso o papel do jornalista é fundamental.” (FERRARI, 2014, p. 18). O ciberespaço é permeado por informações

disseminadas por qualquer indivíduo, seja jornalista ou não, em contraste às antigas formas de disseminação da informação, em que o conteúdo publicado era checado e lapidado por jornalistas e editores antes da sua publicação. Essa descentralização da produção da informação torna o ciberespaço um ambiente em que acessar conteúdos jornalísticos de qualidade tem sido um desafio para o leitor, que se vê bombardeado de informações opinativas, publicitárias e até mesmo falsas replicadas na *web*. Nesse sentido, o papel do jornalismo e do jornalista mostra-se fundamental para garantir a checagem dos fatos e o direito básico de todo cidadão a ter acesso à informação de qualidade. Adghimi (2002) afirma que o exercício do jornalismo e o lugar do jornalista tem sido ressignificado na Internet, principalmente devido aos novos contornos da informação no ciberespaço.

Centenas de jornalistas online trabalham sem parâmetros legais rompendo diariamente com o código convencional do jornalismo tradicional. Textos, imagens, sons, programas e bancos de dados podem ser lidos, copiados, recopiados e enviados livremente no ciberespaço. Todos estes novos suportes modificam a maneira de tratar a informação. (ADGHINI, 2002, p. 138).

O jornalista não é o único profissional na *web* pago para produzir informações. Existem profissionais chamados “produtores de conteúdo” difundidos no ciberespaço, pagos para produzirem textos publicitários, artigos de marketing de conteúdo, listas enumeradas e diversos outros tipos de conteúdo, muitas vezes mimetizando conteúdos jornalísticos. “A Internet não elimina apenas as noções de espaço/tempo. Ela confunde as fronteiras entre jornalistas profissionais (diplomados pelas faculdades e reconhecidos pelos sindicatos) e ‘produtores de conteúdos’, segundo a definição das empresas”. (ADGHIMI, 2002, p. 138).

Muitas vezes, essa diluição das fronteiras entre o jornalista e o produtor de conteúdo acontece através dos próprios jornalistas. Diante de poucas opções rentáveis no mercado, muitos jornalistas assumem a função de redatores para blogs ou “produtores de conteúdo”, produzindo conteúdos informativos para a *web*, mas não necessariamente jornalísticos. De acordo com Nonato (2018, p. 5), “a cada ano amplia-se a redução do número de vagas oferecidas aos jovens recém-formados, obrigando-os a encontrarem novos locais, formas e métodos de trabalho”. Nonato (2018) complementa:

O vínculo de trabalho destes profissionais sofreu grandes transformações nas últimas décadas, como o aumento no número dos contratos de trabalho por projetos ou por tempo determinado (os freelancers), a exigência pela apresentação de notas fiscais de empresas jurídicas (ou PJ), além da propagação de um discurso em prol do empreendedorismo, entre outras formas de redução do contrato de trabalho com registro em carteira. (NONATO, 2018, p. 5).

Inserido neste contexto encontra-se a transformação mercadológica do jornalismo oriunda da revolução digital. Na internet, a audiência é metrificada pelo número de acessos, de visualizações da página e do tempo de retenção do indivíduo em determinado conteúdo. Antes, era necessário vender o jornal inteiro mesmo para o leitor que desejasse ler apenas determinada coluna. Hoje, este mesmo leitor acessa a página desejada e faz sua leitura (que pode ou não se estender para outras páginas e até mesmo outros jornais). Essa transformação da forma de consumo da informação afetou a lógica mercadológica do jornalismo, transformando a notícia isolada em um produto.

Essa tendência é amparada pela ressignificação mercadológica da notícia enquanto informação. Hoje, o termo “informação” em substituição à “notícia” está sendo amplamente difundido na *web* e isso “traduz uma concepção e um modo de fazer jornalismo totalmente vinculado ao mercado e às necessidades do cliente, do ‘usuário da informação’, conforme está sendo chamado aquele que era o leitor da notícia” (ADGHIMI, 2002, p. 140). Segundo Adghimi: “A adoção das tecnologias de informação e comunicação, com um sentido operacional voltada para o mercado, bem como a visão comercial do jornal como usina de informação, causaram uma transformação no jornalismo brasileiro de grandes proporções” (ADGHIMI, 2002, p. 140).

Anand (2018) publicou em seu livro “*As armadilhas do conteúdo*” uma entrevista com o CEO de um jornal online norte-americano (Deseret News) que tangencia essa transformação do jornalismo enquanto usina de informação, oriunda da visão mercadológica:

[...] os jornais eram monopólios naturais devido aos classificados. Nunca tiveram que pensar sobre o custo do produto principal. Conheciam apenas o custo geral da redação. Nunca tinham determinado os gastos com base no custo por notícia. [...] Na internet, o mercado informa as matérias lidas a cada dia [...] então fizemos os cálculos, que não eram muito complexos. A empresa dividiu o custo total de um funcionário pelo número de matérias produzidas por cada pessoa e obteve uma medida de produtividade ou custo por matéria. Foram coletados dados sobre o tráfego de cada matéria, criando-se uma matriz de dois por dois: público por matéria versus custo por matéria. (ANAND, 2018, p. 244).

Seguindo a lógica mercadológica atual, as notícias e os artigos se transformaram em produtos. E, essa lógica se baseia no mínimo de gasto visando ao máximo de lucro e, isso se traduz no mínimo de trabalho e gasto pelo jornalista visando ao máximo de *views*, de audiência online. Gary S. Becker, ganhador do prêmio Nobel de Economia em 1992 e professor de Universidade de Chicago previra este fenômeno ao afirmar que “a internet grátis é uma das utopias deste início de século. Antes de dez anos, no máximo, as atividades ligadas à teia serão essencialmente mercantis” (BECKER apud ADGHIMI, 2002 p. 141). Christofolletti confirma:

Deve-se considerar ainda que o mercado jornalístico absorveu com alguma relutância a noção de que a notícia é um produto, que seu processo de produção se dá em larga escala e que, para a sobrevivência das empresas do ramo e do jornalismo em geral, é necessário atingir padrões mínimos de qualidade na oferta dos serviços. (CHRISTOFOLETTI, 2010, p. 5).

Nesse sentido, Ferrari acrescenta:

O grande problema é que, degradado em 'informação', o conhecimento não deu sinais de ser economicamente rentável e estimulante. O colapso da Nova Economia faz sentido, portanto. Diferentemente de bens materiais e serviços prestados, a informação online não é reproduzível em geração de valor como objeto econômico. (FERRARI, 2014, p. 19).

O próprio funcionamento e a cultura do ciberespaço contribuem para que estas transformações aconteçam. De acordo com Holiday “a forma como a notícia deve ser apresentada – para conseguir lidar com as restrições técnicas do meio e as exigências de seus leitores – determina a própria notícia.” (HOLIDAY, 2012, p. 114). Conforme supracitado, a forma como as pessoas leem na Internet, por exemplo, é um dos fatores que contribui para a transformação da mensagem. A leitura na rede difere da forma como as pessoas leem uma notícia no meio impresso. O fato de muitas empresas jornalísticas e demais produtores de conteúdo investirem em conteúdos curtos e de fácil absorção pode ser uma tentativa de adaptação à própria cultura de consumo de conteúdos textuais na *web* à maneira como as pessoas leem na internet. Holiday (2012) explica:

Estudos que acompanharam o movimento dos olhos das pessoas enquanto surfam na internet mostram a [...] inconstância. O maior atrativo para os olhos é o título, do qual os leitores só veem as primeiras palavras antes de continuar. Depois que os usuários saem do título, seu olho tende a descer pela coluna da esquerda, enquanto procura frases que cativem sua atenção. Se nada cativa, eles vão embora. O que desacelera essa descida depreciativa é a forma do artigo – parágrafos pequenos e curtos (uma a duas frases contra três a cinco) parecem encorajar um pouco mais o índice de leitura, assim como uma introdução em destaque ou um subtítulo. Qual blogueiro vai se achar acima de artifícios como listas enumeradas quando são exatamente esses artifícios que parecem manter os leitores na página por alguns preciosos segundos a mais? (HOLIDAY, 2012, p. 118).

Ainda nesse contexto, Holiday (2012) afirma que os produtores de informação (não necessariamente jornalistas) não tem como hábito checar a informação a ser disseminada por conta do funcionamento do meio. Ele explica que os produtores de conteúdo “não têm tempo para isso [checar a história]. Um redator tem certas metas mínimas, e ir atrás de uma história que não vai sobreviver no *site* é um erro dispendioso”. Metas estas que são, muitas vezes, financeiras, já que existem redatores que recebem seu pagamento de acordo com número de visualizações de seus artigos, por exemplo (HOLIDAY, 2012).

Além disso, muitos produtores de conteúdo monetizam seus textos pelo número: quanto mais textos escritos, maior o ganho. Muitos trabalham com pacotes, com determinado número de textos mensais para empresas e agências de notícias e de marketing.

Essa velocidade acelerada que a Internet exige traz complicações também em relação à apuração dos fatos. A pressão para a atualização, torna a edição da notícia recorrente, como é realizado no portal de notícias G1: os jornalistas publicam o fato e as informações que têm sobre ele. Na medida em que a apuração vai se aprofundando, o conteúdo vai sendo atualizado. Por outro lado, não raro vemos jornais sérios compartilhando notícias com apuração equivocada e até mesmo com informações inverídicas.

A velocidade da informação, o tamanho do texto, a objetividade, a pirâmide invertida e inúmeros conceitos jornalísticos estão sendo ressignificados, principalmente no que diz respeito ao texto jornalístico. A Internet muda não apenas nossa relação com o texto, mas muda todo o texto. Mudou-se o meio e, como já sabemos, “o meio é a mensagem”⁶. O jornalista, portanto, precisa entender o meio para produzir conteúdos que funcionem no ciberespaço, que sejam lidos, e não comprometam a qualidade ou o compromisso jornalístico.

Uma das características do meio digital que afeta diretamente os contornos da informação em forma de texto na *web* é o “empilhamento [1]” do conteúdo. “Tim Berners-Lee, um dos fundadores da WWW, estabeleceu um procedimento que seria copiado por quase todo mundo que veio depois dele: o material novo é acrescentado no topo” (HOLIDAY, 2012, p. 115). Este modelo foi adotado pela maioria dos blogs e *sites* para que os conteúdos novos publicados fossem facilmente reconhecidos pelos leitores, já que o conceito de “novo” variava entre um portal e outro: em alguns, “novo” podia significar o conteúdo postado no último mês; em outros, “novo” era o conteúdo postado na semana passada: varia de acordo com a periodicidade e atualização de cada *site*. O modelo de “empilhamento” foi uma alternativa que padronizou essa organização do conteúdo na maioria dos *sites* atuais. Segundo Holiday (2012), “o empilhamento desenvolveu-se como um padrão implícito, o que teve implicações extraordinárias”. Quando o conteúdo é empilhado, o que é mais atual está em evidência, e com isso, a atualidade é valorizada. E, isso traz implicações para o produtor de conteúdo textual na Internet: “a marcação com data funciona como uma data de validade, e o pressiona consideravelmente para que seja conciso e imediatista”. Com a instantaneidade, uma notícia ou texto perde o status de “novidade” muito rapidamente. Novos textos são produzidos e

⁶ Alusão à célebre metáfora de McLuhan que afirma que “o meio é a mensagem”.

consumidos em seguida, tornando o conteúdo em questão “descartável” cada vez mais rapidamente, em *sites* ou blogs.

A estrutura do sistema de blogs deforma a perspectiva de qualquer um que exista nesse espaço – por que o blogueiro gastaria muito tempo em um artigo que logo vai ser empurrado para baixo da tela? [...] A mensagem é clara: a melhor forma de conseguir tráfego é publicar o máximo possível, o mais rápido possível e com texto mais simples possível. (HOLIDAY, 2012, p. 116).

Com essa instantaneidade e o descarte da informação acontecendo de forma cada vez mais veloz, a lógica dos *sites* e blogs é a de atualização constante. Holiday (2012) afirma que os produtores de conteúdo possuem a máxima de que “os melhores *sites* são atualizados diariamente, senão de hora em hora” (HOLIDAY, 2012) e que o segredo é estar sempre criando um novo conteúdo. Estudos mais recentes sobre o assunto mostram que em portais jornalísticos novos conteúdos têm sido adicionados em uma média de 15 minutos.

Ainda que a rede proporcione uma enorme possibilidade de portais diferentes para que o leitor se informe, não significa que o conteúdo jornalístico seja, de fato, tão plural. Ferrari aponta uma tendência do jornalismo digital em consultar as mesmas fontes e se alimentar das mesmas agências de notícias.

A partir de 2001, o conteúdo jornalístico nos portais foi gradualmente reduzido até o ponto de ser fornecido por um grupo restrito de fontes – as mesmas agências de notícias, a mesma empresa de previsão do tempo, a mesma coletiva para o lançamento de um filme, o mesmo programa de TV que se ramifica em subprodutos, dando origem a *sites* de fofoca, decoração, culinária, etc. Com isso, os leitores recebem e absorvem a mesma fonte de informação. O que muda é o “empacotamento” da notícia, embora até mesmo os projetos gráficos sejam parecidos uns com os outros. (FERRARI, 2014, p. 18).

A Internet possibilita que um conteúdo, fato ou notícia seja abordado de diferentes formas. É possível fazer um vídeo, um texto, uma galeria de imagens, um infográfico animado, um *gif* e um *podcast*, por exemplo, para divulgar uma mesma história em um mesmo portal. Essa possibilidade multimidiática de abordar a informação permite o aprofundamento do fato e diferentes angulações da mesma notícia. Essa possibilidade transforma o jornalismo e o próprio jornalista e compreender as características deste novo jornalismo na Internet, principalmente em texto mostra-se fundamental para este estudo.

3.5 CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DO JORNALISMO DIGITAL

O jornalismo digital representa uma revolução na maneira de fazer jornalismo: nas práticas de produção, distribuição e até mesmo organização do conteúdo jornalístico. Além das características supracitadas, como a Pirâmide Deitada, o empilhamento, a possibilidade de interação e aprofundamento por *hiperlinks*, existem elementos fundamentais do Jornalismo Digital, permeados na gigantesca gama de possibilidades da *web*. Palácios (2002) chama a atenção para o fato de que apesar das possibilidades oferecidas pelo ciberespaço, não necessariamente os veículos jornalísticos irão se utilizar de todas elas em seus produtos comunicacionais.

[...] tais possibilidades abertas pelas Novas Tecnologias de Comunicação (NTC) não se traduzem, necessariamente, em aspectos efetivamente explorados pelos *sites* jornalísticos, quer por razões técnicas, de conveniência, adequação à natureza do produto oferecido ou ainda por questões de aceitação do mercado consumidor. (PALÁCIOS, 2002, p. 2).

Ao falar sobre características essenciais do jornalismo na *web*, Bardoel e Deuze (2000) colocam em evidência quatro elementos fundamentais: customização de conteúdo, interatividade, hipertextualidade e multimídia. Palácios (1999) acrescenta à discussão propondo para o jornalismo digital as principais características: Multimídia enquanto convergência, Interatividade, Hipertextualidade, Personalização, Memória e Instantaneidade (com possibilidade de editar o conteúdo após sua publicação). Vamos detalhar melhor estes elementos citados por Palácios para uma compreensão mais clara acerca das potencialidades do jornalismo digital.

O elemento Multimídia enquanto convergência, no contexto do Jornalismo Online, refere-se à “convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico” (PALÁCIOS, 2002, p. 3). A convergência é oriunda da digitalização dos processos da informação, assim como da difusão dos conteúdos em diversas plataformas e suportes. Segundo Figueiredo, hoje, o computador age como um “metameio”, que centraliza toda a produção midiática moderna, inclusive os textos escritos, proporcionando seu armazenamento e distribuição.

Textos deslizam para as telas, ameaçando a centralidade do suporte impresso, filmes são finalizados no computador e distribuídos em DVD ou pela internet. [...] Traduzidos em dados numéricos, filmes, fotografias, textos e músicas inserem-se numa rede não hierárquica de circulação. Como o sentido de uma obra depende de

seus aspectos materiais, formais e de conteúdo, que são indissociáveis, ao serem liberados dos suportes físicos tradicionais, como, por exemplo, o papel e a película, as formas culturais pré-digitais passam por transformações que a reconfiguram. O computador é, então, algo mais que um simples atravessador, ou operador de passagens, é o ponto de partida para a constituição de uma cultura eletrônica com características próprias. (FIGUEIREDO, 2010, p. 18).

Em relação ao elemento Interatividade, Bardoel e Deuze (2000) afirmam que a notícia na internet faz com que o leitor se sinta mais incluído no processo jornalístico. Essa inclusão pode ser realizada através de e-mails, fóruns de discussões, comentários, chats com profissionais de mídia, etc. ou até mesmo pela navegação hipertextual, em que essa leitura única para cada leitor pode configurar em forma de interação, segundo alguns autores.

O segundo elemento é a Hipertextualidade. A possibilidade do hipertexto possibilita a conexão de outros textos através de *links*, criando uma gama de possibilidades para a leitura na *web*. Canavilhas (1999) afirma que a hipertextualidade de uma notícia na *web* é o que possibilita várias “pirâmides invertidas”, dando início ao conceito de “Pirâmide Deitada”. Além disso, a hipertextualidade permite que sejam adicionados elementos multimidiáticos capazes de aprofundar de forma lúdica e criativa a informação com conteúdo complementares em sons, vídeos, imagens, gráficos animados, arquivos e outros *sites* e textos. Essa possibilidade configura em grande potencial para o jornalismo, já que permite que diversas angulações sobre o mesmo tema sejam apresentadas.

O elemento Customização do Conteúdo/Personalização é também chamado de “individualização, personalização ou costumização” (PALÁCIOS, 2002) e consiste na possibilidade de o usuário personalizar e configurar os produtos jornalísticos de acordo com suas preferências de leitura.

Existem *sites* de notícias que permitem a pré-seleção dos assuntos, bem como a sua hierarquização e escolha de formato de apresentação visual (diagramação). Assim, quando o *site* é acessado, a página de abertura é carregada na máquina do Usuário atendendo a padrões previamente estabelecidos, de sua preferência. (PALÁCIOS, 2002, p. 4).

O elemento Memória, amplamente discutido por Palácios (1999, 2002) parte do sentido que “na *web* a Memória torna-se Coletiva, através do processo de hiperligação entre os diversos nós que a compõem” (PALÁCIOS, 2002, p. 4). O autor afirma que “desta maneira, o volume de informação anteriormente produzida e diretamente disponível ao Usuário e ao Produtor da notícia cresce exponencialmente no Jornalismo Online, o que produz efeitos quanto à produção e recepção da informação jornalística”. (PALÁCIOS, 2002, p. 4)

O elemento Instantaneidade/Atualização Contínua é facilmente perceptível e justificado pelo funcionamento do meio, conforme supracitado. Palácios acrescenta:

A rapidez do acesso, combinada com a facilidade de produção e de disponibilização, propiciadas pela digitalização da informação e pelas tecnologias telemáticas, permitem uma extrema agilidade de atualização do material nos jornais da *web*. Isso possibilita o acompanhamento contínuo em torno do desenvolvimento dos assuntos jornalísticos de maior interesse. (PALÁCIOS, 2002, p. 5).

No livro “Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença”, organizado por Canavilhas 2014, Pavlik acrescenta o princípio da ubiquidade. Segundo o autor, ubiquidade significa ser encontrado em todo lugar. “No contexto da mídia, ubiquidade implica que qualquer um, em qualquer lugar, tem acesso potencial a uma rede de comunicação interativa em tempo real”. (PAVLIK in CANAVILHAS, 2014, p.159) E, isso significa que todos podem não só acessar as informações, mas também interagir e disseminá-las.

O jornalismo tem a oportunidade de se juntar a esta aldeia global de forma significativa. Notícias acontecem em toda a parte. No entanto, na era da mídia analógica, parecia ser impossível e certamente impraticável para os jornalistas ou para as organizações de mídia estarem em todo e o lugar o tempo todo para cobrir os acontecimentos. Na era digital, esta situação está mudando. Com a banda larga ubíqua, especialmente com a tecnologia wireless, a conectividade móvel está redefinindo os preceitos básicos do jornalismo e da mídia.(PAVLIK in CANAVILHAS,2014, p.159)

Segundo o autor, a primeira consequência da ubiquidade na sociedade é a emergência do jornalismo cidadão ao redor do mundo, que conta com a participação de cidadãos no processo de coleta e distribuição das notícias. A segunda consequência é o crescimento de novas formas narrativas geolocalizadas e imersivas. Segundo o autor:

Isto capacita outras pessoas em qualquer lugar a acessar o conteúdo pela localização. Reportagens vídeo de um evento podem ser vistas acompanhadas de um mapa interativo que fornece uma melhor percepção do espaço, usando computadores tradicionais e aplicações web de mapas, como o Google Maps. Geolocalização é um aspecto do Big Data, na medida em que permite o mapeamento ou outras análises de conteúdos geolocalizados. Este tipo de análise pode revelar uma variedade de insights sobre a produção de conteúdo midiático.(PAVLIK in CANAVILHAS, 2014, p.174)

A terceira consequência da ubiquidade é o crescimento do Big Data e do jornalismo de dados, que possibilitam a coleta de grande volume de informação. A última consequência apontada pelo autor é o declínio da privacidade do sujeito, que passa a ser vigiado por uma sociedade da vigilância global.

Os elementos citados são considerados fundamentais para o jornalismo digital, ciência que vai se aprofundando conforme o jornalismo dá passos cada vez mais largos rumo à compreensão deste novo leitor e das novas formas de consumir a informação.

4 ELIANE BRUM: A JORNALISTA DE “CORPO-LETRA”

Em 23 de maio de 1966 nascia no Sul do Brasil a menina que anos mais tarde viria a ser um dos maiores nomes do jornalismo atual e objeto de inúmeros trabalhos científicos, Eliane Brum.

Eliane nasceu no que ela define como “uma cidade de terra vermelha” Ijuí, no noroeste do Rio Grande do Sul. “Uma cidade de uns 70 mil habitantes, onde na primavera o vento faz redemoinhos sanguíneos na desertão do domingo. Uma cidade com domingos demais, domingos cheios de dentes.” (BRUM, 2014, p. 109)⁷.

A história de Eliane, contada sob sua própria perspectiva, se mescla à sua percepção sobre a narrativa, sobre as palavras. O que para este trabalho, que busca contribuir para a linha de estudos da narrativa, é de imenso valor. Em sua obra “*Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*”, a autora se define como “eu caos” antes da descoberta da palavra.

Lembro que, quando tudo começou, era escuro. E hoje, depois de todos esses anos de labirinto, todos esses anos em que avanço pela neblina empunhando a caneta adiante do meu peito, percebo que o escuro era uma ausência. Uma ausência de palavras. Essa escuridão é minha pré-história. Eu antes da história, eu antes das palavras. Eu caos. (BRUM, 2014, p. 66)

Ainda na infância, Eliane Brum vivenciou uma experiência marcante com as narrativas através das novelas de rádio: observou sua babá, aos prantos, atenta ao enredo da ficção que atingia seus ouvidos pelo aparelho de rádio. A menina se interessou pelo que estava sendo narrado e, de certa forma, entendeu que sua babá desejava ser a heroína da ficção, projetando seus desejos e sentimentos humanos naquela personagem e trama. Através dessa catarse, compreendeu (com os recursos de menina que possuía) o potencial da narrativa.

Da porta da cozinha minúscula, espio a empregada escutando a novela de rádio em pranto soluçado. Seu rosto é borrado na minha memória. Lembro apenas do choro. Pergunto a ela por que chora tanto, e ela me conta, fungando, as desventuras de uma mulher linda, doce e loira que é amada por um homem belo, forte e corajoso. Alguém bem malvado tenta separá-los. E por isso ela chora. Em minhas lembranças, me vejo vendo a cena. Vejo a imagem de baixo para cima, porque eu era muito pequena. Aquela moça, que tinha uma vida tão dura, e isso eu também já era capaz de perceber, soluçava por uma mulher que morava dentro do rádio. Pressenti ali o que só racionalizaria muitos anos depois: o poder da história contada. [...] Apesar de todos os percalços sofridos pela heroína, a empregada queria ser aquela moça. Desejava ser

⁷ A numeração do livro “*Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*” é baseada na numeração da versão em *Kindle*.

amada por aquele homem e desejava até mesmo ser impedida de ser feliz. Dessa vez não pela miséria da sua vida, mas por um vilão explícito, um que podia nomear e odiar. (BRUM, 2014, p. 199).

A partir dessa compreensão, os enredos apresentados pelo aparelho de rádio da cozinha tornaram-se parte da rotina da menina: Brum passou a escutar com frequência a novela junto à empregada, e afirma que o gênero mudou sua vida. Quando começou a acompanhar as novelas percebeu que “algo extraordinário acontecia” quando as pessoas escutavam histórias, quando uma narrativa envolvente era apresentada.

O rosto fechado da empregada se abria enquanto escutava as (des) aventuras de personagens que, para ela, eram mais reais do que eu. Não posso dizer que compreendia o que se passava, mas entendia o suficiente para registrar que algo de extraordinário acontecia com as pessoas quando elas ouviam histórias. (BRUM, 2014, p. 226).

A descoberta da novela de rádio foi um episódio marcante na trajetória da hoje jornalista. A narrativa se tornou um refúgio para Brum, um “raio de sol” em uma casa, até então, escura e triste, permeada pela presença constante da sua irmã ausente, a irmã que morreu. Segundo ela, foi a partir desta experiência com a narrativa das novelas de rádio que começou a se tornar uma “escutadeira”, habilidade atribuída por Brum como fator protagonista da qualidade de suas reportagens. A escuta que conta, que se transforma em narrativa.

A novela de rádio rompeu a escuridão da casa-túmulo como um daqueles raios de sol que se enfiam por um buraco da parede e fazem nascer flores em ruínas de guerra. As palavras rastejaram para dentro das minhas orelhas com suas unhas compridas, raramente limpas, e me contaminaram para sempre. Foi ali que comecei a me tornar uma escutadeira que conta. E conta. Para contar. (BRUM, 2014, p. 279).

Para compreendermos com a devida profundidade a escrita e a narrativa da jornalista, precisamos compreender primeiro sua experiência com a palavra: relação íntima e complexa, vista como ferramenta possível para sobrevivência da autora.

Vivo tudo no corpo. Às vezes me perguntam o que aconteceria comigo se não existisse a palavra escrita. Eu respondo: teria me assassinado, consciente ou não de que estava me matando. É uma resposta dramática, e eu sou dramática. O que tento dizer é que, se não pudesse rasgar o papel com a caneta, ainda que numa tela digital, eu possivelmente rasgaria o meu corpo. E, em algum momento, o rasgaria demais. (BRUM, 2014, p. 114).

A sensação de salvação e produção de sentido para sua própria vida e para o mundo externo por meio da palavra escrita é uma característica marcante da autora e jornalista, inclusive para a sua própria história. “[...] a pergunta que me move é como cada um inventa

uma vida. Como cada um cria sentido para os dias, quase nu e tão pouco. Como cada um se arranca do silêncio para virar narrativa” (BRUM, 2014, p. 9). De acordo com sua entrevista à Associação Brasileira de Imprensa⁸, a possibilidade de transformar a realidade em narrativa foi o que a salvou (e a salva, até hoje).

Sempre gostei de ler e de escrever. Os livros, e depois a possibilidade de expressar o que me doía pela escrita, me salvaram na infância. E só suportei a escola e a maldade inerente às crianças inventando enredos na minha cabeça. Eu passei a minha infância vivendo no meu mundo imaginário ou no mundo dos livros. Quando tive de encarar o mundo real, com a adolescência, a maternidade precoce e a vida adulta, acho que foi o jornalismo que me salvou. Ele me permite transformar a realidade em história contada. Assim, eu consigo enfrentar o mundo. Até hoje. (BRUM, 2010)⁹.

Em seu livro “*Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*”, Eliane narra o momento exato em que descobriu o potencial da palavra escrita. Sua avó, que sonhava em ser professora e tinha verdadeiro fascínio pelas palavras, recebia cartas apaixonadas e sensíveis de um rapaz. Encantada com tamanha sensibilidade e maestria com as palavras, a avó decidiu casar-se com ele. Após a lua de mel, porém, descobriu que o rapaz era, na verdade, analfabeto e as cartas eram escritas por sua irmã, Hipólita. Ao ouvir a história, repetidas vezes, e observar com empatia o pesar da avó ao contar as consequências em sua vida causadas por palavras irresponsáveis, Eliane desenvolveu responsabilidade para com a escrita, adquirindo a percepção de que nossas palavras são definitivas para quem as atinge.

As cartas de amor da minha avó provam que não há reparação para a palavra escrita. Essa foi uma lição definitiva para a neta que um dia se tornaria repórter e contaria histórias de gente. Eu sempre soube que, se errasse – e algumas vezes errei –, não haveria maneira de reparar. Pela memória da minha avó, aprendi a escrever com a ponta dos dedos. Até hoje durmo em sobressalto na noite entre o fechamento e a chegada da reportagem às bancas (ou à Internet), com medo de ter me equivocado em algum detalhe, causando dano irreparável a alguém. (BRUM, 2014, p. 412).

Anos mais tarde, ainda na infância, Eliane foi aluna de datilografia desta mesma cunhada de sua avó, Hipólita. Nesse capítulo de sua vida, Brum compreendeu que o distanciamento de Hipólita das palavras contribuía para sua irresponsabilidade linguística. E Eliane reconheceu as palavras como corpo.

Escreva, escreva furiosamente, ela parecia dizer, mas escreva sem tocar o corpo. Eu compreendi. E aprendi. E me tornei uma datilógrafa incrivelmente rápida, do tipo que conhece as teclas na intimidade e se movimenta por elas sem olhar. Mas, para mim, e eu nunca tive a chance de dizer a ela, é corpo. Hipólita, rainha das amazonas, quero

⁸ Disponível em: <http://www.abi.org.br/entrevista-eliane-brum/>

⁹ Disponível em: <http://www.abi.org.br/entrevista-eliane-brum/>

que você saiba, ainda que já não viva. Arrastaremos para sempre os cadáveres de nossas letras. (BRUM, 2014, p. 427).

Posteriormente, Brum reconheceu-se profundamente nas palavras, com o que ela chama de corpo-letra: “A palavra escrita me encarnou em um corpo onde eu podia viver. O corpo-letra” (BRUM, 2014, p. 1078).

Brum apresenta como característica marcante essa personificação da palavra escrita e se mistura a ela em seu corpo físico. Em determinado momento do livro “*Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*”, a jornalista faz uma intervenção que deixa à mostra a profundidade desta relação entre seu corpo e suas palavras:

Em momentos transtornadores, como o que vivo enquanto reviso este livro, as palavras me exasperam com sua insuficiência e o corpo começa a doer de falta. Ao concluir a história – ainda em movimento – da minha vida com as palavras, perdi a consciência do meu corpo antigo e passei a colecionar desastres domésticos por calcular mal meus passos e meus gestos. Neste exato instante, busco caminhos para descobrir qual é o meu corpo, agora que me ofertei em letras a um leitor desconhecido. Investigo os contornos da mulher oculta que, inquieta, espera para nascer. Com este livro, um corpo morreu. É preciso encontrar a forma de outro. Um percurso que, em mim, se faz com palavra e carne. (BRUM, 2014, p. 119).

4.1 BRUM JORNALISTA

A necessidade da palavra escrita, tão intrínseca e profunda para Eliane Brum, influenciou diretamente sua escolha pela profissão de jornalista, com atuação como repórter. Segundo a jornalista, sua escolha profissional não foi fruto de um processo consciente, mas, uma desculpa para adentrar no mundo do outro, conhecê-lo e escutá-lo (para, em seguida, contá-lo). A empatia, capacidade de se colocar no lugar do outro e sentir suas dores, também constituiu um elemento importante para a formação da repórter. Em entrevista à Associação Brasileira de Imprensa:

Eu sempre gostei de escrever e sempre me incomodei com as tristezas e injustiças do mundo. Desde criança, a miséria humana, em todas as suas formas, e não apenas a financeira, me pegavam. Era para onde eu olhava. Eu enxergava e sentia a dor do outro. E sempre gostei de imaginar a vida das pessoas por trás das luzes acesas das casas que eu só via de longe. O jornalismo me deu uma desculpa para bater, entrar e tentar entender a vida dos outros. (BRUM, 2010)¹⁰.

¹⁰ Disponível em: <http://www.abi.org.br/entrevista-eliane-brum/>

E assim ela fez, e faz. No início de sua carreira como repórter, ainda na faculdade, Eliane conta em entrevista à Associação Brasileira de Imprensa¹¹ o episódio que abriu as portas do jornalismo para ela: ganhou um prêmio com uma reportagem ainda na faculdade e, com isso pôde iniciar um estágio no jornal Zero Hora.

Eu fiz uma reportagem [no final da faculdade] sobre filas – todas as filas que as pessoas entram, do nascimento até a morte, para um professor que mudou a minha vida, o Marques Leonam. Ele era um apaixonado pela reportagem e me ensinou, pelo exemplo, que ser repórter era a melhor profissão do mundo. Uma amiga me inscreveu no I Set Universitário, um concurso entre as faculdades de comunicação do sul do país. A comissão julgadora era formada por jornalistas e publicitários. Os jornalistas disseram que o que eu fazia não era jornalismo. Os publicitários disseram que era. Como havia mais publicitários que jornalistas, eu ganhei. Isto mudou a minha vida. Eu já tinha desistido de ser repórter, achava que não servia para isso. Mas o Leonam e esta reportagem me mostraram que era possível fazer o que eu acreditava, do jeito que eu acreditava. O prêmio era um estágio na *Zero Hora*, em Porto Alegre. Lá eu fiquei 11 anos e descobri que ser repórter não é o que eu faço, mas o que eu sou. (BRUM, 2010)¹².

Brum concluiu a graduação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) em 1988 e hoje, após este primeiro prêmio, contabiliza mais de 40 prêmios de reportagem, nacionais e internacionais.

Sua carreira começou com o estágio no Zero Hora, local onde trabalhou durante os 11 anos seguintes como repórter. O Zero Hora foi o jornal em que Eliane pôde se destacar com a qualidade irreverente dos seus textos. Em 1998, o então diretor de redação do jornal, Marcelo Rech, identificou seu talento e propôs um desafio a “uma jornalista que ansiava por desafios todos os dias” (RECH; BRUM, 2013, p. 1): o de criar crônicas reais de pessoas comuns e situações do cotidiano. Fazer o que Brum faz com naturalidade e destreza: olhar para os anônimos.

A ideia [de criar crônicas reais de pessoas comuns e situações corriqueiras] estava ancorada na convicção de que tudo – até a gota de água – pode virar uma grande reportagem na mão de um grande repórter. A questão era achar alguém com os sentidos à flor da pele para dar forma a um misto de crônica, reportagem e coluna. Não foi preciso procurar mais. Eliane não só capturou a ideia de escrever uma série de reportagens sobre personagens e cenas corriqueiras em formas de crônicas da vida real: ela a moldou a seu talento exuberante e a transformou numa extraordinária coletânea que por quase 11 meses vitaminaram a edição de sábado do principal jornal do país fora do eixo Rio-São Paulo. (RECH; BRUM, 2013, p. 1).

Rech, que afirmou categoricamente que “não faria um convite daqueles a qualquer um” (RECH; BRUM, 2013, p. 1) pôde regozijar-se com os resultados da sua escolha: as

¹¹ Disponível em: <http://www.abi.org.br/entrevista-eliane-brum/>

¹² Disponível em: <http://www.abi.org.br/entrevista-eliane-brum/>

reportagens de Brum para o Zero Hora foram celebradas pelo Prêmio Esso de Jornalismo – Regional Sul em 1999 e, hoje, estão compiladas em um livro chamado “A vida que ninguém vê”, cujo prefácio foi redigido pelo então diretor de redação do jornal em que Eliane pôde se destacar.

No prefácio de “*A vida que ninguém vê*”, Rech afirma que Eliane é um fenômeno de percepção jornalística e que a jornalista “iluminou um mundo recluso, obscurecido pela emergência da notícia ou pela máxima que, em jornalismo, a história só existe quando o homem é quem morde o cachorro”¹³ (RECH; BRUM, 2013, p. 2).

Indo de encontro aos valores-notícia do jornalismo (nos aprofundaremos neste tópico no decorrer do texto) e criando narrativas alternativas para nossa sociedade, Brum se destacou com seu fazer jornalístico peculiar: “Ao extrair reportagens antológicas de onde outros só enxergariam a mesmice, Eliane deu a zés e marias do sul do Brasil a envergadura de personagens de literatura tolstoiana e reverteu um dos mais arraigados dogmas da imprensa” (RECH, 2013, p. 2).

Em relação às reportagens, Brum é enfática: a palavra escrita em forma de reportagem a salvou por proporcionar a possibilidade de se indignar com as situações injustas da vida e de nossa sociedade, e poder se expressar em relação a elas.

Hoje, ao lançar meus anzóis no lago nebuloso do passado, em busca de um mapa cujo único destino sou eu, percebo que escrever me salvou de tantas maneiras e também desta. Desde pequena eu tenho muita raiva – e quase nenhuma resignação. A reportagem me deu a chance de causar incêndios sem fogo e espernear contra as injustiças do mundo sem ir para a cadeia. Escrevo para não morrer, mas escrevo também para não matar. (BRUM, 2014, p. 662).

A jornalista publicou diversos livros com suas reportagens e ganhou inúmeros prêmios. De sua autoria, foram publicados seis livros, sendo cinco de não-ficção e um romance. Os livros de não-ficção mesclam livros-reportagem e uma autobiografia da autora contando a história de sua vida com a palavra escrita. Além disso, a jornalista tem participação em coletâneas de crônicas, contos e ensaios.

O livro “*Coluna Prestes: o avesso da lenda*” foi o primeiro a ser publicado: lançado em 1994 pela editora Artes e Ofícios, a obra costura um copilado de entrevistas feitas por Brum com 100 pessoas que testemunharam a passagem da Coluna Prestes nas cidades e povoados do Brasil. O livro foi escrito 70 anos depois que a tropa rebelde marchou pelo país e a autora

¹³ Alusão à frase “se um cachorro morde um homem, não é notícia, mas, se um homem morde um cachorro, é notícia”, de Amus Cummings, ex-editor do The New York Sun.

buscou um olhar diferente sobre o fato. Brum chamou os entrevistados de “o povo do caminho”, denominando as personagens que compunham as finas linhas invisíveis que compõem a tessitura do enredo desta parte da história do Brasil: os que viveram aquele momento histórico da República Velha como pessoas comuns – nem rebeldes e nem governistas – agora puderam mostrar sua visão sobre o episódio. O livro deu a Eliane o troféu do prêmio Açorianos de autora-revelação.

Em 2006 foi publicada a obra “*A vida que ninguém vê*”, pela editora Arquipélago Editorial. Na obra, Brum conta histórias reais de pessoas comuns, os anônimos, que não tinham voz na imprensa tradicional segundo os valores notícia do jornalismo. Neste livro, a jornalista se consagra como repórter de desacontecimentos, e segundo sua biografia, mostra que “toda vida é habitada pelo extraordinário. Neste livro, a autora mostra que não existem vidas comuns, apenas olhos domesticados.” O livro deu a Eliane o troféu de melhor livro reportagem pelo Prêmio Jabuti 2007.

O livro “*Olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*” foi publicada em 2008 pela editora Globo e em 2017 pela editora Arquipélago. O livro é composto por dez grandes reportagens que Brum escreveu para a revista Época. As reportagens emocionantes e repletas de testemunhos contam com os bastidores da construção de cada uma, constituindo-se em uma verdadeira aula de jornalismo e apuração.

Em 2011 foi publicado o único romance ficcional escrito por Brum. A obra “*Uma duas*”, pela editora Leya Brasil. O livro fala aborda o relacionamento entre mãe e filha de forma profunda. A obra foi finalista dos prêmios Portugal Telecom, São Paulo de Literatura e Jornada Nacional de Literatura (Zaffari-Bourbon). O livro foi traduzido por Lucy Graves e lançado em inglês.

Dois anos depois, em 2013, “*A menina quebrada*” foi lançado pela editora Arquipélago. O livro é um copilado de 64 crônicas e artigos de opinião publicados no *site* da Época. O livro ganhou o Prêmio Açorianos de Melhor Livro do Ano.

A obra “*Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*” foi publicada em 2014 pela editora LeYa. A obra é uma autobiografia da autora, tendo como fio condutor da obra sua relação com a palavra escrita e os percursos percorridos até ela. O livro foi o quinto mais vendido na FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty).

4.2 BRUM E O CINEMA

Buscando novas possibilidades de contar histórias, Brum dirigiu documentários. Em 2005, Eliane estreou como documentarista em “*Uma história severina*”, compartilhando direção e roteiro com Debora Diniz. O enredo conta a história da pernambucana Severina que, pobre e grávida de um feto anencéfalo, busca autorização da justiça para praticar um aborto.

Em 2010, Eliane dividiu a direção de “*Gretchen filme estrada*” (Mixer), com Paschoal Samora. O filme conta a última turnê e a primeira campanha política de Gretchen à candidatura da prefeitura da Ilha de Itamaracá, Pernambuco.

Sete anos depois, em 2017, foi a vez de Lygia Barbosa da Silva dividir a direção e roteiro com Eliane em “*Laerte-se*”. O filme foi o primeiro documentário brasileiro produzido pela Netflix, e mostra as descobertas e os questionamentos desta nova fase de Laerte Coutinho, cartunista brasileiro, que se apresentou como mulher, depois de quase seis décadas de vida se apresentando como homem.

4.3 AS COLUNAS DE BRUM

Os trabalhos de Eliane como colunista abarcam diversos estilos e inquietações. Entre 2009 a 2011, Eliane escreveu *crônicas semanais* para o *site* Vida Breve. Sobre o Vida Breve, em seu *site* oficial:

O Vida Breve teve morte súbita em agosto de 2011. Enquanto durou sua primeira vida, teve uma existência destituída de tédio, sete dias por semana, cada um deles com um cronista e um ilustrador diferentes. Eu era a cronista das terças-feiras. Às vezes bem-humorada, em outras soturna, em outras ainda quase terrorífica. Descobri que, como cronista, sou um tipo multipolar. No início, fiz dupla com Ramon Muniz. Depois, vivi meus dias, até que a morte nos separou, com a querida Carolina Vigna-Marú. Em julho de 2012, o Vida Breve ressuscitou. E nós com ele. Mas eu estranhei a segunda vida, talvez por ter assistido a filmes de terror em excesso, e só permaneci até o comecinho de outubro. O Vida Breve seguiu, todo variado, a sua aventura rica. (BRUM, 2012).

Entre 2009 e 2013, Brum também manteve uma coluna semanal no *site* da Revista Época, e, desde outubro de 2013 até os dias atuais, a jornalista escreve colunas quinzenais na edição online do jornal El País.

Como repórter, Eliane ganhou mais 40 prêmios nacionais e internacionais de reportagem, entre eles Esso, Vladimir Herzog, Ayrton Senna, Líbero Badaró, Sociedade Interamericana de Imprensa e Rei de Espanha. Em 2008, Brum recebeu o Troféu Especial de Imprensa ONU, “por tudo o que já fez e vem realizando em defesa da Justiça e da Democracia”.

Durante sua trajetória, foi ganhadora do Troféu Mulher Imprensa três vezes; ganhou três vezes o Prêmio Cooperifa, “por ajudar, com suas ações, a construir uma periferia melhor para viver” e o Prêmio Orilaxé, do grupo AfroReggae, que premiam indivíduos que conseguem mudar a realidade, melhorando a qualidade de vida das pessoas ao seu redor e do planeta com seu trabalho.

4.4 “SOU UMA REPÓRTER DE DESACONTECIMENTOS”: O JORNALISMO DE BRUM

O *site* oficial da jornalista Eliane Brum é intitulado de “desacontecimentos”, escrito exatamente assim: com o “d” minúsculo, reforçando o aspecto comum, o cotidiano. Não por acaso, sua autobiografia foi batizada de “*Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*”. Nota-se, de imediato, que a jornalista possui forte interesse nos chamados desacontecimentos e, de forma mais aprofundada, nota-se essa característica marcante nas reportagens de Eliane Brum.

A carne da minha reportagem são os “desacontecimentos”, palavra que dá conta de uma escolha: escrevo sobre a extraordinária vida comum, sobre o cotidiano de homens e mulheres que tecem os dias e também o país, mas nem sempre são contados na história. Sobre aquilo que se repete e, por equívoco ou por miopia, é interpretado como banal. Ao empreender essa narrativa busco subverter o foco, embaralhando os conceitos de centro e de periferia. Sou uma repórter de desacontecimentos. (BRUM, 2013, p. 2).

Para entendermos melhor o que são os desacontecimentos, precisamos compreender primeiro os acontecimentos. No jornalismo, as notícias são acontecimentos que possuem como base a premissa de serem considerados dignos de serem noticiados.

Muniz Sodré destaca que a definição de notícia baseada no homem que morde o cachorro não é suficiente, e reflete sobre os conceitos de fato, acontecimento e notícia. Fundamentado pela filosofia kantiana, Sodré afirma que o fato é o objeto cuja realidade pode ser provada. O acontecimento é o que dá sentido às coisas, que traz o enredo e enquadramento, a forma como é contada. Ele ainda afirma que, atualmente, os jornalistas não são os únicos a

transformarem um fato em acontecimento na sociedade atual, em que o público, através da internet, também pode pautar os acontecimentos. De acordo com o autor, a construção da notícia parte da singularização que se faz a partir do fato, transformando-o em acontecimento por meio da interpretação que perpassa o jornalista, ocasionando na notícia. Ele afirma que o que une os acontecimentos que se constituem em notícia são as marcações do fato através de critérios conhecidos no jornalismo como valor notícia. De acordo com Sodré (2009):

A notícia constitui-se como o relato (micronarrativo) de um acontecimento factual, ou seja, inscrito na realidade histórica e, logo, suscetível de comprovação. [...] Esta implica a construção do acontecimento segundo os parâmetros jornalísticos de tratamento do fato, ou seja, uma prática que comporta apuração de dados e informações, entrevistas, redação e edição de textos, em função da cultura jornalística, isto é, do conjunto de regras, hábitos e convenções que estruturam o campo profissional da imprensa. (SODRÉ, 2009, p. 71).

Traquina (2005, p. 180) descreve o acontecimento como “um imenso universo de matéria-prima”. De acordo com o autor, a notícia é criada a partir de uma seleção para escolher o que é essa matéria-prima digna de ser noticiada, levada ao público. Ou seja, ter noticiabilidade. De acordo com Traquina, as notícias são “o resultado de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)”. Portanto, há uma série de elementos a serem considerados que classificam se determinado acontecimento é digno de ser noticiado ou não. Esses elementos são os chamados valores-notícia.

Os valores-notícia foram desenvolvidos em 1965 pelas norte-americanas Johan Galtung e Marie Ruge. As pesquisadoras desenvolveram esse trabalho através de um estudo a respeito da estrutura do noticiário internacional nos Estados Unidos, analisando as coberturas de crises políticas em três países. Ao fim do trabalho, as pesquisadoras chegaram a doze fatores que foram considerados os principais responsáveis por todas as notícias analisadas nas coberturas da crise política. O estudo acabou se tornando referência nas redações, criando parâmetros que foram adotados no jornalismo do mundo todo.

De acordo com a pesquisa, foram considerados valores-notícia: a) frequência ou duração (harmonia entre o ritmo do acontecimento e a periodicidade do meio de comunicação); b) amplitude (dimensão, podendo ser em relação tanto ao número de pessoas envolvidas, por exemplo); c) clareza (quanto menor a ambiguidade, maior a notabilidade); d) significância (proximidade cultural e relevância do tema para o público); e) consonância (capacidade de inserir o “novo” numa “velha” ideia); f) inesperado (acontecimento raro); g) continuidade (o que já foi notícia tende a continuar sendo); h) composição (equilíbrio do produto jornalístico

como um todo); i) referência a países de elite; j) referência a pessoas de elite; k) personalização (possibilidade em ser enxergado em termos pessoais e de identificação); l) negatividade (quanto mais negativas as consequências do acontecimento, maior a noticiabilidade) (MAGALHÃES, 2013, p. 16).

Anos mais tarde, Traquina (2005) complementou o estudo de Galtung e Ruge apresentando duas novas hipóteses: a primeira é a da aditividade, ou seja, a escolha das notícias está relacionada ao número de valores-notícia agregados ao acontecimento, somando-os. A segunda é a da complementaridade, ou seja, a de compensar o baixo desempenho em um dos critérios pelo outro em estado excessivo.

De acordo com Traquina (2005, p. 30), a notícia acaba por ser uma parte seletiva da realidade e o que é passado aos receptores é uma imagem refratada através de um “prisma”, que são os valores-notícia, que classificam os acontecimentos como dignos de serem noticiados.

As raízes do jornalismo como conhecemos hoje se fixaram no século XIX, nos anos 30 e 40, “com um modelo de produção que valoriza as notícias factuais, acessíveis e atrativas, com caráter mercadológico” (ABIB, 2017, p. 30). Na década de 70 do século XX, o jornalismo aprimora sua técnica com a utilização cada vez mais crescente do *lead* e da entrevista, contribuindo para novas padronizações da notícia (ABIB, 2017).

Desta forma, podemos observar que o fazer jornalístico é compreendido dentro de um padrão de notícias e de critérios que classificam os acontecimentos do cotidiano em noticiáveis ou não. A jornalista Eliane Brum caminha na contramão desses processos em seu fazer jornalístico, lançando seu olhar para os acontecimentos além dos valores-notícia, os desacontecimentos. De acordo com Abib (2017):

Brum assume uma acepção alternativa de notícia, assim como mobiliza procedimentos técnicos e narrativos divergentes daqueles partilhados pela tribo, de modo a fundamentar valores de resistência e embate à cultura jornalística convencional. Isso porque Brum centra sua narrativa jornalística na apropriação de desacontecimentos – como uma espécie de provocação à escolha dos grandes meios de comunicação em noticiar o homem que morde o cachorro. (ABIB, 2017, p. 31).

Na obra “*Olho da rua*”, coleção de reportagens feitas pela jornalista para a revista *Época*, encontramos seus bastidores de cada uma delas nas páginas do livro. Ao relatar o que acontece por trás das cortinas de “Expetativa de vida: vinte anos”, Eliane afirma que a não inserção do tema nos critérios de valores notícia adiaram a confecção da reportagem (que só foi produzida ao ter seu tema central sob os holofotes, tornando-se um acontecimento digno de ser noticiado).

Anos antes eu tentara fazer uma reportagem que se chamaria: ‘Expectativa de vida: vinte anos.’ Eu queria mostrar que no Brasil, um país onde as pessoas vivem mais de setenta anos, havia uma geração de garotos pobres exterminada à bala. Um genocídio, meio século de vida roubado – e ninguém ligava. Na ocasião, a pauta foi recusada porque ‘não tinha novidade’. O debate aberto por Falcão [documentário sobre o tráfico exibido no Fantástico] botou tema na capa da Época no final de semana seguinte. Consegui a exclusividade da história de Serginho Fortalece, o único sobrevivente entre os dezessete garotos do documentário. (BRUM, 2008, p. 237).

Ainda que o tema proposto por Brum tivesse alcançado o patamar de valor-notícia, a jornalista buscou o desacontecimento por detrás do acontecimento. Na semana seguinte à reportagem do Fantástico, Brum iniciou uma empreitada rumo à sua própria reportagem sobre o tráfico, propondo contar a história das mães dos meninos do tráfico. Como o tráfico estava presente em toda a mídia naquele momento (uma notícia tende a continuar sendo notícia), ela viu a oportunidade de contar a história sob uma perspectiva pouco abordada, a partir de vozes que gritam e os gritos ecoam silenciosamente, quase mudos, em nossa sociedade: a das mães que perdem seus filhos para o tráfico.

A ideia mais fácil é sempre a mais óbvia, a que vai contar mais do mesmo, cumprir tabela. A primeira pergunta era: como eu poderia colaborar com esse debate, como eu poderia acrescentar algo à essa discussão? A realidade da vida – e da morte – dos meninos do tráfico já havia sido mostrada com absoluta competência por MV Bill e Celso Athayde [no documentário Falcão]. Compliquei a pauta virando os meninos do avesso. Pude então mostrar outro olhar sobre eles: o das mães. No avesso dos garotos mortos estavam as mães que sobreviviam ao que na nossa cultura é a maior de todas as dores, a de enterrar um filho. E não por acidente ou doença. Mas por “morte matada”. No caso dela não era exceção, era a regra. Se havia uma geração que tinha como expectativa de vida os vinte e poucos anos, o Brasil havia produzido uma geração de mães e vítimas de uma brutalidade sem nome. (BRUM, 2008, p. 240).

Portanto, para Brum, não basta a escolha do tema, da pauta e até mesmo dos critérios de valor-notícia tradicionais. Para ela, é necessário exercitar o olhar e buscar as narrativas inéditas e surpreendentes que podem ser escritas a partir de cada acontecimento (ou desacontecimento). Olhar em superfície, para Brum, não é suficiente.

Contar a guerra brasileira pelo olhar das mães me interessava por uma questão que é muito cara para mim como jornalista. Eu acredito que, nas ruas do mundo, o grande desafio é olhar pra ver. E olhar pra ver é perceber a realidade invisível – ou deliberadamente colocada nas sombras. Olhar pra ver é o ato cotidiano de resistência de cada repórter, de cada pessoa. (BRUM, 2013, p. 241).

É no dia a dia, nas entrelinhas do cotidiano que se encontra o jornalismo de Eliane Brum. No que olhamos, mas não vemos com a necessária profundidade, do que nos escapa a importância em nossas rotinas. Nas histórias extraordinárias habitadas em pessoas que, aos olhos da grande imprensa, são invisíveis, mas para Brum, constituem-se em matéria prima de

uma grande reportagem, de uma narrativa única, esperando para ser contada. Certeau (1994) afirma que o homem ordinário é o “herói comum” e que no cotidiano é possível observar “detalhes metonímicos da sociedade”. Ou seja, ao contar as narrativas do cotidiano (destoantes da narrativa hegemônica da grande mídia) cria-se a possibilidade de enxergar uma parte do todo que constitui nossa sociedade que geralmente, não tem voz e, muito menos, narrativa.

Os elementos que Brum reúne para compor as narrativas de suas personagens são reunidos por ela durante a escuta que transcende os sentidos auditivos. Ao escrever sobre o cotidiano, sobre o herói comum, Brum insere estas narrativas na história do nosso país, narrativas estas que muito provavelmente ficariam de fora da história contada pela grande imprensa. Eliane transforma pessoas que a sociedade vê como corpo-corpo (muitas vezes, corpo-morto) em palavras-corpo. Retira-as da invisibilidade social e grita suas dores e experiências entre vírgulas e exclamações, fazendo-se ouvidas. “Fazer um jornalismo de desacontecimentos, deste modo, é lançar-se à radicalidade da vida, permitindo-se envolver pelos pormenores que compõem o mosaico social.” (ABIB, 2017, p. 37).

4.5 O PROCESSO JORNALÍSTICO DE ELIANE BRUM

Ao falarmos sobre a narrativa jornalística em que se encaixam as reportagens de Eliane Brum, Motta (2013) afirma que as reportagens únicas se aproximam mais das narrativas ficcionais do que das narrativas compostas pelas *hard news*.

No jornalismo, a narrativa se configura muitas vezes em uma reportagem única ou em uma notícia tipo *fait divers* (notícias de interesse humano, relatos de dramas e tragédias pessoais, fatos insólitos, lugares pitorescos), cuja estrutura fechada se assemelha à do conto. Nesse gênero de reportagem, tipo *soft news*, o jornal e seus editores concedem ao repórter uma liberdade maior para criar, relatar e contar em uma linguagem quase literária ou quase ficcional. (MOTTA, 2013, p. 95).

As reportagens de Eliane Brum estão inseridas neste contexto e o seu fazer jornalismo anda de mãos dadas com a literatura. Fugindo dos *leads* e se aproximando das narrativas ficcionais compostas por efeitos estéticos, a repórter tem liberdade de trabalhar o texto, acrescentando elementos literários, se assim desejar.

O repórter se desvencilha então dos rigores da linguagem enxuta e objetivada, do compromisso de se manter próximo ao referente empírico, e ganha liberdade para imaginar, criar e sugerir no texto efeitos estéticos de sentido. Em alguns casos, ganha até mesmo liberdade para relatar em primeira pessoa. O texto desse gênero de

reportagem afasta-se do jornalismo duro do dia a dia, adquire maior dramaticidade, uma estrutura semelhante à do conto, e pode ser estudado conforme qualquer outra narrativa de ficção, porque sua intenção é menos produzir efeitos de veracidade que efeitos estéticos da própria ficção. (MOTTA, 2013, p. 96).

Neste sentido, os textos de Eliane Brum buscam atingir os dois efeitos: a jornalista busca produzir efeitos de veracidade e efeitos estéticos à sua narrativa. Ainda de acordo com os bastidores das reportagens sobre o tráfico, Brum deixa claro que seu objetivo através da matéria era o de proporcionar ao leitor a experiência de ver a cena por seus olhos, buscando ampla fidelidade à imagem captada pela jornalista através dos relatos proclamados em meio às lágrimas daquelas mães.

Meu objetivo, ao fazer a reportagem sobre as mães dos meninos do tráfico, era olhar para elas – olhar para vê-las. A cada narrativa busquei contar não só das palavras, mas da forma de falar, dos gestos que desmentiam o que era dito, das repetições, das negações, dos silêncios. Como Eva da Brasilândia, que repetia três vezes o final de cada frase – e dizia que não sentia mais dor chorando. Eu queria dar ao leitor a oportunidade de ver pelos meus olhos os detalhes, as texturas, as ausências e os excessos de seu inferno pessoal – e também todas as nuances do que as fazia sobreviver. O desafio era mostrar uma imagem inteira dessas mulheres – ou pelo menos uma que não ocultasse nenhuma parte essencial. E assim aproximá-las do leitor, de modo que não pudessem mais ser ignoradas, que se tornasse inescapável reconhecê-las nas ruas, no trabalho, em casa. (BRUM, 2008, p. 243).

Dessa forma, Eliane Brum procura proporcionar, através da escrita, o intercâmbio de experiências: a personagem se abre para a jornalista através da imensa empatia demonstrada; A jornalista capta as informações verbais e não verbais, o que é contado e o que fica em silêncio (o silêncio também diz), o que é manifestado através de gestos e entrelinhas. Em seguida, Brum escreve o texto intercambiando a experiência da personagem com o leitor. O texto se transforma, então, em uma ponte entre o leitor e o íntimo da personagem, intercambiando suas experiências.

Em entrevista ao jornal Zero Hora¹⁴, Eliane descreve a reportagem como “um movimento profundo”, em que o repórter precisa “atravessar a rua de si mesmo” antes de ir para a rua. O jornalista precisa se esvaziar dos seus preconceitos e visões limitadas de mundo para “se deixar habitar por uma outra experiência”. Em seguida, “empreender o caminho de volta”, processo que não é simples, de acordo com a jornalista.

É bem difícil de fazer [reportagem], que cobra um preço alto de quem a ela se arrisca. Como se sabe, a reportagem se faz na rua, com os pés enfiados na lama dos acontecimentos. Antes de ir para a rua concreta, porém, é preciso atravessar a rua de si mesmo. É preciso fazer esse movimento profundo que consiste em se desabitar de

¹⁴ Disponível em: <http://elianebrum.com/programas-e-resenhas/so-tem-credibilidade-quem-investiga-quebra-e-se-importa-com-a-precisao/>

si para ser habitado pelo mundo do outro – ou pelo mundo que é o outro. (BRUM, 2016).

Eliane afirma que se o repórter não fizer este movimento constante corre o risco de escrever sobre si mesmo e não sobre o outro e, não é este o intuito da reportagem.

É claro que esse movimento jamais é completo, mas é o que nos leva mais perto da complexidade dessa outra experiência, das tantas verdades, porque nunca há uma só verdade, e também das tantas contradições e nuances. Se um repórter não atravessa a rua de si mesmo, pode ir até o outro lado do mundo e passar um ano lá, que vai voltar escrevendo sobre o que já sabia antes de partir, porque de fato não partiu nem retornou, mas sim permaneceu simbolicamente no mesmo lugar. (BRUM, 2016).

De acordo com a entrevista à “Encontros da revista E/Sesc¹⁵” Brum garante que para ser “habitada pelo outro” ela se utiliza do elemento-chave de suas reportagens¹⁶: O elemento da escuta – que se faz com todos os sentidos.

Eu me apresento como uma escutadora, acho que é o que melhor me define como repórter. É uma escuta do dito, do não dito, do silêncio, da hesitação, dos quadros na parede, dos móveis, das texturas, das cores, dos sons, que não são palavras. É uma escuta ampla. Interfiro muito pouco nas minhas entrevistas, gravo e vou anotando tudo o que vai acontecendo no ambiente, de modo que eu consiga reconstituir aquilo que vivi e que escutei. Não conheço instrumento melhor para alcançar o outro ou para chegar o mais perto possível do que a escuta. (BRUM, 2017a).

De acordo com Brum, “bons repórteres são bons escutadores da realidade. O mais difícil é justamente aprender a escutar com todos os sentidos.” Da habilidade de escutar o outro em sentidos que transcendem os auditivos, se estendendo à visão do repórter, tato, olfato e até a percepção do silêncio e das entrelinhas deste silêncio. Em uma de suas páginas da obra “*Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*” há um trecho em que podemos perceber diversos sentidos na escuta (agora narrativa) de Eliane: “Naquela caverna de Ali Babá, onde o silêncio cheirava a couro, salame e fumo, minha tia enfiava suas duas mãos bordadas pelos calos de uma vida de roça, tanque e fogão e colhia do baleiro doces de mil e uma noites”. (BRUM, 2014, p. 727).

Brum afirma que desde pequena, é capaz de permanecer horas só escutando, “sem a necessidade de falar de mim mesma” (BRUM, 2014, p. 303) e que “há uma dificuldade tremenda em escutar. Todo mundo quer falar, mas ninguém quer escutar.”

Para conversar com as fontes, seu momento de escuta, de garimpar no ambiente e na fala os tesouros escondidos para sua reportagem, Brum utiliza-se da empatia: Se coloca no

¹⁵ Disponível em: <http://elianebrum.com/programas-e-resenhas/escuta-sensivel/>

¹⁶ De acordo com a maioria das suas entrevistas disponíveis (e que foram analisadas para este trabalho)

lugar do outro em seu processo jornalístico e se utiliza do princípio da ampla liberdade de suas fontes em contar-lhe o que desejarem.

De certa maneira, eu faço assim: Antes de sair de casa eu me faço uma pergunta. Ou duas: Se eu estivesse no lugar dessa outra pessoa, eu abriria a porta para uma repórter? Eu responderia a essa pergunta? Se a minha resposta for não, eu não saio de casa pra fazer isso. E se alguém me diz que não quer falar comigo, eu não insisto porque eu acho que ninguém é obrigado a querer falar comigo. As pessoas me perguntam: ‘como você arranca essas coisas das pessoas?’ Eu não arranco nada. Pra mim, arrancar é o contrário do que um repórter deve fazer. As pessoas me contam. Ou elas não me contam. (BRUM, 2017a).

Sobre a empatia como elemento crucial do jornalismo de Eliane Brum, Rech confirma:

Aqui se revela um dos segredos de Eliane para compilar suas histórias: a empatia enigmática que ela estabelece com suas fontes. Não são modos e gestos afetados, não são truques impessoais para relaxar o entrevistado. Eliane é assim, confiável e profissional ao mesmo tempo. Olhos, ouvidos e, principalmente, coração aberto diante da informação em estado bruto. (RECH apud BRUM, 2013, p. 2).

Em entrevista a Encontros da revista E/Sesc¹⁷“ Eliane conta que sempre evita fazer a primeira pergunta ao entrevistado. De acordo com Brum, “a primeira pergunta fala mais de mim do que das pessoas.” A primeira pergunta fala do que o repórter quer saber e, não necessariamente, coincide com o que a pessoa iria contar a ele.

A primeira pergunta é uma forma de controle e eu acho que fazer reportagem é abrir mão do controle num certo momento pra poder alcançar o outro. Então, sempre que eu posso eu só digo: ‘Me conta’. E é incrível por onde as pessoas começam a contar sua história. Eu jamais saberia o que elas me contam se eu fizesse a primeira pergunta porque é muito surpreendente por onde as pessoas começam a contar uma história. (BRUM, 2017a).

O respeito à fonte é prioridade para Brum. Para ela, a relação entre o jornalista e a fonte que se abre para ele é a de um pacto profundo que não deve ser violado.

Quando alguém abre a porta da casa para te contar uma história, tem ali um pacto muito profundo. Não posso trair essa pessoa. Um entrevistado meu jamais ouviu que algo saiu de um jeito porque o editor mexeu e não pude fazer nada. A responsabilidade é minha, porque esse pacto é comigo e eu é que vou lutar pela voz dessa pessoa para levar aos leitores uma reportagem que contemple a complexidade da realidade. (BRUM, 2017a).

¹⁷Disponível em: <http://elianebrum.com/programas-e-resenhas/escuta-sensivel/>

Para Brum, é fundamental respeitar a palavra exata do seu entrevistado, sendo a mais fiel possível ao que é, de fato, dito e sendo profundamente sensível ao conjunto sílabas que são proferidas.

Há um pacto de confiança nesse tipo de reportagem, é muito grande alguém se contar para o outro, e por isso tenho que ter esse respeito pela palavra do outro. Pela palavra exata, não pelo sinônimo, e por essa escuta, que é o grande instrumento da reportagem. Por exemplo, acompanhei os últimos 115 dias de uma mulher que morreu de um câncer incurável, e durante esse tempo falei com ela praticamente todos os dias. Em nenhum momento ela pronunciou a palavra câncer. Se eu tivesse perguntado como ela lidava com o câncer, não saberia disso e não entenderia o que foi para ela viver a morte. (BRUM, 2017a).

De acordo com ela, a ausência da habilidade da escuta prejudica o jornalismo. “Sem o instrumento da escuta, sem despir-se de si, não seria possível escutar um pedófilo de criança, por exemplo” (BRUM, 2017a). E afirma que o jornalista deve escutar, “não para absolver ou condenar porque jornalista não é juiz”. Sobre este papel de condenação, Brum afirma que existe uma tendência de parte da imprensa em desumanizar as pessoas, classificando-as entre vítimas e criminosos, perceptível nas narrativas, principalmente, policiais. “As pessoas não são um substantivo: monstro, bandidos, vítima, etc. As pessoas são pessoas e o jornalismo precisa combater a desumanização para não falsificar a vida.” (BRUM, 2017a).

Além do respeito absoluto às fontes, Brum afirma ter como princípio o respeito absoluto ao leitor: “Jamais subestimo o leitor: O que ofereço a ele são minhas melhores palavras e minha busca por verdades desacomodadas. Ofereço principalmente as minhas dúvidas, porque são dúvidas que nos levam a lugares novos, as certezas nos cimentam.” (BRUM, 2013, p. 4).

A jornalista afirma ter três regras pessoais com o leitor: Estar completamente envolvida com o assunto, buscar dizer o que ainda não foi dito ou outras angulações do mesmo tema e se informar suficientemente sobre o tema para poder elaborar suas narrativas.

Meu pacto com quem me lê parte de algumas regras pessoais, e estas eu não transgribo: 1) Tenho de estar tomada pelo assunto, porque essa é a primeira verdade que ofereço; 2) preciso acreditar ter algo a dizer que ainda não foi dito por outros articulistas, ou pelo menos não da forma como eu gostaria de dizer, evitando tomar o tempo das pessoas com um texto que elas poderiam ler em outro lugar; 3) tenho de ter estudado muito antes de escrever, porque o olhar e a ideia são apenas pontos de partida para a investigação que vai permitir a construção de um texto consistente, ainda que algumas vezes essa investigação seja uma trajetória acidentada pelos meus interiores e memórias. (BRUM, 2013, p. 4).

Benjamin (1987) acredita que a narrativa está em vias de extinção. “São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. [...] É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”.

Ele afirma que isso se dá devido a inúmeras características da narrativa que estão se perdendo, como a arte de aconselhar, própria da narrativa.

Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se “dar conselhos” parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. [...] O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. (BENJAMIN, 1987, p. 200).

Nesse sentido, Brum cumpre o seu papel como narradora: suas reportagens, em maioria absoluta, levam ao leitor um mundo desconhecido, o do olhar do outro, que muitas vezes fica em silêncio nas narrativas dentro dos padrões dos valores notícia. Ao se caracterizar como uma repórter de desacontecimentos e apresentar ao leitor as narrativas alternativas que tecem a realidade do nosso momento histórico inundadas pelas entrelinhas das personagens observadas pela jornalista e explicitadas na narrativa, o leitor sai com a sensação de ter tocado aquela realidade, ainda que em superfície e pelos olhos de Brum. Em seu prefácio de “A menina quebrada”, Brum afirma:

Minha aspiração é ser capaz de arrancar você do lugar, para que possa ver o mundo de outros ângulos. Para isso, preciso antes arrancar a mim mesma do lugar a cada semana. Não escrevo para apaziguar, nem a mim nem a você. Para mim só faz sentido escrever se for para desacomodar, perturbar, inquietar. Não pela polêmica fácil, pelo truque, mas pela busca honesta por compreender a época em que vivemos. Sem esquecer nem por um segundo que escrevo imersa neste tempo histórico e que as verdades são criaturas fugidias, que se escondem às vezes nas vírgulas do cotidiano. Escrevo porque acredito no poder da narrativa da vida em transformar a própria vida. E acredito mais ainda no poder de transtorná-la. (BRUM, 2013, p. 1).

Para Brum, em palestra ministrada¹⁸ no evento de 4 anos da Agência Amazônia Real na Universidade do Estado do Amazonas (UEA) o papel do jornalista não é o de apaziguar o leitor, mas de incomodá-lo. “O desafio da reportagem é recuperar o olhar do espanto”, afirmou. E, para compreender quais são os elementos que Brum usa em suas narrativas para este fim é interessante entendermos um pouco melhor a forma de fazer jornalismo de Eliane Brum.

A repórter nos dá pistas do seu fazer jornalístico, do seu processo de criação e elaboração da escrita sobre o outro. No prefácio de seu livro “A vida que ninguém vê”, Rech

¹⁸ Disponível em: <http://amazoniareal.com.br/o-desafio-da-reportagem-e-recuperar-o-olhar-do-espanto-diz-eliane-brum/>

nos fornece informações sobre o processo de construção das colunas sobre os anônimos que Brum comandava no jornal Zero Hora. Rech classifica o processo de Eliane Brum em três momentos: O primeiro, em que ela definia sua personagem e fechava o tema, sendo necessárias para este primeiro momento a inspiração e sensibilidade da repórter; O segundo momento, em que entrevistava a personagem com seu “olhar terno e sensibilidade extrassensorial”; E, como último momento, o da escrita em si, em que ela enfrentava o desafio semanal de copilar as informações e entrelinhas complexas e profundas do entrevistado em uma página de jornal.

Sabe-se que, no caminho até sua página de sábado, a jovem repórter (ou seria colunista?) defrontava-se com três momentos decisivos. No primeiro, talvez o mais crítico por requerer um exercício de precisa inspiração e sensibilidade, recrutava sem tema e definia sua personagem – o vinho raro à espera de ser descoberto e degustado. Em seguida, vinha a tarefa mais espinhosa para muitos jornalistas e seus entrevistados, mas provavelmente o momento mais natural para quem conhece Eliane: deixar-se devassar diante da repórter de voz suave, olhar terno e sensibilidade extrassensorial. [...] A última etapa guardava a tarefa mais simples para Eliane – escrever magistralmente – e a mais tenebrosa das missões: Conter seu próprio ímpeto de narrar além, de percorrer escaninhos da vida dos entrevistados que as limitações de espaço de um jornal não conseguiriam jamais conter. Em permanente ebulição jornalística, Eliane vivia no fechamento da coluna o drama de enquadrar em somente uma página o retalho de vida que para outros repórteres não valeria uma nota. (RECH apud BRUM, 2006, p. 2).

Em palestra ministrada ¹⁹no evento de quatro anos da Agência Amazônia Real na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Eliane Brum diz temer jornalistas “que acreditam pairar acima da realidade, capaz de uma total isenção”. A afirmação tem como embasamento o fato de que, segundo ela, a ilusão da imparcialidade total do jornalista faz com que ele deixe de tomar as precauções necessárias (inclusive em relação a si mesmo) para chegar o mais perto da verdade, já que não há uma verdade absoluta, e jamais alcançaremos totalmente as múltiplas verdades que existem. Pereira (2006) afirma que o repórter deveria se perceber na posição do “antropólogo que sabe a falibilidade de incorporar o ponto de vista alheio, ver como o outro vê e entender uma realidade que, em geral, não é sua” (PEREIRA, 2006, p. 77).

“O jornalismo é um modelo de experiência, uma leitura sobre e não do mundo, uma construção da realidade, processo de olhar refém da transparência e da ética” (PEREIRA, 2006, p. 15). E, justamente, por se tratar de uma leitura crítica e provocante sobre o mundo é que o jornalismo é tão necessário. Informações fragmentadas, soltas, mal apuradas, deslocadas de contexto e muito menos análise constituem grande parte das notícias propagadas na *web* hoje.

¹⁹ Disponível em: <http://amazoniareal.com.br/o-desafio-da-reportagem-e-recuperar-o-olhar-do-espanto-diz-eliane-brum/>

Em relação ao assunto, em entrevista à “A Crítica” Brum afirma²⁰ que “Cada vez que uma matéria se parece mais com um post no Facebook, o jornalismo despenca mais um degrau rumo à irrelevância.” E provoca: “Se não há reportagem, para que imprensa?”. Na mesma entrevista, Brum argumenta que a imprensa só terá relevância nas narrativas dos tempos atuais se investir em reportagens.

A imprensa, desde especialmente a segunda década deste século 21, só será uma narradora importante sobre o seu tempo, sobre o que chamo de história em movimento, se souber valorizar a reportagem, o grande diferencial do jornalismo sobre outras narrativas. Ainda se faz grande reportagem no Brasil. Muito menos do que seria necessário, mas ainda existe. (BRUM. 2017b).

Ainda dentro da valorização da reportagem, Brum chama a atenção para a negligência que a reportagem cotidiana vem sofrendo, tornando-se cada vez mais rasa e fragmentada. Isso acarretaria grande defasagem de nossa narrativa, um buraco na memória do nosso país cavado com as pás das milhares de histórias extraordinárias que são deixadas de contar.

O que me parece que sofreu mais com a crise do modelo de negócios é a cobertura cotidiana. Esta é a tragédia maior da imprensa, e, portanto, da sociedade. A cobertura cotidiana é cada vez mais precária, rasa e fragmentada. Vivemos um momento histórico difícil, duro, mas também fascinante. Mas os Brasileiros, porque não existe um Brasil só, não estão sendo contados cotidianamente pela imprensa. Há enormes porções descobertas, narrativas que nunca serão escritas, capítulos inteiros perdidos. Acho isso doloroso. Uma catástrofe literalmente silenciosa. (BRUM. 2017b).

Logo, o interesse por narrar o cotidiano de Eliane Brum tem relação direta com a necessidade de narrar para eternizar a memória, para entender o tempo histórico em que estamos inseridos a partir de diversas narrativas que poderiam estar sendo contadas – e não estão – constituindo o que ela chama de “catástrofe literalmente silenciosa”.

Motta (2013) explica essa necessidade:

Narrar é uma forma de dar sentido à vida. Na verdade, as narrativas são mais que representações: são estruturas que preenchem de sentido a experiência e instituem significação à vida humana. Narrando, construímos nosso passado, nosso presente e nosso futuro. As narrativas criam o ontem, fazem o hoje acontecer e justificam a espera do amanhã. A coerência narrativa cria o tempo, no nosso tempo. (MOTTA, 2013, p. 18).

²⁰ Em entrevista disponível em: <http://www.acritica.com/blogs/bem-viver-blog/posts/o-centro-do-brasil-e-a-amazonia-afirma-a-jornalista-eliane-brum>

As reportagens de Brum buscam transformar invisíveis em narrativa, levar o cotidiano para o primeiro plano e o ressignificar a definição de extraordinário para o jornalismo, humanizando não apenas suas fontes desumanizadas por grande parte da imprensa tradicional, mas também o tempo.

4.6 A ATUAÇÃO DE ELIANE BRUM NO EL PAÍS

Eliane Brum começou a escrever textos para a Internet em 2009, quando trabalhava na revista *Época*.

Resistente a princípio, é preciso admitir, aos poucos comecei a pensar que poderia ser uma chance para me aventurar em algo que nunca tinha tentado, uma forma de me expressar que representasse um desafio. Afinal, se queremos desacomodar o leitor – e eu quero –, é preciso primeiro nos desacomodarmos. (BRUM, 2013, p.2)

A autora, relutante no começo, logo enxergou na Internet uma possibilidade valiosa que não encontrava no impresso: Na *web*, o texto não possui limite de tamanho e seus textos puderam ser do tamanho necessário para passar a mensagem desejada.

A Internet mudou o mundo – e também o meu mundo. Realizou aspirações que eu tinha e outras que nem sabia ter. Eu não precisava mais de páginas-livro. Os textos agora podem ter o tamanho que exigirem. E descobrir o seu tamanho é parte do desafio de escrever. (BRUM, 2013, p.2)

Porém, na mesma proporção em que existe a liberdade do texto em relação ao tamanho, a *web* tem predominância de textos curtos, fragmentados e instantâneos. Com a Internet, a velocidade da informação aumentou consideravelmente. Se antes, o jornal do dia contendo as notícias do dia anterior era o modo mais veloz de se informar, hoje a instantaneidade tornou esta prática ultrapassada. O fato acontece agora e em segundos está na rede, não se limitando aos veículos de comunicação, estendendo-se ao usuário comum. Dessa forma, a instantaneidade como marca do novo modelo de informação traz consigo o número enorme de conteúdos curtos e fragmentados. O *Twitter* é uma das demonstrações desta velocidade e fragmentação, com mensagens instantâneas limitadas por poucos caracteres. Inclusive, o *Twitter* tem sido usado, como ponte entre grandes autoridades e seu público. Em relação à preferência dos leitores atuais por textos mais curtos, Brum discorda:

O leitor não gosta de textos longos? Não é o que a audiência tem mostrado. E agora há como provar. Me parece que na Internet o leitor abandona o lugar de entidade quase metafísica, para encarnar em comentários, compartilhamentos e cliques. Tornando-se, ele mesmo, também um escritor, na medida em que o texto continua a ser escrito a partir de suas observações, no acréscimo de nuances e argumentos. A leitura evolui para um debate – o que antes era vertical se horizontaliza. (BRUM, 2013, p.2)

Hoje, o texto pode ser visto como intertexto que pode assumir diferentes sentidos, em contraponto com a ideia do texto como obra fechada, com sentido finito após sua conclusão. “Cada vez mais, o texto vai deixando de ser considerado uma obra fechada em si, para ser visto a partir de suas conexões no interior de uma ampla rede formada por inúmeros outros textos”. (FIGUEREDO, 2010, p. 15)

Para Brum (2013), a maior vantagem da Internet é a multiplicação das possibilidades de escrever: Os textos podem ter o tamanho que for necessário – levando em conta que tratamos de uma jornalista que se considera habitar em “corpo-letra”, cortar palavras de seu texto pode ser algo realmente limitante no âmbito da expressão. Portanto, livrar-se desta amarra configura grande liberdade à Brum. Além disso, essa possibilidade de extensão do texto dá aos jornalistas e escritores a oportunidade de criarem textos aprofundados, com a complexidade exigida pelo tema.

Na Internet cabem todos os formatos, mas, para jornalistas e para leitores, talvez a maior conquista seja a ampliação da possibilidade de escrever – e de ler- textos de profundidade, analíticos, que respeitam a complexidade dos temas. E assim, ficar menos dependente da disputa por espaço e por páginas, que se é importante quando traduz um debate movido pela relevância, é também uma afirmação de poder e hegemonia de uma visão de mundo sobre outras. (BRUM, 2013, p.02)

As colunas de Eliane Brum na edição online do jornal El País são o foco deste trabalho. A autora escreve quinzenalmente para o portal, em uma coluna onde aborda assuntos principalmente relacionados à política.

O *El País* é um jornal diário espanhol inaugurado em 1976 e, até hoje, se consolida como um dos jornais de maior tiragem da Espanha.

El periódico se define como un diario global, independiente, de calidad y defensor de la democracia. Fue precursor en la adopción de usos periodísticos como el Libro de Estilo, la figura del Defensor del Lector y el Estatuto de la Redacción, que regula las relaciones profesionales entre la redacción, a través del Comité de Redacción, la dirección del periódico y la sociedad editora. (Site do El País, disponível em: <https://escuela.elpais.com/historia-de-el-pais/>)

A versão digital do periódico disponibiliza seus conteúdos gratuitamente desde 2005. Em 26 de novembro de 2013, foi lançada a edição em português do jornal social-

democrata. O site é alimentado por publicações próprias em português e traduções da versão original. Segundo o próprio El País, o número de acesso de leitores brasileiros foi o fator motivador para a criação da versão em português.

Eliane Brum colabora quinzenalmente com o periódico desde o ano do lançamento da sua edição em português, 2013, em uma coluna de opinião. Beltrão (1980) afirma que existe uma categoria dentro das redações de “opinantes profissionais”, ocupadas por comentaristas, cronistas (de política, esportes, economia, etc.) e críticos especializados em assuntos como literatura, música, cinema e outras atividades de lazer. “Em regra, os autores de artigos são pensadores, escritores e especialistas em diversos campos, e cujos pontos de vista interessam ao conhecimento e divulgação do editor e seu público típico” (BELTRÃO, 1980, p. 65).

Segundo Beltrão (1980, p. 65), “a opinião do jornalista, como a do colaborador convidado da empresa, se expressa em artigos e crônicas”. O autor cita Mostaza (1953) ao afirmar que esses gêneros, tal qual o editorial, são manifestações da “dimensão da profundidade”, termo de Bartolomé Mostaza (1953). Para Beltrão, a crônica e o artigo se diferenciam do editorial porque “escapam aos limites da ideologia restrita do editor, dos princípios gerais e das teses orgânicas da empresa, dos compromissos e diretrizes que esta mantém e busca traçar para o comportamento público” (BELTRÃO, 1980, p. 64).

A definição de crônica, embora tangencie os textos de Brum, mostra-se insuficiente para defini-la. Segundo Redmond:

A crônica, em seu sentido geral, é um breve comentário sobre algum fato do cotidiano. Trata-se de um gênero literário produzido para ser veiculado na imprensa, de finalidade utilitária, com o objetivo de agradar aos leitores dentro de um espaço de mesma localização. Poética ou irônica, seu motivo são os pequenos acontecimentos: a notícia em que ninguém prestou atenção, cenas do cotidiano, tudo o que é corriqueiro, criando-se, assim, no transcurso do tempo - dias, semanas - uma familiaridade entre o escritor e aqueles que o leem. (REDMOND, 2010, p. 134).

Candido (1992) afirma que uma das características da crônica é a falta de preocupação com a durabilidade que, despreziosa, pode vir a ampliar sua duração pela potência. Segundo o autor:

[a crônica] não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em 'ficar', isto é, permanecer na lembrança e admiração da posteridade. (CANDIDO, 1992, p. 14).

As colunas de Brum, ao contrário, demonstram veemente preocupação em escrever linhas da história. A jornalista escreve consciente de que suas palavras ecoam a longo prazo e, por isso tem o cuidado de escrever narrativas que deixariam de ser contadas na história, as dos invisíveis e análises do contexto político e social daquele momento. E é fundamental notar que Brum já se consolidava como jornalista premiada, no momento em que inaugurou sua coluna no El País. Beltrão afirma que

[...] raramente um autor desconhecido do editor e do público (aqui incluídos muitos redatores principais do staff redacional) tem as honras da inclusão do seu artigo na página nobre do jornal (ou no horário nobre e/ou adequado dos programas jornalísticos do rádio e da televisão). Articulistas e cronistas autênticos literatos, e, não tendo, como o profissional do dia-a-dia, de submeter-se à maior pressão do tempo reduzido da produção coercitiva diária, podem burilar suas matérias, não raro tornando-as antológicas e conferindo-lhes aquela perenidade que constitui exceção no exercício da atividade jornalística. O convite a um escritor para que se encarregue de um ou alguns artigos (ou crônicas) por semana é um reconhecimento do seu valor literário e uma homenagem ao seu talento crítico e expositivo. (BELTRÃO, 1980, p. 65).

Não é a preocupação deste trabalho encaixar os textos da jornalista em determinado gênero textual – nosso foco é na análise de suas narrativas. Além disso, outros autores já se atentaram para isso, como Abib que concluiu em seu trabalho que “as entrevistas com os profissionais do El País parecem [...] corroborar com a hipótese de que as produções de Eliane Brum na web não se restringem a um formato ou gênero específico” (ABIB, 2017, p. 128). Segundo o tradutor das colunas de Brum, Óscar Curros, em entrevista à Abib (2017), as colunas de Brum se assemelham a um romance. O tradutor afirma:

As colunas dela são textos muito complexos, porque a gente ainda chama de coluna, mas, na verdade, é quase um gênero novo, porque, em muitos casos, é uma grande reportagem, ou ensaios, e até metarelato, porque muitas vezes ela fala de como ela constrói as histórias, a perspectivas dela. Então coluna, nesse caso, é quase como dizer romance. O romance é um gênero que cabe tudo, e muitas das colunas envolvem uma parte de reportagem e uma parte de opinião também. Acho que, talvez, o que elas mantêm de coluna, de maneira muito clara, é a transparência da autora (CURROS apud ABIB, 2017, p. 129).

Para o diretor do El País, Antonio Jiménez Barca (apud ABIB, 2017, p. 129), “ela tem um jeito de fazer artigo muito original. Porque não é uma coluna de opinião, não é uma reportagem, não é uma crônica, e sim é tudo isso junto. Sua maneira de escrever é muito pessoal. Ela chegou a ter um estilo próprio”. E acrescenta: “o gênero é Eliane Brum. Ela escreve uma coluna que é Eliane Brum” (apud ABIB, 2017, p. 129). Dessa forma, chamaremos os conteúdos escritos das colunas de Brum apenas de “textos” ou “colunas” ao longo de nossa análise.

Em relação à escrita da autora nas colunas (sobre as quais nos aprofundaremos no próximo capítulo, na análise) Abib se atenta para o exercício de conexão de diferentes âmbitos de cultura e política da vida em sociedade,

tensionando as implicações e o debate acerca dos dilemas de nosso tempo. Sua abordagem também busca iluminar aspectos pouco visíveis ou nem sempre discutidos pelas produções midiáticas convencionais, percebendo a articulação dos fatos e os significados manifestos nos detalhes do comum. (ABIB, 2017, p.130).

A autora faz este movimento em textos que vão de encontro à maioria dos textos jornalísticos na *web*, em maior parte sendo curtos, mais superficiais, com outros valores-notícia e linguagem simples. De acordo com a jornalista, em entrevista ao Observatório da Imprensa:

É um grande equívoco acreditar que a Internet só foi feita para notícias curtas. A suposição de que o leitor não gosta ou não tem tempo para ler textos longos é um outro equívoco que a Internet ajudou a desfazer. Grandes reportagens têm sido publicadas na Internet. [...] Pela primeira vez é possível publicar artigos, entrevistas e reportagens com o tamanho que precisam ter, sem que isso represente custo adicional. [...] Meus textos são sempre longos e em geral com vários *links*, para que o leitor possa se aprofundar ainda mais, se quiser, ou conhecer as fontes que usei para a minha pesquisa. Se fosse publicada na revista impressa, minha coluna teria, em média, cinco, seis, às vezes dez páginas. E as pessoas leem. (BRUM, 2013b).

A jornalista acredita que parte significativa dos leitores não avalia sua leitura pelo tamanho do texto: Decidem se vão ler ou não “pelo tamanho do respeito pelo seu tempo e sua inteligência. Por aquilo que o texto faz ecoar nele – mesmo quando o incomoda” (BRUM, 2013b). E são exatamente os elementos narrativos que constroem o texto de Eliane Brum, e que os levam a ecoar em seus leitores, o ponto chave desta pesquisa. Entender as estratégias, as minúcias que compõem suas narrativas e criam determinados sentidos no leitor. Narrativas estas, presentes em suas colunas na *web*. “Meu corpo com limites cada vez mais indefinidos se encontrou no não corpo que é a rede” (BRUM, 2013). Se, com os limites do papel, o “corpo-letra” de Brum já conseguia causar imenso impacto social, sem as barreiras físicas que aprisionam o texto, as agora letras não-corpo oriundas da rede merecem, desde já, investigação. Sobre a necessidade de realizarmos trabalhos científicos relacionados à escrita e narrativa de Eliane Brum, Rech concorda: “O talento de Eliane, de fato, merece uma investigação científica.” (RECH apud BRUM, 2006, p. 2).

5 ANÁLISE

Para este trabalho, cujo objetivo é identificar características narrativas de Eliane Brum em suas colunas digitais no El País Brasil, utilizaremos duas metodologias em conjunto: Análise Pragmática da Narrativa, proposta por Motta (2013), e a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009).

Sob a perspectiva da narratologia, analisaremos as colunas de Brum a partir dos três planos propostos por Motta (2013): plano da expressão, plano do conteúdo e metanarrativa. Para a análise em cada um dos planos da narrativa, utilizaremos como base a Análise de Conteúdo, propondo categorias que nos permitam analisar as estratégias narrativas de Brum em cada um dos três planos, fundamentais para a análise pragmática.

De acordo com Motta (2013, p. 136), o plano da expressão – ou plano do discurso – “é o plano da linguagem, o plano de superfície do texto, através do qual o enunciado narrativo é construído pelo narrador (seja a linguagem visual, sonora, verbal, gestual, multimodal, etc.)”. É no plano da expressão, segundo o autor, que as estratégias discursivas e a intencionalidade do narrador são mais bem percebidas. Segundo Motta:

Observar esse plano tem importância fundamental na análise porque a retórica escrita, visual ou sonora é fartamente utilizada como recurso estratégico para imprimir tonalidades, ênfases, destacar certos aspectos, imprimir efeitos dramáticos de sentido. Cada uma dessas linguagens enfatiza certas formas expressivas de acordo com as intenções comunicativas e os efeitos pretendidos. (MOTTA, 2013, p. 136).

Para a compreensão deste plano, propomos a análise de conteúdo em dois eixos: o das vozes presentes no texto – e como a autora faz este movimento de dar a voz – e a apresentação da coluna, com as categorias: imagens presentes – subcategoria tipos de imagens, vídeos, características dos vídeos, subtítulos e frases em destaque presentes no texto, e o número de parágrafos de cada uma das colunas do corpus analisado, para nos aproximarmos da apresentação das colunas. O objetivo das categorias propostas é compreender a intencionalidade de Brum com os – raros, mas presentes – elementos multimidiáticos, como vídeos e imagens; compreender a linha narrativa proposta por Brum nas frases em destaque e subtítulos – elementos caros ao leitor digital; compreender as vozes evocadas por Brum em seus textos, e como ela dá essa voz – seja através de entrevista, citação de livros, fragmento de discurso, etc., fatores importantes para compreendermos os recursos estratégicos utilizados pela autora neste plano de análise.

O tradutor dos textos de Brum no El País, Óscar Currus, em entrevista concedida a Abib (2017), chama a atenção para a intencionalidade de Brum nos elementos de sua coluna, em que tudo tem “uma razão de ser”.

A Eliane faz um jornalismo muito consciente, a escolha das palavras é muito consciente e tem uma razão de ser. [...]. É um nível muito consciente de uso da palavra, dos conceitos, de análise, do mundo da linguagem. Na sua escrita tudo se entrelaça profundamente. É tudo muito complexo e muito coerente, são muitos elementos e contextos. A coluna sempre tem um tema principal ou um tema que é destacado pelo título, e depois tem os assuntos secundários que, na verdade, e na maioria das vezes, estão quase par-a-par com o principal. As análises estão muito conectadas. (CURROS apud ABIB, 2017, p. 186).

O segundo plano ²¹que vamos analisar é o plano da metanarrativa, definido por Motta como “o plano da estrutura profunda, relativamente mais abstrato e evasivo, que evoca imaginários culturais” (MOTTA, 2013, p. 138). É neste plano em que os “motivos de fundo” éticos e morais integram as ações do enredo. De acordo com Motta (2013, p. 138), neste plano identificamos

as situações éticas fundamentais plasmadas por um narrador no momento em que ele se põe a narrar, por exemplo, os temas fidelidade, fé, confiança no futuro, felicidade, revolução, conspiração, corrupção, exploração, traição, temor à morte, temor a deus, o crime não compensa, o herói, o duplo erro e castigo, triunfo e recompensa, e tantos outros temas, mitos ou motivos. (MOTTA, 2013, p. 138).

Para a análise da metanarrativa, utilizaremos as categorias: tema; contexto. E, ao longo da análise, identificaremos a metanarrativa dos textos de Brum, com elementos, motivações e temas presentes em todo o corpus. Motta (2013, p. 139) afirma que, “em geral, as metanarrativas projetam-se ao longo da análise e só surgem com maior nitidez ao final do processo analítico”. O contexto é de suma importância para compreendermos o sentido. Associando ao raciocínio de Lévy:

Podemos certamente afirmar que o contexto serve para determinar o sentido de uma palavra; é ainda mais judicioso considerar que cada palavra contribui para produzir o contexto, ou seja, uma configuração semântica reticular que, quando nos concentramos, se mostra composta de imagens, de modelos, de lembranças, de sensações, de conceitos e de pedaços de discurso. Tomando os termos leitor e texto no sentido mais amplo possível, diremos que o objetivo de todo texto é o de provocar em seu leitor um certo estado de excitação da grande rede heterogênea de sua memória, ou então orientar sua atenção para uma certa zona de seu mundo interior, ou ainda disparar a projeção de um espetáculo multimídia na tela de sua imaginação. (LÉVY, 2000, p. 14)

²¹ Adaptamos a ordem de análise proposta por Motta de modo a facilitar a visualização das colunas de Brum. Foi uma adaptação realizada em conjunto com o orientador para melhor aproveitamento da análise.

O terceiro plano analisado é o plano do conteúdo (ou plano da estória). De acordo com Motta (2013, p. 137), este “é o plano virtual da estória projetada em nossa mente pelos recursos de linguagem utilizados pelo narrador. [...] É o plano de conteúdo da história propriamente dito”. Neste plano, uma realidade referente é evocada pelo texto narrativo através de sequências narrativas causais, muitas vezes desempenhadas por personagens, estruturando um enredo (MOTTA, 2013, p. 137). Motta afirma que neste plano o analista irá investigar a lógica narrativa, as unidades nucleares e suas funcionalidades na estória, as ações isoladas e seu encadeamento de sequências, compondo o enredo. “Enfim, as micro e macroestruturas ou princípios de organização que configuram a narrativa de uma certa maneira no ato de contar” (MOTTA, 2013, p. 138).

Para este plano, propomos a Análise de Conteúdo a partir das seguintes categorias: recorte do tema; estrutura; hipertextos, seus tipos e direcionamentos. A categoria “recorte do tema” é importante para compreendermos a angulação com que Brum aborda o tema; a categoria “estrutura”, para entendermos a lógica e sequências narrativas dos textos de Brum. Já na categoria “hipertextos”, consideramos importante subcategorizar as frases do texto associadas aos *hyperlinks*, o destino do *link* e o tipo de destino, variando de *tags* para o leitor transitar no *site* do El País a reportagens de outros veículos e jornalistas.

É importante observar os destaques, subtítulos, imagens e *links* porque eles constituem partes da narrativa de Brum, repletos de intencionalidades. Em entrevista a Abib (2017), o diretor do El País Brasil, Antonio Jiménez Barca conta:

Eu também posso dizer que ela é muito exigente com os textos dela, quando a gente coloca os textos dela na *web*. Ela envia não só os textos, ela envia os destacados, ela envia o título, quando a gente tem que colocar a foto, onde a gente tem que colocar a foto, os *links*. Ela é muito cuidadosa com isso. Tem um monte de colunistas que não faz isso, que envia o texto por borda e você coloca tudo. Mas ela não, ela é muito exigente com os textos dela, e mesmo depois de publicar os textos, ela liga muitas vezes porque alguma coisa ficou errada, mesmo para corrigir o texto depois de publicado. Se alguma coisa ficou errada, ela mesma corrige... Nossa, ela é muito escrupulosa com os textos dela. (JIMÉNEZ-BARCA apud ABIB, 2017, p. 189).

É fundamental ressaltar que os textos de Brum, em sua complexidade, podem ser analisados separadamente em cada uma das instâncias propostas por Motta para uma compreensão profunda de cada plano. Neste trabalho, nos propomos a realizar uma análise que dê conta de abranger os três planos. Para um aprofundamento na complexidade de cada um dos planos, asseguramos que é possível novos trabalhos que se dediquem exclusivamente a um dos planos específicos.

5.1 ANÁLISE DAS COLUNAS DE BRUM NO EL PAÍS BRASIL

Para este trabalho, foram analisadas 25 colunas, utilizando como critério para amostra o recorte temporal de um ano – entre a coluna do dia 29.05.2017 até a do dia 21.05.2018. Excluímos de nossa análise as colunas “*Gumerinda e Alice querem viver*”; “*Desmando e impunidade ameaçam tartarugas*”; “*O ribeirinho e a tartaruga*”; “*O predador que virou protetor*” e “*Oito tartarugas de chifre e dois humanos criativos*”, todas publicadas no dia 7 de janeiro de 2018. A decisão por retirá-las da análise é devido ao fato de pertencerem a uma série especial de reportagens compartilhadas do site “Amazônia Real”.

Os 25 textos que compõem o corpus são: “*Cotidiano de exceção*” (29/05/2017); “*Por que diretas já*” (12/06/2017); “*A Lava-Jato como purgação e maldição*” (26/06/2017); “*O Brasil desassombrado pelas palavras-fantasmas*” (10/07/2017); “*E se a classe média de Pinheiros tivesse se omitido?*” (24/07/2017); “*O supremo e a farsa do amianto*” (07/08/2017); “*Democracia sem povo*” (21/08/2017); “*A lei não é para todos*” (04/09/2017); “*Gays e crianças como moeda eleitoral*” (18/09/2017); “*A Amazônia não é nossa*” (02/10/2017); “*Mataram meu filho, mas não quero polícia mais armada, quero políticas públicas*” (16/10/2017); “*Como fabricar monstros para garantir o poder em 2018*” (30/10/2017); “*Os 18 vendilhões*” (20/11/2017); “*A Globo, do outro lado do paraíso*” (27/11/2017); “*Senador José Porfírio, Pará, Amazônia: altíssimo risco*” (11/12/2017); “*As mulheres que dizem não*” (25/12/2017); “*Fui morto na internet como se fosse um zumbi da série ‘Walking Dead’*” (12/02/2018); “*Esquerda, direita e o embargo da memória*” (26/02/2018); “*A invenção da infância sem corpo*” (12/03/2018); “*Como enfrentar o sangue dos dias*” (26/03/2018); “*Lula, o humano*” (09/04/2018); “*Lula, o inconciliável*” (11/04/2018); “*A academia do Oscar fez justiça ao expulsar Polanski e Cosby por crimes contra as mulheres*” (07/05/2018); “*A veneza de Belo Monte*” (14/05/2018); “*O mundo precisa de adultos responsáveis, não de otimismo infantilizado*” (21/05/2018).

5.1.1 Análise da coluna 1: “*Cotidiano de exceção*”

O texto “*Cotidiano de Exceção*”, publicado no El País Brasil no dia 29/05/2017, é um texto essencialmente argumentativo e analítico, tendo como fio condutor da reflexão o livro

“*Sobre a tirania: vinte lições do século XX para o presente*”, de Timothy Snyder, e o contexto político brasileiro naquele momento. Essa relação é evidenciada no trecho do texto:

A seguir faço uma conversa minha com este livro, a partir da experiência de viver no Brasil o que chamo de “cotidiano de exceção”.

O centro da reflexão de Brum é uma análise de nossa sociedade sob a perspectiva da subjetividade (o que ela chama, ao longo dos seus textos, de realidade subjetiva). Amparada pelos fatos que compõem o cenário político, Brum propõe reflexões que articulam as “entrelinhas” e camadas mais profundas da sociedade, história, significados simbólicos de ações e palavras e impactos desses fatores na realidade objetiva, que frequentemente prejudicam os “mais frágeis” estruturalmente da nossa sociedade e destroem o meio ambiente.

No plano do conteúdo, observamos que Brum levanta questionamentos diversos ao longo do texto (o que, mais tarde, observamos ser uma tendência em todos os conteúdos analisados). Os questionamentos são tanto relacionados às respostas necessárias ao Lide jornalístico (o que, quem, como, quando, onde e por que), quanto a questionamentos sobre os fatos, provocando o exercício do questionamento, como no trecho:

É importante começar pelas perguntas mais simples. Um bom gestor derrubaria um prédio com gente dentro? Um bom gestor destruiria primeiro para encontrar alternativas para as pessoas depois? Se a Cracolândia apenas mudou de lugar, por que era importante liberar aquela parte do centro?

Além disso, há questionamentos que envolvem entender o cenário em camadas mais profundas da sociedade, evidenciados nos trechos:

Sem esquecer a pergunta que deve nos acompanhar por bastante tempo e cuja resposta é crucial: a quem interessa destruir a política e convencer a população de que todos os políticos são corruptos e nenhum merece confiança? Ou: a quem interessa borrar as diferenças? Ou ainda: que interesses movem os políticos que se apresentam como não políticos?

Como recuperar a capacidade de pensar e vencer a preguiça de ler num momento tão decisivo para o dia seguinte do país?

Em seu exercício argumentativo, Brum traz uma nova visão sobre a imprensa, evidenciando uma das principais características observadas ao longo de todos os textos do corpus, que é analisar a partir de uma camada mais profunda do contexto social, por exemplo, no trecho:

Enquanto a crise ocupa as principais manchetes, há uma outra camada de acontecimentos que segue seu curso imperturbável.

Ela também oferece uma análise sobre a narrativa da imprensa, como no trecho:

Se observarmos a narrativa de parte da imprensa, ao mesmo tempo coautora e difusora das palavras de ordem ‘vândalo’ e ‘confronto’, percebe-se que a PM tem um lugar no mínimo peculiar nas manifestações

ou ainda

a estratégia de desumanização contida na palavra ‘vândalo’, que apaga qualquer nuance e elimina contexto e circunstâncias, foi estabelecida nos protestos de junho de 2013 e é reeditada sempre que o conteúdo das manifestações contraria interesses dominantes.

O texto, essencialmente argumentativo e reflexivo, adquire tom de “aconselhamento”, dando sugestões para evitar que a tirania se instale no Brasil: agir com consciência ao invés de apenas reagir; estar atento aos fatos para não se tornar instrumento de manipulação política “com novos atores e os mesmos papéis”; Observar sinais cotidianos de autoritarismo; valorizar a imprensa e o jornalismo de qualidade, tomando cuidado com a “urgência” cada vez mais instantânea e menos conclusiva; compreender a nossa responsabilidade como cidadãos.

O texto possui três imagens, todas de cartazes escritos com frases imperativas e nenhum vídeo. Em relação às frases em destaque (no total, dez) observamos que elas compõem um resumo dos parágrafos anteriores ou seguintes. Em relação aos hipertextos, o artigo contém sete *hiperlinks*, com destinos variando entre os tipos: Coluna de Brum no El País – ou seja, outros textos da autora que têm relação com a frase no texto escolhida para inserir o *hiperlink* (três) ; Fonte – *Site* Instituto Socioambiental (dois) e *Site* Observatório do Clima (um); outras reportagens – reportagem no *site* “Repórter Brasil” (um).

Seguem os Quadros 1, 2, e 3 com os dados e categorias da análise.

Quadro 1 – Informações gerais e plano da metanarrativa “*Cotidiano de Exceção*”

Título	<i>Cotidiano de exceção</i>
Subtítulo	Como lutar pela democracia aprendendo sobre a tirania
Data	29/05/2017
Tema	Política
Contexto	Instabilidade do Governo Temer; Pós verdade; Recusa a eleições diretas pelo Governo Temer.

Fonte: A autora, 2019

Quadro 2 – Plano da expressão “*Cotidiano de Exceção*”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Autor do livro <i>Sobre a tirania</i> , Timothy Snyder.	Colocando trechos do livro em todo o texto, costurando as reflexões do autor com as da jornalista sobre o momento político.
Moradores do Xingu	De forma indireta no trecho: “Quem circula na Amazônia e outras partes distantes dos centros de decisão sente a tensão crescente, palpável nas ruas, no campo, na floresta e nos rios, porque sempre que parcelas da sociedade percebem que ficarão impunes, o ténue equilíbrio se quebra primeiro lá. E de forma mais direta, porque seus protagonistas disfarçam menos a truculência. É assim que os mais frágeis morrem primeiro”.
Trabalhadores rurais em Pau D’Arco, no Pará, vítima de violência policial.	Através de <i>hiperlink</i> que conduz à reportagem com os relatos. O <i>hiperlink</i> é vinculado ao trecho: “sobreviventes relatam tortura e execução”.
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	57
Número de subtítulos no texto	4
Subtítulos	<ul style="list-style-type: none"> - Qual é a parte que te cabe - Quando tudo parece se misturar e ficar confuso, siga os fatos - A imprensa, a internet e o que você faz com isso - Em tempos de incerteza, onde colocar o corpo?
Número de frases em destaque	10
Frases em destaque	<ol style="list-style-type: none"> 1. Resistir ao autoritarismo é deixar de reagir por reflexo – e passar a reagir por reflexão 2. Silenciar é o primeiro ato de desumanização do outro 3. Chamar manifestante de “vândalo” é estratégia para tirar a legitimidade de manifestações que contrariam os interesses dominantes

	<ol style="list-style-type: none"> 4. Um país que não para quando a PM usa armamento letal numa manifestação já naturalizou a tirania 5. Pense bem antes de sair repetindo o triunvirato autoritário: chamar o outro de “vândalo”, repressão de “confronto” e manifestação de “balderna” 6. Um conselho para policiais honestos: “esteja pronto para dizer não” 7. Temer balança, mas a república ruralista segue avançando e arrancando pedaços de floresta 8. Reflita: um bom gestor derrubaria um prédio com gente dentro? 9. “Antes de ridicularizar a ‘corrente dominante’ do jornalismo, observe que ela não é mais dominante” 10. “Se aprendemos a não violentar a mente de desconhecidos na internet, outros aprenderão a fazer o mesmo”
Imagens e vídeos	
Número de imagens	3
<i>Características das Imagens</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Imagem 1: Nunca vete voto! Vote sempre! - Imagem 2: Seja o mais corajoso possível - Imagem 3: Pratique a política corpo a corpo a corpo a corpo a corpo [...]
Número de vídeos	Não contém
<i>Características dos vídeos</i>	Não contém

Fonte: A autora, 2019

Quadro 3 – Plano do conteúdo “*Cotidiano de exceção*”

Recorte do tema	A importância de agir sem reagir (ação reflexiva) em diversas esferas políticas como forma de resistência ao autoritarismo.	
Estrutura	Texto reflexivo sobre o autoritarismo que se inicia em pequenas atitudes do cotidiano. Brum teceu seu raciocínio entrelaçando pontos do livro com reflexões sobre o contexto político e acontecimentos daquele momento. A autora explica conceitos e "conselhos" dados pelo livro aplicando-os à nossa realidade daquele momento.	
Hipertextos		
Quantidade de hipertextos: 7		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
“O político João Dória”	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/09/opinion/1483967301_829259.html	Coluna de Brum no El País

“[...]com qual presidente o dia terminará.”	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/18/politica/1495112029_832139.html	Coluna de Brum no El País
“[...]a PM se transforma numa força ideológica.”	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/12/opinion/1473693538_681813.html	Coluna de Brum no El País
“[...] o Senado reduziu a proteção ambiental [...]”	https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/em-meio-a-turbulencia-politica-senado-aprova-mutilacao-de-florestas-protegidas-no-para	Site Instituto Socioambiental
“[...] legalização da grilagem [...]”	https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/mps-da-grilagem-de-temer-e-massacres-no-campo	Site Instituto Socioambiental
“[...]o afrouxamento das regras de licenciamento ambiental [...]”	http://www.observatoriodoclima.eco.br/governo-quebra-acordo-e-rifa-licenciamento/	Site Observatório do Clima
“[...] sobreviventes relatam tortura e execução.”	https://reporterbrasil.org.br/2017/05/sobreviventes-de-massacre-no-para-descrevem-execucao-e-tortura/	Reportagem no Repórter Brasil

Fonte: A autora, 2019

5.1.2 Análise da coluna 2: “Por que diretas já?”

Brum inicia o texto com contextualização do momento político sob uma perspectiva subjetiva (“o voto no Brasil hoje vale muito pouco”). Ela articula fatos, críticas, livros, sua opinião e acontecimentos da história recente do país. É perceptível a relação causa-consequência em muitos momentos do texto, como por exemplo, no trecho:

Ambas têm efeito sobre o esvaziamento do voto e, portanto, da democracia. E o esvaziamento do voto tem consequência profunda – e longa – na vida do país.

Brum finaliza o texto com a sua opinião sobre o que o país precisa naquele momento (fundamentada durante todo o processo argumentativo e centro da reflexão de todo o texto).

A coluna possui apenas uma imagem, de uma manifestação no Rio de Janeiro com um boneco de Michel Temer vestindo a faixa presidencial com o escrito: “Golpista”, ao lado de cartazes com os escritos “Fora Temer” e “Diretas Já”, enfatizando o ponto central do texto, que é a necessidade do povo exigir eleições diretas e entender o valor de seu voto. O texto não possui subtítulos e apresenta sete frases em destaque, enfatizando aspectos subjetivos do cenário político, como na frase:

A crescente fragilização da democracia no interior dos corações e mentes, entranhada no cotidiano, é a mais perigosa.

Em diversos momentos do texto, Brum explica seu raciocínio com base na relação causa-consequência entre fatos e impactos na subjetividade do país. A subjetividade é muito frisada porque assume papel central: é discutido o “respeito” que o PT precisa recuperar no imaginário social; o valor do voto na nossa sociedade; a fragilidade da democracia na mente do brasileiro. Além disso, é realizada articulação constante entre a subjetividade e seus impactos na realidade objetiva do país, como evidenciada na frase:

O que antes era rebelião, hoje beira a apatia. [...] Há muito barulho nas redes sociais sobre o que se vive hoje no país, mas nada acontece de fato se não acontecer também nas ruas.

Os questionamentos diversos compõem a estrutura textual e, para respondê-los, Brum articula fatos, acontecimentos históricos, o livro “Babel – entre a incerteza e a esperança” (editora Zahar, 2016), um artigo publicado na revista Piauí e utiliza a relação causa-consequência das ações, assim como reflexões pessoais da autora.

Mais uma vez, Brum critica a usina hidrelétrica de Belo Monte e expõe seus impactos negativos, caracterizando-o como o projeto que tem “todas as faces das contradições”.

Em relação aos hipertextos, foi um recurso muito utilizado: no total, 33. A sua utilização também foi plural: um deles foi utilizado para dar voz indireta a Fernando Haddad, vinculando um artigo na íntegra escrito por ele e publicado na revista Piauí; um *link* encaminha o leitor para a compra do livro mencionado no *site* da Saraiva; 11 direcionaram para matérias relacionadas ao tema em questão no *site* do El País; 13 direcionam para a *tag* da palavra chave relacionada no *site* do El País; um direciona para outra reportagem no *site* “Jota”; dois encaminham para outros artigos de Brum no El País; dois *links* não foram encontrados (Quadros 4, 5 e 6).

Quadro 4 – Informações gerais e plano da metanarrativa “*Por que diretas já*”

Título	<i>Por que diretas já</i>
Subtítulo	É preciso interromper a crescente fragilização da democracia para recuperar a capacidade de imaginar um país
Data	12/06/2017

Tema	Política
Contexto	Instabilidade do Governo Temer; Recusa à renúncia de Temer e às eleições diretas.

Fonte: A autora, 2019

Quadro 5 – Plano da expressão “*Por que diretas já*”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Conrado Hubner	Colocando trechos (aspas) de um artigo do professor de direito constitucional da Universidade de São Paulo.
Fernando Haddad	Trecho (aspas) de artigo escrito por Fernando Haddad para a revista Piauí <i>Hiperlink</i> para o artigo em questão
Moradores da periferia da Amazônia (chamados de “os mais frágeis” neste texto)	Através da explicitação da situação dessas pessoas prejudicadas pelas ações da bancada ruralista
Zygmunt Bauman e Ezio Mauro	Através de diversos trechos do livro “Babel – entre a incerteza e a esperança”.
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	36
Número de subtítulos no texto	não possui
Subtítulos	não possui
Número de frases em destaque	7
Frases em destaque	<ol style="list-style-type: none"> 1. O PT precisa se responsabilizar pela parte que lhe cabe na corrosão da democracia 2. A eclosão da violência nas periferias é intimamente ligada à fragilidade das instituições no centro 3. Gilmar Mendes se torna para o judiciário, no âmbito da imagem e da responsabilidade pública, o que Eduardo Cunha foi para o Legislativo 4. A narrativa da polarização serve ao apagamento das semelhanças em vez da vocalização das diferenças 5. Belo Monte, mais do que a Petrobras, contém todas as faces das contradições do Brasil atual 6. A crescente fragilização da democracia no interior dos corações e mentes, entranhada no cotidiano, é a mais perigosa 7. “Tempos de desesperança são repletos de tumbas de profetas desonestos e falsos salvadores”
Imagens e vídeos	
Número de imagens	1

<i>Características das imagens</i>	Imagem da manifestação, no Rio de Janeiro, com boneco do Temer usando a faixa escrito “Golpista” e cartazes com “Fora Temer”.
Número de vídeos	Não possui
<i>Características dos vídeos</i>	Não possui

Fonte: A autora, 2019

Quadro 6 – Plano do conteúdo “*Por que Diretas Já*”

Recorte do tema	Fragilidade da democracia no âmbito subjetivo da sociedade e suas consequências na realidade objetiva e no contexto político atual.	
Estrutura	Brum inicia o texto com uma contextualização do momento político sob uma perspectiva subjetiva (“o voto no Brasil hoje vale muito pouco”). Ela articula fatos, críticas, livros, sua opinião e acontecimentos da história recente do país. É perceptível a relação causa-consequência em muitos momentos do texto, como por exemplo, no trecho: “Ambas têm efeito sobre o esvaziamento do voto e, portanto, da democracia. E o esvaziamento do voto tem consequência profunda – e longa – na vida do país”. Brum finaliza o texto com a sua opinião sobre o que o país precisa naquele momento (fundamentada durante todo o processo argumentativo e centro da reflexão de todo o texto).	
Hipertextos		
Quantidade de hipertextos: 31		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
Democracia	https://brasil.elpais.com/tag/democracia/a	Tag da palavra-chave no El País
O que se passa hoje no Brasil	https://brasil.elpais.com/tag/c/9ee51b56a07c53428c6e49c56b289628	Tag da palavra-chave no El País
Michel Temer	https://brasil.elpais.com/tag/michel_temer/a	Tag da palavra-chave no El País
Eleições diretas	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/18/politica/1495112029_832139.html	Matéria relacionada no El País
Dilma Rousseff	https://brasil.elpais.com/tag/dilma_rousseff/a	Tag da palavra-chave no El País
hoje investigado por corrupção passiva	https://brasil.elpais.com/tag/pt_partido_trabajadores_brasil/a	Tag da palavra-chave PT no El País
tornou-se presidente pela força de um impeachment que não se sustentava	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/31/politica/1472678986_266310.html	Matéria relacionada no El País
Acaba de ser salvo	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/21/politica/1495390089_553636.html	Matéria relacionada no El País

Gilmar Mendes	https://brasil.elpais.com/tag/gilmar_ferreira_mendes/a	Tag da palavra-chave no El País
Reformas que a população não escolheu ao eleger a chapa Dilma-Temer	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/22/politica/1492814264_277616.html	Matéria relacionada no El País
PT quiser voltar a recuperar algum respeito	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/23/politica/1464015530_531948.html	Matéria relacionada no El País
O PT não pode apenas se colocar automaticamente na oposição	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/04/opinion/1465066212_806395.html	Matéria relacionada no El País
permanência de Michel Temer na presidência do país é insustentável	https://brasil.elpais.com/tag/proceso_destitucion_michel_temer/a	Tag da palavra-chave no El País
Num artigo bem fundamentado	https://www.jota.info/paywall?redirect_to=//www.jota.info/dados/ru/0-inimigo-do-supremo-05062017	Outras reportagens – Artigo no site “Jota”
As acrobacias retóricas de Gilmar Mendes para absolver Temer	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/08/politica/1496946462_392839.html	Matéria relacionada no El País
Eduardo Cunha	https://brasil.elpais.com/tag/eduardo_cosentino_da_cunha/a	Tag da palavra-chave no El País
Supremo Tribunal Federal	https://brasil.elpais.com/tag/stf_supremo_tribunal_federal/a	Tag da palavra-chave no El País
Agora são dois os vilões do Batman em Brasília City	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/26/opinion/1445867337_306971.html	Coluna de Brum no El País
a massa foi para as ruas em 2015 e 2016	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/16/politica/1426464515_427078.html https://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/04/politica/1480851119_260722.html	Matéria relacionada no El País
PSDB	https://brasil.elpais.com/tag/psdb_partido_social_democracia_brasilena/a	Tag da palavra-chave no El País
Geraldo Alckmin	https://brasil.elpais.com/tag/geraldo_alckmin/a	Tag da palavra-chave no El País
“Vivi na pele o que aprendi nos livros”	https://piaui.folha.uol.com.br/materia/vivi-na-pele-o-que-aprendi-nos-livros/	Fonte – Link para artigo citado na Revista Piauí
Haddad	https://brasil.elpais.com/tag/fernando_haddad/a	Tag da palavra-chave no El País
Dilma Roussef sancionou a lei antiterrorismo	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/24/politica/1456351659_569702.html	Matéria relacionada no El País
usina hidrelétrica de Belo Monte	https://brasil.elpais.com/tag/represa_belo_monte/a	Tag da palavra-chave no El País

Belo Monte, a obra, converte-se num monumento	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/11/opinion/1460390361_909016.html	Coluna de Brum no El País
Eleições indiretas	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/22/politica/1495477278_192827.html	Matéria relacionada no El País
o clamor do “Diretas já” ainda não tenha tomado as ruas	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/24/politica/1495638361_174832.html	Matéria relacionada no El País
<i>Babel – entre a incerteza e a esperança</i>	https://www.saraiva.com.br/edicao-antiga-babel-entre-a-incerteza-e-a-esperanca-9357215.html	Link para adquirir o livro no site da Saraiva
Como já escrevi na coluna anterior	Página não encontrada	Página não encontrada
Simbolizado pelo PT	Página não encontrada	Página não encontrada

Fonte: A autora, 2019

5.1.3 Análise da coluna 3: “A Lava Jato como purgação e maldição”

O texto é iniciado com uma reflexão sobre a crise da democracia, presente no contexto político do momento. Brum associa já na segunda frase, essa crise democrática à ditadura militar:

Minha hipótese é de que as raízes da nossa atual crise estão no próprio processo de retomada da democracia após 21 anos de ditadura civil-militar. As raízes estão no apagamento dos crimes da ditadura e na impunidade dos ditadores.

A partir daí, Brum articula reflexões, fatos históricos, dados, informações psicológicas e trechos de livro, buscando de fornecer profunda análise da crise democrática relacionada à ditadura. O texto reflete sobre a subjetividade que envolve esse cenário e o impacto sofrido nela após a ditadura, explicando as raízes estruturais criadas a partir disso, que reverberam nos dias atuais, como no trecho:

A democracia está longe de ser um sistema perfeito. Mas uma democracia que se funda sobre cadáveres insepultos produzidos pelo Estado tem uma fragilidade estrutural. É um prédio com fraturas nos pilares de sustentação. E se funcionários públicos que torturavam e matavam cidadãos são aceitos e inclusive louvados como heróis, não há nada que não se possa aceitar.

Na verdade, a reflexão sobre o imaginário social e impactos simbólicos que alcançam a realidade objetiva e criam o cenário político chamam a atenção neste texto. Como exemplo, o trecho:

O que gira e gira no Brasil na Lava Jato são cifrões e malas de dinheiro. Como efeito simbólico, é a lógica de que os bens materiais se sobrepõem à vida humana como valor que segue se infiltrando no imaginário.

Brum também se baseia nos fatos para suas reflexões sobre as camadas mais profundas da sociedade, como no trecho:

Acontecimentos recentes mostraram que há os ‘matáveis’ e também os ‘limpáveis’.

Para Brum, as crises subjetivas definem o momento, como “crise de identidade e crise de palavra”, vividas pelo Brasil que não pune devidamente os torturadores da ditadura (pelo contrário, Jair Bolsonaro exaltou um deles em discurso), que ecoam na nossa realidade objetiva, principalmente, política. Também é citado no texto denúncias sobre Belo Monte e obras na Amazônia.

O texto possui 42 parágrafos, 11 frases em destaque e nenhum subtítulo. Possui apenas uma imagem, de dinheiro e distintivo policial, e nenhum vídeo. Além disso, apresenta 41 hipertextos, majoritariamente internos, estimulando a navegação no site do El País.

Os Quadros 7, 8 e 9 apresentam o resultado da análise sobre o texto.

Quadro 7 – Informações gerais e plano da metanarrativa “*A Lava Jato como purgação e maldição*”

Título	<i>A Lava Jato como purgação e maldição</i>
Subtítulo	Para refundar a democracia é preciso bem mais do que combater a corrupção: é preciso produzir justiça e memória dos crimes contra a vida humana cometidos pelo Estado.
Data	26/06/2017
Tema	Política
Contexto	Desdobramentos da operação Lava Jato como foco político na imprensa.

Quadro 8 – Plano da expressão “A Lava Jato como purgação e maldição”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Carlos Ayres Britto	Indireta, colocando trechos - aspas - de sua fala durante o voto favorável à pedido de revisão da Lei de Anistia.
Jair Bolsonaro	Indireta, colocando trechos (aspas) de sua fala durante o voto favorável ao <i>impeachment</i> da Dilma (deu a voz para criticar).
Hannah Arendt	Indireta, em muitos momentos articulou aspas de trechos do livro de Arendt com suas reflexões.
Taty Almeida (integrante da Linha Fundadora das Mães da Praça de Maio)	Direta, colocando aspas de sua fala.
Mariana D. (filha de um dos torturadores)	Direta, colocando aspas de sua fala.
Juíza Aline Santos	Direta, colocando aspas de sua fala.
Mortos da chacina de Pau D’arco no Pará	Indireta, denunciando a chacina pouco comentada.
Luiz Muiña, condenado por tortura na ditadura	Indireta, citação de sua fala.
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	42
Número de subtítulos no texto	não possui
Subtítulos	não possui.
Número de frases em destaque	10
Frases em destaque	<ol style="list-style-type: none"> 1. A maldição da Lava Jato é a de reforçar, como efeito colateral, a natureza da deformação de nossa democracia 2. A promoção de justiça e memória dos crimes contra a vida é o que estabelece a diferença entre uma democracia e uma tirania 3. “Somos coletivamente responsáveis pelo que é feito em nosso nome” 4. Num país de apagamentos, justiça é seguidamente confundida com vingança 5. Ao unirem-se para protestar contra a soltura de torturadores, os argentinos definiram-se como nação 6. O que gira na Lava Jato são cifrões e malas de dinheiro e a vida segue valendo pouco 7. Corrupção e vida humana estavam divorciados nos protestos contra a corrupção 8. A democracia que construímos é deformada e aberta a mais deformações porque não produziu nem justiça nem memória 9. Acontecimentos recentes mostraram que há os matáveis e também os “limpáveis”

	10. Produzimos uma democracia que deixou os mais pobres vivendo um cotidiano de exceção que não se interrompeu com o fim da ditadura.
Imagens e vídeos	
Número de imagens	1
<i>Características das Imagens</i>	Imagem de dinheiro e distintivo policial.
Número de vídeos	Não possui
<i>Características dos vídeos</i>	Não possui

Fonte: A autora, 2019

Quadro 9 – Plano do conteúdo “A Lava Jato como purgação e maldição”

Recorte do tema	Análise da operação Lava Jato relacionada à falta de justiça dos crimes cometidos pelos torturadores na ditadura.	
Estrutura	O texto é iniciado com uma reflexão sobre a crise da democracia, presente no contexto político do momento. Brum ancora, já na segunda frase, essa crise democrática à ditadura militar: “Minha hipótese é de que as raízes da nossa atual crise estão no próprio processo de retomada da democracia após 21 anos de ditadura civil-militar. As raízes estão no apagamento dos crimes da ditadura e na impunidade dos ditadores”. A partir daí, Brum articula reflexões, fatos históricos, dados, informações psicológicas e trechos de livro, buscando de fornecer profunda análise da crise democrática relacionada à ditadura. O texto reflete sobre a subjetividade que envolve esse cenário e o impacto sofrido nela após a ditadura.	
Hipertextos		
Quantidade de hipertextos: 41		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
Democracia	https://brasil.elpais.com/tag/democracia/a	Tag da palavra-chave no El País
Ditadura	https://brasil.elpais.com/tag/dictadura/a	Tag da palavra-chave no El País
dinheiro	https://brasil.elpais.com/tag/dinero/a/	Tag da palavra-chave no El País
Lava Jato	https://brasil.elpais.com/tag/operacion_lava_jato/a	Tag da palavra-chave no El País
Comissão da Verdade	https://brasil.elpais.com/tag/cnv_comision_nacional_verdad_brasil/a	Tag da palavra-chave no El País

Ordem dos Advogados do Brasil	http://www.oabsp.org.br/	Página oficial da OAB
Jair Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/jair_messias_bolsonaro/a	Tag da palavra-chave no El País
Impeachment de Dilma Rousseff	https://brasil.elpais.com/tag/proceso_destitucion_dilma_rousseff/a	Tag da palavra-chave no El País
Homenageava um torturador e assassino	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/08/opinion/1418042130_286849.html	Coluna Brum no El País
sintoma de nossa deformação	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/20/opinion/1466431465_758346.html	Coluna Brum no El País
América	https://brasil.elpais.com/tag/america/a/	Tag da palavra-chave no El País
A sua diferença para uma tirania	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/29/opinion/1496068623_644264.html	Coluna Brum no El País
Berlim	https://brasil.elpais.com/tag/berlin/a	Tag da palavra-chave no El País
mantém viva a memória do Holocausto	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/25/album/1485359848_410460.html	Matéria relacionada no El País
Hannah Arendt	https://brasil.elpais.com/tag/hannah_arendt/a	Tag da palavra-chave no El País
indígenas	https://brasil.elpais.com/tag/indigenas/a	Tag da palavra-chave no El País
justiça	https://brasil.elpais.com/tag/justicia/a	Tag da palavra-chave no El País
Argentina	https://brasil.elpais.com/tag/argentina/a	Tag da palavra-chave no El País
Ditadura	https://brasil.elpais.com/tag/dictadura_argentina/a	Tag da palavra-chave no El País
Buenos Aires	https://brasil.elpais.com/tag/buenos_aires/a	Tag da palavra-chave no El País
Em entrevista	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/13/internacional/1494633653_039214.html	Matéria relacionada no El País
Junho de 2013	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/13/politica/1434152520_547352.html	Matéria relacionada no El País
corrupção	https://brasil.elpais.com/tag/corrupcion/a	Tag da palavra-chave no El País
saúde	https://brasil.elpais.com/tag/salud/a	Tag da palavra-chave no El País
educação	https://brasil.elpais.com/tag/educacion/a	Tag da palavra-chave no El País

o forte rechaço a um punhado de adeptos da tática black block	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/12/opinion/1473693538_681813.html	Coluna de Brum no El País
e também uma das que mais morre	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/04/politica/1491332481_132999.html	Matéria relacionada no El País
conceito de corrupção da massa de brasileiros	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/17/opinion/1439819813_934995.html	Coluna de Brum no El País
Jair Bolsonaro tenha tanta popularidade entre os jovens	https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/06/1893641-bolsonaro-arrebata-direita-jovem-e-nordestina-com-ideologia-pa-pa-pa.shtml	Outras reportagens – Matéria na Folha de São Paulo
Recente pesquisa	https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/06/1895695-jovem-avalia-sociedade-como-pouco-etica-e-julga-nao-poder-mudar-cenario.shtml	Outras reportagens – Matéria na Folha de São Paulo
A população carcerária só cresceu	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/05/politica/1483624203_712909.html	Matéria relacionada no El País
Juventude negra nas periferias urbanas	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/13/politica/1431542397_442042.html	Matéria relacionada no El País
Eduardo Cunha	https://brasil.elpais.com/tag/eduardo_cosentino_da_cunha/a	Tag da palavra-chave no El País
Violência	https://brasil.elpais.com/tag/violencia/a	Tag da palavra-chave no El País
João Doria	https://brasil.elpais.com/tag/joao_agripino_da_costa_doria_junior/a	Tag da palavra-chave no El País
derrubar um prédio com gente dentro	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/24/politica/1495579264_276005.html	Matéria relacionada no El País
tentou internar pessoas à força	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/24/politica/1495661942_478816.html	Matéria relacionada no El País
Porto Alegre	https://brasil.elpais.com/tag/porto_alegre/a	Tag da palavra-chave no El País
o despejo das famílias deve ser feito	https://www.sul21.com.br/areazero/2017/06/lanceiros-negros-brigada-faz-operacao-de-guerra-para-garantir-funcionamento-habitual-da-cidade/	Outras reportagens – matéria no Sul 21
Bolsa família	https://brasil.elpais.com/tag/pbf_programa_bolsa_familia/a	Tag da palavra-chave no El País
uma crise de identidade e uma crise de palavra	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/25/opinion/1461595521_717873.html	Coluna Brum no El País

5.1.4 Coluna 4: “O Brasil desassombrado pelas palavras fantasmas”

Como as palavras podem voltar a dizer no Brasil?

É com este questionamento que o conteúdo da coluna se inicia e aponta o ponto central de todo o texto. Brum faz uma reflexão sobre a pouca importância que damos à subjetividade e o quanto ela pode nos ajudar a compreender a realidade objetiva e a transformá-la. Brum fala sobre o “encarceramento da linguagem”, que é a falta de movimento das palavras, principalmente em um momento de redes sociais, e da necessidade de que essas palavras cheguem a produzir mudanças reais na sociedade. Brum afirma que as palavras nas redes sociais são como “bumerangue”, que são enviadas na rede e retornam para quem as enviou, sem transformações sociais palpáveis. Segundo a autora, é como se o destinatário e o remetente das palavras fossem o mesmo, voltando sempre para si mesmo em um encarceramento da linguagem. Brum escreve na coluna:

Penso que em parte isso acontece porque priorizamos uma forma de acesso à realidade. E também porque tomamos o que costumamos chamar de realidade objetiva como toda a realidade. E damos a sua ‘notícia’ a representação por excelência. Damos a ela o status de ‘verdade’ – mesmo quando nos debatemos com a ‘pós-verdade’. Sujeita a interpretações e até a falsificações, mas absoluta. Tomamos por todo o que é apenas parte.

Sobre a necessidade de refletir sobre a realidade subjetiva, Brum explica:

Suspeito que seja necessário voltar a ampliar as formas de acesso à realidade, para retomar a tessitura da linguagem, para que as palavras-cartas voltem a chegar ao seu destino, recuperando a potência de produzir movimento, efeito e transformação. E para que sejamos capazes de romper essa forma de prisão que é a palavra que não diz – e que volta para cada um depois de um percurso vazio, volta para cada um como um bumerangue. Para que sejamos capazes de romper a paralisia provocada pela condenação do absurdo. O sonho e a arte são dois caminhos de resgate da palavra.

No decorrer do texto, Brum reflete sobre os sonhos das pessoas de uma mesma nação que refletem sentimentos inconscientes a respeito da realidade política. Ela embasa sua reflexão no livro “*Sonhos no Terceiro Reich*”, de Charlotte Beradt, e na “*Osso Exposição – Apelo ao amplo direito de defesa de Rafael Braga*”, promovida pelo Instituto Tomie Ohtake e o Instituto de Defesa do Direito de Defesa.

Na estrutura textual, Brum articula sua reflexão sobre a falta de potência ativa da palavra no contexto atual com trechos do livro, exposição artística, fatos jornalísticos – todos os elementos atrelados à inúmeros questionamentos que permitem aprofundar a reflexão sobre o momento político-social.

O texto possui 34 parágrafos, nove frases em destaque e nenhum subtítulo. Além disso, não possui vídeos e conta com apenas uma imagem, da exposição “Osso”. O texto possui 31 hipertextos, a maioria direcionando o leitor para a navegação dentro do site El País (Quadros, 10, 11 e 12).

Quadro 10 – Informações Gerais e Plano da Metanarrativa “*O Brasil desassombrado pelas palavras-fantasmas*”

Título	<i>O Brasil desassombrado pelas palavras-fantasmas</i>
Subtítulo	Como o sonho e a arte podem nos ajudar a acessar a realidade e romper a paralisia
Data	10/07/2017
Tema	Política
Contexto	Usando palavras dela, é o momento em que “o absurdo tece o cotidiano” na política. Injustiças sociais, crimes políticos, presidente do Brasil não-eleito fazendo reformas e mudanças revoltantes para a maioria da população – e nada muda, nada sai das redes sociais.

Fonte: A autora, 2019

Quadro 11 – Plano da expressão “*O Brasil desassombrado pelas palavras-fantasmas*”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Rafael Braga	Indireta, explica o caso de Rafael Braga, jovem negro que foi preso em uma manifestação, em 2013, com um frasco de pinho sol e um de água sanitária; a autora faz uma espécie de defesa argumentativa; aborda a justiça seletiva.
Mulher presa por roubar ovos de chocolate	Indireta, expõe o fato e a justiça seletiva relacionada ao caso.
Charlotte Beradt	Indireta, coloca aspas e trechos do seu livro.
Paulo Miyada	Indireta, através de aspas - citação - do seu discurso na abertura da exposição “Osso”.
Christian Dunker	Aspas do prefácio do livro citado como reflexão para a “crise da palavra”.

Médico personagem do livro Mulher personagem do livro	Conta seus sonhos na época da Alemanha Nazista que refletiam sentimentos e opressões inconscientes em relação ao governo.
Tia de Vanessa Vitória dos Santos (menina de 10 anos que morreu com uma bala na cabeça por policiais militares)	Aspas de seu depoimento “desesperado e desesperador”. Hiperlink para vídeo do depoimento da tia.
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	34
Número de subtítulos no texto	não possui
Subtítulos	não possui.
Número de frases em destaque	9
Frases em destaque	<ol style="list-style-type: none"> 1. Para romper com a paralisia é preciso que as palavras certas voltem a chegar a seu destino e a produzir movimento 2. “Sonhos podem ajudar a interpretar uma realidade prestes a se tornar um pesadelo” 3. Nos sonhos emerge um saber sem saber daquilo que é percebido e intuído nos vestígios do dia 4. O que sonham os brasileiros neste momento em que as palavras não são proibidas, mas sim esvaziadas de substância? 5. O único condenado das manifestações de julho de 2013 é o negro que estava passando 6. Junho de 2013 é insurreição, Rafael Braga é repetição 7. O Brasil não vai mudar porque a Lava Jato prende: vai mudar quando os brasileiros como Rafael Braga tiverem direito de defesa 8. A política da “Guerra às drogas” produz uma trilha de crianças assassinadas 9. Os sonhos e a arte capturam o olhar indiferente, o olhar que desvia do horror
Imagens e vídeos	
Número de imagens	1
<i>Características das Imagens</i>	Imagem da exposição de arte “Osso”, citada no texto.
Número de vídeos	Não possui
<i>Características dos Vídeos</i>	Não possui

Fonte: A autora, 2019

Quadro 12 – Plano do conteúdo “*O Brasil desassombrado pelas palavras-fantasmas*”

Recorte do tema	Análise da realidade subjetiva que vivemos no Brasil, sob a ótica dos sonhos e da arte.
------------------------	---

Estrutura	“Como as palavras podem voltar a dizer no Brasil?” É com esta frase que o texto de Brum, se inicia e é o questionamento central de todo o texto. O texto faz uma reflexão sobre a pouca importância que damos à subjetividade e o quanto ela pode nos ajudar a compreender a realidade objetiva e a transformá-la.	
Hipertextos		
Quantidade de hipertextos: 33		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
Uma crise de palavra	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/20/opinion/1466431465_758346.html	Coluna de Brum no El País
Pós verdade	https://brasil.elpais.com/tag/posverdad/a	Tag da palavra-chave no El País
redes sociais	https://brasil.elpais.com/tag/redes_sociales/a	Tag da palavra-chave no El País
Arte	https://brasil.elpais.com/tag/arte/a	Tag da palavra-chave no El País
Sonhos do Terceiro Reich	https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/06/1895465-livro-reune-sonhos-que-alemaes-tiveram-durante-ascensao-nazista.shtml	Outras reportagens – Reportagem na Folha de São Paulo
Osso Exposição – Apelo ao Amplo Direito de Defesa de Rafael Braga	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/28/cultura/1498661672_210097.html	Matéria relacionada no El País
Instituto de Defesa do Direito de Defesa	http://www.iddd.org.br/	Fonte- Site oficial do Instituto
Alemanha	https://brasil.elpais.com/tag/alemania/a	Tag da palavra-chave no El País
Segunda Guerra Mundial	https://brasil.elpais.com/tag/segunda_guerra_mundial/a	Tag da palavra-chave no El País
Hitler	https://brasil.elpais.com/tag/adolf_hitler/a	Tag da palavra-chave no El País
Goring	https://brasil.elpais.com/tag/hermann_wilhelm_goring/a	Tag da palavra-chave no El País
Goebbels	https://brasil.elpais.com/tag/joseph_goebbels/a	Tag da palavra-chave no El País
crise da palavra	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/25/opinion/1461595521_717873.html	Coluna Brum no El País
Estado totalitário	https://brasil.elpais.com/tag/totalitarismo/a	Tag da palavra-chave no El País

George Orwell	https://brasil.elpais.com/tag/george_orwell/a	Tag da palavra-chave no El País
Nazismo	https://brasil.elpais.com/tag/nazismo/a	Tag da palavra-chave no El País
Internet	https://brasil.elpais.com/tag/internet/a	Tag da palavra-chave no El País
Exposição-Apelo	http://www.institutotomieohtake.org.br/exposicoes/interna/osso-exposiasapo-apelo-ao-amplo-direito-de-defesa-de-rafael-braga	Fonte- site oficial da exposição
Rio de Janeiro	https://brasil.elpais.com/tag/rio_de_janeiro/a	Tag da palavra-chave no El País
Maconha	https://brasil.elpais.com/tag/marihuana/a	Tag da palavra-chave no El País
Rafael Braga	https://www.facebook.com/30DiasPorRafaelBraga/	Link para página de apoio no Facebook
basta a versão da PM	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/14/politica/1452803872_078619.html?rel=mas	Matéria relacionada no El País
ditadura civil-militar	https://brasil.elpais.com/tag/dictadura_brasileira/a	Tag da palavra-chave no El País
sem provocar suficiente incômodo	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/26/opinion/1498488947_331660.html	Coluna de Brum no El País
encarceramento em massa	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/02/politica/1486060660_586514.html	Matéria relacionada no El País
Violência	https://brasil.elpais.com/tag/violencia/a	Tag da palavra-chave no El País
mãe de quatro filhos	https://ponte.org/mae-de-quatro-criancas-e-mantida-na-prisao-por-furtar-ovos-de-pascoa/	Reportagem de outro site – Ponte
Kafka	https://brasil.elpais.com/tag/franz_kafka/a	Tag da palavra-chave no El País
Lava Jato	https://brasil.elpais.com/tag/operacion_lava_jato/a	Tag da palavra-chave no El País
foi morta com uma bala na cabeça	https://extra.globo.com/casos-de-policia/o-que-fizeram-com-gente-diz-mae-de-vanessa-durante-enterro-da-filha-de-10-anos-21560401.html	Reportagem de outro site – Jornal Extra
depoimento cortante porque desesperado e desesperador	https://www.youtube.com/watch?v=PGpsuPUI-SY	Fonte/Voz – vídeo do depoimento da tia – Voz
Polícia Militar	https://brasil.elpais.com/tag/policia_militar/a	Tag da palavra-chave no El País

Crianças	https://brasil.elpais.com/tag/ninos/a	Tag da palavra-chave no El País
----------	---	---------------------------------

Fonte: A autora, 2019

5.1.5 Coluna 5: “*E se a classe média de Pinheiros tivesse se omitido?*”

No plano do conteúdo, observamos que a autora usou recursos como suspense “algo transformador aconteceu”, organização do fato em ordem cronológica e causal, mostrando que começou nas redes sociais e ecoou em um protesto nas ruas, da seguinte forma:

Primeiro eram comentários verbais [...] No mesmo dia já começaram as mensagens no Whatsapp e no e-mail [...] A primeira subversão aconteceu no dia seguinte [...]

Uma estratégia narrativa interessante observada nesse texto é a inserção de um “parêntese” no texto para incluir a percepção pessoal da autora sobre um desacontecimento que ela presenciou no protesto. O trecho em questão é:

Teve um detalhe no dia da passeata dos catadores no bairro de Pinheiros que eu esqueci de contar, mas que volta todo tempo à minha mente: quando subíamos a rua Teodoro Sampaio, com um catador à frente, gritando palavras de ordem, clamando por Justiça, a cada cruzamento com o trânsito completamente parado, um dos catadores gritava: ‘todos deitados no chão’ para impedir a passagem dos carros. Ele propunha isso como se todos os seres do planeta só dormissem no chão, no asfalto. Era para ele óbvio que devíamos ‘deitar no chão’! Éramos umas trezentas pessoas, nesse momento, numa estranha aliança política, talvez a primeira da história, entre homens muito sofridos, machucados pela vida, considerados pelas autoridades como dejetos, e a classe média politizada de Pinheiros e Vila Madalena e... obedecíamos ao comando do catador e deitávamos no chão... O que insiste em voltar à minha mente: frequento os movimentos sociais e as suas mais variadas manifestações há décadas, mas eu não tenho, nunca tive familiaridade com o chão, com o cimento, com o asfalto, e eles, os catadores, têm uma familiaridade com a hostilidade da cidade, representada pelo asfalto, que me era completamente desconhecida. Estranha e profícua aliança política ali se constelou e há de ganhar ainda mais força. Como é a violência da cidade de São Paulo para um catador de papelão: o que ele vê, como ele a cheira, o que ele ouve. Qual é a geografia da cidade para eles? Qual a sua familiaridade com o chão de cimento e com o asfalto? Provavelmente vazam e furam o mapa oficial da cidade....

Também nesse texto observamos o olhar de Brum para o que é um fato com valor-notícia, ao enfatizar a importância simbólica como um marco histórico da missa na Catedral da Sé. O trecho que evidencia isso é:

Na quarta-feira, 19 de julho, aconteceu algo ainda mais simbólico, algo que produziu um marco histórico ao ligar dois momentos-limite do Brasil: uma missa na Catedral da Sé, em São Paulo.

Um outro elemento do texto que chama a atenção é a inserção de um post, transcrito na íntegra, da socióloga Amnérís Maroni no Facebook, identificado pela jornalista como “o relato mais revelador deste encontro”.

Brum provoca questionamentos em seus textos, questionando inclusive o que aconteceria, em termos simbólicos, se a classe média de Pinheiros não tivesse tido nenhuma reação frente à morte do catador. A jornalista analisa ações e motivações das pessoas e dá “conselhos” sobre o que deveríamos fazer, na opinião dela, para atuarmos ativamente (“botar o corpo na rua”)

São muito utilizados também recursos visuais (induzir o leitor a imaginar a cena).

Em relação à metanarrativa, podemos perceber que um dos “planos de fundo reflexivos de Brum” é o de que a humanização, proximidade e ausência da invisibilidade provocam reações, as pessoas reagem se veem valor naquele ser humano. Este traço da metanarrativa é exposto nos trechos:

Ricardo não era invisível para aquelas pessoas. Ele trabalhava no bairro há anos recolhendo material reciclável em suas três carroças. Era, para muitos ali, um vizinho que, em vez de morar num dos apartamentos, morava na rua. E era reconhecido por muitos como alguém que fazia um trabalho de utilidade pública, que é o de recolher o material que pode ser reaproveitado, limpando as ruas e dando sua contribuição para retardar a corrosão do planeta

e no trecho:

Ricardo era Ricardo. Tinha nome e tinha história. Tinha laços com o lugar e com as pessoas do lugar. É com nome e com história e com laços que se rompe a invisibilidade.

Nesse último trecho, em especial, é evidenciado um dos principais objetivos do jornalismo de Brum: o de romper a invisibilidade dos mais frágeis, dando a eles, voz, valorizando seus nomes e suas histórias.

A priorização da humanidade na metanarrativa é exposta no trecho:

O que se perderia estando lá é circunstância de cada um. O que se perde não estando lá é humanidade. Cada um com a sua balança.

O texto de 45 parágrafos começa e termina com perguntas, sendo a última com uma provocação ao leitor:

Ricardo, presente. Piauí, presente. E você?

O conteúdo conta com 11 *hiperlinks*, nove imagens ilustrativas do que estava sendo dito no texto, três frases em destaque e nenhum subtítulo ou vídeo (Quadros 13, 14 e 15).

Quadro 13 – Informações gerais e plano da metanarrativa “*E se a classe média de Pinheiros tivesse se omitido?*”

Título	<i>E se a classe média de Pinheiros tivesse se omitido?</i>
Subtítulo	A reação diante do assassinato do carroceiro risca um limite no país sem limites
Data	24/07/2017
Tema	Política/Direitos Humanos
Contexto	O catador de material reciclável Ricardo Silva Nascimento foi executado com dois tiros por um policial militar em Pinheiros, São Paulo, e a população fez manifestações e atos políticos unindo ricos e pobres, devido à humanização dos vizinhos com o catador que trabalhava ali há anos.

Fonte: A autora, 2019

Quadro 14 – Plano da expressão “*E se a classe média de Pinheiros tivesse se omitido?*”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Ricardo Nascimento	Indireta, contando como era sua vida, rotina e ouvindo pessoas próximas a ele.
Amnéris Maroni	Direta, colocando entre aspas o post da socióloga no Facebook.
Audálio Dantas	Direta, aspas do discurso de Audálio Dantas na missa da catedral.
Paula Saccheta	Direta, colocando entre aspas o post da moradora de Pinheiros no Facebook.

Aristides Santana	Indireta, através da imagem da mãe de Ricardo, séria, visivelmente arrasada com a foto do filho nas mãos durante a manifestação
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	45
Número de subtítulos no texto	não possui
Subtítulos	não possui.
Número de frases em destaque	3
Frases em destaque	<ol style="list-style-type: none"> 1. Nada é mais potente do que riscar um limite num país sem limites 2. Se as execuções forem naturalizadas também nos bairros de classe média, ninguém mais está a salvo 3. Não basta agir nas redes sociais, é preciso botar o corpo na rua
Imagens e vídeos	
Número de imagens	9
<i>Características das Imagens</i>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ato contra o assassinato do catador Ricardo Nascimento, diante da catedral da Sé. 2. Imagem da carroça de Ricardo Nascimento enfeitada e colocada no local da execução 3. Imagem da manifestação com catadores e moradores do bairro. 4. Audálio Dantas com camisa da manifestação discursando. 5. imagem da missa na Catedral da Sé com cartazes no chão escrito: “Contra o terrorismo do Estado”. 6. Imagem do Padre Júlio Lancelotti abençoando a carroça de Ricardo Nascimento, com o cartaz: “ Parem de matar o povo! Queremos paz, amor e justiça” e flores. 7. Imagem de manifestantes protestando 8. Imagem do ato com cartaz escrito: “Somos um povo que quer viver”. 9. Imagem da mãe de Ricardo Nascimento séria e com fisionomia protestando com foto do filho na mão.
Número de vídeos	Não possui
<i>Características dos Vídeos</i>	Não possui

Fonte: A autora, 2019

Quadro 15 – Plano do conteúdo “*E se a classe média de Pinheiros tivesse se omitido?*”

Recorte do tema	O que a reação da população frente ao assassinato do catador de papel por um policial significa sobre as articulações subjetivas da sociedade.
Estrutura	Brum inicia o texto contextualizando o cenário político-social. A autora insere o fato e responde à lide jornalística em seguida, explicando também os motivos por trás da reação da classe média de Pinheiros. A estrutura frasal de causa-consequência é muito observada no texto, inclusive

	abarcando as subjetividades envolvidas. Os fatos relatados por Brum tiveram como escolha explícita de valor-notícia o valor histórico de tais acontecimentos, suas associações com outros fatos em momentos da história e seus significados simbólicos na sociedade. Ao apresentar os fatos, Brum optou por conta-los em ordem cronológica e causal. O texto também apresenta críticas imprensa e finaliza com uma provocação ao leitor: “Ricardo, presente. Piauí, presente. E você?”	
Hipertextos		
Quantidade de hipertextos: 11		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
denunciado por corrupção segue ocupando a presidência	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/26/politica/1498485882_380890.html	Matéria relacionada no El País
mastigando direitos conquistados em décadas	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/13/politica/1499958789_546835.html	Matéria relacionada no El País
foi executado com pelo menos dois tiros	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/13/politica/1499967590_599102.html	Matéria relacionada no El País
Este é o cotidiano das periferias do Brasil	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/30/politica/1496172126_063209.html	Matéria relacionada no El País
recolher o material que pode ser reaproveitado	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/11/album/1460401281_776830.html#1460401281_776830_1460402623	Matéria relacionada no El País
Pimp My Carroça	http://pimpmycarroca.com/	Fonte – Site oficial do Pimp My Carroça
cotidiano de exceção	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/29/opinion/1496068623_644264.html	Coluna de Brum no El País
Vladimir Herzog	https://pt.wikipedia.org/wiki/Vladimir_Herzog	Link para palavra-chave na Wikipedia
crise da democracia no Brasil	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/26/opinion/1498488947_331660.html	Coluna de Brum no El País
o voto foi desrespeitado	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/12/opinion/1497277042_854155.html	Coluna de Brum no El País
testemunho em vídeo	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/07/1903227-morador-de-rua-que-viu-carroceiro-ser-morto-por-pm-morrer-apos-sofrer-avc.shtml	Fonte + outras reportagens: matéria na folha que mostra o vídeo usado como fonte
a matéria do repórter	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/21/politica/1500662148_452392.html	Matéria relacionada no El País

Fonte: A autora, 2019

5.1.6 Coluna 6 – “*O Supremo e a farsa do amianto*”

A coluna apresenta tom de denúncia em relação ao fato de que no Brasil ainda é permitida a manipulação de amianto por trabalhadores. O amianto é um material reconhecido no mundo como cancerígeno, sendo proibido em diversos países por este motivo. E, aqui no Brasil ainda é permitido, devido a articulações políticas expostas por Brum no decorrer do texto.

O texto argumentativo e amparado por fatos, apresenta fontes oficiais, dados, personagens, exemplos e filmes citados.

Um recurso interessante que merece atenção é o da inserção de um desacontecimento vivido por Brum: o de um editor de um jornal estrangeiro se impressionar que aqui no Brasil o amianto ainda está em discussão. Este recurso atua como estratégia narrativa que evoca o sentido de reforço ao absurdo do fato, como se dissesse: “vejam bem, isso é tão absurdo que as pessoas lá fora até mesmo se impressionam”.

Em relação à metanarrativa é possível notar a importância prática da empatia aos olhos da autora, explícito no trecho:

Para compreender é preciso vestir a pele de alguém que tem amianto dentro do seu corpo, amianto que lhe mata um pouco por dia, alguém que viu seus colegas de trabalho morrerem porque a indústria mentiu para eles que era seguro, alguém que testemunhou esposa e filhas morrerem porque lavavam as roupas trazidas da fábrica, e, em 2017, precisam ainda escutar que amianto é seguro porque as autoridades brasileiras se omitem.

Nesse trecho, Brum deixa transparecer uma característica que observamos ser recorrente em seu jornalismo: se só é possível compreender alguma situação vestindo a pele de quem viveu ou sofreu ao ver pessoas próximas vivendo a situação em questão (que não são invisíveis para essas testemunhas), são estes que devem ser escutados. As personagens “invisíveis” presentes nos textos da jornalista contam sobre suas experiências, o que viveram com suas avós, pais, amigos. Dessa forma, Brum mostra coerência entre sua frase no trecho destacado neste parágrafo e o seu jornalismo. A humanização é tão presente nesse texto que Brum associa o Alzheimer da personagem da matéria (Romana, que viu sua família morrer devido ao amianto e não conseguiu justiça) com a impossibilidade de seguir a vida se lembrando de tantos sofrimentos e injustiças.

Em relação à estrutura do texto, a jornalista inicia a coluna com uma imagem contendo a frase: “Não respire, contém amianto”; Em seguida, Brum faz a apresentação do fato, com o *lead* jornalístico, e explica o que significa este fato em termos simbólicos e históricos. A

autora faz uma retomada histórica do amianto no Brasil e no mundo, usando o recurso persuasivo do contraste para enfatizar determinados elementos, como: “uns poucos ainda faturam com a morte de muitos”. Brum articula fatos, personagens, dados oficiais, o documentário que carrega o título atribuído por Brum a esta coluna e um desacontecimento vivido por ela para embasar seu texto-denúncia, com características argumentativas. Finaliza o texto contando a experiência de uma personagem, Romana Blasotti, fechando o conteúdo da coluna com uma frase que novamente recorre ao recurso do contraste:

Que no Brasil os ministros do Supremo lembrem a importância estrutural da justiça para a saúde de uma nação e não transformem em farsa o que é vida. E o que é morte.

O texto de 29 parágrafos, três imagens ilustrativas do que está sendo contado e cinco frases destacadas, não possui subtítulos ou vídeos. Em relação à voz, é concedida, principalmente, aos trabalhadores que manipulam amianto sem proteção devido à irresponsabilidade das autoridades. As demais vozes reforçam essa voz principal: um pesquisador que chama atenção para os números de afetados e uma personagem que perdeu toda a família por causa do amianto e não teve justiça (Quadros 16, 17 e 18).

Quadro 16 – Informações gerais e plano da metanarrativa “*O Supremo e a farsa do amianto*”

Título	<i>O Supremo e a farsa do amianto</i>
Subtítulo	Como é possível que, em 2017, ainda se discuta no Brasil se é possível seguir produzindo e usando um material cancerígeno que mata milhares de pessoas e há muito foi banido de dezenas de países?
Data	7/08/2017
Tema	Política/Meio ambiente/Saúde
Contexto	Material proibido em muitos países do mundo, devido aos riscos comprovados de câncer, no Brasil ainda é permitido devido a interesses explicitados ao longo do texto.

Fonte: A autora, 2019

Quadro 17 – Plano da expressão “*O Supremo e a farsa do amianto*”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Trabalhadores que trabalham com amianto sem proteção	Indireta. Explica o absurdo que é trabalhar em contato com amianto, fato já reconhecido por outros países ao redor do mundo, explicitando seus

	riscos, contando histórias de quem já sofreu e citando documentários que explicam melhor.
Francisco Pedra (pesquisador)	Indireta, citando conclusões relativas ao consumo do amianto. De certa forma, deu voz à Francisco para dar voz aos trabalhadores que trabalham com amianto sem proteção.
Romana Blasotti Pavesi (ex presidente da Associação de Familiares e Vítimas do Amianto)	Indireta, de três maneiras diferentes: conta sua história, compartilhada em outra entrevista; <i>hiperlink</i> para a entrevista de Brum com ela; imagem de Rosana em seu apartamento, antes de ter Alzheimer).
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	29
Número de subtítulos no texto	não possui
Subtítulos	não possui.
Número de frases em destaque	5
Frases em destaque	<ul style="list-style-type: none"> - Quando o amianto for banido, milhares de vidas já terão sido exterminadas e durante décadas outros milhares poderão morrer - Os lobistas do amianto seguem o script da indústria do tabaco - Nem mesmo o “príncipe do amianto” defende hoje o material cancerígeno que fez a fortuna da sua família - Nos países em que se pode tudo, é preciso tratar a farsa como farsa para que os perversos não nos pervertam - “Então, por que eu não consigo respirar?”, perguntou um trabalhador ao escutar que produzir amianto era seguro
Imagens e vídeos	
Número de imagens	3
<i>Características das Imagens</i>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Imagem com o escrito: “Não respire – contém amianto” 2. Cena do documentário “Não respire – contém amianto”, mostrando trabalhadores cortando telhas feitas do produto sem proteção 3. Imagem de Romana Blasotti Pavesi, que perdeu muitos membros da família devido ao amianto e não conseguiu justiça.
Número de vídeos	Não possui
<i>Características dos Vídeos</i>	Não possui

Fonte: A autora, 2019

Quadro 18 – Plano do conteúdo “*O supremo e a farsa do amianto*”

Recorte do tema	Ser permitida a manipulação do amianto até hoje no Brasil é um absurdo.
------------------------	---

Estrutura	<p>Inicia o texto com uma imagem com a frase: “Não respire, contém amianto” seguida da apresentação do fato, com o lead jornalístico. Logo após, Brum explica o que significa este fato em termos simbólicos e históricos. A autora faz uma retomada histórica do amianto no Brasil e no mundo, usando o recurso persuasivo do contraste para enfatizar determinados elementos, como: “uns poucos ainda faturam com a morte de muitos”. Brum articula fatos, personagens, dados oficiais, um filme e um desacontecimento vivido por ela para embasar seu texto-denúncia, com características argumentativas. Finaliza o texto contando a experiência de uma personagem, Romana Blasotti, fechando o conteúdo da coluna com uma frase com contraste: “Que no Brasil os ministros do Supremo lembrem a importância estrutural da justiça para a saúde de uma nação e não transformem em farsa o que é vida. E o que é morte.”</p>	
Hipertextos		
Quantidade de hipertextos: 26		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
Supremo Tribunal Federal	https://brasil.elpais.com/tag/stf_supremo_tribunal_federal/a	Tag da palavra-chave no El País
São Paulo	https://brasil.elpais.com/tag/sao_paulo/a/	Tag da palavra-chave no El País
Pernambuco	https://brasil.elpais.com/tag/pernambuco/a	Tag da palavra-chave no El País
Rio Grande do Sul	https://brasil.elpais.com/tag/rio_grande_do_sul/a	Tag da palavra-chave no El País
Rio de Janeiro	https://brasil.elpais.com/tag/rio_de_janeiro/a	Tag da palavra-chave no El País
série policial de tv	https://brasil.elpais.com/tag/series_tv/a	Tag da palavra-chave no El País
Cinema	https://brasil.elpais.com/tag/cine/a	Tag da palavra-chave no El País
União Europeia	https://brasil.elpais.com/tag/ue_union_europea/a	Tag da palavra-chave no El País
saúde pública	https://brasil.elpais.com/tag/salud_publica/a	Tag da palavra-chave no El País
Goiás	https://brasil.elpais.com/tag/goias/a	Tag da palavra-chave no El País
meio ambiente	https://brasil.elpais.com/tag/medio_ambiente/a	Tag da palavra-chave no El País
mesotelioma, o câncer fatal do amianto	https://www.infoescola.com/doencas/mesotelioma/	Site do Infoescola explicando o que é a palavra grifada

Francisco Pedra	http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizaev.do?id=K4785153T5	Currículo Lattes de Francisco Pedra
Doença	https://brasil.elpais.com/tag/enfermedades/a	Tag da palavra-chave no El País
indústria do tabaco	https://brasil.elpais.com/tag/tabaco/a	Tag da palavra-chave no El País
Hollywood	https://brasil.elpais.com/tag/hollywood/a	Tag da palavra-chave no El País
Empregos	https://brasil.elpais.com/tag/empleo/a	Tag da palavra-chave no El País
bilionário suíço Stephan Schmidheiny	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/01/06/opinion/1389007120_928954.html	Coluna de Brum no El País
Itália	https://brasil.elpais.com/tag/italia/a	Tag da palavra-chave no El País
Netflix	https://brasil.elpais.com/tag/netflix/a	Tag da palavra-chave no El País
Michel Temer	https://brasil.elpais.com/tag/michel_temer/a	Tag da palavra-chave no El País
filme de mesmo nome	https://www.imdb.com/title/tt0195685/	Link para assistir ao filme em outro site
Oscar	https://brasil.elpais.com/tag/premios_oscar/a/	Tag da palavra-chave no El País
Não respire, contém amianto	https://www.youtube.com/watch?v=2SL2uU5oWf4	Link para assistir o documentário no Youtube
Associação Brasileira dos Expostos ao Amianto	https://abrea.org.br/	Site oficial da Associação
minha entrevista com ela	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/24/opinion/1416832282_033103.html	Coluna de Brum no El País

Fonte: A autora, 2019

5.1.7 Coluna 7 – “*Democracia sem povo*”

Este texto, cuja característica mais marcante é o tom de indignação, expressa revolta da autora com as articulações políticas executadas por Temer e a apatia da população frente a este cenário. Ela inicia a coluna com sua opinião:

O Brasil inventou a democracia sem povo. Não aquelas das retóricas ou dos textos acadêmicos, mas aquela que é. O povo, para aqueles que hoje detêm o poder no Brasil, não tem a menor importância. O povo é um nada.

Ela se ampara na simplicidade dos fatos, que por si só, atuam como primeira estratégia argumentativa:

Havia uma conversa de conteúdo mais do que suspeito, fora da agenda, à noite, na residência do presidente, e uma mala de dinheiro nas mãos de um homem de confiança de Temer – e não foi suficiente. Por que não foi suficiente? Era mais do que suficiente. Mas a justiça não está em questão. E dizer isso é o óbvio ululante de Nelson Rodrigues, chega a ser constrangedor escrever algo tão óbvio.

A jornalista chama a atenção para o impacto subjetivo de o presidente do Brasil não ter sido eleito pelo povo:

A presidência do Brasil está nas mãos de um homem que não tem nada a perder desagradando seus eleitores porque sequer tem eleitores

e

Temer goza da liberdade desesperada – e perigosa – dos que já têm pouco a perder.

Explica a sua visão sobre o congresso, e denuncia a Bancada Ruralista, como a “grande fiadora da permanência de Temer na presidência”, tomando o cuidado de diferenciar a bancada ruralista dos agricultores e do agronegócio. Em seguida, Brum continua a explicar sua visão sobre a política e o que está sendo feito (“Quem está dando as cartas no Congresso [...] é o que há de mais arcaico no setor agropecuário”). Para isso, embasa sua opinião nas raízes históricas e reflexos delas no presente subjetivo, como percebido no trecho:

O coronelismo parece já ter se infiltrado no DNA, seja herdado ou imitado.

Novamente embasada nos fatos que, por si só, constituem-se em elementos argumentativos, Brum reforça seu posicionamento listando as medidas aprovadas pela Bancada Ruralista, chamadas por Brum de “barbaridades” e o que eles ainda desejam aprovar. A autora simplifica e aproxima do leitor a reação do povo (incluindo este mesmo leitor) neste cenário na frase ilustrativa:

Ok, por aqui está tudo perdido mesmo, vamos tentar melhorar o xadrez para 2018.

Outra característica que merece ser citada é a preocupação de Brum com a forma como presente histórico e social é compreendido e vivido (naquele momento como um tempo de espera para as eleições de 2018). A autora explica que

este momento não é um soluço no tempo. O ano de 2017 não pode ser um entretempo, porque não está sendo para quem tem o poder para saquear o Brasil e os direitos dos brasileiros.

Além disso, a autora aborda também aspectos da dimensão psicológica do cenário político, como no trecho:

Quando já não é preciso sequer manter as aparências se alcançou um outro nível de perversão.

No trecho “*Ter o país sob o comando de pessoas que distorcem e afirmam o contrário do que apontam os fatos é assustador*”, é verbalizada a importância que Brum, jornalista que é, atribui aos fatos. Além disso, evidencia o processo que ela realiza em sua coluna, que é o de esclarecer o que está distorcido pelo governo e mostrar os fatos, chamar atenção para eles, articulando um pensamento lógico.

Brum cita ela mesma em outras colunas, se referindo a termos usados por ela em outros textos, como “a crise da palavra”. Além disso, ela usa o recurso do contraste em algumas frases de destaque, como:

Se no segundo mandato de Dilma a palavra mais obscena era ‘governabilidade’, no governo Temer é ‘estabilidade’.

Finaliza o texto (de 36 parágrafos, uma imagem e nenhum vídeo ou subtítulo – Quadros 19, 20 e 21) com um conselho, característico das narrativas. A frase final fecha o raciocínio proposto no primeiro parágrafo:

E, você isso que se convencionou chamar de povo ao importa para mais nada.

Quadro 19 – Informações gerais e plano da metanarrativa “*Democracia sem povo*”

Título	<i>Democracia sem povo</i>
Subtítulo	Dizem que as eleições de 2018 estão perto, mas estão muito longe: o crime é agora

Data	21/08/2017
Tema	Política
Contexto	Michel Temer no poder, aprovando medidas que não prejudicam a massa de brasileiros e não há indícios de que a população exija eleições diretas, por se preocupar com especulações sobre as eleições de 2018.

Fonte: A autora, 2019

Quadro 20 – Plano da expressão “*Democracia sem povo*”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Pessoas que sofrem devido às medidas tomadas no governo Temer (trabalhadores que manipulam agrotóxicos sem proteção; moradores de rua; pobres).	Indireta, explicando que Temer quer diminuir aos direitos conquistados ao longo dos anos. Segundo Brum: “Qualquer um que viva a vida de quem trabalha para se sustentar sente no dia a dia que perde. E perde rapidamente. Perde objetivamente, perde subjetivamente”.
Amazônia	Indireta, tom de denúncia, no trecho: “A floresta Amazônica está sendo mais uma vez entregue ao que há de mais arcaico na história do Brasil e está sendo destruída de forma acelerada, comprometendo qualquer futuro possível. E, você, isso que se convencionou chamar de povo, não serve para mais nada.”
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	25
Número de subtítulos no texto	não possui
Subtítulos	não possui.
Número de frases em destaque	7
Frases em destaque	<ol style="list-style-type: none"> 1. A presidência do Brasil está nas mãos de um homem que não tem nada a perder desagradando seus eleitores, porque sequer tem eleitores 2. A reputação dos políticos e do Congresso chegou a um nível tão baixo, que também resta pouco ou quase nada a perder 3. Quem dá as cartas hoje é o que há de mais arcaico no setor agropecuário, um tipo que evoluiu muito pouco desde a República Velha 4. Enquanto 2018 não chega, os ruralistas estão mudando o mapa do Brasil para seu próprio benefício 5. Quando já não é preciso sequer manter as aparências se alcançou um nível de perversão 6. Se no segundo mandato de Dilma a palavra mais obscena era ‘governabilidade’, no governo Temer é ‘estabilidade’ 7. Parece que os brasileiros vivem uma espécie de aceitação do destino, pior destino
Imagens e vídeos	
Número de imagens	1
<i>Características das imagens</i>	Michel Temer pensativo.

Número de vídeos	Não possui
<i>Características dos Vídeos</i>	Não possui

Fonte: A autora, 2019

Quadro 21 – Plano do conteúdo “*Democracia sem povo*”

Recorte do tema	A apatia da população diante de um cenário político que prejudica a muitos, principalmente os mais frágeis.	
Estrutura	Essencialmente argumentativo; tom de indignação; expressa sua opinião e propõe conselhos; embasa-se nos fatos.	
Hipertextos		
Quantidade de hipertextos: 30		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
2018	https://brasil.elpais.com/tag/elecciones_brasil_2018/a	Tag da palavra-chave no El País
Lula	https://brasil.elpais.com/tag/luiz_inacio_da_silva/a	Tag da palavra-chave no El País
João Doria	https://brasil.elpais.com/tag/joao_agripino_da_costa_doria_junior/a	Tag da palavra-chave no El País
Geraldo Alckmin	https://brasil.elpais.com/tag/geraldo_alckmin/a	Tag da palavra-chave no El País
Jair Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/jair_messias_bolsonaro/a	Tag da palavra-chave no El País
Marina Silva	https://brasil.elpais.com/tag/marina_silva/a	Tag da palavra-chave no El País
Ditaduras	https://brasil.elpais.com/tag/dictadura/a	Tag da palavra-chave no El País
com 5% de aprovação	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501187111_082204.html	Matéria relacionada no El País
Michel Temer	https://brasil.elpais.com/tag/michel_temer/a	Tag da palavra-chave no El País
uma conversa de conteúdo mais do que suspeito	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/18/politica/1495143431_030938.html	Matéria relacionada no El País
mala de dinheiro nas mãos de um homem de confiança	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/03/politica/1496491513_207325.html	Matéria relacionada no El País
Congresso	https://brasil.elpais.com/tag/congresso_nacional_brasil/a	Tag da palavra-chave no El País

a pior alternativa possível	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/17/politica/1502924947_112379.html	Matéria relacionada no El País
fiadora da permanência de Temer na presidência	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/05/politica/1494016165_789301.html	Matéria relacionada no El País
avançar sobre as terras públicas de usufruto dos povos indígenas	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/05/politica/1494016165_789301.html	Matéria relacionada no El País
nas mãos de um general	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/05/politica/1493990969_440560.html	Matéria relacionada no El País
Amazônia	https://brasil.elpais.com/tag/amazonia/a	Tag da palavra-chave no El País
Samarco aconteceu com as regras atuais	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/08/politica/1502229456_738687.html	Matéria relacionada no El País
mudar as regras sobre	https://www.nexojournal.com.br/colunistas/2017/A-Rep%C3%BAblica-Agroto%C3%B3xica-do-Brasil	Outras reportagens – Reportagem no Nexo
abominação chamada PEC 215	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/13/opinion/1428933225_013931.html	Coluna de Brum no El País
eleição de 2018	https://brasil.elpais.com/tag/elecciones_brasil_2018/a	Tag da palavra-chave no El País
sendo atacados, quando não mortos	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/24/opinion/1500906089_804382.html	Coluna de Brum no El País
impeachment de Dilma Rousseff	https://brasil.elpais.com/tag/proceso_destitucion_dilma_rousseff/a	Tag da palavra-chave no El País
população sequer está nas ruas	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/15/politica/1497541272_710007.html	Matéria relacionada no El País
Gilmar Mendes	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/28/politica/1498685272_995962.html	Matéria relacionada no El País
Aécio Neves	https://brasil.elpais.com/tag/aecio_neves/a	Tag da palavra-chave no El País
Rodrigo Maia	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/19/politica/1500493275_035196.html	Matéria relacionada no El País
Lava Jato	https://brasil.elpais.com/tag/operacion_lava_jato/a	Tag da palavra-chave no El País
Delfim Netto	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/10/politica/1449779346_282816.html	Matéria relacionada no El País
redes sociais	https://brasil.elpais.com/tag/redes_sociales/a	Tag da palavra-chave no El País

Fonte: A autora, 2019

5.1.8 “A lei não é para todos”

Neste texto crítico, Brum reflete sobre a ideia de que “prisão é justiça”, presente no imaginário brasileiro, é reforçada pela operação Lava Jato, a qual a autora tece inúmeras críticas. Ela introduz o texto explicando a importância da Lava Jato em desnudar corrupções que acontecem na relação público-privado, presentes em vários governos anteriores. E, em seguida contrapõe, afirmando que a operação causa “um desserviço ao Brasil” ao reforçar a ideia de que prisão é justiça, em um país que encarcera negros e pobres massivamente.

A autora nos dá pistas sobre os valores-notícias que guiam suas pautas nas colunas do El País ao vislumbrar a repercussão negativa da operação Lava Jato a longo prazo e, portanto, ser considerada pela jornalista fundamental refletir a respeito do assunto na coluna.

A Lava Jato tem um grande impacto sobre a vida do país, que ecoará por muito tempo e, em alguns aspectos, será constituinte do Brasil dos próximos anos ou décadas. É por essa razão que me parece fundamental enfrentar as complexidades e as contradições desse processo para além do contra ou a favor. O que busco fazer neste espaço é tentar interpretar os sentidos que vão sendo construídos ou reforçados pela Lava Jato, o que anda pelas bordas dessa operação, mas não por isso é menos importante. E que talvez seja mais permanente.

É possível, a partir disso, colocar a hipótese de que um dos valores-notícia que guiam a escolha das pautas é o potencial de impacto do fato no Brasil, principalmente a longo prazo.

A autora revisita raciocínios anteriores, de outras colunas dela (proporcionando acesso do leitor a eles através dos *hiperlinks*). O foco do enredo é dar voz aos mais frágeis perante o sistema carcerário: os negros e pobres. Para isso, faz exercício argumentativo, desmistifica ideias disseminadas pelo senso comum (“Essa ideia, porém, não é apenas manipuladora. Ela é comprovadamente falsa”), utiliza recursos como a ironia para demonstrar a realidade embasada em dados e fatos (“Se o encarceramento em massa fosse solução para a violência, no Brasil se dormiria de porta aberta”).

Neste texto, Brum também demonstra a estratégia persuasiva de coerência sobre a sua forma de pensar já expressada:

Quando Luiz Inácio Lula da Silva virou personagem de um filme baseado na sua vida e o assistiui na poltrona do cinema do Palácio do Alvorada, como presidente do Brasil, eu o critiquei. E também fiz uma crítica de Lula, o filho

do Brasil, que ao reduzir a complexidade do homem a um clichê de herói fez uma peça de propaganda.

Brum explica os significados sociais subjetivos atrelados à política de encarceramento, dizendo que revela “uma política de extermínio”. Para isso, revisita a história, mostra fatos, critica intenções veladas, chama a atenção situações contrastantes que evidenciam a desigualdade social (principalmente as prisões de Rafael Braga, negro, pobre, preso nas manifestações de 2013 portando um frasco de Pinho Sol e um de água sanitária, ainda preso; e de Breno Fernando Solon Borges, branco, filho da presidente do Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso do Sul, preso com 129,9 quilos de maconha e munições para armas de calibre 7,62 mm e 9 mm., preso por dois meses e, em seguida, transferido para uma clínica médica submetido a tratamento psiquiátrico).

O texto possui 30 parágrafos, 6 frases em destaque e nenhum subtítulo. Não possui vídeos e conta com uma imagem, do juiz Sergio Moro e o procurador Deltan Dallagnol no cinema na pré-estreia do filme “Polícia federal: a lei é para todos”. A coluna apresenta 16 *hiperlinks*, majoritariamente internos, estimulando a navegação no site do jornal (Quadros 22, 23 e 24).

Os questionamentos, mais uma vez, assumem protagonismo no texto de Brum, que articula questionamentos e respostas, levando à conclusão que nomeia o texto:

A lei não é para todos.

Quadro 22 – Informações gerais e plano da metanarrativa “*A lei não é para todos*”

Título	<i>A lei não é para todos</i>
Subtítulo	Como a Lava Jato reforça no país uma ideia perigosa: a de que prisão é justiça
Data	04/10/2017
Tema	Política/Desigualdade
Contexto	Lançamento do filme “A lei é para todos”, sobre a Lava Jato, e espetacularização da mesma.

Fonte: A autora, 2019

Quadro 23 – Plano da expressão “A lei não é para todos”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Negros e pobres (homens e mulheres)	Indireta, denunciando abusos da PM que executa negros e pobres nas favelas como solução para o aumento da violência. Ela se embasa nos fatos.
Rafael Braga	Indireta. Brum expõe o fato da prisão de Rafael e contrasta com a prisão de Breno Fernando Solon Borges, filho da presidente do Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso do Sul.
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	30
Número de subtítulos no texto	não possui
Subtítulos	não possui.
Número de frases em destaque	6
Frases em destaque	<ol style="list-style-type: none"> 1. As imagens produzidas pela Lava Jato não serviram para a ideia da justiça, mas para a ideia da vingança 2. Se o encarceramento em massa fosse solução para a violência, no Brasil se dormiria de porta aberta 3. Quando se coloca uma pessoa que cometeu assassinato e uma pessoa que carregava alguns gramas de maconha no bolso no mesmo lugar, o crime é da sociedade contra a pessoa 4. Entre o morador de rua e o filho da desembargadora há um Brasil 5. Antes de gritar “tem que prender”, “tem que matar”, é imperativo lembrar que quase 40% dos presos estão lá sem jamais terem sido julgados 6. Sergio Moro, Deltan Dallagnol e outros protagonistas da Lava Jato faltaram com a ética ao estar na plateia do filme que os converte em personagens de entretenimento
Imagens e vídeos	
Número de imagens	1
<i>Características das imagens</i>	Imagem do juiz Sergio Moro e o procurador Deltan Dallagnol no cinema na pré estreia do filme.
Número de vídeos	Não possui
<i>Características dos vídeos</i>	Não possui

Fonte: A autora, 2019

Quadro 24 – Plano do conteúdo “A lei não é para todos”

Recorte do tema	A ideia presente no imaginário social de que prisão é justiça, reforçada pela Lava Jato.
Estrutura	Introduz a importância de refletir sobre a Lava Jato

Hipertextos		
Quantidade de hipertextos: 18		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
Operação Lava Jato	https://brasil.elpais.com/tag/operacion_lava_jato/a	Tag da palavra-chave no El País
governos democráticos	https://brasil.elpais.com/tag/democracia/a	Tag da palavra-chave no El País
leia aqui	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/26/opinion/1498488947_331660.html	Coluna Brum no El País
execução de ‘bandidos’	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/21/politica/1500662148_452392.html	Tag da palavra-chave no El País
a ‘conduta coercitiva’ de Lula	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/14/opinion/1457966204_346156.html	Coluna Brum no El País
Uma pesquisa de 2014	Página não encontrada	Página não encontrada
presos morreram assassinados em três penitenciárias	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/17/politica/1484672165_612254.html	Matéria relacionada no El País
1330 acusados por tráfico	https://www.ucamcesec.com.br/wp-content/uploads/2015/12/1449180039_magicfields_arquivo_1_1.pdf	Apresentação em power point do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania com dados
outra pesquisa	Página não encontrada	Página não encontrada
Rafael Braga, 29 anos, foi preso nas manifestações de 2013	https://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/05/politica/1386204702_079082.html	Matéria relacionada no El País
Rafael foi condenado com base apenas no depoimento dos policiais que o prenderam	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/14/politica/1452803872_078619.html	Matéria relacionada no El País
a violação de 21 anos de ditadura	https://brasil.elpais.com/tag/dictadura_brasileña/a	Tag da palavra-chave no El País
Portal da Saúde	http://portalmms.saude.gov.br/index.php/0-ministerio/principal/leia-mais-o-ministerio/743-secretaria-svs/vigilancia-de-a-a-z/tuberculose/12-tuberculose/11941-viajantes-tuberculose	Fonte – Página oficial
Polícia Federal – a lei é para todos	https://www.youtube.com/watch?v=WdgD4g-JfFA	Trailer do filme no Youtube
o juiz Sergio Moro	https://brasil.elpais.com/tag/sergio_fernando_moro/a	Tag da palavra-chave no El País
uma crítica de	http://desacontecimentos.com/?p=420	Texto de Brum no seu site “Desacontecimentos”
A 13ª emenda	Página não encontrada	Página não encontrada

um país-condomínio	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/22/opinion/1434983312_399365.html	Coluna Brum no El País
--------------------	---	------------------------

Fonte: A autora, 2019

5.1.9 Texto 9: “Gays e moedas como moeda eleitoral”

Começa o texto apontando o fato e a articulação política por trás dele. Em seguida, aponta para quem dará a voz no texto:

A vítima maior não é a arte ou a liberdade de expressão, mas os mesmos de sempre: os mais frágeis, os primeiros a morrer.

Neste texto Brum dá a voz para os *gays* e mulheres que são violentados pelo discurso de ódio.

No decorrer da coluna de 34 parágrafos e nenhum subtítulo, Brum evidencia as entrelinhas que são importantes que o leitor perceba, por exemplo, ao falar sobre a indefinição do que é o MBL, ela afirma:

[...] a dificuldade de nomear o que são, é importante perceber, os favorece.

A estrutura narrativa de causa-consequência é evidente. Ela apresenta uma estrutura textual que se repete em outros textos, que é o de mostrar o impacto do fato ou ação do ator social em questão, no momento histórico, político e social, presente e futuro. O mesmo movimento é feito de forma inversa: O momento presente se configura de determinada forma como consequência dos impactos causados pelos fatos e ações dos atores sociais na política.

Brum utiliza recursos como a ironia, contraste e metáforas. Em relação aos destaques (oito, no total), a utilização é direcionada para um resumo dos próximos parágrafos. A única imagem presente no texto é a de um dos polêmicos quadros da exposição censurada. Não possui vídeos.

Como destaque, neste texto, ela deixa explícita uma das principais articulações da jornalista em todas as colunas analisadas, que é análise da subjetividade para compreender a realidade:

É também nas artes e na literatura que se encontra a maior possibilidade de ampliação das subjetividades. E é a subjetividade que nos ajuda a compreender o mundo em que vivemos para além do que nos é dado para ver.

O texto é finalizado com conselhos da autora sobre o que podemos fazer: “é preciso investir muito no fortalecimento dos movimentos culturais”, para evitar que o problema apresentado no título (*gays e crianças como moeda eleitoral*) se consolide. A coluna conta com 11 *hiperlinks*, sendo 9 internos e apenas 2 direcionando para outras reportagens (Quadros 25, 26 e 27).

Quadro 25 – Informações gerais e plano da metanarrativa “*Gays e crianças como moeda eleitoral*”

Título	<i>Gays e crianças como moeda eleitoral</i>
Subtítulo	As milícias em benefício próprio descobriram como barganhar com a vida dos brasileiros e ganhar adeptos manipulando o medo e o ódio
Data	18/10/2017
Tema	Política
Contexto	Momento de manipulação das revoltas da massa da população por movimentos na web como o MBL. No contexto do texto, o Santander fechou uma exposição devido à pressão popular por associação com a pedofilia.

Fonte: A autora, 2019

Quadro 26 – Plano da expressão “*Gays e crianças como moeda eleitoral*”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Vítimas de homofobia (Grupo Gay da Bahia)	Cita a realidade de violência vivida por este grupo, mostra dados e pesquisas.
Mulheres que sofrem violência	Cita a realidade vivida por este grupo, mostra dados e pesquisas.
Pablo Ortellado	Colocou aspas de trechos da sua coluna na Folha de S. Paulo.
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	34
Número de subtítulos no texto	não possui
Subtítulos	não possui.
Número de frases em destaque	8

Frases em destaque	<ol style="list-style-type: none"> 1. A força de milícias como MBL é sua capacidade de influenciar tanto eleitores quanto odiadores, num momento histórico em que estas duas identidades se confundem 2. As milícias encontram o canal de comunicação com o medo e com o ódio de uma população acuada e, assim, o inimigo pode ser mudado conforme a conveniência 3. O prejuízo causado pelo ataque à exposição é menos a questão da liberdade de expressão e mais o apagamento dos massacres reais 4. Ao denunciar a arte e os artistas como “pedófilos”, o que se produz é o apagamento de um fato bastante incômodo: o de que a maioria das crianças violadas é violada por familiares e conhecidos 5. Para que as milícias sigam arregimentando odiadores é preciso que a compreensão do mundo seja cada vez mais literalizada, por isso é tão importante atingir a cultura, aquela que amplia as subjetividades 6. Se os programas policiaiscos/sensacionalistas colaboraram para a compreensão unidimensional do Brasil, as novas igrejas evangélicas cumpriram o papel de literalizar a linguagem de parte dos brasileiros 7. Um grita: “pedófilo”. O outro responde: “Nazista!”. O que muda? 8. Há diferenças entre as milícias que lideram os ataques e aqueles que elas conseguem arregimentar para os ataques: é essencial compreender essas diferenças e aprender a dialogar com elas
Imagens e vídeos	
Número de imagens	1
<i>Características das imagens</i>	Imagem da polêmica obra “Cena de interior II”, que estava exposta na mostra 'Queer Museum – Cartografia da Diferença na Arte'.
Número de vídeos	Não possui
<i>Características dos Vídeos</i>	Não possui

Fonte: A autora, 2019

Quadro 27 – Plano do conteúdo “*Gays e crianças como moeda eleitoral*”

Recorte do tema	Manipulação do medo e do ódio por milícias que direcionam tais sentimentos das pessoas para o resultado das eleições.	
Estrutura	Começa o texto apontando o fato e a articulação política por trás dele. No decorrer do texto de 34 parágrafos e nenhum subtítulo, Brum evidencia as entrelinhas que são importantes que o leitor perceba. A estrutura narrativa de causa-consequência é evidente no exercício argumentativo. O texto é finalizado com conselhos da autora sobre o que podemos fazer sobre a situação apresentada.	
Hipertextos		
Quantidade de hipertextos: 13		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
O fechamento da mostra	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html	Matéria relacionada no El País

Movimento Brasil Livre (MBL)	https://brasil.elpais.com/tag/mbl_movimiento_brasil_libre/a/	Tag da palavra-chave no El País
eleição de 2018	https://brasil.elpais.com/tag/elecciones_brasil_2018/a/	Tag da palavra-chave no El País
a exposição que deveria se estender até outubro, foi encerrada	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/14/politica/1505394738_622278.html	Matéria relacionada no El País
em sua coluna na	https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pablo-ortellado/2017/09/1917681-mbl-promove-intolerancia-e-intimidacao-de-adversarios.shtml	Outras reportagens – coluna no site da Folha de São Paulo
presidente denunciado duas vezes	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/14/politica/1505409607_914172.html	Matéria relacionada no El País
Escola sem partido	https://brasil.elpais.com/tag/programa_escola_sem_partido/a/	Tag da palavra-chave no El País
impeachment de Dilma Rousseff	https://brasil.elpais.com/tag/proceso_destitucion_dilma_rousseff/a/	Tag da palavra-chave no El País
ditadura civil-militar	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/08/opinion/1418042130_286849.html	Coluna Brum no El País
Eduardo Cunha (PMDB)	https://brasil.elpais.com/tag/eduardo_cosentino_da_cunha/a/	Tag da palavra-chave no El País
na página oficial do prefeito	https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2017/09/o-mbl-quer-agora-decidir-o-que-podemos-ver-critica-curador-da-exposicao-queermuseu/	Outras reportagens – Matéria no site Sul 21
o esvaziamento das palavras é algo poderoso	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/20/opinion/1466431465_758346.html	Coluna Brum El País
as gentes da internet vão virando fantasmagorias, as palavras também	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/10/opinion/1499694080_981744.html	Coluna Brum El País

Fonte: A autora, 2019

5.1.10 Texto 10 – “A Amazônia não é nossa”

Brum começa o texto expondo o fato e seu significado simbólico para a sociedade. A autora explica dados numéricos, fatos, contexto político, leis (e fornece acesso às leis originais através dos *hiperlinks*). A autora explica a diferença entre o discurso e a prática sobre programas propostos pelo governo. Traduz os números fornecidos por pesquisas em entendimento contextualizado sobre a realidade social para o leitor.

A autora revisita atitudes dos governos anteriores e atual para analisar o que foi feito sobre a questão central do texto, a situação da Amazônia. Chama a atenção para incoerências políticas, propõe questionamentos. Além disso, recorre a metáforas, comparações e contrastes para enfatizar determinadas ideias.

Nesta coluna, a autora mais uma vez demonstra a preocupação central com os mais frágeis:

Mas quem está na linha de frente, quem está na linha de morte, são os mais frágeis. Na maior parte das vezes estão lá só com o seu corpo. E acabam com ele cheio de balas. São estes que hoje defendem a maior floresta tropical do planeta em tempos de mudança climática produzida por ação humana. E a defendem quase sozinhos. E é evidente que eles não podem continuar sozinhos a defender algo que é um patrimônio de todos – e que se torna cada vez mais essencial para a sobrevivência da própria espécie humana.

A coluna apresenta 42 parágrafos, 13 frases em destaque (que resumem o que foi dito anteriormente ou posteriormente), uma imagem ilustrativa da Amazônia, e não contém subtítulos ou vídeos. Além disso, possui 41 *hiperlinks*, sendo seis externos (cinco direcionando para fontes oficiais e um para outras reportagens) e o restante interno, estimulando o tráfego no El País (Quadros 28, 29 e 30).

Quadro 28 – Informações gerais e plano da metanarrativa “A Amazônia não é nossa”

Título	<i>A Amazônia não é nossa</i>
Subtítulo	O governo Temer e a bancada ruralista do Congresso estão empenhados em transformar a maior floresta tropical do mundo em propriedade privada de poucos
Data	02/10/2017
Tema	Política/Amazônia
Contexto	Michel Temer foi pressionado a reverter a decisão de abrir a Reserva Nacional de Cobre a Associados (Renca) para a exploração de mineradoras.

Fonte: A autora, 2019

Quadro 29 – Plano da expressão “A Amazônia não é nossa”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Mais frágeis prejudicados por Belo Monte e defensores da floresta.	Indireta, mostrando o que passam, como são prejudicados e o que podemos fazer para evitar.

Professor Ariovaldo Umbelino de Oliveira	Direta, com aspas.
Pesquisador Maurício Torres	Direta, com aspas.
CAR	Indireta, aspas de um diálogo obtido por interceptação telefônica autorizada pela justiça
Cândido Neto Cunha, perito agrário do Incra	Direta, com aspas.
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	42
Número de subtítulos no texto	não possui
Subtítulos	não possui.
Número de frases em destaque	13
Frases em destaque	<ol style="list-style-type: none"> 1. Desde que Temer está no poder, há um assassinato por conflito de terra a cada seis dias na Amazônia Legal 2. Siga o sangue: os assassinatos estão diretamente ligados à conversão da floresta em propriedade privada 3. Desde o final do governo Lula, a “ilegalidade” vem sendo convertida em “irregularidade” 4. “Eu discordo de que o desmatamento é gerado pela soja ou pela pecuária. Ele é gerado pela grilagem”, diz pesquisador 5. O programa Terra Legal é citado em livro como marco no processo de legalização da grilagem na Amazônia 6. No livro “Dono é desmata”, autores afirmam que o Cadastro Ambiental Rural se tornou mais uma ferramenta da grilagem 7. A Lei da Grilagem 2, de Temer, ampliou e piorou a Lei da Grilagem 1, de Lula: com ela, o atual governo transformou grileiros em “cidadãos de bem” 8. Se o Estado promove a legalização do crime, quem defende os povos tradicionais? 9. A Floresta Nacional de Jamanxim é um powerpoint da operação do governo Temer e da bancada ruralista para desproteger a Amazônia 10. A perversão máxima deste momento do Brasil é que tudo está acontecendo seguindo “os ritos da lei” 11. Quando Temer e sua quadrilha tomaram conta do poder encontraram um território mais do que propício: a resistência dos movimentos sociais da região estava minada pelo projeto de conciliação de Lula 12. A maior floresta tropical do mundo é defendida hoje, na quase solidão, por personagens cada vez mais frágeis e que não cessam de ser assassinados: indígenas, ribeirinhos, quilombolas e camponeses 13. Num momento de tantas dissoluções, a Amazônia
Imagens e vídeos	
Número de imagens	1
<i>Características das imagens</i>	Imagem da Terra do Meio, no Pará.
Número de vídeos	Não possui

<i>Características dos Vídeos</i>	Não possui
-----------------------------------	------------

Fonte: A autora, 2019

Quadro 30 – Plano do conteúdo “A Amazônia não é nossa”

Recorte do tema	A importância de entendermos a realidade da Amazônia, a exploração política da mesma e a situação dos povos que vivem lá e a defendem.	
Estrutura	Brum começa o texto expondo o fato e seu significado simbólico para a sociedade. A autora explica dados numéricos, fatos, contexto político, leis (e fornece acesso às leis originais através dos <i>hiperlinks</i>). A autora explica a diferença entre o discurso e a prática sobre programas propostos pelo governo. Traduz os números fornecidos por pesquisas em entendimento contextualizado sobre a realidade social para o leitor. A autora revisita atitudes dos governos anteriores e atual para analisar o que foi feito sobre a questão central do texto, a situação da Amazônia, sempre colocando os “mais frágeis” como foco do discurso.	
Hipertextos		
Quantidade de hipertextos: 24		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
Michel Temer	https://brasil.elpais.com/tag/michel_temer/a	Tag da palavra-chave no El País
reverter a decisão de abrir a Reserva Nacional de Cobre e Associados (Renca)	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/25/politica/1506372008_097256.html	Matéria relacionada no El País
Impeachment	https://brasil.elpais.com/tag/proceso_destitucion_dilma_rousseff/a	Matéria relacionada no El País
Comissão Pastoral da Terra (CPT)	https://www.cptnacional.org.br/	Fonte – Site oficial
Amazônia	https://brasil.elpais.com/tag/amazonia/a	Tag da palavra-chave no El País
acessível a todos na internet	https://www.socioambiental.org/sites/blog.socioambiental.org/files/nsa/arquivos/dono_e_que_m_desmata_conexoes_entre_grill.pdf	Fonte- Pdf oficial
crimes ambientais	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/17/politica/1429286071_007327.html	Matéria relacionada no El País
“ponte para o futuro”	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/08/politica/1449576293_761185.html	Matéria relacionada no El País
Lula	https://brasil.elpais.com/tag/luiz_inacio_da_silva/a	Tag da palavra-chave no El País

Dilma Roussef	https://brasil.elpais.com/tag/dilma_rousseff/a	Tag da palavra-chave no El País
lei 11.952	http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11952.htm	Fonte – página oficial do governo com a Lei
Supremo Tribunal Federal	https://brasil.elpais.com/tag/stf_supremo_tribunal_federal/a	Tag da palavra-chave no El País
Cadastro Ambiental Rural (CAR)	http://www.car.gov.br/#/	Fonte – Site oficial
Ministério Público Federal	https://brasil.elpais.com/tag/mpf_ministerio_publico_federal/a	Tag da palavra-chave no El País
lei 12.465/17	http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13465.htm	Fonte – página oficial do governo com a Lei
chacinas como a ocorrida no município de Colniza	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/24/politica/1493070693_665185.html	Matéria relacionada no El País
chacina de Pau D'Arco	https://www.youtube.com/watch?v=3X5X1SsVrkE&feature=youtu.be&t=7	Fonte/ outras reportagens – depoimentos de testemunhas no site do Repórter Brasil
como mostrou uma reportagem de	https://oglobo.globo.com/brasil/projeto-do-governo-que-reduz-floresta-no-para-deve-beneficiar-grileiros-21865569	Outras reportagens – matéria no O Globo
MST	https://brasil.elpais.com/tag/mst_movimiento_sin_tierra/a	Tag da palavra-chave no El País
Belo Monte	https://brasil.elpais.com/tag/represa_belo_monte/a	Tag da palavra-chave no El País
Funai	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/05/politica/1493990969_440560.html	Matéria relacionada no El País
As lágrimas de Gisele Bunchen	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/16/opinion/1505584656_670044.html	Matéria relacionada no El País
Brasil que gira em falso	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/20/opinion/1437400644_460041.html	Coluna de Brum no El País
ditadura civil-militar	https://brasil.elpais.com/tag/dictadura_brasilen/a/a	Tag da palavra-chave no El País

Fonte: A autora, 2019

5.1.11 Texto 11: *“Mataram meu filho. Mas não quero polícia mais armada, eu quero políticas públicas”*

Para introduzir o texto, Brum expõe o fato, seguido da apresentação humanizada da mãe de Magid, jovem assassinado em Altamira:

Málaque Mauad Soberay, 47 anos, foi uma das mães que hoje chora pelo seu filho morto. [...] Málaque, que ganha a vida fazendo salgados para vender, destacou-se na manifestação contra a violência que percorreu as ruas da cidade. Ela puxou um coro que não era de vingança, como é tão comum em momentos de dor extrema. Málaque não pediu mais sangue. Málaque não pediu linchamento. Málaque pediu amor.

Além disso, Brum explica o significado profundo do ato da mãe do menino assassinado, ao dizer que pediu

amor até mesmo pelos assassinos do seu filho. E especialmente por suas mães. Escolher o amor é uma escolha também política, no que a política tem de humanizadora.

Nesse trecho, a autora mostra que Málaque é capaz de pedir amor no momento que perdeu seu filho porque conhece de perto a desigualdade da zona urbana de Altamira, já que fora conselheira tutelar por dois mandatos. Isso se relaciona diretamente com o posicionamento de Brum, presente em outros textos, de acreditar que a aproximação humaniza as pessoas, humanizando até mesmo o assassino de Magid para sua mãe.

Essa coluna tem como particularidade a utilização dos subtítulos dividindo a estrutura do texto em blocos:

- “1) Paisagem e violência”, relacionando Belo Monte com o aumento da violência de Altamira;
- “2) Números e carne”, mostrando dados sobre o aumento da violência em Altamira;
- “3) Estigma e Perversão”, contextualizando a situação da segurança atual em Altamira, os RUCs;
- “4) Dor e resistência”, contando a história de Magid;
- “5) Entrevista e movimento”, contendo a entrevista na íntegra de Málaque e um vídeo da passeata pela paz promovida por ela e outros habitantes de Altamira.

Este texto tem características de reportagem. Contém entrevista transcrita, dados, fontes oficiais, personagens e recursos do jornalismo literário, como na frase:

A dor de perder um filho não tem nome. Às vezes é preciso escrevê-la na carne. No domingo (15/10), Málaque e suas duas filhas fizeram uma tatuagem em homenagem a Magid. Reproduziram no braço a mesma tatuagem que ele tinha na perna direita. E escreveram o seu nome para que ele viva nelas.

Em relação aos hipertextos, apresenta 14 *links*, sendo 12 internos e apenas dois externos (direcionado para a fonte e para outras reportagens). A reportagem possui 56 parágrafos, 28 subtítulos (cinco no decorrer do texto e 23 na entrevista com Málaque) e cinco frases em destaque. Apresenta cinco imagens e um vídeo da manifestação pela paz, com os manifestantes cantando “*Pais e Filhos*”, da banda Legião Urbana (Quadros 31, 32 e 33). O vídeo apresenta legenda com resumo do ocorrido – o assassinato do jovem e a situação de violência de Altamira – contrastando com o coro da multidão que canta: “é preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã”. O texto é fechado com frase impactante e esperançosa:

Assim, mesmo morto, as ideias de Magid seguirão vivas e fazendo outros viverem.

Quadro 31 – Informações gerais e plano da metanarrativa “*Mataram meu filho. Mas não quero polícia mais armada, eu quero políticas públicas*”

Título	<i>Mataram meu filho. Mas não quero polícia mais armada, eu quero políticas públicas</i>
Subtítulo	Com Belo Monte, Altamira mergulha num ciclo de violência e uma mãe se alia à comunidade para um levante pela paz
Data	16/10/2017
Tema	Política/violência/direitos humanos
Contexto	Alta de violência em Altamira provocada por consequências da construção de Belo Monte.

Fonte: A autora, 2019

Quadro 32 – Plano da expressão “*Mataram meu filho. Mas não quero polícia mais armada, eu quero políticas públicas*”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Málaque Mauad	Direta, com aspas, transcrição da entrevista completa; vídeo

Cléber Soares	Indireta, denunciando sua morte e contando o acontecido sob a perspectiva dos familiares (e relatando o olhar de seus filhos de quatro e sete anos)
Magid	Indireta, através de relatos dos irmãos, mãe e amigos.
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	56
Número de subtítulos no texto	5 (no decorrer do texto) 23 (subtítulos da entrevista) Total: 28
Subtítulos	<ul style="list-style-type: none"> • <i>No decorrer do texto:</i> <ul style="list-style-type: none"> - Paisagem e violência - Números e carne - Estigma e perversão - Dor e resistência - Entrevista e Movimento • <i>Na entrevista:</i> <ul style="list-style-type: none"> - A senhora me disse ontem, depois da missa de sétimo dia: “Mataram meu filho, mas eu não quero polícia mais armada, eu quero políticas públicas”. Por quê? - Por quê? - Qual é? - Por quê? - Como responder a isso? - Quer fazer um coletivo? - Como foi a noite em que ele morreu? - A senhora foi até lá? - A senhora tinha medo de que a polícia plantasse alguma coisa no carro? - Como assim? - Do outro dia? - Por que ele ficou quase nu no meio da rua? - A senhora sabe o que aconteceu naquela noite, no RUC São Joaquim? - E por que a senhora disse à polícia que não vai admitir que manchem a imagem do seu filho? A senhora tem medo que manchem? - Além de tudo... - O que aconteceu naquela noite? - Altamira sempre foi violenta assim? - A senhora chama Belo Monte de Belo Monstro? - Isso com a construção da barragem? - Uma pesquisa do IPEA mostrou que Altamira se tornou a cidade mais violenta do país. Na sua opinião, qual foi o impacto de Belo Monte nessa violência? - A senhora disse que a família vai realizar o sonho do Magid, de ter um cursinho popular para a população dos RUCs. Como é isso? - Por que especificamente para a população dos RUCs? - Qual é o seu desejo?
Número de frases em destaque	5
Frases em destaque	<ol style="list-style-type: none"> 1. Em 2000, Altamira registrou oito assassinatos: um a menos que nestes quatro dias de 2017 2. Entre 2000 e 2015, a taxa de homicídios aumentou 1.110% em Altamira 3. Altamira está morrendo porque os jovens estão morrendo

	<p>4. “Vi meu filho exposto no meio da rua, nu, como se tivessem atropelado um cachorro. Não quero que mais nenhuma mãe passe por isso”.</p> <p>5. “Belo Monstro destruiu minha vida, a vida dos meus netos, destruiu nossos sonhos”</p>
Imagens e vídeos	
Número de imagens	5
<i>Características das imagens</i>	<p>1. A mãe do menino assassinado, Málaque Mauad, de braço erguido em manifestação pela paz</p> <p>2. Estudantes na passeata pela paz com cartazes escrito: “+ amor - violência”; “Magid, tua vida continua em nossa LUTA”.</p> <p>3. Imagem dos reassentamentos de Altamira</p> <p>4. Objetos pessoais de Magid em frente a sua casa, com cartazes ao lado.</p> <p>5. Imagem da tatuagem feita pela mãe de Magid com seu nome.</p>
Número de vídeos	1
<i>Características dos vídeos</i>	Vídeo da manifestação pela paz com os manifestantes cantando “Pais e Filhos”, da banda Legião Urbana. O vídeo possui legenda resumindo o ocorrido (assassinato do jovem) e a situação de violência de Altamira, contrastando com o coro da multidão cantando que “é preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã”.

Fonte: A autora, 2019

Quadro 33 – Plano do conteúdo “*Mataram meu filho. Mas não quero polícia mais armada, eu quero políticas públicas*”

Recorte do tema	A relação entre Belo Monte e o aumento da violência em Altamira	
Estrutura	Para introduzir o texto, Brum expõe o fato, seguido da apresentação humanizada da mãe de Magid, jovem assassinado em Altamira. Essa coluna tem como particularidade a utilização dos subtítulos dividindo a estrutura do texto em blocos: 1) “Paisagem e violência”, relacionando Belo Monte com o aumento da violência de Altamira; 2) “Números e carne”, mostrando dados sobre o aumento da violência em Altamira; 3) “Estigma e Perversão”, contextualizando a situação da segurança atual em Altamira, os RUCs; 4) “Dor e resistência”, contando a história de Magid; 5) “Entrevista e movimento”, contendo a entrevista na íntegra de Málaque e um vídeo da passeata pela paz promovida por ela e outros habitantes de Altamira.	
Hipertextos		
Quantidade de hipertextos: 14		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
Polícia Militar	https://brasil.elpais.com/tag/violencia_policial/a	Tag da palavra-chave no El País

que ela chama “Belo Monstro”	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/06/opinion/1436195768_857181.html	Coluna Brum no El País
tem mais um direito a menos	página não encontrada	página não encontrada
dos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff.	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/09/opinion/1462804348_582272.html	Coluna Brum no El País
quando a usina foi leiloadada e em seguida construída.	https://brasil.elpais.com/tag/represa_belo_monte/a	Tag da palavra-chave no El País
Bartolomeu Moraes da Silva, o “Brasília”	http://elianebrum.com/reportagens/a-esperado-assassino/	Coluna de Brum em seu site - Desacontecimentos
Ademir Federicci, o “Dema”,	http://www.fundodema.org.br/conteudos/que_m-somos/1427/historia-e-luta-de-dema	Fonte – Site oficial
para gerar propina mais do que energia	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/11/opinion/1460390361_909016.html	Coluna Brum no El País
determinou que Belo Monte parasse de operar	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/11/opinion/1460390361_909016.html	Coluna Brum no El País
É um processo perverso, que se torna cada vez mais acelerado e fortalecido pelo número crescente de mortes na região dos RUCs	http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-04/justica-suspende-licenca-de-operacao-de-belo-monte	Outras reportagens - matéria na Agência Brasil
aqueles que foram expulsos de ilhas e beiradões do Xingu	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/18/opinion/1468850872_994522.html	Coluna de Brum no El País
peças que foram jogadas nestes conjuntos padronizados não se conhecem	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/22/politica/1442930391_549192.html	Matéria relacionada no El País
Polícia Civil do Estado do Pará	http://www.policiacivil.pa.gov.br/	Fonte – site oficial da pesquisa
No estudo do IPEA	http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253	Fonte – site oficial da pesquisa

Fonte: A autora, 2019

5.1.12 Texto 12: “Como fabricar monstros para garantir o poder em 2018”

Semelhante ao texto anterior, Brum divide a estrutura através de subtítulos enumerados, sendo eles:

- “1) Como criar monstros para manipular uma população com medo?”, onde faz uma retrospectiva história dessa estratégia política, utilizada inclusive na Alemanha nazista;

- “2) Como criar uma base eleitoral para ‘botar ordem na casa’ sem mudar a ordem da casa?”, em que Brum continua o raciocínio proposto pelo ponto anterior, e chama a atenção para os reais problemas do Brasil, como “a Amazônia está sendo roubada”;
- “3) Por que o pedófilo é o ‘monstro’ perfeito para o momento político?”, em que a autora se aprofunda na reflexão, buscando os significados simbólicos;
- “4) Por que manipular os tabus relacionados à sexualidade é uma forma eficiente de criar uma base eleitoral?”, em que ela, baseada na história e na lógica de causa-consequência explica:

Os exemplos históricos são infinitos. Quem controla a sexualidade controla os corpos. Quem controla os corpos controla a mente. Quem controla as mentes leva o voto para onde quiser.

- “5) Por que a arte e os artistas são os alvos do momento?”, em que ela se ampara novamente na história para construir sua lógica argumentativa;
- “6) Quem são os políticos e as religiões que se aliam aos fabricantes de pedófilos com o olhar fixado em 2018?”, em que ela cita nomes dos políticos envolvidos;
- “7) Como parte do empresariado nacional se articula com os ataques à arte enquanto apoia o retrocesso em nome do lucro?”, em que a autora cita nomes, expõe sua opinião e fecha o texto.

Em uma tendência observada nas colunas, Brum chama o leitor para a sua responsabilidade individual, falando diretamente com ele:

Você, que grita e aponta o dedo e o celular, fabricando falsificações, precisa se responsabilizar pelas vidas que destrói.

Ao citar nomes dos políticos e empresários envolvidos nesta articulação, o objetivo implícito é o de alertar ao leitor sobre eles e, induzir a não votar nessas pessoas.

Um ponto que merece ser citado é o de que Brum deu a voz para o empresário Flávio Rocha, através da transcrição de um trecho escrito por ele em uma coluna de opinião no jornal Folha de S. Paulo, para criticar tal fala. Em seguida ao trecho transcrito, Brum expõe sua opinião, com adjetivos e provocações:

A indigência intelectual de uma parcela significativa da elite econômica brasileira só não é maior do que o seu oportunismo. É também parte da

explicação da face mais atrasada do Brasil. É ainda um constrangimento, talvez uma falha cognitiva.

A coluna possui 57 parágrafos, sete subtítulos e 11 frases em destaque. Não contém vídeos e possui uma imagem significativa: apresenta manifestantes raivosos no MAM mostrando cartaz escrito “Pedofilia é crime sim”, a um homem de braços cruzados. No fundo podemos perceber um cartaz escrito: “Incompetentes travestidos de artistas fizeram da pedofilia seu ofício. Lixo da lei Rouanet”. A coluna conta com 30 hipertextos, sendo apenas dois externos (um direciona para o site da autora “Meus desacontecimentos” e outro para reportagem no jornal Repórter Brasil) (Quadros 34, 35 e 36).

A autora finaliza o texto utilizando os recursos ironia e contraste em relação aos parágrafos anteriores, que falava dos reais problemas do país:

Mas, claro, o problema do Brasil são os pedófilos em museus. E, como o presidente do grupo Riachuelo tem a gentileza de nos alertar, a volta dos comunistas que comem criancinhas.

Quadro 34 – Informações gerais e plano da metanarrativa “*Como fabricar monstros para garantir o poder em 2018*”

Título	<i>Como fabricar monstros para garantir o poder em 2018</i>
Subtítulo	Enquanto o país é tomado por assaltantes do dinheiro público, parte dos brasileiros está ocupada caçando pedófilos em museus
Data	31/10/2017
Tema	Política
Contexto	O MBL (Movimento Brasil Livre) liderou ataques contra uma exposição de arte, devido a um vídeo publicado nas redes sociais onde uma criança tocava no performer nu. O movimento conservador acusou o artista de pedofilia e o atacou nas redes. Enquanto isso, denúncias de corrupção e absurdo políticos aconteciam no Brasil chamando pouca atenção.

Fonte: A autora, 2019

Quadro 35 – Plano da expressão “*Como fabricar monstros para garantir o poder em 2018*”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Flávio Rocha	Indireta, aspas de um trecho da sua coluna de opinião.

Pedófilos	Indireta, humanizando-os e encaminhando o leitor, através do <i>hiperlink</i> , para um outro texto da autora refletindo sobre a humanidade dos pedófilos.
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	57
Número de subtítulos no texto	7
Subtítulos	<ul style="list-style-type: none"> - 1) Como criar monstros para manipular uma população com medo? - 2) Como criar uma base eleitoral para ‘botar ordem na casa’ sem mudar a ordem da casa? - 3) Por que o ‘pedófilo’ é o ‘monstro’ perfeito para o momento político? - 4) Por que manipular os tabus relacionados à sexualidade é uma forma eficiente de criar uma base eleitoral? - 5) Por que a arte e os artistas são os alvos do momento? - 6) Quem são os políticos e as religiões que se aliam aos fabricantes de pedófilos com o olhar fincado em 2018? - 7) Como parte do empresariado nacional se articula com os ataques à arte enquanto apoia o retrocesso em nome do lucro?
Número de frases em destaque	11
Frases em destaque	<ul style="list-style-type: none"> - Aqueles que hoje chama artistas de ‘pedófilos’ se esquecem de que sua imagem e suas palavras permanecerão para sempre nos arquivos do mundo - A escolha do ‘monstro’ da vez é uma escolha política. Com o ódio deslocado para um monstro que não existe, oprimidos votam em opressores acreditando que se libertam - Como criar uma epidemia de pedofilia sem pedófilo disponíveis? - Espelhando-se em Hitler e criando uma “arte degenerada” - Você, que grita e aponta o dedo e o celular, fabricando falsificações, precisa se responsabilizar pelas vidas que destrói - Quem controla a sexualidade, controla os corpos. Quem controla os corpos e as mentes, leva o voto para onde quiser - Os oportunistas e seu projeto de poder vencem e o pior acontece pelas concessões e recuos de instituições que têm a obrigação de resistir - Não há nada mais perigoso para a manutenção dos privilégios e do controle de poucos sobre muitos do que a arte - Os pedófilos de hoje são as bruxas de ontem. E são tão pedófilos quanto as bruxas eram bruxas - Observe bem os dois políticos que se alçaram a protetores das crianças brasileiras ameaçadas pela arte: João Doria (PSDB) e Jair Bolsonaro (PSC) - A indignância intelectual de uma parcela significativa da elite econômica brasileira só não é maior do que seu oportunismo
Imagens e vídeos	
Número de imagens	1
<i>Características das Imagens</i>	Imagem de manifestantes raivosos no MAM mostrando cartaz escrito: “Pedofilia é crime sim”, a um homem de braços cruzados olhando o cartaz. No fundo podemos perceber um cartaz escrito: “Incompetentes travestidos de artistas fizeram da pedofilia seu ofício. Lixo da lei Rouanet”.
Número de vídeos	Não possui

<i>Características dos vídeos</i>	Não possui
-----------------------------------	------------

Fonte: A autora, 2019

Quadro 36 – Plano do conteúdo “*Como fabricar monstros para garantir o poder em 2018*”

Recorte do tema	O desvio da atenção e manipulação da revolta popular para a arte como estratégia política para as eleições de 2018.	
Estrutura	Brum divide a estrutura do texto em subtítulos enumerados, sendo eles: 1) “Como criar monstros para manipular uma população com medo?”, onde faz uma retrospectiva história dessa estratégia política, utilizada inclusive na Alemanha nazista; 2) “Como criar uma base eleitoral para ‘botar ordem na casa’ sem mudar a ordem da casa?”, em que Brum continua o raciocínio proposto pelo ponto anterior, e chama a atenção para os reais problemas do Brasil, como “a Amazônia está sendo roubada”; 3) “Por que o pedófilo é o ‘monstro’ perfeito para o momento político?”, em que a autora se aprofunda na reflexão, buscando os significados simbólicos; 4) “Por que manipular os tabus relacionados à sexualidade é uma forma eficiente de criar uma base eleitoral?”, em que ela, baseada na história e na lógica de causa-consequência explica: “Os exemplos históricos são infinitos. Quem controla a sexualidade controla os corpos. Quem controla os corpos controla a mente. Quem controla as mentes leva o voto para onde quiser”; 5) “Por que a arte e os artistas são os alvos do momento?”, em que ela se ampara novamente na história para construir sua lógica argumentativa; 6) “Quem são os políticos e as religiões que se aliam aos fabricantes de pedófilos com o olhar fincado em 2018?”, em que ela cita nomes dos políticos envolvidos; 7) “Como parte do empresariado nacional se articula com os ataques à arte enquanto apoia o retrocesso em nome do lucro?”, em que a autora cita nomes, expõe sua opinião e fecha o texto.	
Hipertextos		
Quantidade de hipertextos: 34		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
Pedófilos	https://brasil.elpais.com/tag/pedofilia/a/	Tag da palavra-chave no El País
Museus	https://brasil.elpais.com/tag/museos/a/	Tag da palavra-chave no El País
se safou pela segunda vez de uma denúncia criminal	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/27/politica/1509056404_111986.html	Matéria relacionada no El País
combate ao trabalho escravo	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/19/politica/1508447540_501606.html	Matéria relacionada no El País
Queer Museu – Cartografia da Diferença na Arte Brasileira	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/18/opinion/1505755907_773105.html	Coluna de Brum no El País
ataques liderados por milícias como o Movimento Brasil Livre (MBL)	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html	Matéria relacionada no El País

Dilma Roussef	https://brasil.elpais.com/tag/dilma_rousseff/a	Tag da palavra-chave no El País
Michel Temer	https://brasil.elpais.com/tag/michel_temer/a	Tag da palavra-chave no El País
51 milhões de reais escondidos num apartamento?	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/05/politica/1504623466_872533.html	Matéria relacionada no El País
Operação Lava Jato	https://brasil.elpais.com/tag/operacion_lava_jato/a	Tag da palavra-chave no El País
Alemanha Nazista	https://brasil.elpais.com/tag/nazismo/a	Tag da palavra-chave no El País
Operação Lava Jato	https://brasil.elpais.com/tag/operacion_lava_jato/a	Tag da palavra-chave no El País
Internet	https://brasil.elpais.com/tag/internet/a	Tag da palavra-chave no El País
Holocausto	https://brasil.elpais.com/tag/holocausto/a	Tag da palavra-chave no El País
A Amazônia está sendo roubada	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/02/opinion/1506961759_879609.html	Coluna de Brum no El País
democracia sem povo	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/21/opinion/1503324298_467830.html	Coluna de Brum no El País
a moeda eleitoral da eleição de 2010	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/04/28/opinion/1398692471_063651.html	Coluna de Brum no El País
Judith Butler	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/20/cultura/1447995720_144799.html	Matéria relacionada no El País
Donald Trump	https://brasil.elpais.com/tag/donald_trump/a	Tag da palavra-chave no El País
eu já escutei vários pedófilos reais como repórter	http://elianebrum.com/opiniao/colunas-na-epoca/pedofilo-e-gente/	Coluna de Brum no seu site – Desacontecimentos
Hitler	https://brasil.elpais.com/tag/adolf_hitler/a	Tag da palavra-chave no El País
falta de investimento em educação e saúde	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/politica/1476125574_221053.html	Matéria relacionada no El País
caso dos que estão sendo investigados	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/02/politica/1506979505_979950.html	Matéria relacionada no El País
Museu de Arte de São Paulo (MASP)	https://brasil.elpais.com/tag/masp_museo_arte_sao_paulo_assis_chateubriand/a	Tag da palavra-chave no El País
cotidiano de exceção	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/29/opinion/1496068623_644264.html	Coluna de Brum no El País
Caetano Veloso	https://brasil.elpais.com/tag/caetano_veloso/a	Tag da palavra-chave no El País

liderou uma reação dos artistas	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/08/cultura/1507414558_523035.html	Matéria relacionada no El País
Whatsapp	https://brasil.elpais.com/tag/whatsapp/a	Tag da palavra-chave no El País
João Doria	https://brasil.elpais.com/tag/joao_agripino_da_costa_doria_junior/a	Tag da palavra-chave no El País
Jair Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/jair_messias_bolsonaro/a	Tag da palavra-chave no El País
“alimento” feito com produtos próximos do vencimento	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/18/politica/1508347385_718583.html	Matéria relacionada no El País
na página de Opinião do principal jornal brasileiro	https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2017/10/1928996-o-comunista-esta-nu.shtml	Outras reportagens – Matéria no site da Folha de São Paulo
Como mostrou reportagem da Repórter Brasil	https://reporterbrasil.org.br/2017/09/o-que-esta-por-tras-da-ofensiva-do-dono-da-riachuelo-contra-o-mpt/	Outras reportagens – Matéria no Repórter Brasil
a portaria está temporariamente cassada por liminar concedida pela ministra Rosa Weber	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/24/politica/1508856511_182757.html	Matéria relacionada no El País

Fonte: A autora, 2019

5.1.13 Texto 13: “Os 18 vendilhões”

O texto começa antes das palavras, começa na imagem, que é uma foto do Facebook do Pastor Takayama, presidente da frente parlamentar evangélica, que mostra os deputados que aprovaram a mudança antiaborto sorridentes e felizes em contraste à expressão incrédula de uma das mulheres da imagem. Segundo Brum, cenas assim “contam uma história inteira”.

Logo na introdução, Brum explicita uma das suas principais preocupações em seus conteúdos: a repercussão histórica dos acontecimentos.

A imagem de um grupo de homens rindo, batendo palmas e gritando porque tinham sido malandros o suficiente para fazer uma sacanagem com as mulheres (e também com os homens sérios do país) deve ir para a posteridade como um dos momentos mais baixos do Brasil.

Em seguida, Brum expõe todos os nomes dos deputados que votaram a favor da medida, de forma indireta, induzindo o leitor que se identificar com sua opinião a prestar atenção nestes nomes e não votar neles novamente.

Seguindo o padrão estrutural dos textos anteriores, Brum dividiu a estrutura em blocos separados por subtítulos, sendo eles:

- “1) Por que eles comemoravam tanto?”, onde ela explica o fato e o que ele significa;
- “2) O que a religião tem a ver com isso?”, em que ela articula reflexões sobre a usurpação da religião e sua relação com a política, tomando o cuidado de diferenciar a bancada religiosa dos valores cristãos;
- “3) Por que os 18 podem ser considerados perversos?”, é um exercício argumentativo, em que Brum afirma que os deputados são perversos por prejudicar as mulheres que morrem todos os dias, principalmente as mulheres negras;
- “4) Isso é novo na política?”, em que ela faz um resgate da história recente em que o corpo da mulher foi usado como moeda eleitoral;
- “5) O que a escravidão tem a ver com isso?”, em que ela faz um resgate histórico ainda mais profundo, refletindo sobre os reflexos da escravidão na pauta do aborto, já que as mulheres negras e pobres são as que morrem mais.

A coluna é uma das maiores da amostra: possui 62 parágrafos, intercalados por cinco subtítulos e 13 frases em destaque. Não possui vídeos e conta com apenas uma imagem. Além disso, possui 12 *hiperlinks*, sendo 10 internos e dois externos (matérias em outros jornais) (Quadros 37, 38 e 39).

Nos últimos parágrafos, Brum enfatiza que os 18 deputados são, na verdade, um número muito maior de representantes no Congresso, eleitos por nós. E, finaliza o artigo lembrando ao leitor da sua responsabilidade:

Só a resistência pode salvar o Brasil de si mesmo. Mas para isso é preciso que aqueles que estão fingindo dormir acordem.

Quadro 37 – Informações gerais e plano da metanarrativa “Os 18 vendilhões”

Título	<i>Os 18 vendilhões</i>
Subtítulo	Como o Congresso brasileiro se tornou o melhor lugar para homens que odeiam as mulheres, especialmente as negras
Data	20/11/2017
Tema	Política

Contexto	O Congresso aprovou a Proposta de Emenda Constitucional 181 (PEC 181) e, com isso, diminuiu direitos significativos para as mulheres. (A única mulher a votar, votou contra. O restante eram apenas homens).
-----------------	--

Fonte: A autora, 2019

Quadro 38 – Plano da expressão “*Os 18 vendilhões*”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Mulheres, principalmente as mulheres negras	Indireta, em todo o texto, através do exercício argumentativo, retrospectiva histórica.
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	62
Número de subtítulos no texto	5
Subtítulos	<ul style="list-style-type: none"> - 1) Por que eles comemoravam tanto? - 2) O que a religião tem a ver com isso? - 3) Por que os 18 podem ser considerados perversos? - 4) Isso é novo na política? - 5) O que a escravidão tem a ver com isso?
Número de frases em destaque	13
Frases em destaque	<ol style="list-style-type: none"> 1. Os 18 e seu grupo ficaram eufóricos em 8 de novembro porque eles não tinham feito uma sacanagem só: tinham feito duas 2. Se o texto for aprovado, as mulheres não terão mais o direito de abortar em caso de estupro, risco de morte e feto anencéfalo 3. Numa canetada só, os 18 adiaram a ampliação da licença-maternidade em casos de prematuros e ameaçaram conquistas da sociedade do tempo das avós 4. Os odiadores de mulheres usam a religião para se legitimar enquanto traem os valores cristãos 5. É surpreendente que denominações religiosas e fiéis que testemunham tanta sacanagem ser feita em nome de Deus não tenham uma resposta responsável diante dos vendilhões 6. Para achar possível obrigar alguém a ter um filho do estuprador é necessário gozar com o sofrimento das mulheres 7. Como “em nome da vida” os 18 podem tirar o direito de uma mulher escolher não morrer? 8. Como uma pessoa humana pode condenar uma mulher a viver uma gestação em que ao final terá um caixão e não um berço? 9. Ao abraçar a campanha de ódio de 2010, José Serra marcou o rebaixamento da política no Brasil e o ponto sem retorno do PSDB como partido progressista 10. A armadilha é óbvia: a luta das mulheres deixou de ser pela ampliação de direitos e passou a ser para não perder direitos 11. Hipocrisia à brasileira: há um país que pode fazer aborto e outro, muito maior, que morre ao tentar fazê-lo 12. No Brasil, os direitos só serão ampliados quando existirem mais mulheres negras ocupando o poder 13. A escravidão negra, por nunca ter de fato terminado, segue se reproduzindo em formas cada vez mais criativas no Brasil

Imagens e vídeos	
Número de imagens	1
<i>Características das imagens</i>	Os homens do Congresso comemorando e a única mulher que votou olhando lateralmente para baixo, com a mão na boca.
Número de vídeos	Não possui
<i>Características dos vídeos</i>	Não possui

Fonte: A autora, 2019

Quadro 39 – Plano do conteúdo “Os 18 vendilhões”

Recorte do tema	Feminismo/Direito das mulheres	
Estrutura	Seguindo o padrão estrutural dos textos anteriores, Brum dividiu a estrutura em blocos separados por subtítulos, sendo eles: 1) “Por que eles comemoravam tanto?”, onde ela explica o fato e o que ele significa; 2) “O que a religião tem a ver com isso?”, em que ela articula reflexões sobre a usurpação da religião e sua relação com a política, tomando o cuidado de diferenciar a bancada religiosa dos valores cristãos; 3) “Por que os 18 podem ser considerados perversos?”, é um exercício argumentativo, em que Brum afirma que os deputados são perversos por prejudicar as mulheres que morrem todos os dias, principalmente as mulheres negras; 4) “Isso é novo na política?”, em que ela faz um resgate da história recente em que o corpo da mulher foi usado como moeda eleitoral; 5) “O que a escravidão tem a ver com isso?”, em que ela faz um resgate histórico ainda mais profundo, refletindo sobre os reflexos da escravidão na pauta do aborto, já que as mulheres negras e pobres são as que morrem mais. Ela fecha o texto chamando o leitor para “acordar” para sua responsabilidade.	
Hipertextos		
Quantidade de hipertextos: 12		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
sacanagem com as mulheres	https://brasil.elpais.com/tag/violencia_genero/a	Tag da palavra-chave no El País
Congresso	https://brasil.elpais.com/tag/congresso_nacional_brasil/a	Tag da palavra-chave no El País
Proposta de Emenda Constitucional 181 (PEC 181)	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/09/politica/1510258493_477218.html	Matéria relacionada no El País
Aborto	https://brasil.elpais.com/tag/aborto/a	Matéria relacionada no El País
ameaçaram conquistas da sociedade com relação ao aborto	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/11/politica/1502413757_091099.html	Matéria relacionada no El País
quem são os 18	https://theintercept.com/2017/11/10/quem-sao-os-18-homens-que-querem-legislar-sobre-o-corpo-das-mulheres/	Outras reportagens – matéria no Intercept

no documentário	http://elianebrum.com/opiniao/colunas-na-epoca/chega-de-torturar-mulheres/	Coluna de Brum em outro site – Desacontecimentos
pode assistir ao filme aqui	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/04/28/opinion/1398692471_063651.html	Coluna de Brum no El País
corpo das mulheres virou moeda eleitoral	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/04/28/opinion/1398692471_063651.html	Coluna de Brum no El País
artigo publicado pela Folha de S. Paulo	https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml	Outras reportagens – matéria na Folha de São Paulo
cuidam dos filhos dos patrões brancos	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/22/opinion/1434983312_399365.html	Coluna de Brum no El País
mesmo que muitos prefiram não enxergar	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/25/opinion/1432564283_075923.html	Coluna de Brum no El País

Fonte: A autora, 2019

5.1.14 Texto 14: “A Globo, do outro lado do paraíso”

O texto inicia com uma contextualização do papel e influência da Globo na história recente do Brasil e mantém essa linha condutora durante todas as linhas. De caráter essencialmente argumentativo, o objetivo do texto é refletir sobre as maneiras contraditórias com que a Globo é vista pela população (de um lado, “comunista”, de outro, “golpista”) e os reflexos disso na nossa realidade política.

O recurso persuasivo mais usado no conteúdo é o contraste durante todo o texto. Em relação à estrutura, Brum apresenta os fatos e os articula com acontecimentos históricos e reflexões da autora. O título faz referência a uma novela da emissora, no ar no momento que a coluna foi publicada.

A coluna apresenta 30 parágrafos, sete frases em destaque e nenhum subtítulo ou vídeo. Além disso, possui 44 *hiperlinks*, sendo 8 externos (três direcionam para fontes, quatro para Wikipedia, e um para o Twitter) e 36 *links* internos (Quadros 40, 41 e 42).

Quadro 40 – Informações gerais e plano da metanarrativa “A Globo, do outro lado do paraíso”

Título	<i>A Globo, do outro lado do paraíso</i>
Subtítulo	Chamada por uma parte da sociedade brasileira de “golpista”, por outra parte

	de “comunista”, o momento vivido pela maior e mais influente rede de comunicação do país é revelador do Brasil atual
Data	28/11/2017
Tema	Política/Imprensa
Contexto	Momento em que a crise política afetou a rede Globo, sendo associada a diferentes ideologias (até mesmo opostas), por apresentar linha editorial conservadora em seu jornalismo e, ao mesmo tempo, em suas novelas e programas de auditório abordar pautas caras aos movimentos progressistas.

Fonte: A autora, 2019

Quadro 41 – Plano da expressão “*A Globo, do outro lado do paraíso*”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Pastor	Indireta, transcreve aspas de um discurso feito por ele (dá a voz para criticar).
Globo	Indireta, aspas do pronunciamento da emissora.
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	30
Número de subtítulos no texto	não possui
Subtítulos	não possui
Número de frases em destaque	7
Frases em destaque	<ol style="list-style-type: none"> 1. Até bem pouco tempo atrás seria difícil alguém acreditar que viveria para ver a Globo ser chamada de “comunista” 2. A forma como é vista a maior rede de comunicação do país por grupos muito diferentes entre si é crucial para compreender o atual fundo do poço sem fundo 3. “Comunismo”, hoje, no Brasil, aparece associado aos costumes e aos temas morais 4. Se a Globo é conservadora na linha editorial do seu jornalismo, em seus produtos culturais aborda temas caros ao campo progressista 5. Pastores ligados ao fundamentalismo evangélico têm feito as novelas da Globo sangrarem aos poucos 6. Os temas morais passaram a ser bandeiras de ataques de outros grupos não identificados como religiosos, ampliando o alcance da ofensiva moralista com fins políticos e de ocupação do poder 7. Quando a Globo defendeu a renúncia de Temer em editorial, uma parcela dos brasileiros descobriu que a Globo pode muito, mas não pode tudo

Imagens e vídeos	
Número de imagens	1
<i>Características das imagens</i>	Cena da novela “Do outro lado do paraíso” com as atrizes Bianca Bin e Nathalia Timberg.
Número de vídeos	Não possui
<i>Características dos vídeos</i>	Não possui

Fonte: A autora, 2019

Quadro 42 – Plano do conteúdo “A Globo, do outro lado do paraíso”

Recorte do tema	Reflexão sobre a Globo, política, ideologias e impacto da emissora na subjetividade do Brasil.	
Estrutura	Texto essencialmente argumentativo, relacionando a Globo com episódios da história recente do Brasil.	
Hipertextos		
Quantidade de hipertextos: 49		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
Globo	https://brasil.elpais.com/tag/globo_tv_brasil/a	Tag da palavra-chave no El País
ditadura civil-militar	https://brasil.elpais.com/tag/dictadura_brasilen_a/a	Tag da palavra-chave no El País
protestos de junho de 2013	https://brasil.elpais.com/tag/protestas_brasil_junio_2013/a	Tag da palavra-chave no El País
Lava Jato	https://brasil.elpais.com/tag/operacion_lava_jato/a	Tag da palavra-chave no El País
impeachment de Dilma Rouseff	https://brasil.elpais.com/tag/proceso_destitucion_dilma_rousseff/a	Tag da palavra-chave no El País
PT	https://brasil.elpais.com/tag/pt_partido_trabajadores_brasil/a	Tag da palavra-chave no El País
Michel Temer	https://brasil.elpais.com/tag/michel_temer/a	Tag da palavra-chave no El País
Joesley Batista	https://brasil.elpais.com/tag/joesley_mendonca_batista/a	Tag da palavra-chave no El País
Fernando Collor de Mello	https://brasil.elpais.com/tag/fernando_collor_de_mello/a	Tag da palavra-chave no El País
Luiz Inácio Lula da Silva	https://brasil.elpais.com/tag/luiz_inacio_da_silva/a	Tag da palavra-chave no El País

“comunista”	https://brasil.elpais.com/tag/comunismo/a	Tag da palavra-chave no El País
Cuba	https://brasil.elpais.com/tag/cuba/a	Tag da palavra-chave no El País
igrejas pentecostais e neopentecostais	https://brasil.elpais.com/tag/iglesia_evangelista/a	Tag da palavra-chave no El País
Igreja Universal do Reino de Deus	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/31/sociedade/1406831912_261622.html	Matéria relacionada no El País
Bispo Edir Macedo	https://pt.wikipedia.org/wiki/Edir_Macedo	Página da Wikipedia – palavra-chave relacionada
#GloboLixo	https://twitter.com/hashtag/globolixo	Twitter – link para a hashtag no Twitter
Liberalismo	https://brasil.elpais.com/tag/liberalismo_politico/a	Tag da palavra-chave no El País
rede de comunicação	https://brasil.elpais.com/tag/comunicaciones/a/	Tag da palavra-chave no El País
o ataque à exposição	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/08/cultura/1507414558_523035.html	Matéria relacionada no El País
Santander	https://brasil.elpais.com/tag/banco_de_santander/a	Tag da palavra-chave no El País
a queima como “bruxa” de uma boneca com a cara da pensadora americana Judith Butler	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/07/politica/1510085652_717856.html	Matéria relacionada no El País
casamento gay	https://brasil.elpais.com/tag/matrimonio_homosexual/a	Tag da palavra-chave no El País
Pedofilia	https://brasil.elpais.com/tag/pedofilia/a	Tag da palavra-chave no El País
Fidel Castro	https://brasil.elpais.com/tag/fidel_castro/a	Tag da palavra-chave no El País
Da Família com Deus e pela Liberdade	https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcha_da_Fam%C3%ADlia_com_Deus_pela_Liberdade	Página da Wikipedia – palavra-chave relacionada
Internet	https://brasil.elpais.com/tag/internet/a	Tag da palavra-chave no El País
Malu Mulher	https://pt.wikipedia.org/wiki/Malu_Mulher	Página da Wikipedia – palavra-chave relacionada
O bem-amado	https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Bem-Amado_(telenovela)	Página da Wikipedia – palavra-chave relacionada
Celso Athayde	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/10/opinion/1510327446_322611.html	Matéria relacionada no El País

Regina Casé	https://brasil.elpais.com/tag/regina_maria_barreto_case/a/	Tag da palavra-chave no El País
Caco Barcellos	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/19/cultura/1468956578_924541.html	Matéria relacionada no El País
Netflix	https://brasil.elpais.com/tag/netflix/a	Tag da palavra-chave no El País
Audiência	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/19/cultura/1524091966_750063.html	Matéria relacionada no El País
Os dez mandamentos	http://recordtv.r7.com/os-dez-mandamentos	Fonte – link para site da record
Vaticano	https://brasil.elpais.com/tag/ciudad_del_vaticano/a	Tag da palavra-chave no El País
Apocalipse	http://recordtv.r7.com/apocalipse	Fonte – link para site da record
Do outro lado o paraíso	https://gshow.globo.com/novelas/o-outro-lado-do-paraiso/	Fonte – link para site da novela na Globo
Assembleia de Deus	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/04/politica/1507149908_797056.html	Matéria relacionada no El País
Movimento Brasil Livre (MBL)	https://brasil.elpais.com/tag/mbl_movimiento_brasil_libre/a	Tag da palavra-chave no El País
temas morais passaram a ser bandeiras de ataques oportunistas	página não encontrada	página não encontrada
deputados identificados com o que chamam de “bancada evangélica”	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/20/opinion/1511192636_952720.html	Coluna Brum no El País
conversa comprometedoras entre o presidente e Joesley	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/04/actualidad/1504560367_192692.html	Matéria relacionada no El País
divulgação de um vídeo em que o jornalista fazia um comentário racista	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/09/politica/1510184872_072863.html	Matéria relacionada no El País
acusado de assédio sexual por uma funcionária	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/01/opinion/1491069816_248752.html	Coluna de Brum no El País
ele afirmou que a TV Globo pagou propinas para conseguir direitos de transmissão de campeonatos de futebol	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/15/politica/1510763200_510957.html	Matéria relacionada no El País
site de notícias UOL	https://blogdoperrone.blogosfera.uol.com.br/2017/11/raquel-dodge-envia-denuncia-contra-globo-para-mpf-do-rio/	Outras reportagens – matéria no UOL
Raquel Dodge	https://brasil.elpais.com/tag/raquel_elias_ferreira_dodge/a	Tag da palavra-chave no El País

Globo pode ter pagado propina	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/15/politica/1510763200_510957.html	Matéria relacionada no El País
Luciano Huck afirmando que não pretende concorrer à presidência de 2018	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/23/politica/1511445388_288911.html	Matéria relacionada no El País

Fonte: A autora, 2019

5.1.15 Texto 15: “Senador José Porfírio, Pará, Amazônia: altíssimo risco”

Este é um texto em tom de denúncia sobre a possibilidade alarmante da instalação da mineradora canadense Belo Sun em Senador José Porfírio para exploração e ouro, o que prejudicaria significativamente a Amazônia. A vinda de Belo Sun teria impactos em todo o planeta, principalmente no Brasil, e os brasileiros se encontravam alheios a isso, devido a uma grande articulação política que impossibilita, inclusive, a secretária do meio ambiente da região de ter acesso às informações da negociação.

Ela introduz o texto com o fato. Em seguida, Brum dividiu a estrutura da coluna em subtítulos enumerados:

- “1) Onde fica o projeto que pode destruir a floresta?”, que conta inclusive com um mapa mostrando o local;
- “2) Quando o prefeito transforma a universidade em palanque e professores e alunos em reféns”, em que ela explica um fato sob perspectivas profundas e subjetivas;
- “3) A secretária do Meio Ambiente está ameaçada de morte”, (em que o próprio título é um fato), e ela analisa, questiona e expõe as articulações políticas envolvidas.

O texto segue a linha condutora de denúncia e argumentação, objetivando despertar a responsabilidade dos brasileiros em exercerem sua cidadania e a não se omitirem – o que marca a finalização desta coluna.

O conteúdo possui 63 parágrafos, quatro subtítulos, três frases em destaque e cinco imagens. Além disso, apresenta 12 *hiperlinks*, sendo dez internos e dois externos (fontes) (Quadros 43, 44, 45).

Quadro 43 – Informações gerais e plano da metanarrativa “*Senador José Porfírio, Pará, Amazônia: altíssimo risco*”

Título	<i>Senador José Porfírio, Pará, Amazônia: altíssimo risco</i>
Subtítulo	Um projeto que pode ser mais destruidor do que Belo Monte está em disputa no Xingu e os brasileiros não estão nem aí
Data	11/12/2017
Tema	Política/Amazônia
Contexto	Negociações sobre a vinda da mineradora canadense Belo Sun extrair ouro da Amazônia.

Fonte: A autora, 2019

Quadro 44 – Plano da expressão “*Senador José Porfírio, Pará, Amazônia: altíssimo risco*”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Moradores da Vila da Ressaca	Indireta, contando sua situação e através de imagens
Universidades	Indireta, denunciando arbitrariedades e atos autoritários que as ameçam
Prefeito de Senador José Porfírio	Indireta, com aspas do seu discurso
Povos indígenas	Indireta, contando sua situação e através de imagens
Zelma Campos	Direta, com aspas da sua fala concedida à Brum
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	63
Número de subtítulos no texto	4
Subtítulos	<ul style="list-style-type: none"> - 1) Onde fica o projeto que pode destruir a floresta? - 2) Quando o prefeito transforma a universidade em palanque e professores e alunos em reféns - 3) A secretária do Meio Ambiente está ameaçada de morte
Número de frases em destaque	3
Frases em destaque	<ol style="list-style-type: none"> 1. O Canadá, país que posa de bom moço no mundo, precisa se manifestar sobre o que está sendo feito em seu nome na Amazônia Brasileira 2. Secretária de Meio Ambiente do município que abriga o projeto de mineração afirma que o prefeito não permite que ela fale sobre Belo Sun 3. Nem mesmo a secretária de Meio Ambiente sabe quantas toneladas de ouro Belo Sun planeja arrancar da Volta Grande do Xingu
Imagens e vídeos	
Número de imagens	5

<i>Características das Imagens</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Imagem do prefeito de Senador José Porfírio discursando com os indígenas - Bel Juruna, líder da aldeia Muratu, discursando durante audiência pública - Mapa da região sudoeste do Pará - Imagem de manifestação na vila da Ressaca, na Volta Grande do Xingu, com os cartazes: “O que a ONG tem a nos oferecer?”; “Não podemos nos calar, queremos desenvolvimento”; “O Xingu Vivo, MAB, COONGRIF, AMIR, Prelazia do Xingu não nos representam”; “Precisamos de ajuda”. - O prefeito de Senador José Porfírio apontando o dedo indicador - Gráfico do desmatamento em Senador José Porfírio - O cacique Gilliard Juruna discursando em audiência pública da Vila da Ressaca - Imagem do Boletim de Ocorrência feito por Zelma Campos
Número de vídeos	Não possui
<i>Características dos Vídeos</i>	Não possui

Fonte: A autora, 2019

Quadro 45 – Plano do conteúdo “*Senador José Porfírio, Pará, Amazônia: altíssimo risco*”

Recorte do tema	Os impactos da ida de Belo Sun para a Amazônia.	
Estrutura	Ela introduz o texto com o fato. Em seguida, Brum dividiu a estrutura da coluna em subtítulos enumerados: 1) “Onde fica o projeto que pode destruir a floresta?”, que conta inclusive com um mapa mostrando o local; 2) “Quando o prefeito transforma a universidade em palanque e professores e alunos em reféns”, em que ela explica um fato sob perspectivas profundas e subjetivas; 3) “A secretária do Meio Ambiente está ameaçada de morte”, (em que o próprio título é um fato), e ela analisa, questiona e expõe as articulações políticas envolvidas.	
Hipertextos		
Quantidade de hipertextos: 11		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
trancou professores alunos e convidados dentro de um auditório da Universidade Federal do Pará	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/02/politica/1512215133_537779.html	Matéria relacionada no El País
hidrelétrica de Belo Monte	https://brasil.elpais.com/tag/represa_belo_monte/a	Tag da palavra-chave no El País
Amazônia	https://brasil.elpais.com/tag/amazonia/a	Tag da palavra-chave no El País
suspendeu por tempo indeterminado o licenciamento de Belo Sun	http://www.mpf.mp.br/pa/sala-de-imprensa/noticias-pa/trf1-ordena-consulta-previa-a-indigenas-afetados-pela-mineradora-belo-sun-e-mantem-suspensao-do-licenciamento	Fonte – site oficial da MPF

Corrupção	https://brasil.elpais.com/tag/corrupcion/a	Tag da palavra-chave no El País
Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade	https://www.semam.gov.br/	Fonte – site oficial da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade
tamanho da desenvoltura de grileiros e desmatadores na região amazônica	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/02/opinion/1506961759_879609.html	Coluna de Brum no El País
Canadá	https://brasil.elpais.com/tag/canada/a	Tag da palavra-chave no El País
Lava Jato	https://brasil.elpais.com/tag/operacion_lava_jato/a	Tag da palavra-chave no El País
eleição de 2018	https://brasil.elpais.com/tag/elecciones_brasil_2018/a	Tag da palavra-chave no El País
corajosos Jurunada	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/03/opinion/1491235482_452762.html	Coluna de Brum no El País

Fonte: A autora, 2019

5.1.16 Texto 16: “As mulheres que dizem não”

Brum introduz o texto contando um “desacontecimento” que presenciou, que evidencia a revolta dos homens (brancos e velhos, no desacontecimento em questão) em relação à não aceitação das mulheres com o assédio nas ruas. Em seguida, Brum faz uma contextualização social do momento (2017), contrastando o retrocesso do pensamento conservador político com alguns avanços no movimento feminista. Faz o gancho para a reflexão com a frase:

há algo que se move – e não é para trás.

Brum coloca frases simples que retratam avanços do feminismo, mas deveriam ser direitos básicos. Ela provoca um efeito de sentido ao colocar as frases como se falasse para uma criança que determinada coisa “não pode fazer”. Exemplo:

Não pode bater em mulheres. Não pode assediar e abusar de mulheres. Não pode violentar mulheres. Não pode matar mulheres.

A jornalista explica as estruturas de poder em seu texto, enfatizando que é natural que os homens se revoltem porque nunca precisaram dividir o poder; explica algumas questões sociais relacionadas ao assunto, como a visão da mulher louca e agressiva para a mulher que se impõe; a rejeição social ao envelhecimento da mulher; os assediadores de Hollywood; a primeira dama do Brasil naquele momento, rotulada como “bela, recatada e do lar”.

Uma das estratégias interessantes usadas pela jornalista é o contraste: usa em um mesmo parágrafo um fato ocorrido no começo do ano (marcha das mulheres contra Trump) e um fechando o ano (“abusadores caindo dos seus postos em Hollywood”).

No final do texto, Brum faz uma metáfora entre a realidade política e a representação da primeira dama com uma crônica de Nelson Rodrigues “com efeitos da narrativa política”. Finaliza, afirmando que Temer (um homem branco, velho e machista, como o do primeiro parágrafo), marido de Dona Marcela, irá governar o país com uma sonda na uretra, fechando o texto.

A coluna apresenta 28 parágrafos, seis frases em destaque e nenhum subtítulo; não conta com vídeos, e possui uma imagem, de mulheres juntas em um protesto. Em relação aos hipertextos, possui 31, sendo 30 internos e apenas um externo (Wikipedia) (Quadros 46, 47 e 48).

Quadro 46 – Informações gerais e plano da metanarrativa “*As mulheres que dizem não*”

Título	<i>As mulheres que dizem não</i>
Subtítulo	Nem tudo foi retrocesso em 2017: há algo importante que se move e não é para trás
Data	25/12/2017
Tema	Feminismo
Contexto	Avanços do feminismo e direitos das mulheres apesar do cenário político conservador. A última coluna de 2017, coluna de fechamento do ano.

Fonte: A autora, 2019

Quadro 47 – Plano da expressão “*As mulheres que dizem não*”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Mulheres	<ul style="list-style-type: none"> - Brum utiliza várias estratégias: - Conta o desacontecimento que presenciou, dando voz à mulher que viveu aquilo e a todas que passaram por isso; - Através do seu lugar de fala como mulher. Ela se inclui em muitos momentos, por exemplo, “não é possível ejacular em nós no ônibus”; - Fala em nome das mulheres;

	<ul style="list-style-type: none"> - Usa a linguagem de um adulto para uma criança, explicando o que as mulheres exigem: “não pode matar mulheres”; - Explica as estruturas de poder, educando sobre os motivos de tais diferenças, dificuldades e revoltas.
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	28
Número de subtítulos no texto	não possui
Subtítulos	não possui.
Número de frases em destaque	6
Frases em destaque	<ol style="list-style-type: none"> 1. Não é possível ejacular nas mulheres em nenhum meio de transporte 2. O homem podia ser abusado pelo patrão ou abusado pelo branco, mas havia uma mulher que ele abusava depois 3. Para quem sempre monopolizou o poder, é difícil dividir o poder: para alguns é o privilégio de falar sozinho que está em risco 4. Uma mulher envelhecer virou não só sinônimo de perda de beleza e de potência num mundo masculino, mas também “velha” virou palavrão 5. Em 2018 teremos que andar juntas, de mãos dadas, também com os homens capazes de escutar e de dialogar de igual para igual 6. O homem branco e heterossexual que ainda não compreendeu que terá que dividir poder e perder privilégios já começa a pagar um preço alto
Imagens e vídeos	
Número de imagens	1
<i>Características das Imagens</i>	Mulheres juntas em um protesto.
Número de vídeos	Não possui
<i>Características dos Vídeos</i>	Não possui

Fonte: A autora, 2019

Quadro 48 – Plano do conteúdo “As mulheres que dizem não”

Recorte do tema	A mudança subjetiva na sociedade realizadas pelo feminismo em 2017.
Estrutura	Brum introduz o texto contando um “desacontecimento” que presenciou, que evidencia a revolta dos homens (brancos e velhos, no desacontecimento em questão) em relação à não aceitação das mulheres com o assédio nas ruas. Em seguida, Brum faz uma contextualização social do momento (2017), contrastando o retrocesso do pensamento conservador político com alguns avanços no movimento feminista. Brum coloca frases simples que retratam avanços do feminismo, mas deveriam ser direitos básicos. A jornalista explica as estruturas de poder em seu texto. No final do texto, Brum faz uma metáfora entre a realidade política e a representação da primeira dama com uma crônica de Nelson Rodrigues “com efeitos da narrativa política”.

	Finaliza, afirmando que Temer, marido de Dona Marcela, irá governar o país com uma sonda na uretra, fechando o texto.	
Hipertextos		
Quantidade de hipertextos: 31		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
Mulher	https://brasil.elpais.com/tag/mujeres/a/	Tag da palavra-chave no site do El País.
Abuso	https://brasil.elpais.com/tag/acoso_sexual/a/	Tag da palavra-chave no site do El País.
mulher não gostasse de ser chamada na rua de gostosa	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/23/internacional/1514057371_076739.html	Link para matéria relacionada no El País.
Boçalidade do mal	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/02/opinion/1425304702_871738.html	Link para artigo de Brum no El País.
Redes sociais	https://brasil.elpais.com/tag/redes_sociales/a/	Tag da palavra-chave no site do El País.
Ejacular em nós nos ônibus	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/01/politica/1504299619_341992.html	Link para matéria relacionada no El País.
Machista	https://brasil.elpais.com/tag/machismo/a/	Tag da palavra-chave no site do El País.
Sexo	https://brasil.elpais.com/tag/sexo/a/	Tag da palavra-chave no site do El País.
Não pode bater em mulheres	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/06/politica/1512579402_832697.html	Link para matéria relacionada no El País.
Assediar	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/05/opinion/1512496629_876262.html	Link para matéria relacionada no El País.
Matar mulheres	https://brasil.elpais.com/tag/asesinato_mujeres/a/	Tag da palavra-chave no site do El País.
Preconceito	https://brasil.elpais.com/tag/prejuicios/a/	Tag da palavra-chave no site do El País.
Name-dropping	https://en.wikipedia.org/wiki/Name-dropping	Link para o termo na Wikipedia.
“Esquerdomachos”	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/21/opinion/1508588947_280811.html	Link para matéria relacionada no El País.

Privilégios de gênero	https://brasil.elpais.com/tag/relaciones_genero/a	Tag da palavra-chave no site do El País.
Raça	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/19/politica/1511101895_918314.html	Link para matéria relacionada no El País.
“Agressivas”, “raivosas”, “violentas”	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/09/politica/1481308817_062038.html	Link para matéria relacionada no El País.
Misoginia	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/08/internacional/1465337563_419942.html	Link para matéria relacionada no El País.
Direitos das mulheres	https://brasil.elpais.com/tag/derechos_mujer/a	Tag da palavra-chave no site do El País.
Ano eleitoral	https://brasil.elpais.com/tag/elecciones_brasil_2018/a	Tag da palavra-chave no site do El País.
Criminalização do aborto	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/21/opinion/1511301893_230197.html	Link para matéria relacionada no El País.
Estados Unidos	https://brasil.elpais.com/tag/estados_unidos/a	Tag da palavra-chave no site do El País.
Trump	https://brasil.elpais.com/tag/donald_trump/a	Tag da palavra-chave no site do El País.
Abusadores caindo de seus postos em Hollywood	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/23/internacional/1514057371_076739.html	Link para matéria relacionada no El País.
Assediar, abusar, estupro	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/16/politica/1466096086_656617.html	Link para matéria relacionada no El País.
Globo, maior rede de comunicação do país	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/27/politica/1511789919_861528.html	Link para artigo de Brum no El País.
Rescindi o contrato com um dos seus jornalistas	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/10/opinion/1510327446_322611.html	Link para matéria relacionada no El País.
Movimentos LGBTQ	https://brasil.elpais.com/tag/lgtb/a	Tag da palavra-chave no site do El País.
Michel Temer	https://brasil.elpais.com/tag/michel_temer/a	Tag da palavra-chave no site do El País.
Bela, recatada e do lar	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/05/politica/1475703599_233017.html	Link para matéria relacionada no El País.

Sonda na uretra	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/25/politica/1508949954_862311.html	Link para matéria relacionada no El País.
-----------------	---	---

Fonte: A autora, 2019

5.1.17 Texto 17: “Fui morto na internet como se fosse um zumbi da série *The Walking Dead*”

Brum inicia o texto contando o fato e fazendo uma contextualização sobre o fato no momento político-social. Ela traça os significados simbólicos que envolvem a rotulação do artista Wagner Schwartz como pedófilo e como isso representa manipulação do ódio para fins políticos, principalmente como estratégia de distração (Michel Temer, naquele momento, estava no poder apesar das recentes denúncias de corrupção).

Como recurso para humanização do artista, Brum aconselha o mesmo que faz nos demais textos: ter empatia, vestir a pele da pessoa.

Para imaginar os efeitos sobre ele, basta fazer o exercício de vestir a sua pele por alguns minutos e pensar no que aconteceria com a sua vida, assim como com a vida da sua família, se da noite para o dia inventassem que você cometeu o crime da pedofilia. E seu rosto estivesse nas redes com a tarja mais terrível: ‘pedófilo’. Não é preciso de muita empatia para imaginar o efeito de algo dessa dimensão. E, mesmo assim, tantos se esqueceram desse exercício básico de humanidade e se tornaram protagonistas e cúmplices da violência contra ele, esta sim criminosa.

Um recurso narrativo interessante utilizado pela autora a comparação, como no trecho:

Wagner decidiu fazer a performance em 2005, ao se deparar em Paris com uma das figuras geométricas de Lygia Clark presa numa caixa. Como conta nesta entrevista, ele queria libertar o “bicho” criado pela artista, para que a obra voltasse a ser o que é. Em setembro, no Brasil, Wagner descobriu o que acontece quando um corpo ousa sair da caixa num país tomado pelo ódio e por fundamentalismos, num país de linchadores.

Em seguida aos fatos e seus significados simbólicos, Brum dá voz ao artista de forma direta, em uma entrevista completa transcrita.

O texto, que dá voz ao artista Wagner Schwartz em entrevista na íntegra, apresenta 30 parágrafos, 18 subtítulos (todos referentes às perguntas da entrevista), 10 frases em destaque e

4 imagens, todas do artista e de partes do seu corpo durante a apresentação. Apresenta 38 *hyperlinks*, sendo apenas 10 externos (4, encaminhavam para a Wikipedia; 5, para sites oficiais das fontes e instituições citadas; 1, para outras reportagens) (Quadros 49, 50 e 51).

Quadro 49 – Informações gerais e plano da metanarrativa “*Fui morto na internet como se fosse um zumbi da série The Walking Dead*”

Título	<i>Fui morto na internet como se fosse um zumbi da série The Walking Dead</i>
Subtítulo	Em entrevista exclusiva, Wagner Schwartz, o artista que fez a performance “La Bête”, no MAM de São Paulo, fala pela primeira vez sobre os ataques que sofreu, nos quais foi chamado de “pedófilo”
Data	12/02/2018
Tema	Política
Contexto	O artista foi atacado na Internet por ter um vídeo editado e descontextualizado da performance artística da qual participou disseminado na web. Por conta disso, religiosos conservadores o atacaram e rotularam de pedófilo.

Fonte: A autora, 2019

Quadro 50 – Plano da expressão “*Fui morto na internet como se fosse um zumbi da série The Walking Dead*”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Wagner Schwartz	Entrevista – perguntas e respostas na íntegra.
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	30
Número de subtítulos no texto	18
Subtítulos	Perguntas de Brum ao entrevistado.
Número de frases em destaque	10
Frases em destaque	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sem vítima, sem fato, portanto sem crime, e mesmo assim Wagner Schwartz foi transformado num monstro 2. Como se tornou possível convencer tantas pessoas a acreditar numa ficção totalmente inverossímil, como a de que o problema do Brasil são pedófilos abrigados em museus? 3. Além de inventarem que o artista era “pedófilo”, os haters também noticiaram que ele tinha se suicidado ou sido morto a pauladas

	<ol style="list-style-type: none"> 4. Wagner Schwartz e outros três artistas que sofreram ataques por sua obra estão criando uma peça para o Festival de Teatro de Curitiba 5. “Criaram mortes tão reais para mim quanto as que podem virar filmes: o sangue na tela parece feito de pixel” 6. “Era como se eu assistisse ao meu próprio funeral. Um sentimento de luto tomou conta do meu corpo” 7. “Participar de uma performance é uma escolha, não uma condição” 8. “Pedofilia é uma palavra doente, séria, que não deve virar apelido de artista, ‘cair na rede’, ou mesmo virar meme de internet” 9. “Quando o discurso político é substituído pelo discurso moral, ele encontra forte ressonância nas distorções da religiosidade” 10. “Não é possível ser tímido politicamente ou ainda acreditar que existam pessoas que não serão atingidas por manifestações obscurantistas”
	Imagens e vídeos
Número de imagens	4
<i>Características das Imagens</i>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Rosto do artista Wagner Schwartz 2. Pernas do artista em uma das posições em que seu corpo foi colocado a público. 3. Costas e mãos do artista enquanto ele manipula a réplica de uma das figuras geométricas de Lygia Clark 4. Cena de uma espectadora tocando o corpo do artista.
Número de vídeos	Não possui
<i>Características dos Vídeos</i>	Não possui

Fonte: A autora, 2019

Quadro 51 – Plano do conteúdo “*Fui morto na internet como se fosse um zumbi da série The Walking Dead*”

Recorte do tema	Polêmica na web de cunho político-religioso envolvendo a nudez artística em performance com crianças presentes na plateia.0	
Estrutura	Introdução do fato e contextualização seguida de perguntas e respostas.	
Hipertextos		
Número de hipertextos: 39		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
Wagner Schwartz	https://pt.wikipedia.org/wiki/Wagner_Schwartz	Link para a palavra-chave na Wikipédia.
Museu de Arte Moderna	https://brasil.elpais.com/tag/museos/a	Tag da palavra-chave no El País.
“La Bête”	https://pt.wikipedia.org/wiki/La_B%C3%A9te	Link para a palavra-chave na Wikipédia.

Lygia Clark	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/23/cultura/1445613226_190994.html	Link para matéria relacionada no El País.
uma mulher e sua filha pequena tocavam no corpo do artista	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/02/politica/1506979505_979950.html	Link para matéria relacionada no El País.
igrejas evangélicas neopentecostais	https://brasil.elpais.com/tag/iglesia_evangelista/a	Tag da palavra-chave no El País.
Wagner Schwartz foi linchado como “monstro” e “pedófilo”.	https://brasil.elpais.com/tag/pedofilia/a	Tag da palavra-chave no El País.
CPI dos Maus-Tratos,	https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissoes;jsessionid=0844105F55C5607C066C2AD78EFAB7CF?0&codcol=2102	Página oficial da CPI no Senado.
Regimes totalitários	https://brasil.elpais.com/tag/totalitarismo/a	Tag da palavra-chave no El País.
Alemanha nazista	https://brasil.elpais.com/tag/nazismo/a	Tag da palavra-chave no El País.
Michel Temer	https://brasil.elpais.com/tag/michel_temer/a	Tag da palavra-chave no El País.
convencer tantas pessoas a acreditar numa ficção de má qualidade	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/18/opinion/1505755907_773105.html	Link para artigo de Brum no El País.
notícias falsas na internet	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/11/politica/1518373215_479582.html	Link para matéria relacionada no El País.
Paris	https://brasil.elpais.com/tag/paris/a	Tag da palavra-chave no El País.
Festival de Teatro de Curitiba	http://festivaldecuitiba.com.br/	Site oficial do Festival de Curitiba.
Elisabete Finger	https://elisabetefinger.com/	Site oficial da Elisabete Finger.
atacada por ser travesti e encarnar Jesus Cristo no teatro	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/21/cultura/1506018494_703601.html	Link para matéria relacionada no El País.
Ano do Brasil na França	https://pt.wikipedia.org/wiki/Ano_da_Fran%C3%A7a_no_Brasil	Link para a palavra-chave na Wikipédia.
Esculturas	https://brasil.elpais.com/tag/escultura/a	Tag da palavra-chave no El País.
Arte	https://brasil.elpais.com/tag/arte/a	Tag da palavra-chave no El País.
ideológicas conservadoras	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/26/internacional/1514302715_812007.html	Link para matéria relacionada no El País.

IC Encontro de Artes	https://www.icencontrodeartes.com.br/ic11/	Site oficial Encontro de Artes
The Walking Dead	https://brasil.elpais.com/tag/the_walking_dead/a	Tag da palavra-chave no El País.
13 Reasons Why	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/30/cultura/1490873530_837649.html	Link para matéria relacionada no El País.
Medo	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/02/cultura/1499013537_646325.html	Link para matéria relacionada no El País.
Goethe-Institut	https://www.goethe.de/ins/br/pt/sta/sap/kur/all.html?gclid=CjwKCAiAk4XUBRB5EiwAHBLUMWvTLdW0LuVbUg1PLzLIKShJwIXyEcQoVU8WItG83EW-3Nfg8aT1GRoC_n4QAvD_BwE	Site oficial do Goethe-Institut.
Cristã	https://brasil.elpais.com/tag/cristianismo/a	Tag da palavra-chave no El País.
Congresso Nacional	https://brasil.elpais.com/tag/congresso_nacional_brasil/a	Tag da palavra-chave no El País.
Berlim	https://brasil.elpais.com/tag/berlin/a	Tag da palavra-chave no El País.
Lúcio Costa	https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%BAcio_Costa	Link para a palavra-chave na Wikipédia.
artigo publicado no blog	https://blogs.mediapart.fr/taniaalice/blog/301117/temps-obscur-au-bresil-le-retour-de-la-censure	Link para matéria em francês do blog Le Club.
trolls e robôs	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/22/tecnologia/1511352685_648584.html	Link para matéria relacionada no El País.
Louise Bourgeois	https://elpais.com/cultura/2010/05/31/actualidad/1275256811_850215.html	Link para matéria relacionada no El País Espanha.
Caetano Veloso	https://brasil.elpais.com/tag/caetano_veloso/a	Tag da palavra-chave no El País.
“Paris is burning”	https://pt.wikipedia.org/wiki/Paris_Is_Burning	Link para a palavra-chave na Wikipédia.
Movimento negro	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html	Link para matéria relacionada no El País.
Friedrich Hölderlin	https://brasil.elpais.com/tag/friedrich_holderlin/a/	Tag da palavra-chave no El País.
Feminismo	https://brasil.elpais.com/tag/feminismo/a	Tag da palavra-chave no El País.

LGBTQIA+	https://brasil.elpais.com/tag/lgtb/a	Tag da palavra-chave no El País.
----------	---	----------------------------------

Fonte: A autora, 2019

5.1.18 Texto 18: “*Esquerda, direita e o embargo da memória*”

O fato novamente foi o elemento de abertura da coluna: desta vez, a prisão de Lula. Posteriormente, Brum começa sua análise sobre a realidade objetiva conectada ao fato, por exemplo, ao falar da prisão do ex-presidente

Ao afirmar que “a segurança é uma questão urgente”, ou que é preciso admitir que “a política de “guerra às drogas”, que já foi abolida em partes mais sérias do mundo, é parte determinante do aumento da violência”, Brum revela sua opinião, parte da metanarrativa, que inclui o pano de fundo: guerra às drogas aumenta a violência, portanto, é ruim. E, fundamenta essa “crença” no fato de que, nas partes “mais sérias do mundo” já chegaram a essa conclusão. Brum demonstra estar sempre se embasando nos fatos, que apresentam, muitas vezes, caráter persuasivo em seu exercício argumentativo.

Na sequência, ela contrapõe a reflexão que propôs (guerra às drogas aumenta a violência) com o que tem sido feito no Brasil para melhorar a violência: uma operação militar. O contraste é provocado. E, “enquanto isso, o país se arruína um pouco mais”.

O parágrafo seguinte merece ser transcrito, na íntegra:

Não pretendo usar mais parágrafos para analisar a intervenção federal no estado do Rio de Janeiro como silenciamento das causas reais de uma violência que tem destruído as vidas dos mais pobres, em muito maior número a dos jovens negros. Há uma quantidade considerável de análises consistentes em circulação, produzidas por gente que se dedica ao tema há muitos anos. Meu ponto nesse artigo é analisar o silenciamento produzido no campo da esquerda ligada a Lula e ao PT. E como esses silenciamentos, só aparentemente polarizados, se conectam e se confundem.

No parágrafo precedente observamos que ela atrai o foco para a real violência do Rio de Janeiro, que é subjetiva e tem consequência vital, principalmente para os jovens negros. Par Brum as realidades objetiva e subjetiva atuam de forma sistêmica. Demonstra isso no seu cuidado tanto com os fatos, quanto com a subjetividade que os perpassam. Ela se propõe, portanto, a realizar uma análise sobre a subjetividade.

Nos próximos parágrafos, Brum desenvolve sua análise, com críticas, fatos e associações históricas. Em determinado momento, fala sobre Belo Monte, assunto recorrente na coluna da jornalista.

Um recurso interessante: Brum desenvolveu três parágrafos apenas com questionamentos, provocações que começavam com: “Como explicar que...” e, seguida da frase: “Como explicar?”

Outra estratégia argumentativa usada por Brum é apontar incoerências e contradições, como na reflexão conduzida pela frase:

Como o ‘salvador dos pobres’ produziu pobres?

Brum se diferencia particularmente na leitura e percepção que tem das pessoas a quem dá voz. A análise da autora sobre os Ribeirinhos demonstra isso:

É fundamental perceber como esse modo de viver é revolucionário em si, na medida em que se contrapõe a uma visão de mundo dominante, para muitos a única. E como esse ser/estar no mundo não cabe num partido e num líder que só conseguem enxergar a vida nos termos do capital e trabalho. Para parte da esquerda, bastaria um emprego e uma moradia num conjunto habitacional padronizado, que estaria tudo certo. Mas, para os ribeirinhos, nada disso faz sentido. E, para a direita, gente que não quer ter nem emprego nem patrão, mas tampouco se apresenta nos moldes do empreendedorismo, é perigosíssima.

O texto apresenta 46 parágrafos, 9 frases em destaque e nenhum subtítulo e a imagem, de um ribeirinho. Não possui vídeos. Apresenta 32 hipertextos, todos internos e 5 direcionando para “página não encontrada” (Quadros 52, 53 e 54).

Quadro 52 – Informações gerais e plano da metanarrativa “*Esquerda, direita e o embargo da memória*”

Título	<i>Esquerda, direita e o embargo da memória</i>
Subtítulo	Como no Brasil atual o original e o realmente novo são silenciados para que os discursos viciados possam ser mantidos para a ocupação do poder
Data	26/02/2018
Tema	Política
Contexto	Condenação do ex presidente Lula.

Quadro 53 – Informações gerais e plano da metanarrativa Plano da expressão “*Esquerda, direita e o embargo da memória*”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
General Eduardo Villa Bôas	Indireta, com aspas do seu discurso seguida de uma análise do que ele significa subjetivamente.
Ribeirinhos prejudicados pela construção de Belo Monte	Indireta, expondo a situação das famílias e denunciando a responsabilidade do PT.
Ribeirinha Rita Cavalcanti	Direta, com aspas.
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	46
Número de subtítulos no texto	não possui
Subtítulos	não possui.
Número de frases em destaque	9
Frases em destaque	<ol style="list-style-type: none"> 1. Em vez de admitir a falência da política de “guerra às drogas”, Temer consolida com a operação militar a guerra também como estética 2. Uma democracia que ultrapassa os 30 anos sem lidar com seu passado contém um forte fator de desestabilização 3. A esquerda ligada a Lula e ao PT tem atuado para embargar a memória 4. A pedra que barra a operação de apagamento nas biografias de Lula, Dilma Rousseff e do PT se chama Belo Monte 5. Parte da esquerda, que historicamente lidera a luta pelos direitos humanos no Brasil, calou-se diante das violações de direitos 6. Como o “salvador dos pobres” produziu pobres? 7. “Quero território pra ser”, diz a ribeirinha Rita Cavalcante 8. O modo de vida ribeirinho é revolucionário em si, o que assusta a direita e também parte da esquerda que vê o mundo nos termos do capital-trabalho 9. Os ribeirinhos fizeram uma revolução inteira nas margens do rio e à margem do Estado
Imagens e vídeos	
Número de imagens	1
<i>Características das Imagens</i>	Imagem de um Ribeirinho no lago morto de Belo Monte
Número de vídeos	Não possui
<i>Características dos Vídeos</i>	Não possui

Fonte: A autora, 2019

Quadro 54 – Plano do conteúdo “Esquerda, direita e o embargo da memória”

Recorte do tema	O silenciamento dos mais frágeis provocados pela esquerda e pela direita.	
Estrutura	Brum inicia o texto com o fato, seguido da provocação reflexiva que irá guiar o texto: o silenciamento das reais causas da violência que atinge principalmente os mais frágeis. Brum desenvolve o texto de forma argumentativa, propondo questionamentos. Finaliza com uma análise sobre os ribeirinhos e a necessidade de que todos tenham voz e direito a construção da memória.	
Hipertextos		
Número de hipertextos: 32		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
Luiz Inácio Lula da Silva	https://brasil.elpais.com/tag/luiz_inacio_da_silva/a	Tag da palavra-chave no El País.
PT	https://brasil.elpais.com/tag/pt_partido_trabajadores_brasil/a	Tag da palavra-chave no El País.
Michel Temer	https://brasil.elpais.com/tag/michel_temer/a	Tag da palavra-chave no El País.
denúncias de corrupção	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/26/politica/1498485882_380890.html	Link para matéria relacionada no El País.
operação militar no Rio de Janeiro	https://brasil.elpais.com/tag/intervencion_federal/a/	Tag da palavra-chave no El País.
eleição de 2018.	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/22/politica/1519338317_255858.html	Link para matéria relacionada no El País.
“guerra às drogas”	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/03/internacional/1483401240_525095.html	Link para matéria relacionada no El País.
destruído as vidas dos mais pobres,	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/31/politica/1517410163_964093.html	Link para matéria relacionada no El País.
jovens negros	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/23/politica/1519421060_002763.html	Link para matéria relacionada no El País.
“garantias para agir sem o risco de surgir uma nova Comissão da Verdade”	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/20/politica/1519155351_378130.html	Link para matéria relacionada no El País.
ditadura civil-militar	https://brasil.elpais.com/tag/dictadura_brasilena/a	Tag da palavra-chave no El País.

crise da democracia	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/08/opinion/1504887713_647883.html	Link para matéria relacionada no El País.
em artigo anterior	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/26/opinion/1498488947_331660.html	Link para artigo de Brum no El País.
ou em covas clandestinas	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/04/04/fortorrelato/1396642291_209455.html	Link para fotoreportagem no El País.
grupos da sociedade lutam para rever	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/04/17/politica/1397764903_857222.html	Link para matéria relacionada no El País.
Comissão da Verdade	https://brasil.elpais.com/tag/cnv_comision_nacional_verdad_brasil/a	Tag da palavra-chave no El País.
os espaços da arte estavam tomados por pedófilos	Página não encontrada	Página não encontrada.
denúncia do mensalão	https://brasil.elpais.com/tag/caso_mensalao/a	Tag da palavra-chave no El País.
Belo Monte	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/22/politica/1442930391_549192.html	Link para artigo de Brum no El País.
as violações ao meio ambiente e aos direitos humanos	Página não encontrada	Página não encontrada.
famílias foram expulsas de suas casas	Página não encontrada	Página não encontrada.
“etnocídio” (morte cultural)	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/01/opinion/1417437633_930086.html	Link para artigo de Brum no El País.
a violência urbana disparou	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/16/opinion/1508154788_843826.html	Link para artigo de Brum no El País.
preferiu silenciar diante delas	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/11/opinion/1460390361_909016.html	Link para artigo de Brum no El País.
inaugurar Belo Monte,	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/09/opinion/1462804348_582272.html	Link para artigo de Brum no El País.
a gigantesca obra do PAC produziu um contingente de pobres urbanos.	Página não encontrada	Página não encontrada.
Ministério Público Federal	https://brasil.elpais.com/tag/mpf_ministerio_publico_federal/a	Tag da palavra-chave no El País.
projeto de privatizar a Eletrobrás	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/24/politica/1503529063_412380.html	Link para matéria relacionada no El País.
o ritmo da fome não é o da burocracia.	Página não encontrada	Página não encontrada.
Segunda Guerra Mundial	https://brasil.elpais.com/tag/segunda_guerra_mundial/a	Tag da palavra-chave no El País.

Brasília	https://brasil.elpais.com/tag/brasil/a	Tag da palavra-chave no El País.
cotas raciais nas universidades	https://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/07/politica/1386436905_193469.html	Link para matéria relacionada no El País.

Fonte: A autora, 2019

5.1.19 Texto 19: “A invenção da infância sem corpo”

No início do texto, Brum envolve o leitor no seu processo de reflexão condutora da pauta: observou de perto os comentários dos leitores na sua coluna “*Fui morto na Internet como um zumbi da série The Walking Dead*” e um chamou sua atenção, o que dizia que “Era só ter colocado uma bermuda!”. Esse comentário foi o gancho do texto, que é de caráter reflexivo sobre o tabu do corpo nu e a conseqüente sexualização do mesmo.

A autora propõe os questionamentos e desenvolve o texto buscando responde-los ou, ao menos, refletir sobre eles. Ela relembra que a ideia de infância tem significados e expressões diferentes, variando de cultura para cultura, até mesmo dentro do Brasil.

A infância foi inventada pela sociedade ocidental e continua sendo inventada dia após dia.

Ela reflete sobre os impactos simbólicos provocados nas pessoas pelo apagamento do corpo das crianças, a não naturalização dos mesmos. E, para isso, recorre a um desacontecimento vivido por ela:

Esse apagamento do corpo da criança se entranha na vida cotidiana e também na linguagem. Eu mesma costumava escrever nos meus textos: ‘homens, mulheres e crianças fizeram tal coisa ou estão sofrendo tal coisa’ ou qualquer outro verbo. Até que uma amiga me chamou a atenção de que crianças têm sexo, e eu as estava castrando no meu texto. Então, passei a escrever: ‘homens e mulheres, adultos e crianças...’. Conto isso apenas para mostrar que rapidamente internalizamos uma percepção geral como se fosse um dado da natureza e, na medida que a assumimos como fato, paramos de questioná-la.

De questionamento em questionamento, Brum reflete sobre o corpo e a criança, passando pelos temas sexualidade, preconceito, proteção do corpo e reconhecimento do mesmo. Para isso, Brum articula reflexões e questionamentos, demonstrando que quanto mais se

questiona, mais se aprofunda no assunto. É um texto essencialmente ensaístico, que transmite a sensação de que ela está compartilhando com o leitor o próprio processo cognitivo do seu pensamento, que transita entre questionamentos e reflexões sobre os mesmos. E, transmite a sensação de que está compartilhando o pensamento de uma pessoa que tem embasamento, que se informou sobre o assunto e possui responsabilidade e é muito questionadora (e são os questionamentos e a busca pelo entendimento que proporcionam o aprofundamento).

O texto, que novamente dá voz para o artista Wagner Schwartz, apresenta 41 parágrafos, 7 frases em destaque, nenhum subtítulo ou vídeo e apenas uma imagem, da performance "La Bête", no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo. Possui 27 hiperlinks, sendo 26 internos e um externo, direcionando para o canal do programa citado no Youtube (Quadros 55, 56 e 57).

Quadro 55 – Informações gerais e plano da metanarrativa “*A invenção da infância sem corpo*”

Título	<i>A invenção da infância sem corpo</i>
Subtítulo	O que há de tão ameaçador em um homem nu junto a uma criança?
Data	12/03/2018
Tema	Corpo e sexualidade
Contexto	Protesto contra apresentação artística com performance nu, e a entrada de crianças.

Fonte: A autora, 2019

Quadro 56 – Plano da expressão “*A invenção da infância sem corpo*”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Wagner Schwartz	Link para a entrevista da jornalista com ele
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	41
Número de subtítulos no texto	não possui
Subtítulos	não possui.
Número de frases em destaque	7

Frases em destaque	<ol style="list-style-type: none"> 1. A sociedade atual se esforça para apagar o fato de que a criança tem corpo 2. Quando os adultos tentam apagar o corpo das crianças, criam um grande problema para as crianças 3. Há crianças que, por sua raça e classe, não são crianças para aqueles que detêm o poder e os privilégios 4. É necessário perceber o quanto é absurda a ideia de que um corpo nu de homem seja sinônimo de violência sexual 5. “Transmitimos algo a nossas crianças quando estamos de corpo presente e cabeça ausente ao seu lado” 6. No mundo dos sem corpos, o corpo do outro se tornou uma ameaça 7. Deletar da concepção de infância o corpo das crianças parece ser uma nova modalidade de violência
Imagens e vídeos	
Número de imagens	1
<i>Características das imagens</i>	Imagem artística da performance "La Bête", no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo.
Número de vídeos	Não possui
<i>Características dos vídeos</i>	Não possui

Fonte: A autora, 2019

Quadro 57 – Plano do conteúdo “A invenção da infância sem corpo”

Recorte do tema	A relação entre a criança e seu corpo	
Estrutura	Brum introduz o fato e provoca uma reflexão. O texto é essencialmente ensaístico, intercalando questionamentos e reflexões sobre os mesmos, acerca do corpo da criança.	
Hiperlinks		
Quantidade de hiperlinks: 27		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
a entrevista com Wagner Schwartz	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/12/opinion/1518444964_080093.html	Link para artigo de Brum no El País.
Museu de Arte Moderna	https://brasil.elpais.com/tag/mam_museo_art_e_moderno_sao_paulo/a	Tag da palavra-chave no El País.
Pedófilo	https://brasil.elpais.com/tag/pedofilia/a	Tag da palavra-chave no El País.
pelos milícias de ódio da internet	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/18/opinion/1505755907_773105.html	Link para artigo de Brum no El País.

ataques são inaceitáveis e deixaram sequelas	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/02/politica/1506979505_979950.html	Link para matéria relacionada no El País.
Um homem tem pinto	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/13/cultura/1497357792_631853.html	Link para matéria relacionada no El País.
Infância	https://brasil.elpais.com/tag/infancia/a	Tag da palavra-chave no El País.
Menstruação	https://brasil.elpais.com/tag/menstruacion/a	Tag da palavra-chave no El País.
Povos indígenas	https://brasil.elpais.com/tag/indigenas/a	Tag da palavra-chave no El País.
Amazônia	https://brasil.elpais.com/tag/amazonia/a	Tag da palavra-chave no El País.
Sexo	https://brasil.elpais.com/tag/sexo/a	Tag da palavra-chave no El País.
Sexualidade	https://brasil.elpais.com/tag/sexualidad/a	Tag da palavra-chave no El País.
escolha ideológica	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/ciencia/1506419592_704218.html	Link para matéria relacionada no El País.
Séries	https://brasil.elpais.com/tag/series_tv/a	Tag da palavra-chave no El País.
Jogos	https://brasil.elpais.com/tag/videojuegos/a	Tag da palavra-chave no El País.
criança negra	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/02/politica/1514924485_498274.html	Link para matéria relacionada no El País.
Sequestrado	https://brasil.elpais.com/tag/secuestros/a	Tag da palavra-chave no El País.
Estatuto da Criança e do Adolescente	https://brasil.elpais.com/tag/estatuto_crianca_adolescente_brasil/a	Tag da palavra-chave no El País.
Rio de Janeiro	https://brasil.elpais.com/tag/rio_de_janeiro/a	Tag da palavra-chave no El País.
Lygia Clark	https://brasil.elpais.com/tag/lygia_clark_belo_horizonte/a/	Link para matéria relacionada no El País.
abusadas e violentadas	https://brasil.elpais.com/tag/violaciones/a	Tag da palavra-chave no El País.
exposta na internet como vítima de pedofilia	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/02/politica/1506979505_979950.html	Link para matéria relacionada no El País.
programa Café Filosófico	https://www.youtube.com/watch?v=2V0av2eBHb8	Link para o programa no Youtube.

Internet	https://brasil.elpais.com/tag/internet/a	Tag da palavra-chave no El País.
Erotismo	https://brasil.elpais.com/tag/literatura_erotic_a/a	Tag da palavra-chave no El País.
WhatsApp.	https://brasil.elpais.com/tag/whatsapp/a	Tag da palavra-chave no El País.
escola sem pinto	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/17/opinion/1492435392_872941.html	Link para artigo de Brum no El País.

Fonte: A autora, 2019

5.1.20 Texto 20: “*Como enfrentar o sangue dos dias*”

É um texto com tom de denúncia, argumentação e reflexão: é uma reflexão sobre a associação entre a morte de Marielle e os ribeirinhos amazônicos. Brum inicia o texto contextualizando o cenário político do Brasil, classificando-o como um momento de brutalidade extrema no país. Ela analisa o que a violência nos centros quer dizer sobre as periferias:

A violência da bandidagem instituída e não instituída é também uma reação a profundos avanços no interior dos Brasis.

A autora aborda os sentimentos: medo, raiva, revolta.

O medo de ser morto se alastra pelo país.

A autora associa resgates históricos com o contexto atual.

O texto é dividido em blocos estruturais divididos pelos subtítulos enumerados:

- “1) Marielle Franco e as forças emergentes”, em que a autora reflete sobre as realidades subjetivas da sociedade apontadas pelo assassinato de Marielle, que envolvem impactos sociais, rupturas simbólicas, preconceitos enraizados, etc.;
- “2) Onde as forças progressistas falharam”, em que a autora reflete sobre o papel da esquerda nos acontecimentos e na violência;
- “3) Sobre a urgência de juntar os pontos”, em que Brum associa o assassinato de Marielle com os ribeirinhos amazônicos, enfatizando a essência do texto com a frase:

Desigualdade e destruição ambiental são temas intimamente ligados.

A coluna apresenta 46 parágrafos, 3 subtítulos e 4 frases em destaque. Além disso, possui 7 imagens (das pessoas a quem Brum dá voz, sendo, de forma indireta, Marielle Franco e os ribeirinhos da Amazônia; e de forma direta a Chico Caitu, Ageu Lobo Pereira e Elio Alves) e um vídeo, com conteúdo indisponível. Além disso, apresenta 13 hiperlinks, sendo 11 internos e 2 externos (outras reportagens) (Quadros 58, 59 e 60).

Quadro 58 – Informações gerais e plano da metanarrativa “*Como enfrentar o sangue dos dias*”

Título	<i>Como enfrentar o sangue dos dias</i>
Subtítulo	Conectar as periferias que reivindicam o lugar de centro e cujas lideranças estão marcadas para morrer é um dos maiores – e mais potentes – desafios de quem quer refundar a democracia no Brasil
Data	26/03/2018
Tema	Política
Contexto	Marielle Franco foi assassinada.

Fonte: A autora, 2019

Quadro 59 – Plano da expressão “*Como enfrentar o sangue dos dias*”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Ribeirinhos da floresta amazônica	Indireta, expondo e refletindo sobre a sua situação de violência.
Francisco Firmino Silva (Chico Caititu)	Direta, através de aspas, contar a sua história e imagens
Ageu Lobo Pereira	Direta, através de aspas, contar a sua história e imagens
Marielle Franco	Indireta, ao refletir profundamente sobre sua vida e assassinato.
Pescador Elio Alves	Direta, colocando uma fala.
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	46
Número de subtítulos no texto	3

Subtítulos	<ul style="list-style-type: none"> - 1) Marielle Franco e as forças emergentes - 2) Onde as forças progressistas falham - 3) Sobre a urgência de juntar os pontos
Número de frases em destaque	4
Frases em destaque	<ol style="list-style-type: none"> 1. A única barreira entre o crime organizado e a destruição da floresta é o corpo dos ribeirinhos 2. Marielle Franco quebrou o paradigma dos choráveis do Brasil, aqueles por quem a maioria dos brasileiros faz luto e luta 3. O que a feminista negra Marielle Franco tem em comum com os ribeirinhos amazônicos Chico Caititu e Ageu Lobo? 4. Só a escuta dos que querem viver pode impedir o horror que é o som de um corpo destruído à bala
Imagens e vídeos	
Número de imagens	6
<i>Características das imagens</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Imagem de Marielle Franco na escadaria da Rua Cristiano Viana. - Imagem de Chico Caititu no rio. - Imagem de Ageu Lobo, ameaçado - Imagem do rio Tapajós com crianças brincando - Imagem da comunidade Montanha e Mangabal - Criança ribeirinha da comunidade Montanha e Mangabal no rio Tapajós
Número de vídeos	1
<i>Características dos vídeos</i>	Conteúdo indisponível

Fonte: A autora, 2019

Quadro 60 – Plano do conteúdo “*Como enfrentar o sangue dos dias*”

Recorte do tema	A relação entre a morte de Marielle Franco e os ribeirinhos da Amazônia.
Estrutura	<p>O texto é dividido em blocos estruturais divididos pelos subtítulos enumerados:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) “Marielle Franco e as forças emergentes”, em que a autora reflete sobre as realidades subjetivas da sociedade apontadas pelo assassinato de Marielle, que envolvem impactos sociais, rupturas simbólicas, preconceitos enraizados, etc; 2) “Onde as forças progressistas falharam”, em que a autora reflete sobre o papel da esquerda nos acontecimentos e na violência; 3) “Sobre a urgência de juntar os pontos”, em que Brum associa o assassinato de Marielle com os ribeirinhos amazônicos, enfatizando a essência do texto com a frase: “Desigualdade e destruição ambiental são temas intimamente ligados”.

Hipertextos		
Quantidade de hipertextos: 13		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
Democracia	https://brasil.elpais.com/tag/democracia/a	Tag da palavra-chave no El País
Brasil	https://brasil.elpais.com/tag/brasil/a	Tag da palavra-chave no El País
assassinato de Marielle Franco	https://brasil.elpais.com/tag/caso_marielle_franc/a	Tag da palavra-chave no El País
Projeto de Assentamento Agro-extrativista (PAE) Montanha e Mangaba	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/15/opinion/1410784316_802493.html	Coluna Brum El País
Rio de Janeiro sob intervenção federal	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/16/politica/1521241122_152535.html	Matéria relacionada no El País
a democracia ainda pode responder aos anseios de igualdade	https://elpais.com/elpais/2018/03/20/opinion/1521563964_872691.html	Coluna Brum El País Espanhol
aqueles por quem a maioria dos brasileiros faz luto e luta	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/16/politica/1521157108_642756.html	Matéria relacionada no El País
se espalharam através do site “Ceticismo Político”, ligado ao Movimento Brasil Livre (MBL)	https://oglobo.globo.com/rio/como-ganhou-corpo-onda-de-fake-news-sobre-marielle-franco-22518202	outras reportagens – matéria no “O Globo”
Feministas	https://brasil.elpais.com/tag/feminismo/a	Tag da palavra-chave no El País
um fenômeno coletivo cada vez mais forte	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/album/1521133382_968626.html	Matéria relacionada no El País
obras de Belo Monte	https://brasil.elpais.com/tag/represa_belo_monte/a	Tag da palavra-chave no El País
Agência de Jornalismo Independente Amazônia Real	http://amazoniareal.com.br/tres-mulheres-de-barcarena-ameacadas-perseguidas-e-intimidadas/	Outras reportagens – matéria no
escola de samba Imperatriz Leopoldinense escolheu o Xingu	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/13/politica/1484343086_484320.html	Matéria relacionada no El País

Fonte: A autora, 2019

5.1.21 Texto: “Lula, o humano”

Neste texto, a autora reflete sobre a construção da imagem mítica de Lula e sobre o papel do ex-presidente no Brasil, ponderando erros e acertos, dizendo que “há vários Lulas”, e afirmando a importância do questionamento para entendermos a realidade política em sua complexidade, sem se deixar levar por cegueiras partidárias:

Esse constante adiamento das perguntas difíceis é mais uma tragédia num país que vive aos espasmos desde 2013.

E, é isso que ela se propõe a fazer nesta coluna.

O texto, de caráter ensaístico, é dividido blocos de conteúdo guiado pelos subtítulos:

- “1) O dia mais triste”, em que ela explica por que o dia da prisão de Lula é “provavelmente o dia mais triste da história recente”;
- “2) Um ‘reply’ ao general”, em que Brum reflete sobre afronta à democracia simbolizada pela intervenção do general Eduardo Villas Bôas, comandante do Exército Brasileiro, na véspera do julgamento do habeas corpus no Supremo;
- “3) O quanto perdemos todos”, em que Brum afirma que a prisão do ex-presidente contribui para o apagamento de Lula como humano e o reforço da sua construção como mito, assim como reflete sobre as diferentes faces do ex-presidente, apontando erros e acertos;
- “4) O que eu desejaria para Lula e o Brasil”; Brum escreve sete parágrafos com o mesmo início: “Eu acreditaria em justiça no Brasil se...”, denunciando as injustiças autorizadas que permeiam o país e, coloca sua opinião:

Eu desejaria que Lula fosse candidato a presidente e que fosse derrotado nas urnas pelo que fez no Xingu e em outros rios amazônicos”

e ainda ...

Mas eu desejaria também que Lula fosse candidato e fosse eleito para que as pessoas tivessem que lidar com o fato de que pouco se importam com a corrupção desde que sua vida esteja razoável [...] E tivessem que lidar com o fato de que sua preocupação com os direitos humanos é seletiva.

- “5) A volta do humano”, em que a autora desconstrói a imagem mítica do ex-presidente, e termina com a frase:

Compreender o homem que Lula é, assim como a experiência do PT no poder, é mais importante e urgente para o país do que construir um mito. Sem acolher as contradições, o Brasil seguirá com ‘um enorme passado pela frente’, apesar de tudo o que representou a chegada de um operário ao poder.

A coluna de 56 parágrafos, 5 subtítulos e 11 frases em destaque dá voz indireta ao ex-presidente, através de citações do seu discurso e da única imagem do texto, que mostra Lula entre apoiadores após o discurso que fez em São Bernardo do Campo, no dia em que se entregou à Polícia Federal. O conteúdo apresenta 40 hipertextos, sendo apenas um externo, direcionando para um texto de Brum no site UOL (Quadros 61, 62 e 63).

Quadro 61 – Informações gerais e plano da metanarrativa “*Lula, o humano*”

Título	<i>Lula, o humano</i>
Subtítulo	Compreender as contradições do ex-presidente e do PT no poder é mais importante e urgente para o país do que construir um mito
Data	09/04/2018
Tema	Política
Contexto	Prisão do ex-presidente Lula

Fonte: A autora, 2019

Quadro 62 – Plano da expressão “*Lula, o humano*”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Lula	Indireta, com aspas do seu discurso e através do enredo.
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	56
Número de subtítulos no texto	5
Subtítulos	<ul style="list-style-type: none"> - 1) O dia mais triste - 2) Um “reply” ao general - 3) O quanto perdemos todos - 4) O que eu desejaria para Lula e o Brasil - 5) A volta do humano
Número de frases em destaque	11

Frases em destaque	<ol style="list-style-type: none"> 1. Que a foto histórica tenha sido feita de cima não é um dado qualquer: de cima, há mito; embaixo, no contato dos corpos, há realidades e sentimentos mais humanos 2. As panelas batendo com fúria nas janelas dos bairros “nobres” é o som da nossa vergonha como país: o ódio mascarado de alegria é obsceno 3. As instituições fracassaram. E o Supremo, afogado em vaidades e convertido em palanque, se apequenou 4. Sim, general, nós repudiamos a impunidade dos assassinos, sequestradores e torturadores da ditadura civil-militar: já passou da hora de julgar os criminosos a serviço do Estado. 5. Sim, general, nós repudiamos a impunidade dos assassinos, sequestradores e torturadores da ditadura civil-militar: já passou da hora de julgar os criminosos a serviço do Estado 6. As principais vozes de resistência das periferias urbanas hoje nasceram da ampliação do acesso a mundos até então barrados, garantido pelos governos do PT. 7. Lula revelou-se incapaz de compreender outras formas de viver e de se relacionar com a natureza que não fossem as mediadas pela dinâmica capital-trabalho. 8. Com a sensação de que a prisão foi uma injustiça, a cisão entre os Lulas continua. E as perguntas difíceis são adiadas mais uma vez 9. Eu acreditaria em justiça no Brasil se todos os presos sem condenação no sistema penitenciário fossem libertados. 10. Eu acreditaria em justiça no Brasil se Lula e Dilma fossem responsabilizados por construírem Belo Monte violando direitos humanos e não humanos. 11. O ato mais importante do discurso foi Lula ter lançado Guilherme Boulos (PSOL) e Manuela D'Ávila (PCdoB) como seus herdeiros, pregando a união das esquerdas
Imagens e vídeos	
Número de imagens	1
<i>Características das imagens</i>	Lula entre apoiadores após o discurso que fez em São Bernardo do Campo no dia em que se entregou à Polícia Federal.
Número de vídeos	Não possui
<i>Características dos vídeos</i>	Não possui

Fonte: A autora, 2019

Quadro 63 – Plano do conteúdo “Lula, o humano”

Recorte do tema	A construção mítica da imagem de Lula
Estrutura	O texto, de caráter ensaístico, é dividido blocos de conteúdo guiado pelos subtítulos: 1) “O dia mais triste”, em que ela explica por que o dia da prisão de Lula é “provavelmente o dia mais triste da história recente”; 2) “Um ‘reply’ ao general”, em que Brum reflete sobre afronta à democracia simbolizada pela intervenção do general Eduardo Villas Bôas, comandante do Exército Brasileiro, na véspera do julgamento do habeas corpus no Supremo; 3) “O quanto perdemos todos”, em que Brum afirma que a prisão do ex presidente contribui para o apagamento de Lula como humano e o reforço da sua construção como mito, assim como reflete sobre as diferentes

	<p>faces do ex presidente, apontando erros e acertos; 4) “O que eu desejaria para Lula e o Brasil”; Brum escreve 7 parágrafos com o mesmo início: “Eu acreditaria em justiça no Brasil se...”, denunciando as injustiças autorizadas que permeiam o país e, coloca sua opinião: “Eu desejaria que Lula fosse candidato a presidente e que fosse derrotado nas urnas pelo que fez no Xingu e em outros rios amazônicos” e ainda “Mas eu desejaria também que Lula fosse candidato e fosse eleito para que as pessoas tivessem que lidar com o fato de que pouco se importam com a corrupção desde que sua vida esteja razoável [...] E tivessem que lidar com o fato de que sua preocupação com os direitos humanos é seletiva.”; 5) “A volta do humano”, em que a autora desconstrói a imagem mítica do ex presidente, e termina com a frase: “Compreender o homem que Lula é, assim como a experiência do PT no poder, é mais importante e urgente para o país do que construir um mito. Sem acolher as contradições, o Brasil seguirá com ‘um enorme passado pela frente’, apesar de tudo o que representou a chegada de um operário ao poder”.</p>	
Hipertextos		
Quantidade de hipertextos: 40		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
Luiz Inácio Lula da Silva	https://brasil.elpais.com/tag/luiz_inacio_da_silva/a	Tag da palavra-chave no El País.
Getúlio Vargas (1882-1954)	https://pt.wikipedia.org/wiki/Get%C3%BAlio_Vargas	Link para a Wikipédia, página Getúlio Vargas.
Sérgio Moro,	https://brasil.elpais.com/tag/sergio_fernando_moro/a	Tag da palavra-chave no El País.
o corpo preso na cela da Polícia Federal	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/06/o-pinion/1522999450_647024.html	Link para matéria relacionada no El País.
Operação Lava Jato	https://brasil.elpais.com/tag/operacion_lava_jato/a	Tag da palavra-chave no El País.
não teve seus neurônios infectados pelo ódio	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/18/actualidad/1511039404_742600.html	Link para matéria relacionada no El País.
primeiro lugar nas pesquisas para a eleição de 2018.	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/31/politica/1517399782_176018.html	Link para matéria relacionada no El País.
Cotidiano de Exceção,	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/29/o-pinion/1496068623_644264.html	Link para artigo de Brum no El País.
Julgamento do habeas corpus de Lula pelo Supremo Tribunal Federal,	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/04/politica/1522869590_474972.html	Link para matéria relacionada no El País.
Perdemos bem mais do que de 7 x 1.	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/26/deportes/1522087108_718963.html	Link para matéria relacionada no El País.
intervenção do general Eduardo Villas Bôas, comandante do Exército Brasileiro,	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/02/politica/1522697550_276313.html	Link para matéria relacionada no El País.

Michel Temer (PMDB)	https://brasil.elpais.com/tag/michel_temer/a	Tag da palavra-chave no El País.
inclusive crianças	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/08/opinion/1418042130_286849.html	Link para artigo de Brum no El País.
memória sobre a ditadura.	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/26/opinion/1498488947_331660.html	Link para artigo de Brum no El País.
país fundado sobre os corpos de indígenas e de negros	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/20/opinion/1466431465_758346.html	Link para artigo de Brum no El País.
intervenção federal no Rio de Janeiro	https://brasil.elpais.com/tag/intervencion_federal/a/	Tag da palavra-chave no El País.
eleições de 2018,	https://brasil.elpais.com/tag/elecciones_brasil_2018/a	Tag da palavra-chave no El País.
Dilma Rousseff,	https://brasil.elpais.com/tag/dilma_rousseff/a	Tag da palavra-chave no El País.
Belo Monte,	https://brasil.elpais.com/tag/represa_belo_monte/a	Tag da palavra-chave no El País.
Lula não tocou na renda dos mais ricos.	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/19/economia/1463677506_618660.html	Link para matéria relacionada no El País.
ditadura civil-militar	https://brasil.elpais.com/tag/dictadura/a	Tag da palavra-chave no El País.
É uma visão colonizadora e exploradora.	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/31/opinion/1396269693_200037.html	Link para artigo de Brum no El País.
só conseguir enxergar o mundo em termos de capital-trabalho.	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/01/opinion/1409578464_024733.html	Link para artigo de Brum no El País.
Como homem do ABC Paulista,	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/08/politica/1473371770_546134.html	Link para matéria relacionada no El País.
negando a corrupção evidente do PT no poder	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/16/opinion/1426515080_777708.html	Link para artigo de Brum no El País.
num país que vive aos espasmos desde 2013	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/13/politica/1434152520_547352.html	Link para matéria relacionada no El País.
fossem julgados e punidos	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/30/politica/1522425504_069103.html	Link para matéria relacionada no El País.
Marielle Franco	https://elpais.com/elpais/2018/03/20/opinion/1521563964_872691.html	Link para matéria na Edição Espanhola do El País.
os presos sem condenação no sistema penitenciário	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/31/politica/1517410163_964093.html	Link para matéria relacionada no El País.
os efeitos expansivos da proibição do amianto no Brasil	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/07/opinion/1502117913_051142.html	Link para artigo de Brum no El País.

construção de Belo Monte.	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/06/opinion/1436195768_857181.html	Link para artigo de Brum no El País.
pela sua escolhida	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/09/opinion/1462804348_582272.html	Link para artigo de Brum no El País.
Dilma Rousseff,	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/09/opinion/1462804348_582272.html	Link para artigo de Brum no El País.
etnocídio indígena	https://www.uol/noticias/especiais/vidas-barradas-de-belo-monte.htm	Link para reportagem de Brum no site UOL.
ter produzido pobres na periferia de Altamira.	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/18/opinion/1468850872_994522.html	Link para artigo de Brum no El País.
Lula fosse candidato	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/26/politica/1522086274_176444.html	Link para matéria relacionada no El País.
sua preocupação com os direitos humanos é seletiva.	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/11/opinion/1460390361_909016.html	Link para artigo de Brum no El País.
Guilherme Boulos	https://brasil.elpais.com/tag/guilherme_castro_boulos/a	Tag da palavra-chave no El País.
Manuela D'Ávila	https://brasil.elpais.com/tag/manuela_pinto_vieira_davila/a	Tag da palavra-chave no El País.
São as duas figuras mais interessantes da nova política.	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/13/politica/1513188701_030936.html	Link para matéria relacionada no El País.

Fonte: A autora, 2019

5.1.22 Texto: “Lula, o inconciliável”

Nesta coluna Brum se propõe a refletir sobre as conciliações ilusórias feitas no governo Lula. A autora introduz o texto contando um desacontecimento vivido por ela, e diz:

É uma cena pequena, mas ela sempre teve uma enormidade para mim, porque não acredito nem em deus nem em diabo, mas acredito que ambos vivem nos detalhes.

É importante observar que o desacontecimento não é solto, mas proporciona maior compreensão do cenário político em profundidade, alcançada somente na percepção da subjetividade. O desacontecimento, contado de forma literária, com recursos visuais, permitia ao leitor construir a cena de uma mulher da elite paulistana apoiadora de Lula que chamou a

empregada doméstica, que estava em outro andar, para fechar as cortinas da sala onde acontecia a entrevista. O desacontecimento serviu como gancho para a reflexão que guia o texto:

Ali estava posta a mágica de Lula. Essa mulher podia circular pelos salões com o candidato do PT vestido em ternos de grife e ao mesmo tempo chamar a empregada para fechar a cortina. Pelo toque alquímico de Lula, as contradições por um momento apagavam-se.

Em seguida, Brum usa a frase “Salto para 2006”, para associar seu raciocínio a acontecimentos que o comprovem acontecidos em 2006. Um recurso interessante usado pela autora foi o de utilizar uma frase do discurso de Eliana Tranchesi na exibição de “*Falcão – meninos do tráfico*” na Daslu como metáfora para uma das essências do governo Lula, ponto central abordado no texto:

Não estamos aqui para encontrar culpados pela tragédia em que vivem essas crianças (mortas pelo tráfico). Estamos aqui para juntar ricos e pobres.

Em seguida, Brum contou outros desacontecimentos que enriquecem o texto e a reflexão, induzindo o leitor ao ponto que, mais tarde, alcança como conclusão: Lula vendeu uma falsa ideia de ser possível conciliar ricos e pobres, aumentando a riqueza dos pobres sem que os ricos perdessem privilégios e sem que os pobres ficassem mais pobres (quando, na verdade, ela explica que Lula só conseguiu essa ilusão porque mexeu na Amazônia, prejudicando os que tem menos voz no cenário brasileiro).

A autora faz uma análise que evidencia as suas prioridades na construção dos textos observados ao longo deste trabalho: a análise do momento histórico levando em conta suas nuances subjetivas:

É necessário incluir na análise deste momento histórico o peso subjetivo que essa ideia de conciliação exerceu nesses anos de magia, em que o que era impossibilidade foi vendido como possibilidade em exercício. E o quanto essa subjetividade impactou nos fatos objetivos que fizeram do Brasil um país aos espasmos.

A jornalista segue os próximos parágrafos tecendo sua análise. Em um trecho, muito significativo, Brum explicita sua preocupação com a subjetividade:

A subjetividade é seguidamente esquecida nas análises dos contextos históricos, mas em geral ela é tão ou mais importante que os acontecimentos objetivos – e os determina.

Brum termina o texto deixando claro que é impossível saber o peso de Lula na prisão na história, já que a memória é construída depois, no futuro. E, vivemos no presente, e nele é imprescindível entender o inconciliável proposto pelo presidente para compreendermos seu legado.

O conteúdo apresenta 50 parágrafos, 7 frases em destaque e uma imagem do ex presidente Lula sendo filmado durante entrevista em São Paulo. Não possui vídeos. Apresenta 41 *hiperlinks*, sendo apenas 5 externos (3 encaminham para a Wikipedia; 1 para o Youtube; 1 para site oficial da fonte citada; 1 para acesso ao documento oficial citado) (Quadros 64, 65, 66).

Quadro 64 – Informações gerais e plano da metanarrativa “*Lula, o inconciliável*”

Título	<i>Lula, o inconciliável</i>
Subtítulo	Qual é a relação entre o ódio de uma parcela dos brasileiros contra o maior líder popular da história recente e a fratura do projeto de conciliação que ele representou nos anos que ocupou o poder?
Data	11/04/2018
Tema	Política
Contexto	Instabilidade política como reflexo de ações inconciliáveis do governo Lula.

Fonte: A autora, 2019

Quadro 65 – Plano da expressão “*Lula, o inconciliável*”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Mais pobres, em especial os negros	Indireta, explicando as falhas estruturais na nossa sociedade que prejudicam essa parcela da população.
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	50
Número de subtítulos no texto	não possui
Subtítulos	não possui.
Número de frases em destaque	7
Frases em destaque	1. Destaque 1: Uma parcela da elite econômica de São Paulo desfilou Lula pelos salões para provar aos pares que ele era tão palatável quanto seu caviar

	<ol style="list-style-type: none"> 2. Destaque 2: “Não estamos aqui para encontrar culpados pela tragédia em que vivem essas crianças (mortas pelo tráfico). Estamos aqui para juntar ricos e pobres”, disse a dona da Daslu 3. Destaque 3: Em parte só foi possível melhorar a renda dos mais pobres, sem tocar na renda dos mais ricos, pela exportação de matérias-primas para a China: e quem pagou por isso foi a Amazônia 4. Destaque 4: O tema da corrupção foi sequestrado pela direita, e a esquerda ligada ao PT se omitiu diante da violação de direitos humanos em Belo Monte e outras grandes obras do PAC e da Copa de 2014 5. Destaque 5: Se a conciliação vendida por Lula era provisória, isso só ficou claro no governo de Dilma Rousseff: a perda dessa ilusão teve grande impacto subjetivo sobre o país 6. Destaque 6: A reação à maior presença dos negros nos espaços de poder marcou o momento em que as fissuras do projeto de conciliação se tornaram explícitas 7. Destaque 7: A questão mais profunda do Brasil continua a ser a mesma: para ter conciliação de fato será preciso perder privilégios
Imagens e vídeos	
Número de imagens	1
<i>Características das imagens</i>	Imagem do ex-presidente Lula sendo filmado durante entrevista em São Paulo.
Número de vídeos	Não possui
<i>Características dos vídeos</i>	Não possui

Fonte: A autora, 2019

Quadro 66 – Plano do conteúdo “Lula, o inconciliável”

Recorte do tema	Reflexão sobre as ilusórias estratégias de conciliação entre ricos e pobres promovidas por Lula em seu governo.	
Estrutura	A autora introduz o texto contando um desacontecimento vivido por ela. É importante observar que o desacontecimento não é solto, mas proporciona maior compreensão do cenário político em profundidade, alcançada somente na percepção da subjetividade. Em seguida, Brum usa a frase “Salto para 2006”, para associar seu raciocínio a acontecimentos que o comprovem acontecidos em 2006. Um recurso interessante usado pela autora foi o de utilizar uma frase do discurso de Eliana Tranchesi na exibição de “Falcão – meninos do tráfico na Daslu” como metáfora para uma das essências do governo Lula, ponto central abordado no texto. Durante o texto, a autora faz uma análise que evidencia as suas prioridades na construção dos textos observados ao longo deste trabalho: a análise do momento histórico levando em conta suas nuances subjetivas.	
Hipertextos		
Quantidade de hipertextos: 41		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
Lula	https://brasil.elpais.com/tag/luiz_inacio_da_silva/a	Tag “Lula” no El País.

Elite paulistana	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/01/opinion/1491007426_907304.html	Reportagem no El País de outra jornalista.
PT	https://brasil.elpais.com/tag/pt_partido_trabajadores_brasil/a	Tag “PT” no El País.
Marta Suplicy	https://brasil.elpais.com/tag/marta_suplicy/a	Tag “Marta Suplicy” no El País.
MDB	https://brasil.elpais.com/tag/pmdb_partido_movimiento_democratico_brasileno/a	Tag “MDB” no El País.
Fernando Collor	https://brasil.elpais.com/tag/fernando_collor_de_mello/a	Tag “Collor” no El País.
Fernando Henrique Cardoso	https://brasil.elpais.com/autor/fernando_henrique_cardoso/a	Tag para a coluna de Fernando Henrique Cardoso no El País.
PSDB	https://brasil.elpais.com/tag/psdb_partido_social_democracia_brasilena/a	Tag “PSDB” no El País.
Cidade de Deus	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/26/politica/1501085833_865782.html	Matéria sobre ator do Cidade de Deus no El País.
Rapper MV Bill	https://elpais.com/diario/2006/07/23/cultura/1153605601_740215.html	Chamada para artigo da edição impressa com matéria sobre o MV Bill.
CUFA	https://www.cufa.org.br/sobre.php	Site oficial da CUFA.
Celso Athayde	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/10/opinion/1510327446_322611.html	Matéria no El País.
A obra havia sido exibida	https://www.youtube.com/watch?v=B-s2SDi3rkY	Link para o documentário no Youtube.
Villa Daslu	https://pt.wikipedia.org/wiki/Villa_Daslu	Link para a Wikipedia explicando o que é e a história da Villa Daslu.
Eliana Tranchesi	https://pt.wikipedia.org/wiki/Eliana_Tranchesi	Link para a Wikipedia sobre Eliana Tranchesi.
Rio	https://brasil.elpais.com/tag/rio_de_janeiro/a	Tag “Rio” no El País.
Universidade	https://brasil.elpais.com/tag/universidad/a	Tag “Universidade” no El País.
Sistema Único de Saúde	https://brasil.elpais.com/tag/sus_sistema_unico_saude/a	Tag “SUS” no El País.
Amazônia	https://brasil.elpais.com/tag/amazonia/a	Tag “Amazônia” no El País.

China	https://brasil.elpais.com/tag/china/a	Tag “China” no El País.
Belo Monte	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/09/politica/1507550012_733072.html	Link para matéria no El País.
Dilma	https://brasil.elpais.com/tag/dilma_rousseff/a	Tag “Dilma” no El País.
Direitos Humanos	https://brasil.elpais.com/tag/derechos_humanos/a	Tag “Direitos Humanos” no El País.
Mudança climática	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/11/opinion/1460390361_909016.html	Link para outro artigo de Brum no El País.
Programa de Aceleração de Crescimento	https://pt.wikipedia.org/wiki/Programa_de_Acelera%C3%A7%C3%A3o_do_Crescimento	Link para a Wikipédia explicando o que é PAC.
Denunciado pela operação lava jato	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/11/opinion/1460390361_909016.html	Link para matéria no El País
Preconceito	https://brasil.elpais.com/tag/prejuicios/a	Tag “Preconceito” no El País.
Miséria	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/23/politica/1429790575_591974.html	Link para matéria no El País
Negros	https://brasil.elpais.com/tag/negros/a	Tag “Negros” no El País.
Possível reduzir a pobreza sem perder privilégios	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/23/politica/1429790575_591974.html	Link para matéria no El País.
Eike Batista	https://brasil.elpais.com/tag/eike_batista/a	Tag “Eike Batista” no El País.
Paraisópolis	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/01/politica/1433185554_574794.html	Link para matéria no El País sobre Paraisópolis.
Marisa Letícia	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/02/politica/1486039970_547316.html	Link para matéria sobre morte cerebral de Marisa Letícia.
Corrupção	https://brasil.elpais.com/tag/corrupcion/a	Tag “Corrupção” no El País.
Racismo	https://brasil.elpais.com/tag/racismo/a	Tag “Racismo” no El País.
Estatuto da Igualdade Racial	http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm	Link para o documento oficial do Estatuto da Igualdade Racial.
O avanço do protagonismo negro	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/25/opinion/1432564283_075923.html	Link para outro artigo de Brum no El País.

Um branco bacana	http://elianebrum.com/desacontecimentos/no-brasil-o-melhor-branco-so-consegue-ser-um-bom-sinhozinho-2/	Link para artigo complementar ao anterior no site pessoal de Brum.
Bolsa Família	https://brasil.elpais.com/tag/pbf_programa_bolsa_familia/a	Tag “Bolsa Família” no El País.
Mensalão	Link inacessível.	Link inacessível.
Lula que foi pra prisão	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/07/politica/1523129533_111274.html	Matéria no El País sobre a prisão de Lula.

Fonte: A autora, 2019

5.1.23 “A Academia do Oscar fez justiça ao expulsar Polanski e Cosby por crimes contra as mulheres?”

O título do texto, por si só, é um questionamento reflexivo: questiona se a atitude tomada pela Academia do Oscar foi realmente justa, tanto para as mulheres quanto para os acusados. Brum introduz o texto contextualizando sobre o machismo e os movimentos contra o assédio que estavam acontecendo em Hollywood. Em seguida, explica o fato: Bill Cosby e Roman Polanski foram expulsos da Academia do Oscar, um por confessar agressão sexual, outro por estar em investigação. Ela também responde às perguntas do *lead* nesse momento. Posteriormente, Brum desenvolve de forma argumentativa o raciocínio de que os acusados têm direito à defesa e a serem escutados, e não condenados precipitadamente e socialmente. Além disso, ela fala sobre as diversas facetas que cada ser humano possui e, que esta, em específico é uma delas, não anulando a expressiva contribuição artística dos excluídos pela Academia do Oscar.

A autora chama a atenção para o fato de que os acusados são mais velhos e, portanto, é mais fácil expulsá-los do que alguém mais novo e em seu auge. Dessa forma, induz o questionamento sobre a legitimidade do ato da Academia do Oscar.

Nesta coluna, é possível observar nuances da metanarrativa de Brum, como no trecho do subtítulo:

[...] amplia a oportunidade para refletirmos sobre que mundo queremos”, demonstra a busca pela reflexão e o olhar de quem vê nos (des)acontecimentos oportunidades para refletir e compreender aquela realidade em profundidade, com a complexidade necessária. Outra nuance da

metanarrativa observada é a necessidade de perguntar, expressa em frases como “se torna importante perguntar.

Outro aspecto da metanarrativa que fica evidente é o de que à primeira vista algo pode parecer de um jeito, mas é preciso refletir para realmente entendê-la a fundo. Para isso, é preciso questionar e buscar respostas:

À primeira vista, parece ser uma conquista. Pressionada pelos movimentos de mulheres, aquela que encarna Hollywood tem que se mover e romper com padrões estabelecidos em que o assédio sexual faz parte do modo de funcionamento do negócio chamado cinema. A crítica mais evidente é a que pergunta por que demorar tanto tempo para expulsar Polanski, já que seu crime é conhecido há décadas. E a resposta mais evidente é a de que é mais fácil expulsar alguém que está velho e vem perdendo poder na indústria.

Ainda na metanarrativa, podemos perceber que ela acredita que o sistema legal, como realizador de justiça, não é justo com as mulheres, conforme explícito nos trechos:

É legítimo afirmar que o processo legal tem falhado em fazer justiça no que se refere à violência contra as mulheres. [...] É no fracasso do sistema legal como realizador de justiça que está uma armadilha da qual mulheres e homens que respeitam as mulheres precisam se esforçar para escapar.

O texto dá voz, de forma indireta à Roman Polanski, Bill Cosby, Woody Allen e às mulheres assediadas pelos acusados, expondo seu ponto de vista crítico em defesa dos direitos de todos eles. A coluna apresenta 35 parágrafos, 5 frases em destaque, uma imagem (montagem com as fotos de Bill Cosby e Roman Polanski) e nenhum subtítulo ou vídeo. Poussui 15 hiperlinks, sendo apenas um externo, encaminhando para um artigo em inglês, em um jornal internacional (Quadros 66, 67 e 68).

Quadro 67 – Informações gerais e plano da metanarrativa “A Academia do Oscar fez justiça ao expulsar Polanski e Cosby por crimes contra as mulheres?”

Título	<i>A Academia do Oscar fez justiça ao expulsar Polanski e Cosby por crimes contra as mulheres?</i>
Subtítulo	A potência dos movimentos feministas ao romper com a normalidade da violência de gênero amplia a oportunidade para refletir sobre que mundo queremos
Data	07/05/2018
Tema	Feminismo

Contexto	Bill Cosby e Roman Polanski foram excluídos da participação no Oscar devido a denúncias de assédio.
-----------------	---

Fonte: A autora, 2019

Quadro 68 – Plano da expressão “A Academia do Oscar fez justiça ao expulsar Polanski e Cosby por crimes contra as mulheres?”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Roman Polanski, Bill Cosby e Woody Allen	Indireta, Brum não entrevistou ativamente nenhum deles. A voz é concedida na estrutura argumentativa com que defende o direito à defesa dos acusados e a separação entre as diferentes esferas que constituem cada ser humano, não diminuindo sua contribuição artística.
Mulheres assediadas pelos acusados	Indireta, também não entrevistou nenhuma das mulheres, e a voz delas é percebida também na estrutura argumentativa, ao afirmar que o foco da luta é o de que crimes contra a mulher não sejam mais tolerados. Fala sobre as vítimas de casos de assédio e abusos e a necessidade de ouvi-las. Afirma, concluindo, que na mesma medida em que lutamos pela punição, também devemos lutar pelo direito de defesa para que as mudanças comecem pelo não silenciamento.
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	35
Número de subtítulos no texto	não possui
Subtítulos	não possui.
Número de frases em destaque	5
Frases em destaque	<ol style="list-style-type: none"> 1. Destaque 1: É mais fácil expulsar alguém que está velho e vem perdendo poder na indústria do entretenimento 2. Destaque 2: Escutar Dylan Farrow não significa considerar Woody Allen culpado 3. Destaque 3: Quem comete um crime deve responder por ele, mas não pode ser impedido de ter uma vida viva 4. Destaque 4: Será que, por um ser suspeito e o outro ser culpado de um crime, Allen e Polanski não devem mais ser escutados? 5. Destaque 5: As mulheres, tantas vezes chamadas de putas e de bruxas, conhecem melhor do que ninguém o que é a morte em vida
Imagens e vídeos	
Número de imagens	1
<i>Características das Imagens</i>	Montagem com a imagem de Bill Cosby e Roman Polanski
Número de vídeos	Não possui
<i>Características dos Vídeos</i>	Não possui

Fonte: A autora, 2019

Quadro 69 – Plano do conteúdo “A Academia do Oscar fez justiça ao expulsar Polanski e Cosby por crimes contra as mulheres?”

Recorte do tema	O direito de defesa de famosos acusados de violência e assédio sexual.	
Estrutura	Brum introduz o texto contextualizando sobre o machismo e os movimentos contra o assédio que estavam acontecendo em Hollywood. Em seguida, explica o fato: Bill Cosby e Roman Polanski foram expulsos da Academia do Oscar, um por confessar agressão sexual, outro por estar em investigação. Em seguida, Brum desenvolve de forma argumentativa o raciocínio de que os acusados têm direito à defesa e a serem escutados, e não condenados precipitadamente e socialmente. Além disso, ela fala sobre as diversas facetas que cada ser humano possui e, que esta, em específico é uma delas, não anulando a expressiva contribuição artística dos excluídos pela Academia do Oscar.	
Hipertextos		
Quantidade de hipertextos: 15		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
“[...] a palavra que nomeia o sexo das mulheres [...]”	https://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/09/opinion/1386595765_588331.html	Artigo de Brum no E País.
Time’s Up	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/19/opinion/1516390183_108057.html	Artigo de opinião de outra autora no El País.
#MeuPrimeiroAssédio	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/22/politica/1445529917_555272.html	Reportagem no El País
“[...] o comediante americano Bill Cosby”	https://brasil.elpais.com/tag/bill_cosby/a	Tag “Bill Cosby” no El País.
“[...] o cineasta polonês Roman Polanski”	https://brasil.elpais.com/tag/roman_polanski/a	Tag “Roman Polanski” no El País.
“Agressão sexual”	https://brasil.elpais.com/tag/delitos_sexuales/a	Tag “crimes sexuais” no El País”.
“[...] produtor Harvey Weinstein”	https://brasil.elpais.com/tag/harvey_weinstein/a	Tag “Harvey Weinstein” no El País.
“[...] Movimento de mulheres”	https://brasil.elpais.com/tag/feminismo/a	Tag “Feminismo” no El País.
“Ampliação do número de mulheres negras no poder”	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html	Reportagem sobre feminismo negro no El País.
“Num polêmico artigo publicado em janeiro”	https://www.theglobeandmail.com/opinion/a-m-i-a-bad-feminist/article37591823/	Artigo em inglês de um site estrangeiro.
Woody Allen	https://brasil.elpais.com/tag/woody_allen/a	Tag “Woody Allen” no El País.

“Dylan Farrow, eu acredito em você”.	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/17/cultura/1516198000_835500.html	Reportagem do El País.
Pena de morte	https://brasil.elpais.com/tag/pena_muerte/a	Tag “pena de morte” no El País.
Oscar	https://brasil.elpais.com/tag/premios_oscar/a	Tag “Oscar” no El País.
“[...] filmes, livros, peças de teatro e obras de arte devam ser queimados”	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/08/cultura/1515416335_689166.html	Artigo no El País sobre a arte de “homens monstruosos”

Fonte: A autora, 2019

5.1.24 Texto 24: “A Veneza de Belo Monte”

O enredo do texto começa com a história de Marlene e Carlos contada de forma literária. Ela inicia a história com uma desarmonia inicial:

Marlene acorda na madrugada. Ela teve um pesadelo.

A partir do momento em que Marlene acorda, sente o cheiro de esgoto e percebe que alagou a casa com água e lixo. Nos próximos parágrafos, Brum desenvolve a narrativa explicando a situação chocante do Jardim Independente 1, na cidade de Altamira e quais as causas levou a essa situação, como a família personagem da história enfrenta e quais são os órgãos responsáveis. O foco do texto (e a metanarrativa evidente) é mostrar o papel da construção de Belo Monte na situação de vida dessas pessoas, principalmente os mais frágeis, que chocou até mesmo o Defensor Público que foi no local, levando-o aos prantos em seu quarto de hotel. Em tom de reportagem perfil, Brum desenha o contorno das personagens com características emocionais, sociais e de personalidade, mostrando a situação através de histórias vividas por essas personagens. A jornalista fecha o texto retomando a desarmonia inicial e enfatizando as condições de vida vividas pela família:

Carlos e Marlene seguem acordando no mesmo não lugar.

Todas as vozes concedidas foram importantes para o enriquecimento da narrativa da reportagem, com muitos elementos literários. A autora deu voz de forma direta à Marlene, Carlos e aos filhos do casal; e, deu voz de forma indireta à mãe de Marlene, que morreu devido

às condições do local onde vivia, centro da narrativa e ao defensor público federal que visitou o local e chorou, reforçando o estado chocante que vive aquela população.

A coluna apresenta 17 parágrafos, nenhum subtítulo ou frase em destaque. As quebras no texto ficam por conta das imagens, somando 9 ao todo, todas ilustrando a narrativa contada, mostrando as personagens e o local. Apresenta 5 hiperlinks, sendo um externo, direcionando para o site da fonte oficial (Quadros 70, 71 e 72).

Quadro 70 – Informações gerais e plano da metanarrativa “A Veneza de Belo Monte”

Título	<i>A Veneza de Belo Monte</i>
Subtítulo	Atingidos pela hidrelétrica, seres humanos vivem alagados por água podre na cidade de Altamira, num cenário pós-apocalíptico
Data	15/05/2018
Tema	Belo Monte/Direitos Humanos
Contexto	Consequências provocadas pela construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte

Fonte: A autora, 2019

Quadro 71 – Plano da expressão “A Veneza de Belo Monte”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Marlene	Direta, contando sua história, mostrando imagens.
Carlos	Direta, contando sua história, mostrando imagens.
Filhos do casal Marlene e Carlos	Direta, contando sua história
Mãe de Marlene	Indireta, contou a morte da mãe de Marlene, diretamente ligada às condições de vida dos moradores.
Defensor público federal	Indireta, contando a experiência do defensor ao visitar a região: “voltou para o hotel e chorou de horror e de impotência”.
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	17
Número de subtítulos no texto	não possui
Subtítulos	não possui.

Número de frases em destaque	não possui
Frases em destaque	não possui
Imagens e vídeos	
Número de imagens	9
<i>Características das Imagens</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Imagem 1: Imagem do bairro Jardim Independente 1, na cidade de Altamira, alagado por água podre. - Imagem 2: Carlos mostrando algo com as mãos - Imagem 3: Marlene olhando para baixo, com expressão triste - Imagem 4: Casa alagada - Imagem 5: Chão cheio de lixo - Imagem 6: Crianças do Jardim Independente 1 - Imagem 7: Imagens do Jardim Independente 1 - Imagem 8: Marlene tricotando - Imagem 9: Casa das pessoas que vivem no Jardim Independente 1
Número de vídeos	Não possui
<i>Características dos Vídeos</i>	Não possui

Fonte: A autora, 2019

Quadro 72 – Plano do conteúdo “A Veneza de Belo Monte”

Recorte do tema	Pessoas que estão vivendo em condições sub-humanas e as instituições responsáveis não tomam as medidas necessárias (no caso, a Norte Energia, que não se posicionou).	
Estrutura	O enredo do texto começa com a história de Marlene e Carlos contada de forma literária. Ela inicia a história com uma desarmonia inicial que ocorre na vida do casal: “Marlene acorda na madrugada. Ela teve um pesadelo.” A partir do momento em que Marlene acorda, sente o cheiro de esgoto e percebe que alagou a casa com água e lixo. Nos próximos parágrafos, Brum desenvolve a narrativa explicando a situação do Jardim Independente 1, na cidade de Altamira, o que levou a essa situação, como a família personagem da história enfrenta, os órgãos responsáveis. Em tom de reportagem perfil, Brum desenha o contorno das personagens com características emocionais, sociais e de personalidade, mostrando a situação através de histórias vividas por essas personagens. A jornalista fecha o texto retomando a desarmonia inicial e enfatizando as condições de vida vividas pela família: “Carlos e Marlene seguem acordando no mesmo não lugar”.	
Hipertextos		
Quantidade de hipertextos: 5		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
“[...] Pará.”	https://brasil.elpais.com/tag/para/a	Página de artigos escritos por Brum com a tag “Pará” no El País.

Veneza	https://brasil.elpais.com/tag/venecia/a	Tag palavra chave El País
Movimento dos Atingidos por Barragens	http://www.mabnacional.org.br/	Fonte oficial
“Dengue”	https://brasil.elpais.com/tag/dengue/a	Página de conteúdos sobre a Dengue no El País.
“Usina hidrelétrica de Belo Monte”	https://brasil.elpais.com/tag/represa_belo_monte/a	Página de artigos escritos por Brum com a tag “Belo Monte” no El País

Fonte: A autora, 2019

5.1.25 Texto 25: “O mundo precisa de adultos responsáveis, não de otimismo infantilizado”

A coluna é introduzida com uma contextualização sobre a política em São Paulo e as mudanças climáticas que afetam a cidade. Ainda no primeiro parágrafo, Brum chama a atenção para a reflexão que direciona o texto (e que explicita uma das suas principais metanarrativas, a de que devemos nos responsabilizar pela parte que nos cabe):

de novo estamos voltando a esse tipo de irresponsabilidade alimentada pela incapacidade de se responsabilizar de adultos infantilizados que preferem acreditar em qualquer estupidez a ter que enfrentar o mal-estar que sentem nos ossos.

Posteriormente à contextualização, Brum expõe um fato, seguido de inúmeros trechos, com aspas, do discurso proferido por Vicente Andreu, ex-presidente da Agência Nacional de Águas (ANA), no evento que marcou os 15 anos do Fórum Pacto Global, da Rede Brasil das Nações Unidas, assim como a presença de dados oficiais que embasam o texto.

Ao longo do texto, Brum se aprofunda na reflexão associando as atitudes irresponsáveis com o meio ambiente com a mentalidade do século XX e a presença de Trump na Casa Branca (e o contexto brasileiro, que até então, mostrava Bolsonaro liderando em todos os cenários sem Lula) e os efeitos subjetivos da indústria do entretenimento. Ela contrasta estes fatores com dados oficiais, números da Cantareira e estudos de “cientistas sérios”.

Ela coloca o discurso de Gisele no evento como exemplo a ser seguido, por demonstrar responsabilidade com o planeta ao respeitar a inteligência dos seus filhos e ensiná-

los sobre os malefícios do plástico e os impactos ambientais. E, finaliza o texto (o último de nossa amostra), expondo uma das suas principais metanarrativas:

A chave desse momento histórico não está entre o otimismo e o pessimismo – ou entre o pensamento positivo e o negativo. [...] Adultos precisam ser capazes de escutar. E de reagir com algo mais do que carinhas sorridentes ou vermelhas de raiva.

É preciso analisar as situações realisticamente, com cautela e abarcando a complexidade que as envolve, e, então, é necessário assumir a responsabilidade que nos cabe e tomar as atitudes a respeito – nessa e em todas as situações apresentadas.

O texto é composto de 30 parágrafos, 7 frases em destaque e nenhum subtítulo. Apresenta uma imagem, de um carro abandonado em Atibinha, parte do sistema da Cantareira. Não possui vídeos. Possui 18 *hiperlinks*, sendo 2 externos (um encaminha para site da fonte oficial, outro para reportagem no UOL) (Quadros 73, 74 e 75).

Quadro 73 – Informações gerais e plano da metanarrativa “*O mundo precisa de adultos responsáveis, não de otimismo infantilizados*”

Título	<i>O mundo precisa de adultos responsáveis, não de otimismo infantilizados</i>
Subtítulo	Como fazer para que as pessoas acordem para a mudança climática na época do entretenimento?
Data	21/05/2018
Tema	Meio ambiente
Contexto	Possível crise da água em São Paulo em ano eleitoral,

Fonte: A autora, 2019

Quadro 74 – Plano da expressão “*O mundo precisa de adultos responsáveis, não de otimismo infantilizados*”

Vozes presentes	Estratégias para dar a voz
Paul Hawken	Indireta, explicando o que fala em seu livro.
Gisele Bündchen	Direta, transcrevendo seu discurso do evento que esteve presente
Pedro Paulo Diniz	Indireta, citando sua fala no evento

Vicente Andreu	Direta, com aspas do seu discurso no evento
Apresentação da coluna	
Número de parágrafos	30
Número de subtítulos no texto	não possui
Subtítulos	não possui.
Número de frases em destaque	7
Frases em destaque	<ol style="list-style-type: none"> 1. “A normalidade agora é exceção” 2. Ser responsável hoje é afirmar que a situação NÃO está sob controle 3. Os adultos de hoje têm a mentalidade do século 20 e criam filhos com a mentalidade do século 20 4. A neurose do otimismo converte os pessimistas em traidores 5. O “otimismo” foi alçado a uma espécie de superioridade moral 6. Se a mudança climática lança a humanidade no mesmo barco, não é permitido esquecer que há barquinhos de papel e há iates de luxo 7. “Seu brinquedo vai parar na barriga da baleia”, diz Gisele Bundchen ao filho
Imagens e vídeos	
Número de imagens	1
<i>Características das Imagens</i>	Carro abandonado em Atibinha, parte do sistema da Cantareira.
Número de vídeos	Não possui
<i>Características dos Vídeos</i>	Não possui

Fonte: A autora, 2019

Quadro 75 – Plano do conteúdo “*O mundo precisa de adultos responsáveis, não de otimismo infantilizados*”

Recorte do tema	Mudanças climáticas
Estrutura	A coluna é introduzida com uma contextualização sobre a política em São Paulo e as mudanças climáticas que afetam a cidade. Ainda no primeiro parágrafo, Brum chama a atenção para a reflexão que direciona o texto. Ao longo do texto, Brum se aprofunda na reflexão associando as atitudes irresponsáveis com o meio ambiente com a mentalidade do século XX e a presença de Trump na Casa Branca (e o contexto brasileiro, que até então, mostrava Bolsonaro liderando em todos os cenários sem Lula) e os efeitos subjetivos da indústria do entretenimento. Ela contrasta estes fatores com dados oficiais, números da Cantareira e estudos de “cientistas sérios”. Finaliza o texto usando o discurso de Gisele como exemplo e chamando a atenção para a necessidade de assumirmos nossas responsabilidades.
Hipertextos	

Quantidade de hipertextos: 18		
Frase no texto	Local de destino	Tipo
fake News	https://brasil.elpais.com/tag/bulos_internet/a	Tag palavra-chave no El País
governador Geraldo Alckmin (PSDB)	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/27/opinion/1414418707_927989.html	Matéria relacionada no El País
Fórum Pacto Global	http://pactoglobal.org.br/confira-programacao-do-forum-pacto-global-2018/	Fonte – site oficial
Museu da Arte de São Paulo (MASP)	https://brasil.elpais.com/tag/masp_museo_art_e_sao_paulo_assis_chateaubriand/a	Tag palavra-chave no El País
crise de 2014	https://brasil.elpais.com/tag/crisis_hidrica/a	Tag palavra-chave no El País
São Paulo	https://brasil.elpais.com/tag/sao_paulo/a	Tag palavra-chave no El País
mudanças climáticas	https://brasil.elpais.com/tag/cambio_climatic/o/a	Tag palavra-chave no El País
Mata Atlântica	https://brasil.elpais.com/tag/mata_atlantica/a	Tag palavra-chave no El País
com um pesadelo como Donald Trump liderando a maior potência mundial	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/01/internacional/1496334641_201201.html	Matéria relacionada no El País
lidera as intenções de voto em cenários sem Lula	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/14/politica/1526313397_289889.html	Matéria relacionada no El País
a crise da água começou em 2014	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/02/opinion/1422883484_909975.html	Coluna Brum no El País
segundo reportagem do UOL	https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/05/12/reservatorio-do-cantareira-tem-nivel-mais-baixo-do-que-o-da-pre-crise-de-2014.htm	Outras reportagens – matéria no UOL
saúde mental	https://brasil.elpais.com/tag/salud_mental/a	Tag palavra-chave no El País
Museu de Arte Moderna (MAM)	https://brasil.elpais.com/tag/mam_museo_art_e_moderno_sao_paulo/a	Tag palavra-chave no El País
aquecimento global	https://brasil.elpais.com/tag/calentamiento_global/a	Tag palavra-chave no El País
Gisele Bündchen	https://brasil.elpais.com/tag/gisele_bundchen/a	Tag palavra-chave no El País
Basta ver quem está deslocando de suas casas	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/19/internacional/1521482051_011788.html	Matéria relacionada no El País

capacidade emocional de lidar com fatos difíceis	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/15/opinion/1518709564_202107.html	Matéria relacionada no El País
--	---	--------------------------------

Fonte: A autora, 2019

5.2 ANÁLISE GERAL

Consideramos pertinente fazer um panorama geral sobre toda a análise realizada, chamando a atenção para os principais pontos e considerações. Posteriormente a esta explanação, apresentaremos detalhes de cada uma das colunas analisadas, e as tabelas referentes a elas.

Os textos analisados se referem ao período de aproximadamente um ano, entre os dias 29.05.2017 e 21.05.2018. O Brasil, no contexto dos textos analisados, enfrentava um cenário político preocupante: Michel Temer, vice da ex-presidenta *impeachment* Dilma Rousseff, estava no poder aprovando medidas prejudiciais às minorias e ao meio ambiente. Brum define este momento em seus textos como uma “crise democrática”, onde um presidente não eleito pelo povo estava tomando medidas políticas prejudiciais a este mesmo povo, sem consultá-lo ou sequer sentir os impactos da insatisfação popular, e como uma “crise das palavras”, onde as palavras apresentam pouca força de mudança na realidade objetiva, ficando presas em gritos silenciosos nas redes. Além do cenário político em nível nacional se encontrar emaranhado nessas crises simbólicas, outros desafios políticos refletiam silenciosamente nos “mais frágeis”, como Brum se refere às minorias, primeiras e principais prejudicadas pelos abusos de poder e desigualdade social. A Amazônia vivia – e ainda vive – um cenário preocupante: descaso político com o meio ambiente e com as populações ribeirinhas e indígenas; esquemas de corrupção, milícia e grilagem nas áreas amazônicas ameaçando – e matando – a população e secretários do meio ambiente que tentam se posicionar contra; venda de terras preservadas para mineradoras estrangeiras desmatarem a floresta e extraírem ouro brasileiro; destruição da floresta; os efeitos objetivos da construção da usina hidrelétrica Belo Monte, no Xingu e, principalmente, as consequências subjetivas desses fatores nas esferas sociais, políticas e simbólicas.

Brum retoma assuntos de outros textos dela com frequência, seguindo uma lógica metanarrativa construtiva dos temas Amazônia, Belo Monte, política, imaginário social e os

efeitos disso nos mais frágeis. Jornalista que é, embasa toda reflexão na exposição dos fatos e análise dos mesmos, buscando examinar também a subjetividade dos cenários, articulando sociedade, política, meio ambiente, história e jornalismo.

Os textos de Brum refletem, denunciam e analisam as articulações simbólicas e práticas de situações provocadas por estes contextos político-sociais. De forma majoritária, a estrutura dos textos analisados é a seguinte: a jornalista apresenta a contextualização do momento político-social somada ao fato ocorrido – que atua como gancho para a reflexão. Geralmente, logo no começo do texto, a reflexão é proposta. No decorrer do texto, Brum desenvolve sua análise sobre o tema, fazendo articulações que se configuram como persuasivas, reflexivas, ensaísticas e jornalísticas – elementos abraçados por recursos literários, identidade dos textos de Brum.

Quando analisamos o plano da expressão, nos propomos a mapear as categorias: voz – vozes presentes/estratégias para dar a voz –; e apresentação da coluna – recursos multimidiáticos, subtítulos, destaques e tamanho do texto. Na categoria “voz”, observamos que Brum segue coerência pessoal do seu jornalismo em dar voz aos que, estruturalmente, são mais frágeis em nossa sociedade e não possuem voz significativa na grande imprensa tradicional. Esses são os mais impactados com as articulações políticas, os “invisíveis”, “os que morrem primeiro”, “os mais frágeis”. Nos textos analisados, essas pessoas são, por exemplo: o ribeirinho que está sofrendo por ter de sair de sua terra devido à grilagem e à construção de Belo Monte; a mãe que perdeu o filho morto pela polícia armada; os trabalhadores que manipulam amianto – material cancerígeno proibido no mundo todo, mas permitido no Brasil – sem proteção; o catador de papel que morreu pelas mãos da polícia; os moradores do Jardim Independente 1, que, devido às consequências de Belo Monte, estão ilhados em casas em um mar de lixo e água; as mulheres, que veem seus direitos sendo diminuídos por um congresso machista, principalmente as mulheres negras; os moradores da Vila da Ressaca, em Volta Grande do Xingu, que vivem em condições críticas e são manipulados por um esquema político coronelista; o artista acusado de pedofilia injustamente por grupos políticos que atacam a arte e a subjetividade; os índios; a mulher que perdeu a família devido ao amianto e não obteve justiça; os negros que sofrem consequências subjetivas da escravidão.

Para dar voz aos “mais frágeis”, Brum faz isso, principalmente de forma indireta, denunciando situações absurdas vividas por esses grupos sociais e as consequências das articulações políticas em suas vidas. Quando a voz é dada de forma indireta a esses grupos, Brum coloca trechos de depoimentos concedidos a outras reportagens ou de discursos; *hiperlinks* que levam a depoimentos das fontes em vídeo ou texto; imagens que refletem

sentimentos das fontes, como indignação, tristeza e raiva; um vídeo – de uma passeata pela paz e políticas públicas, organizada pela mãe do menino morto pela polícia; *hiperlinks* que levam a outras entrevistas realizadas por Brum. Quando a voz é concedida de forma direta, Brum recorre a entrevistas feitas por ela e transcritas com aspas. Em muitos casos, Brum dá a voz para criticar em seguida. Por exemplo, transcreveu em aspas trechos de um discurso de Jair Messias Bolsonaro simplesmente para criticar sua fala. Este recurso foi muito utilizado no decorrer dos textos e demonstra que, até para criticar, Brum recorre à força e aos significados presentes nas palavras do outro.

Ainda no plano da expressão, analisamos a apresentação das colunas de Brum, sob a luz das categorias: número de parágrafos; número e características dos subtítulos; número e características das frases em destaque; número e características das imagens; número e características dos vídeos. A nossa amostra contém o total de 1021 parágrafos, 61 imagens, 2 vídeos (estando um deles indisponível).

Pudemos notar que a utilização de imagens e vídeos é, de fato, muito pequena frente às possibilidades proporcionadas pela *web* e, principalmente, em relação ao tamanho do texto. Os textos são embasados na palavra escrita e os recursos multimidiáticos têm aplicação ilustrativa ao que está sendo contado nos parágrafos – como a imagem do texto “*Os 18 vendilhões*”, que mostra um conjunto de políticos homens e brancos sorrindo após aprovarem medidas prejudiciais para as mulheres, em contraste à expressão incrédula de uma mulher na cena, olhando para baixo. Algumas imagens ajudam a humanizar as personagens e tangibilizar as situações críticas relatadas no texto.

A forma e o conteúdo das colunas de Brum opõem-se à tendência do ciberjornalismo, que apresenta crescente empenho na forma das matérias – principalmente com recursos multimidiáticos – em detrimento da profundidade da informação, destacando-se nesse sentido.

O empenho na forma – em detrimento do investimento na substância, no contexto, na profundidade ou na produção de informação própria e exclusiva – é outro dos aspectos sobrevalorizados no ciberjornalismo. Mais do que a apresentação de notícias ou reportagens bem trabalhadas do ponto de vista jornalístico, tem vindo a privilegiar-se a procura do melhor grafismo, das melhores opções de usabilidade dos *sites*, de preferência imitando os melhores *sites* noticiosos internacionais, do melhor efeito visual e narrativo nas (escassas) reportagens multimédia, do último grito em produção Flash, do vídeo de curta duração que complementa o texto da agência, dos ícones ou aplicações da moda visíveis na homepage. (BASTOS, 2012, p. 293).

Bastos (2012) afirma que esta tendência tem base na diluição dos pilares centrais da atividade jornalística na Internet devido a questões como velocidade, instantaneidade,

economia e falta de percepção clara da Internet e suas implicações. Na maioria das redações, o jornalista atual realiza trabalhos como “alimentação de fluxos contínuos de última hora, adaptação de conteúdos, *copy/paste*, moderação de comentários, edição multimídia, gestão de redes sociais, etc.” (BASTOS, 2012, p. 294). Com isso, há uma diluição de pilares centrais da atividade jornalística, reverberando na perda da qualidade jornalística.

A diluição de pilares centrais da actividade jornalística no ciberjornalismo teve como principal consequência a perda generalizada da qualidade do jornalismo produzido nas redações digitais. Quando boa parte do tempo laboral e das energias dos profissionais é dirigido para tarefas de alto teor técnico de rotina e baixa densidade jornalística, não se poderia esperar que aquelas redações fossem um centro de produção permanente de notícias em primeira mão, de reportagens no terreno ou de trabalhos de investigação em profundidade. [...] Os ciberjornalistas, por sua vez, viram-se muitas vezes incompreendidos, com dúvidas sobre quais eram, ou deveriam ser, os seus papéis. Confrontados com novos dilemas éticos e deontológicos, sem formação específica para o exercício cabal do ciberjornalismo – em particular no que às competências multimídia diz respeito – e inseridos em equipas reduzidas, foram desde cedo colocados perante a exigência de produzir cada vez mais em quantidade e instantaneidade. O preço a pagar foi o declínio da qualidade e da profundidade. (BASTOS, 2012, p. 297).

No caso de Brum e sua colaboração para o El País, a realidade é outra. Ela escreve uma coluna para o jornal quinzenalmente e, portanto, as novas atividades executadas pelos ciberjornalistas expostas na pesquisa de Bastos não se aplicam à jornalista, assim como a necessidade de instantaneidade. Brum possui tempo para se aprofundar nos fatos e suas implicações, preservando a qualidade jornalística e, de forma singular, a profundidade.

Os textos de Brum apresentam poucos subtítulos e frases em destaque por texto (média de 40 parágrafos, 3 subtítulos, e 7 destaques por texto). A pequena quantidade de subtítulos revela pouca preocupação com os critérios de *rankeamento* dos conteúdos no Google, em que o uso de subtítulos e destaques é um dos elementos que contam para um bom posicionamento no *site* de buscas. Os subtítulos e destaques oferecem ao leitor a possibilidade de enxergar o conteúdo em partes e, ao fazer uma leitura dinâmica, conseguir ir direto ao ponto de seu interesse. No Guia de Otimização de Mecanismos de Pesquisas (SEO) para Iniciantes²², oficial do Google, é considerado uma atitude a ser evitada a de fazer “textos enormes sobre temas variados em uma página sem usar parágrafos, subtítulos ou separação de *layouts*”.

Apesar da utilização tímida, o uso dos subtítulos é particularmente interessante nos textos de Brum. A autora responde às perguntas do *lead* jornalístico – o que, quem, quando, onde, por que, como – no decorrer do texto e, muitas vezes, coloca as perguntas do *lead* nos

²² Disponível em: <https://support.google.com/webmasters/answer/7451184?hl=pt-BR>

subtítulos, respondendo-as nos parágrafos seguintes, dividindo o texto em estruturas. Por exemplo, no texto “*Senador José Porfírio, Pará, Amazônia: altíssimo risco*”, os subtítulos são inclusive enumerados para responder a algumas das perguntas do *lead* jornalístico: “1) Onde fica o projeto que pode destruir a floresta?”; “2) Quando o prefeito transforma a universidade em palanque e professores e alunos em reféns”. Ainda nesse texto é possível notar outra atribuição aos subtítulos de Brum: contar um fato. Por exemplo: “3) A secretária do Meio Ambiente está ameaçada de morte”.

Além disso, os subtítulos são usados para “dividir” o texto em partes separadas que conduzem à articulação persuasiva e reflexiva. Nesses casos, Brum se aprofunda em cada um dos pontos propostos nos subtítulos, em estruturas separadas, como podemos observar no texto “*Os 18 vendilhões*” com os subtítulos – enumerados:

- “1) Por que eles comemoravam tanto?”;
- “2) O que a religião tem a ver com isso?”;
- “3) Por que os 18 podem ser considerados perversos?”;
- “4) Isso é novo na política?”;
- “5) O que a escravidão tem a ver com isso?”

Em relação aos destaques, podemos observar a presença de frases impactantes e que resumem o parágrafo anterior ou posterior a elas. De certa forma, o leitor tem a possibilidade de obter um “resumo” do texto com a leitura das frases em destaque. É importante ressaltar que este “resumo” não engloba a complexidade abordada pela autora em seus textos, mas proporciona a absorção da essência do conteúdo da coluna para o leitor que “passar o olho” pela página.

No plano do conteúdo, pudemos notar algumas características interessantes nos textos de Brum. A primeira delas é que podem ser observadas diversas estratégias persuasivas que aumentam a retenção da atenção, assimilação do conteúdo e convencimento do seu ponto de vista. O uso de contraste é uma delas, que ajuda na assimilação do conteúdo e provoca impacto. O recurso do contraste para passar uma ideia é um princípio popular entre os produtores de conteúdo na *web*, estando presente, de forma consciente, em muitos conteúdos textuais disseminados na rede. Um dos livros mais difundidos entre os produtores de conteúdo *web* é a obra “*As armas da persuasão*”, que compartilha a pesquisa do professor e psicólogo social Robert Cialdini sobre as armas persuasivas utilizadas por vendedores e publicitários. O psicólogo afirma que existem “gatilhos mentais”, que são atalhos que o cérebro encontra para tomar decisões e compreender assuntos rapidamente. Entre os gatilhos mentais expostos pelo professor, estão, por exemplo, a autoridade – também muito utilizada no jornalismo, que aciona

o gatilho mental que leva ao pensamento automático: “se um especialista disse isso, deve ser verdade”, reduzindo os questionamentos e objeções; escassez – muito utilizada por publicitários para induzir à compra rápida; reciprocidade – utilizado até mesmo em articulações políticas internacionais; coerência – utilizar a coerência para expor fatos – e, uma das mais eficientes, o uso de contrastes. Sobre o contraste, o autor explica:

Existe um princípio na percepção humana, o princípio do contraste, que afeta a forma como vemos a diferença entre duas coisas quando apresentadas uma após a outra. Em suma, se o segundo item for razoavelmente diferente do primeiro, é grande a probabilidade de vê-lo como mais diferente do que de fato é. Assim, se erguemos um objeto leve primeiro e depois um objeto pesado, acharemos o segundo objeto mais pesado do que se o tivéssemos erguido sem antes erguer o leve. (CIALDINI, 2012, p. 24).

De acordo com Tomala e Petty (2007 apud Cialdini, 2012, p. 24), a grande vantagem do contraste como recurso persuasivo, além da sua eficácia, é que ele é usado de forma praticamente imperceptível. Cialdini afirma que o princípio do contraste está muito bem consolidado no campo da psicofísica e se aplica a todo tipo de percepção humana, sendo em frases, imagens ou situações do cotidiano, que ajudam na assimilação da informação de forma mais fácil pelo cérebro, que entende bem o contraste. Existe uma demonstração popular nos laboratórios de psicofísica nos Estados Unidos para apresentar os alunos a esse princípio:

Eles [os alunos] se revezam sentando-se diante de três baldes de água – um frio, outro na temperatura ambiente e um quente. Após colocar uma das mãos na água fria e outra na água quente, o estudante é instruído a pôr ambas as mãos simultaneamente na água de temperatura ambiente. Os olhares espantados que se registram logo em seguida explicam tudo: embora as duas mãos estejam no mesmo balde, a mão que esteve na água fria sente como se agora estivesse em água quente, enquanto aquela que esteve na água quente sente como se agora estivesse em água fria. O fato é que se pode fazer com que a mesma coisa – neste caso, a água com temperatura ambiente – pareça bem diferente dependendo da natureza do acontecimento precedente. (CIALDINI, 2012, p. 24).

O princípio do contraste, utilizado de forma consciente ou não, é muito explorado por Brum em seus textos: em todos os artigos do *corpus* encontramos o contraste em determinadas frases – alguns até mesmo imagens – para transmitir a informação, como nos trechos:

A empresa havia se comprometido com casas de alvenaria de três tamanhos diferentes e com a distância de até dois quilômetros do local de origem, mas acabou entregando casas muito mais longe, de um só tamanho, feitas de concreto pré-moldado e que já começaram a exibir rachaduras e buracos.

Em alguns casos, Brum utiliza o contraste também associado a efeitos literários, mesclando o contraste e a metáfora, como na frase:

Mas há uma outra corrosão e outras rachaduras que seguirão comprometendo a vida. E causando a morte.

Outra característica presente em todos os textos de Brum, que se configura em estratégia persuasiva, é a constante provocação através de questionamentos. Questionar é uma forma natural de atrair a atenção de alguém. Podemos devanear enquanto alguém fala conosco, mas, no momento em que essa pessoa nos faz uma pergunta somos condicionados a voltar nossa atenção para o assunto, a fim de elaborar uma resposta (CIALDINI, 2017). Fazer perguntas ao longo do texto é uma estratégia persuasiva muito utilizada – e disseminada por diversos cursos online de produção de conteúdo *web* - para reter a atenção de leitores em artigos longos na *web*. Porém, além do viés persuasivo dos questionamentos, é de extrema relevância o seu papel no estímulo ao pensamento e à reflexão para compreender a sociedade. Em algumas colunas, o leitor é conduzido de pergunta em pergunta proposta por Brum, cada uma apresentando cenários complexos da sociedade. Questionar é o princípio da compreensão e um dos papéis do jornalismo, principalmente de uma jornalista que se propõe a estimular o “olhar de espanto” com seus textos. Em muitos deles, Brum estimula a indignação frente ao absurdo apenas propondo questionamentos sobre a realidade; por exemplo:

Como uma pessoa humana pode condenar uma mulher a viver uma gestação em que ao final terá um caixão e não um berço?

Através da análise do corpus no plano do conteúdo é possível afirmar que o objetivo central dos textos de Brum é o de proporcionar compreensão das articulações dos cenários político-sociais e como elas impactam a vida dos “invisíveis”. E, para levar à compreensão de cenários complexos, que se constituem também de fatores subjetivos, o questionamento é um elemento fundamental. A pergunta é um “nó” condutor entre um pensamento e outro, que é o processo da busca por respostas, entendimento e reflexão. A provocação à reflexão e à compreensão é um dos pontos centrais dos textos de Brum. Ela convida o leitor à reflexão através da busca pelo sentido lógico dos fatos expostos e do estímulo aos questionamentos, principalmente em níveis simbólicos e subjetivos. O questionamento estimula a inteligência, alarga a compreensão dos cenários e induz a um padrão de pensamentos embasados no hábito de perguntar, estimulando a criticidade dos cidadãos. Já diria Aristóteles, “a dúvida é o princípio da sabedoria”. Em muitos momentos, observamos que os questionamentos propostos pela

autora são condutores de uma linha de raciocínio reflexivo, talvez percorrido pela própria jornalista em seu trabalho cognitivo pessoal, nos seus questionamentos, como no trecho:

Talvez este seja um impasse para o movimento das Diretas Já no Brasil. Embora existam vozes fortes lutando por elas em textos e manifestos, assim como nos carros de som e também no congresso, as eleições diretas poderiam se realizar, de fato, num sentido mais profundo, sem uma presença representativa nas ruas? E, ainda: o clamor das Diretas Já se tornaria capaz de marcar a retomada da reinvenção da política? Ou a paralisia gritada, mascarada de movimento, seguirá pontuando o cotidiano? Os dias dirão.

Em alguns textos, o fio condutor da narrativa são questionamentos hipotéticos, como no texto: “*E se a classe média de Pinheiros tivesse se omitido?*”, em que a autora reflete sobre os efeitos simbólicos que a sociedade enfrentaria caso a reação dos moradores de Pinheiros fosse diferente frente ao assassinato do catador de papel, Ricardo Nascimento.

Não é possível afirmar se Brum utiliza estes recursos persuasivos de forma consciente, mas possivelmente são fatores que influenciam o leitor a reter a atenção no conteúdo e a ser melhor convencido da validade dos argumentos propostos.

Ela também faz o papel de criticar a imprensa – o que ela chama de “parte da imprensa” – e elucidar o leitor sobre o que é dito, não dito e como é dito, e seus impactos subjetivos na sociedade. Um exemplo disso é no texto “Cotidiano de exceção”, em que ela explica o efeito simbólico na sociedade provocado pela forma de narrar a manifestação sobre o fato por parte da imprensa. Essa característica é encontrada em muitos textos da amostra.

Em todos os textos Brum expõe sua opinião. Sob a luz de fatos, dados, livros, autores, e até mesmo outros textos seus, ela articula seus textos compartilhando sua reflexão pessoal, que parte do “eu”, do pensamento individual.

Ainda no plano do conteúdo, quando analisamos a estrutura dos textos de Brum, percebemos que eles traçam linhas de causalidade, característicos das narrativas (MOTTA, 2013). De forma bem simplificada, a fim de proporcionar a visualização, podemos verificar a recorrência de uma estrutura aproximadamente assim: X acontece por causa de Y, e isso reverbera na situação Z, que impacta na vida dos mais frágeis de forma W. E essa lógica causal envolve fatos objetivos e também fatores subjetivos, como resquícios da escravidão e do machismo.

A estrutura causal, clássica das narrativas, é eficiente para a compreensão do que está sendo explicado principalmente porque é a forma cultural como pensamos e articulamos reflexões lógicas, devido à nossa consolidação como sociedade letrada (MCLUHAN, 2005).

Independentemente de ser uma herança cultural, fruto da nossa constituição enquanto sociedade embasada na linearidade do alfabeto, é fato que a estrutura de causa-consequência é entendida muito bem pelos seres humanos, que, culturalmente, veem a narrativa permeada na vida, entrelaçada a ela.

A narrativa como parte intrínseca à sociedade e à cultura também dá a ela potencial transformador na realidade objetiva. Segundo Brum, “é com nome e com histórias e com laços que se rompe a invisibilidade”. E este tem sido seu principal esforço nas colunas no El País: romper a invisibilidade e proporcionar mudanças através das suas narrativas.

Ainda no campo do conteúdo, analisamos todos os hipertextos presentes nos textos, seus direcionamentos e seu uso. De forma geral, verificamos que os hipertextos presentes têm os seguintes direcionamentos: *tag* da palavra-chave no *site* do El País – brasileiro e espanhol; outras colunas de Brum no *site* do El País – brasileiro e espanhol; matérias relacionadas no *site* do El País – brasileiro e espanhol; outras reportagens e notícias – de diversos *sites*; fontes – *sites* oficiais das fontes; depoimentos – vídeos e entrevistas com os depoimentos citados no texto; matérias de Brum em outros *sites*; *link* para palavra-chave na Wikipedia; colunas de Brum no seu *site* “*Desacontecimentos*”.

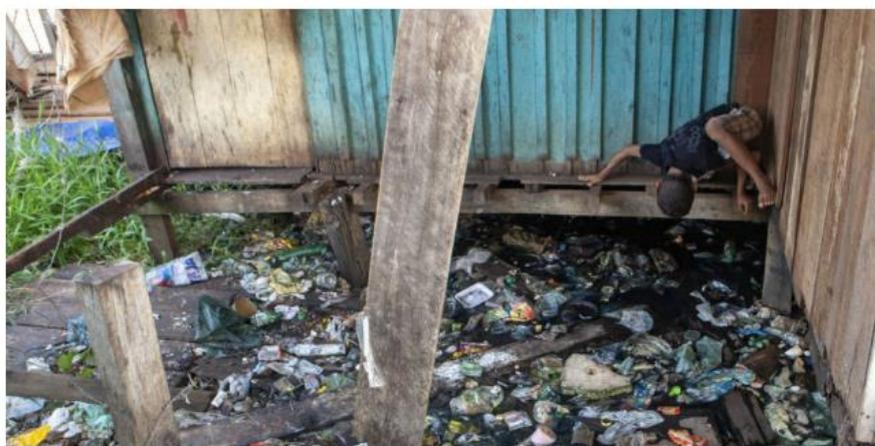
Pudemos observar que os *hiperlinks* objetivam majoritariamente o incentivo à navegação no *site* do El País, com aproximadamente 86% dos direcionamentos encaminhando para navegação no *site* do El País, como no exemplo em que direciona para a palavra-chave (palavra que atua como nó para o *hiperlink* no texto) é “Veneza”, no texto “*A Veneza de Belo Monte*” (Figuras 10 e 11).

Figura 10 – Print El País – hiperlinks em “A Veneza de Belo Monte”

≡ EL PAÍS BRASIL

sempre insuportável, mas o insuportável se torna suportável porque a vida se impõe. O insuportável sempre pode ser colocado mais à frente.

O Jardim Independente 1 depois da catástrofe de Belo Monte é um mundo em que as casas se comunicam por tábuas inseguras, muitas delas rachadas ou com rombos, colocadas pelos moradores. O Jardim Independente 1 antecipa uma **Veneza** do apocalipse pós-climático. Belo Monte é a ação do homem que arrebenta a possibilidade de vida primeiro dos mais pobres, mas cujo efeito nunca termina. E vai se propagando em círculos cada vez maiores.



Fonte: A autora, 2019²³

²³ Print construído a partir da página do El País (online). Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/14/politica/1526322899_121198.html

Figura 11 – Print El País – hiperlinks: palavra-chave “Veneza”

The screenshot shows the El País website interface. At the top, there is a navigation bar with 'EL PAÍS', 'VENEZA', and 'ASSINE'. Below the navigation bar, there are three main article cards and a sidebar with advertisements.

Article 1: As inundações em Veneza, em imagens
 30/10/2018 - 13:24 BRST
 75% da cidade está submersa, com um máximo de 156 centímetros atingidos pela maré alta. Se trata da maior 'acqua alta', como esse fenômeno é conhecido, desde 2008. A forte tempestade que atinge a Itália desde domingo já causou 10 mortes

Article 2: Buster Keaton volta a fazer rir
 TOMMASO KOCH | 31/08/2018 - 20:42 BRT
 Peter Bodganovich homenageia o mestre do humor com um documentário

Article 3: Veneza para ver sem tocar
 LAURA DELLE FEMMINE | 05/08/2018 - 19:02 BRT
 Administração local aumenta as proibições para proteger uma cidade invadida por 25 milhões de turistas por ano. Prefeitura já instalou catracas para regular fluxo de visitas

The sidebar contains several advertisements for 'MARMITA' (sandwiches) from various restaurants: Toatoo Restaurante E Lanchonete, Prediletus Lanches, Big Fogazza, Marmitaria - Berrini, Somos Todos Gourmet, and Restaurante Belo Horizonte. There is also a 'Peça agora!' button and the 'ifood' logo.

Fonte: A autora, 2019²⁴

Este uso dos *hiperlinks* que visam estimular a navegação interna no *site* configura em uma estratégia de posicionamento do *site* no Google. Segundo o Guia de Otimização de Mecanismos de Pesquisas (SEO) para Iniciantes (GOOGLE, c2019) do próprio Google, inserir *links* internos é uma das estratégias que otimizam o posicionamento do *site* nas pesquisas de buscas. Porém, a escolha por direcionar os *links* para as palavras-chave no mecanismo de pesquisa do El País – a mais utilizada nos textos de Brum – é uma escolha que não valoriza o posicionamento no Google, e é sugerido no guia, inclusive, que essa abordagem seja evitada. O guia ensina:

Pense também em textos âncora para os *links* internos. Normalmente, a vinculação é pensada somente em termos de direcionamento para *sites* externos, mas prestar mais atenção ao texto âncora usado nos *links* internos pode ajudar os usuários e o Google a navegarem melhor no seu *site*. Evite: usar textos âncora muitos extensos ou cheios de palavras-chave direcionados somente para os mecanismos de pesquisa; criar *links* desnecessários que não ajudam na navegação do usuário pelo *site*. (Otimização de mecanismos de pesquisa (SEO) para iniciantes. (GOOGLE, c2019)²⁵.

Além da abordagem de direcionamento para a palavra-chave no mecanismo de buscas do *site* do El País não ser tão interessante para o posicionamento do texto no Google, sob o ponto de vista do usuário, em alguns casos, pode se configurar em uma quebra no texto e do raciocínio para uma dispersão que não acrescenta efetivamente na compreensão e

²⁴ Print construído a partir da página do El País (online). Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/14/politica/1526322899_121198.html

²⁵ Disponível em: <https://support.google.com/webmasters/answer/7451184?hl=pt-BR#optimize>

aprofundamento do conteúdo. No caso do exemplo anterior, do *link* para palavra-chave “Veneza”, o leitor que clica no *hiperlink* está lendo uma matéria sobre efeitos devastadores de Belo Monte e, ao clicar em “Veneza” é encaminhado para a página de buscas do El País com notícias sobre Veneza, que não acrescentam no conteúdo que está sendo lido. Em outros casos, o *hiperlink* direcionador para a palavra-chave no El País dá a oportunidade de o leitor ficar a par das últimas notícias sobre o acontecimento divulgados no *site* do jornal. Por exemplo, em um texto sobre política que tem *hiperlink* vinculado à palavra-chave “Lula”, ao clicar no *link* estaremos atualizados sobre as últimas notícias relacionadas ao ex-presidente.

A utilização dos *hiperlinks* para navegação interna no *site* também é realizada através do estímulo à leitura de matérias relacionadas ao assunto e outras colunas da própria Eliane Brum no El País. Essas abordagens proporcionam aprofundamento no conteúdo e contextualização dos fatos citados. Em muitos casos, Brum apenas cita determinado acontecimento e insere um *link* para matéria no El País que explica o ocorrido. Quando Brum insere *hiperlinks* direcionados aos seus textos no *site* pessoal “Desacontecimentos” ou em outras colunas escritas por ela no El País, ela proporciona ao leitor o acesso a outros pensamentos da autora, enriquecendo a lógica do raciocínio proposto, aumentando a compreensão da realidade política brasileira sob a perspectiva dela, que possui uma linha condutora entre seus textos (no caso da amostra analisada, percebemos que essa linha condutora é a política relacionada ao meio ambiente e impactos na vida dos mais frágeis – tudo isso sob uma perspectiva subjetiva da sociedade e humanização dos atores sociais envolvidos).

É importante ressaltar a inserção de *links* para a palavra-chave no *site* “Wikipedia” (compondo 18,5% dos *links* externos), proporcionando entendimento de conceitos, personalidades e instituições. Essa utilização do *hiperlink* apresenta caráter educativo e esclarecedor. É análogo à possibilidade de, em tempos de jornais impressos, o jornalista direcionar o leitor para a explicação de conceitos em enciclopédias, sem precisar de ele mesmo sintetizar a explicação no decorrer do texto.

Este alargamento das possibilidades jornalísticas através dos *hiperlinks* é percebida também na utilização dos mesmos direcionando para outras reportagens: há a possibilidade de apenas citar o acontecimento (ou perspectiva do mesmo) e inserir o *hiperlink* que direciona para notícias sobre o fato (ou determinada reflexão sobre ele em outras reportagens), para que caso o leitor ainda não tenha se inteirado do assunto o faça naquele momento e, se já sabe o que aconteceu (ou já leu sobre determinado ponto de vista explicitado), siga sua leitura. Essa possibilidade estimula cada vez mais desdobramentos e reflexões sobre os fatos, ao invés da repetição e a explicação dele em diversos veículos. É importante ressaltar que os textos de Brum

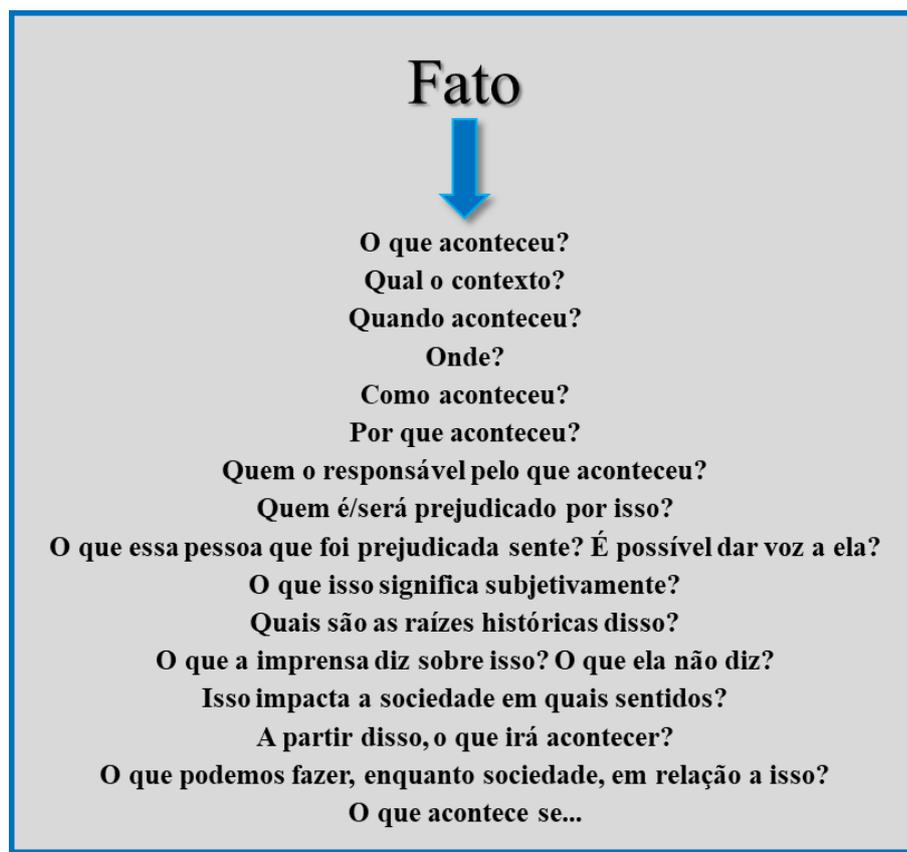
não fazem parte do que o jornalismo chama de “Hard News”, que se compromete em vincular notícias quentes.

O uso predominante de *links* externos pela jornalista é o direcionamento para as fontes (aproximadamente 48% dos *links* externos). Este uso é enriquecedor para a matéria jornalística, pois concede ao leitor acesso direto à fonte, para que acesse o documento, veja o vídeo, veja a fonte com seus olhos. Além disso, o recurso confere credibilidade aos textos da autora em uma era onde as fake News são realidade.

Nas colunas da amostra é possível notar algumas características muito presentes no jornalismo de Brum (LEÃO, 2017) como: utilização de recursos visuais (narrar a cena para que o leitor visualize o momento da entrevista ou a cena contada), efeitos de real, recursos literários, utilização da empatia e humanização da fonte (“Para compreender, é preciso vestir a pele de alguém que tem amianto dentro do seu corpo”), a busca pela angulação diferente ao abordar o fato e, naturalmente, a busca pelo desacontecimento, considerado pela autora o como o cerne da sua reportagem.

Um ponto observado na análise que merece ser ressaltado é o de que, no decorrer do texto, Brum responde às perguntas do *lead* jornalístico (como citado anteriormente) e mais algumas perguntas comuns à maioria das colunas analisadas. De forma geral, as perguntas respondidas por Brum podem ser agrupadas da seguinte forma (Figura 12)

Figura 12 – Forma de agrupamento das perguntas respondidas por Brum



Fonte: A autora, 2019

Ao responder estas perguntas (e outras, que vão sendo propostas de acordo com os fatos, seus desdobramentos e a reflexão em questão) Brum consegue abranger com maior complexidade os entrelaçamentos sociais que envolvem o fato, buscando dizer o que ainda não foi dito por nenhum outro texto na Internet. Com isso, ela cumpre um dos principais papéis sociais do jornalismo segundo Kovach e Rosenstiel (2005), que é “dar aos cidadãos a informação de que necessitam para serem livres e autogovernarem-se” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2005, p. 16).

Bastos afirma que apesar das especulações sobre o “fim do jornalismo como o conhecemos”, o papel social do bom jornalismo “continua a ser indispensável a um funcionamento saudável das sociedades democráticas” (BASTOS, 2012, p. 297). Enfatizamos a necessidade de que, o bom jornalismo hoje, se comprometa a contextualizar, explicar para o leitor. Principalmente em um contexto onde o jornalismo é permeado de acontecimentos de instantes, em que os fatos são divulgados instantaneamente e distorcidos por qualquer pessoa que se disponha a fazê-lo, o papel do jornalista analítico mostra-se insubstituível. Os textos de Brum são um exemplo disso. Posteriormente, faremos a análise separada de cada coluna,

explicitando os pontos mais importantes encontrados na análise. Quando os textos apresentam imagens meramente ilustrativas e destaques que resumem o conteúdo dos parágrafos seguintes ou anteriores, consideramos desnecessário incluí-los no texto da análise, porém podem ser observados na análise contida nas tabelas.

De forma geral, no plano da expressão, observamos que, de fato, as colunas da jornalista são embasadas na palavra escrita, com o número de parágrafos ocupando a maior parte dos elementos das páginas (total de 1021 parágrafos). A utilização das imagens e vídeos é muito pequena, sendo as imagens utilizadas de forma ilustrativa em textos argumentativos e, em textos que se aproximam das reportagens, Brum utiliza-as de forma a aproximar o leitor daquela realidade retratada. No total, foram encontradas 61 imagens e 2 vídeos, estando um indisponível. A apresentação da coluna, no plano da expressão, demonstra páginas essencialmente textuais, com poucas quebras do texto.

Em relação à voz, foi observada tendência a dar voz (de forma direta ou indireta, variando) aos “mais frágeis”, expondo sua realidade e os responsáveis por ela.

Em relação à metanarrativa, observamos prioritariamente os temas: meio ambiente está sendo destruído e ninguém fala sobre isso; política em geral, sob a ótica progressista; responsabilização de todos nos cenários sociais, os “mais frágeis” são os que mais sofrem e os que são menos escutados; as palavras possuem força transformadora; Belo Monte está destruindo a Amazônia e as populações que vivem lá.

No plano do conteúdo, observamos uma estrutura chave, que envolve: exposição do fato – contextualização do mesmo – reflexão que guiará o texto – questionamentos, fatos e fontes articulados, guiados pela reflexão proposta anteriormente – chamada para responsabilização do leitor no cenário em questão – conclusão do texto, geralmente associada à metanarrativa principal da coluna. Ainda neste plano, a análise demonstrou utilização majoritária dos hiperlinks direcionados para navegação interna no El País, principalmente direcionados para tags de notícias no site, atualizando o leitor sobre as notícias relacionadas ao tema em questão. De certa forma, essa utilização prejudica a leitura, constituindo-se em distrações para o raciocínio chave do texto. Por exemplo, se estamos lendo sobre mudanças climáticas e, no meio do texto, clicamos no hiperlink de “Fake News” e caímos na página do El País sobre notícias sobre Fake News, perdemos o foco do texto. E, tratando-se dos textos de Brum, é importante a retenção do leitor na página, já que são reflexões articuladas, que levam a uma mensagem final. Foram encontrados 657 hiperlinks, sendo 565 internos e 11 direcionando para páginas não encontradas.

Em relação ao uso dos hiperlinks externos (81, no total), a autora os utiliza majoritariamente para o acesso às fontes (39), além de encaminhar para a Wikipedia, a fim de proporcionar aprofundamento de conceitos, pessoas e lugares (15, no total), outras reportagens, como leitura complementar (foram encontrados 23 hiperlinks), outras colunas de Brum, situadas fora do El País (2) e link para compra de livros citados (2). Este cenário revela a preocupação da autora em proporcionar ao leitor profundidade de leitura, navegando por outras matérias de aprofundamento e acessando os documentos e sites das fontes oficiais, aproximando o leitor aos elementos utilizados pela autora na construção dos textos.

Em relação aos dados gerais quantitativos da análise: no total, a amostra totalizou 1.021 parágrafos, 182 frases em destaque, 74 subtítulos, 61 imagens, dois vídeos, 657 hiperlinks, sendo 81 externos (39, direcionam para fontes; 15 para a Wikipedia; 23 para reportagens em outros sites; dois links para compras e duas colunas da autora em outros sites); 11 páginas não encontradas e 565 internos, estimulando a navegação no site do El País. A seguir, teceremos nossas considerações finais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante deixar claro que este trabalho não pretende trazer respostas, mas, provocar reflexões sobre os textos de Brum na *web* e sua relevância. Ler Eliane Brum no El País, um texto de leitura intensiva, provocante e reflexiva sobre o contexto brasileiro e suas articulações subjetivas é, no mínimo, um exercício de alargamento da criticidade cidadã e da elucidação sobre as teias simbólicas que tecem o cotidiano, refletindo no que chamamos de realidade objetiva da nossa sociedade.

Buscando dizer o que ainda não foi dito por nenhum outro texto na Internet, a relevância dos textos de Brum se baseia na abordagem que abrange a complexidade social na qual o fato está envolvido. Para tanto, a autora se deixa guiar por questionamentos, o que concluímos ser a essência argumentativa dos seus textos, articulados por perguntas que levam a outras perguntas, seguindo a máxima de Albert Einstein: “O importante é não parar de questionar”. Questionar é essencial para a compreensão da sociedade, principalmente no que diz respeito ao exercício jornalístico.

O olhar para a subjetividade é o segundo ponto central nos textos da jornalista: ultrapassa a barreira objetiva, considerada a “realidade” em nossa sociedade. Para Brum, não há diferença entre a subjetividade a objetividade no que diz respeito à realidade: ambas a compõem, uma impacta na outra e as duas recaem sobre todas as esferas da sociedade. A análise da subjetividade, presente em todos os textos analisados, é um dos diferenciais do jornalismo de Brum.

Outro ponto observado na análise é a confirmação de Brum como repórter que dá voz aos invisíveis através da empatia e busca os desacontecimentos. Em todos os textos, a bandeira levantada é pelos “mais frágeis”, as minorias, os que possuem pouca ou nenhuma voz na grande mídia. A autora humaniza suas fontes, revela detalhes que a aproximam do leitor e reforça tal exercício com as imagens das colunas. Brum atua como intercambiadora entre a vida dos “mais frágeis” e seus leitores.

A autora também demonstra intensa preocupação com a história do Brasil e do mundo: com o que ela nos ensina, o que nos alerta, como o fato em questão vai ficar na história e, principalmente, com quais histórias estão sendo contadas e quais estão sendo omitidas. Nesse sentido, enquanto jornalista e, portanto, parte ativa da construção do momento histórico recente, é possível afirmar que a autora escreve suas colunas visando contribuir historicamente, através

de narrativas que permitem o alargamento da compreensão subjetiva do momento atual, assim como a perspectiva dos “Brasis” que raramente são contados - e são por ela, dessa forma, parte da história recente do Brasil.

A crítica é um elemento presente em todos os textos. A autora critica os governantes, a imprensa e até mesmo eu e você, em nossa apatia das redes sociais. Ela faz o que se propôs a fazer como jornalista (no livro “*Meus desacontecimentos*”): o de gritar as revoltas do mundo e denunciar as injustiças. E, faz embasada inegociavelmente nos fatos, questionando, analisando, articulando com um livro que leu, ouvindo as pessoas que sofrem.

Os *hiperlinks*, conforme já mencionamos, são em maioria, utilizados de forma interna, para estimular a navegação no El País. De forma tímida, mas relevante, a autora utiliza os hiperlinks externos como forma de acesso aos sites oficiais das fontes consultadas, materiais citados, como vídeos e documentos, e outras reportagens que serviram de inspiração ou elemento argumentativo para a autora, proporcionando ao leitor contato com as fontes de seu texto, para, caso desejar, possa se aprofundar e continuar a leitura. Portanto, os links externos propostos por Brum proporcionam o aprofundamento da leitura.

O texto escrito possui a possibilidade de expressar, através das palavras, reflexões, questionamentos que levam à compreensão dos assuntos propostos, abordados com a complexidade necessária, principalmente na Internet, em que não há mais limitações do espaço físico para as palavras. Neste momento, em que enfrentamos uma “crise das palavras”, como classifica a autora, as narrativas escritas na Internet, principalmente as jornalísticas, precisam dizer mais do que superficialidades e repetições do que já foi dito. Para que o jornalismo, através das palavras escritas, continue tendo o potencial social transformador a que se propõe, é preciso que os textos elucidem o leitor sobre a realidade complexa que o perpassa – e o seu papel nisso. Estamos em um momento histórico onde as experiências dos sujeitos são transmitidas em maior velocidade e alcance. Se um indivíduo se conscientizar verdadeiramente sobre sua responsabilidade nas catástrofes ambientais na Amazônia, por exemplo, pode compartilhar com sua rede de amigos as mudanças que tem feito no seu estilo de vida, seus pensamentos, os textos que o provocaram para tal conscientização. E, de forma otimista, este movimento pode ter um “efeito corrente”, uma espécie de “revolução da conscientização”, através do consumo de conteúdos que atentem as pessoas para tal. Se pensarmos que na Internet todos têm voz e podem ser ouvidos (e lidos), é necessário, portanto, que seja desenvolvida responsabilidade e consciência não apenas com o que é dito e disseminado na rede, mas também através do entendimento da engrenagem por trás dos fatos, assim como a responsabilidade de cada um neste cenário, reverberando na realidade objetiva de nossa sociedade. Um dos papéis do

jornalismo escrito hoje pode estar justamente atuando nesse sentido, trazendo compreensão e conscientização sobre os cenários sociais e políticos, levando o leitor ao entendimento da sua responsabilidade com os mesmos.

Obviamente, o acesso a estes conteúdos escritos complexos, profundos e provocantes não vão atingir todos os leitores. É preciso que o hábito da leitura esteja instaurado, que este leitor possua tempo, interesse e disposição para fazê-lo, assim como o domínio da língua portuguesa.

Como crítica, propomos a reflexão sobre os títulos das colunas: são muitas vezes literários, com frases de efeito que não refletem a denúncia ou reflexão central do texto de forma acessível para o leitor que está navegando na rede. Partindo do princípio que hoje o que atrai o leitor em um primeiro momento é a provocação exposta no título, seus textos poderiam atingir um número maior de leitores interessados nas reflexões propostas mas que não são atraídos para a leitura pelo potencial reflexivo não estar explícito no título. Hoje, na Internet, o título, mais do que uma síntese do texto, atua como “vitrine” para o conteúdo, sendo interessante refletir sobre o potencial de alcance de públicos interessados através de títulos mais acessíveis e comunicativos sobre a essência do texto.

Brum, premiada diversas vezes por seu jornalismo, reforça o papel do grande texto jornalístico, principalmente no contexto *web*, em que a comunicação está tateando novos caminhos para a profissão. Os papéis do jornalismo tradicional, por exemplo, de cobrar os governantes e traduzir o mundo e os acontecimentos para o leitor é realizado pela autora de forma profunda, que explica as articulações dos fatos e esferas que envolvem determinado cenário, subjetivamente e objetivamente. A Internet amplia a possibilidade deste exercício através da liberdade de escrita, inserção de elementos de aprofundamento (como outras leituras complementares e materiais que acrescentam à leitura e colaboram com a compreensão e aprofundamento do que é noticiado nas *Hard News*). O exercício do jornalista de grandes textos na *web*, usando recursos multimidiáticos ou não, deve ser o de proporcionar a compreensão do cenário maior para os leitores. Para exemplificar este papel do grande texto jornalístico escrito na Internet, citamos um trecho da coluna analisada “*Cotidiano de exceção*”: Hoje,

tudo acontece depressa, mas nada acontece de verdade. Toda notícia do telejornal é ‘urgente’, mas só até ser desbancada pela notícia seguinte. Com isso, somos atingidos por uma onda atrás da outra, mas nunca vemos o oceano.

Brum nos ajuda a ver o oceano.

REFERÊNCIAS

- ABIB, T. A. **O jornalismo de desacontecimentos e novo percurso narrativo de Eliane Brum: diálogos e transformações**. 2017. 220 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2017.
- ADGHINI, Z. L. Informação on-line: jornalista ou produtor de conteúdos? **Revista Contracampo**, Niterói, v. 0, n. 6, p. 137–151, 2002. Doi: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i06.470>.
- ALTIERI, J. **Ler no tempo**: as formas de leitura em ambientes digitais. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013, Ouro preto. **Anais** [...] Ouro preto: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. p. 1–15. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-digital/ler-no-tempo-as-formas-de-leitura-em-ambientes-digitais>. Acesso em: 16 jan. 2019.
- ANAND, B. **A armadilha do conteúdo**. Tradução de Roberto Resenze. Rio de Janeiro: Starlin Alta, 2018.
- BARBOSA, M. **História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- BARDIN. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BARTHES, R. **Aula**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BARTHES, R. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, R. et al. (Org.). **Introdução à análise estrutural da narrativa**. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 19–62.
- BASTOS, H. A diluição do jornalismo no ciberjornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 284–298, 2012. Doi: 10.5007/1984-6924.2012v9n2p284.
- BELTRÃO, L. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Lcskov. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197–221.
- BOTELHO, T. R. População e espaço nacional no Brasil do século XIX. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 7, n. 8, p. 67–83, 2005.
- BRAGA, M. L. S. Transmutações Da Escrita Em Suporte Digital. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 37, n. 62, p. 02–15, 2012. Doi: 10.17058/signo.v37i62.2832.
- BURKE, P. **Uma história social do conhecimento**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BRUM, Eliane. **A Academia do Oscar fez justiça ao expulsar Polanski e Cosby por crimes contra as mulheres?**. El País. São Paulo, 07 mai 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/07/opinion/1525711712_488892.html . Acesso em: 23 jan. 2019

BRUM, Eliane. **A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

BRUM, Eliane. **A Amazônia não é nossa**. El País. São Paulo, 02 out 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/02/opinion/1506961759_879609.html . Acesso em: 12 fev. 2019

BRUM, Eliane. **A Globo, do outro lado do paraíso**. El País. São Paulo, 28 nov 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/27/politica/1511789919_861528.html. Acesso em: 16 fev. 2019

BRUM, Eliane. **A Lava Jato como purgação e maldição**. El País. São Paulo, 26 jun 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/26/opinion/1498488947_331660.html. Acesso em: 25 jan. 2019.

BRUM, Eliane. **A invenção da infância sem corpo**. El País. São Paulo, 12 mar 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/12/opinion/1520873905_571940.html. Acesso em: 18 fev. 2019

BRUM, Eliane. **A lei não é para todos**. El País. São Paulo, 04 set 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/04/opinion/1504537298_383906.html. Acesso em: 10 fev. 2019

BRUM, Eliane. **As mulheres que dizem não**. El País. São Paulo, 25 dez 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/25/opinion/1514215938_126857.html . Acesso em: 16 fev. 2019

BRUM, Eliane. **A Veneza de Belo Monte**. El País. São Paulo, 15 mai 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/14/politica/1526322899_121198.html . Acesso em: 23 fev. 2019

BRUM, Eliane. **Como enfrentar o sangue dos dias**. El País. São Paulo, 26 mar 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/26/politica/1522080125_945009.html. Acesso em: 22 fev. 2019

BRUM, Eliane. **Como fabricar monstros para garantir o poder em 2018**. El País. São Paulo, 31 out 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/30/opinion/1509369732_431246.html. Acesso em: 14 fev. 2019

BRUM, Eliane. **Cotidiano de Exceção**. El País. São Paulo, 27 maio 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/29/opinion/1496068623_644264.html. Acesso em: 15 jan. 2019.

BRUM, Eliane. **Democracia sem povo**. El País. São Paulo, 21 ago 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/21/opinion/1503324298_467830.html . Acesso em: 10 fev. 2019

BRUM, Eliane. **E se a classe média de Pinheiros tivesse se omitido?**. El País. São Paulo, 24 jul 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/24/opinion/1500906089_804382.html . Acesso em: 10 fev. 2019

BRUM, Eliane. **Esquerda, direita e o embargo da memória**. El País. São Paulo, 27 fev 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/26/opinion/1519658924_002382.html. Acesso em: 18 fev. 2019

BRUM, Eliane. **“Fui morto na internet como se fosse um zumbi da série The Walking Dead”**. El País. São Paulo, 12 fev 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/12/opinion/1518444964_080093.html . Acesso em: 16 fev. 2019

BRUM, Eliane. **“Mataram meu filho. Mas não quero polícia mais armada, eu quero políticas públicas”**. El País. São Paulo, 16 out 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/16/opinion/1508154788_843826.html . Acesso em: 12 fev. 2019

BRUM, E. **Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras**. São Paulo: Leya Brasil, 2014.

BRUM, Eliane. **Gays e crianças como moeda eleitoral**. El País. São Paulo, 18 set 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/18/opinion/1505755907_773105.html . Acesso em: 12 fev. 2019

BRUM, Eliane. **Lula, o humano**. El País. São Paulo, 9 abr 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/09/politica/1523288070_346855.html. Acesso em: 22 fev. 2019

BRUM, Eliane. **Lula, o inconciliável**. El País. São Paulo, 11 abr 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/10/opinion/1523379689_775390.html. Acesso em: 22 fev. 2019

BRUM, Eliane. **O Brasil desassombrado pelas palavras-fantasmas**. El País. São Paulo, 12 jul 2017. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/10/opinion/1499694080_981744.html . Acesso em: 02 fev. 2019

BRUM, Eliane. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.

BRUM, Eliane. **Os 18 vendilhões**. El País. São Paulo, 20 nov 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/20/opinion/1511192636_952720.html . Acesso em: 14 fev. 2019

BRUM, Eliane. **O Supremo e a farsa do amianto**. São Paulo, 21 ago 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/07/opinion/1502117913_051142.html . Acesso em: 10 fev. 2019

BRUM, Eliane. **Por que Diretas Já**. El País. São Paulo, 12 jun 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/12/opinion/1497277042_854155.html. Acesso em: 22 jan. 2019

BRUM, Eliane. **Senador José Porfírio, Pará, Amazônia: altíssimo risco**. São Paulo, 11 dez 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/11/opinion/1512997340_266770.html. Acesso em: 16 fev. 2019

BRUM, Eliane. **O mundo precisa de adultos responsáveis, não de otimismo infantilizado**. El País. São Paulo, 21 mai 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/21/politica/1526914514_866691.html . Acesso em: 23 jan. 2019

CANAVILHAS, J. **Da pirâmide invertida à pirâmide deitada**. Covilhã: Labcom, 2006.

CANAVILHAS, J. **Jornalismo digital de terceira geração – webjornalismo**: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. Covilhã: Labcom, 2007.

CANAVILHAS, J. **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Labcom, 2014

CANDIDO, A. A Vida ao Réis-do-chão. In: CANDIDO, A. et al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro, Editora da Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CIALDINI, R. **As armas da persuasão**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

FERRARI, P. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2010.

FIGUEIREDO, V. L. F. **Narrativas migrantes: literatura, roteiro e cinema**. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2010.

GIARRANTE, A. C. Aplicações da narrativa multimídia e do webjornalismo em revistas online. In: INTERPROGRAMAS DE MESTRADO FACULDADE CÁSPER LÍBERO, nove., São Paulo, 2013. **Anais [...]** São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2013. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Ana-Carolina-Giarrante.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2019.

HARARI, Y. N. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2017.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

MACHADO, E.; PALÁCIOS, M. (Orgs.). **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Calandra, 2003.

MATTOS, S. **Economia política da comunicação: convergência tecnológica e inclusão digital. Desafios do jornalismo na era digital**. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos de Jordão: Mantiqueira, 2003.

MCLUHAN, M. **A galáxia de Gutemberg**. Tradução de Leônidas C. de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo: Cultrix, 1972.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação com extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 2005.

MOLINA, M. M. **História dos jornais no Brasil: da era colonial à regência (1500 - 1840)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOREIRA, W. C. **Lira imanente: poema sujo e metamorfose**. 2009. 252 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

NEIVA, E. **Dicionário Houaiss de comunicação e multimídia**. Instituto Antônio Houaiss. São Paulo: Publifolha, 2013.

NONATO, C. Da redação aos blogs: a busca por novos arranjos econômicos e alternativas ao trabalho jornalístico. **Revista Famecos: mídia, cultura e jornalismo**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. um-21, 2018. Doi: 10.15448/1980-3729.2018.1.28086

PALÁCIOS, M. Hipertexto, Fechamento e o uso do conceito de não-linearidade discursiva. **Lugar Comum**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 111-121, 1999.

PALÁCIOS, M. **Jornalismo online**, informação e memória: apontamentos para debate. Covilhã: LabCom, 2002. Disponível em: <http://labcom-ifp.ubi.pt/files/agoranet/02/palacios-marcos-informacao-memoria.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2019.

PRIMO, A. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 7, n. 12, p. 81-92, 2000.

QUEIROZ, R. **A informação escrita**: do manuscrito ao texto virtual. Porto Alegre: Portal de Escrita Coletiva da UFRGS, 2005. Disponível em: http://www.ufrgs.br/limc/escritacoletiva/pdf/a_info_escrita.pdf. Acesso em: 24 jan. 2019.

REDMOND, W. Aspectos da crônica no Brasil: uma reflexão crítica. **Revista Verbo de Minas**, v. 9, n. 17, p.133-142, Juiz de Fora, 2010.

REIS, M. A. **Arquitetura da informação**. Rio de Janeiro: Seses, 2018.

SALES, G. M. A. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. **Entrelaces**, Fortaleza, v. 1., n. 1. p. 44-56, 2007.

SILVA, N. Webjornalismo: análise entre teoria e prática. **UNI7 Encontros de Iniciação Científica**, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 4-14, 2017. Trabalho apresentado no 13º Encontro de Iniciação Científica da UNI7, 2017, [Fortaleza].

SODRÉ, M. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. v. 2. Florianópolis: Insular, 2008.

WINQUES, K. **Tem que ler até o fim?** O consumo da grande reportagem multimídia pelas gerações X, Y e Z nas multiteelas. 2016. 352 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.